



UNIVERSIDADE  
ESTADUAL DE LONDRINA

---

KAUANA SCABORI

**DESCRIÇÃO DOS RÓTICOS EM ATAQUE SILÁBICO NA  
REGIÃO SUL DO BRASIL: UM ESTUDO  
(GEO)SOCIOFONÉTICO COM DADOS DO PROJETO ALIB**

---

Londrina  
2024

KAUANA SCABORI

**DESCRIÇÃO DOS RÓTICOS EM ATAQUE SILÁBICO NA  
REGIÃO SUL DO BRASIL: UM ESTUDO  
(GEO)SOCIOFONÉTICO COM DADOS DO PROJETO ALIB**

Tese apresentada ao Programa de Pós-Graduação da Universidade Estadual de Londrina, como requisito parcial à obtenção do título de Doutora em Estudos da Linguagem.

Orientadora: Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Dircel Aparecida Kailer

Londrina  
2024

**Ficha de identificação da obra elaborada pelo autor, através do Programa de Geração Automática do Sistema de Bibliotecas da UEL.**

Instruções em

<https://www.sistemasweb.uel.br/index.php?contents=system/fc/index.php>

Ficha de identificação da obra elaborada pelo autor, através do Programa de Geração Automática do Sistema de Bibliotecas da UEL

SCABORI, KAUANA.

DESCRIÇÃO DOS RÓTICOS EM ATAQUE SILÁBICO NA REGIÃO SUL DO BRASIL : UM ESTUDO (GEO)SOCIOFONÉTICO COM DADOS DO PROJETO ALIB / KAUANA SCABORI. - Londrina, 2024.  
271 f. : il.

Orientador: DIRCEL APARECIDA KAILER.

Tese (Doutorado em Estudos da Linguagem) - Universidade Estadual de Londrina, Centro de Letras e Ciências Humanas, Programa de Pós-Graduação em Estudos da Linguagem, 2024.

Inclui bibliografia.

1. Geossociolinguística - Tese. 2. Fonética Articulatória - Tese. 3. Atlas Linguístico do Brasil - Tese. 4. Róticos em ataque silábico - Tese. I. APARECIDA KAILER, DIRCEL . II. Universidade Estadual de Londrina. Centro de Letras e Ciências Humanas. Programa de Pós-Graduação em Estudos da Linguagem. III. Título.

CDU 8

KAUANA SCABORI

**DESCRIÇÃO DOS RÓTICOS EM ATAQUE SILÁBICO NA  
REGIÃO SUL DO BRASIL: UM ESTUDO  
(GEO)SOCIOFONÉTICO COM DADOS DO PROJETO ALIB**

Tese apresentada ao Programa de Pós-Graduação da Universidade Estadual de Londrina, como requisito parcial à obtenção do título de Doutora em Estudos da Linguagem.

**BANCA EXAMINADORA**

---

Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Dircel Aparecida Kailer  
(Orientadora)  
Universidade Estadual de Londrina – UEL

---

Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Fabiane Cristina Altino  
Universidade Estadual de Londrina – UEL

---

Prof. Dr. Marcelo Silveira  
Universidade Estadual de Londrina – UEL

---

Prof. Dr. Almir Almeida de Oliveira  
Universidade Estadual de Alagoas – UNEAL

---

Prof. Dr. Leônidas José da Silva Júnior  
Universidade Estadual da Paraíba – UEPB

Londrina, 8 de julho de 2024.

*Dedico esta Tese ao meu avô (nonno), Rubens Scabori, às professoras e aos professores que passaram pelo meu caminho direta e indiretamente, aos manezinhos da ilha (Santa Catarina), aos paranaenses (chamados de pé vermelho), ao povo forte do Rio Grande do Sul, que luta bravamente contra as enchentes deste ano de 2024, e, de igual modo, aos falantes/moradores da Região Sul brasileira, que permitiram a entrada dos membros do Comitê ALiB em suas casas e rotinas.*

*As minhas mais sinceras dedicatórias.*

## AGRADECIMENTOS

*“Pois o que você ouve e vê depende do lugar em que se coloca, como depende também de quem você é” (LEWIS, 2014 [1995], p. 127).*

Em primeiro lugar, agradeço a pessoa que mais confiou em minha capacidade de trabalho, dedicação e empenho frente aos fundamentos conceituais da área de estudos linguísticos, bem como àqueles oriundos de outros campos do conhecimento, minha orientadora Professora Dr.<sup>a</sup> Dircel Aparecida Kailer. Profissional responsável por nortear as discussões teóricas e confiar mais em mim do que eu mesma em meus momentos de ‘solidude’. À professora, a minha eterna gratidão por escolher-me como orientanda para uma longa jornada familiar-acadêmica de seis anos.

Hoje, sou o *output* do que o Programa de Pós-Graduação em Estudos da Linguagem (PPGEL) foi para mim, outrora na função de *input*. Portanto, agradeço a Coordenadora Professora Dr.<sup>a</sup> Fabiane Cristina Altino, por fazer-se como pilar, ponte e caneta, que bem delimitou as bases aos intentos alcançados, transmutou primorosamente pelas conexões remotas/presenciais de cada passo que nos foi atribuído, e delimitou as normatizações no papel e *e-mail*. Fatores estes produtivos e imprescindíveis à vida de todos nós pós-graduandos.

À secretaria de Pós-Graduação do CLCH, da Universidade Estadual de Londrina, mais precisamente à Rosely Fernandes Lopes de Jesus e ao Ricardo Praia Müller, por todo suporte, orientação e ânimo em nos atender remotamente no contexto sócio-histórico de uma pandemia mundial da Sars-Cov-2. Meu muito obrigada aos colaboradores da secretaria do PPGEL.

À Professora Dr.<sup>a</sup> Esther Gomes de Oliveira, mulher sábia, estudiosa, empenhada, astuta nas palavras, criativa, inteligente, elegante e humanamente empática. À professora responsável por acompanhar minha escrita, ainda na graduação de Letras, ensinar-me a gramática e direcionar as minhas formas gramaticais (‘um tanto quanto neogramáticas’). Meu eterno agradecimento à docente que me transformou em escritora e culta na língua do PB, assim como um bom professor deve fazer em sua prática profissional. Muitíssimo obrigada!

Ao Professor Dr. Almir Almeida de Oliveira, da Universidade Estadual de Alagoas, pela acolhida no curso da Plataforma R, que ocorreu de forma remota e

proporcionou solucionar os mais variados problemas no arquivo e no manuseio do *Software*. Eu agradeço imensamente aos alunos da UNEAL, dedicados em unir forças durante a aprendizagem do programa estatístico. Muito obrigada, professor Almir, à professora de Sociolinguística da referida instituição e aos discentes do grupo citado.

Ao Professor Dr. Leônidas José da Silva Junior, da Universidade Estadual da Paraíba, pelas instruções iniciais à tese no evento Seminário de Dissertações e Teses em Andamento (SEDATA) e aos encaminhamentos para melhor confecção do texto em uma das fases tão caras ao trabalho científico (a definição metodológica quanto aos cuidados da área da Fonética Acústica). Meu muito obrigada por, desde o início, colocar-se à disposição de forma incansável.

Aos geógrafos, Professor Dr. Marcelo Gonçalves e Professora Me. Jéssica Siqueira, responsáveis pela confecção das bases cartográficas e ilustrações georreferenciais utilizadas na presente tese. Mesmo em delicados eventos da vida pessoal, vocês não abandonaram as minhas cartas e todos os contratempos advindos delas a cada novo olhar crítico-analítico. Meu muito obrigada por mais essa interdisciplinaridade alcançada por todos nós (*Um brinde à pesquisa brasileira!*).

À minha família, em especial, à minha irmã mestra em Zootecnia, Taina Scabori, minha avó Luzia Grorinha Brasilino Scabori e ao meu avô Rubens Scabori, sendo ele a razão de minha dedicação dia após dia nos materiais de pesquisa. Conhecido por mim como: meu *coach* familiar, religioso, católico, paranaense, falante do tepe alveolar, vibrantes espirantizadas e demais variantes nos contextos de rótico inicial e medial, aplicador de prova de lexias italianas nos almoços de domingo, e orgulhoso do dialeto italiano carregado na cabeça em seus setenta e sete anos de vida. O agradecimento segue aos meus pais: Eunice Scabori e Cláudio Pereira dos Santos, por eles conceberem a minha vida e os meus valores pessoais.

Ao meu amigo, agora, Doutor em Física pela Universidade Estadual de Londrina, Daniel Andrés Sánchez Lopez, colombiano entusiasmado pela natureza brasileira, por cavalos de raça e eventos físicos da sua área de conhecimento. Meu agradecimento pela amizade trilhada a partir dos percursos de bicicleta nas 'horas vagas' pelos cantos paradisíacos de nossa cidade 'pé vermelho' (Londrina).

Ao Elvis Feruti Avelino, meu sábio colega Mestre em Matemática pela

Universidade Estadual de Londrina, responsável por ajudar-me em meus delicados momentos de saúde, nos contextos distantes da família. A quem também agradeço pelas reflexões matemáticas, atreladas ao campo das ciências exatas, e por toda motivação à conclusão desta minha jornada intelectual.

Ao Paulo Eduardo Pereira Júnior e à Vania Guide, praticantes das palavras mais eruditas do português brasileiro e detentores do dialeto piracicabano. Meu eterno agradecimento por todo apoio, muitas vezes distante, e, também, por cobrar-me um português e inglês impecável, atenção plena, foco e determinação durante a escrita de minha tese, assim como é preciso quando se pilota um avião.

À Ariadne Suzuki de Lima, meu suporte para uma vida assertiva e sem julgamentos analíticos. Meus mais valiosos agradecimentos à terapeuta comportamental à luz dos postulados de *Burrhus Frederic Skinner*, que trilhou mais um caminho acadêmico ao meu lado e foi a responsável pela minha paz de espírito, inquietações ao padrão automático de uma vida e à leitura funcional do mundo. Gratidão por todas as meditações guiadas, respiros conscientes e momento presente. Eu sempre serei um pouco de cada mulher que atravessou o meu caminho, assim como Ariadne e Maria da Silva Vieira, na figura de grandes figuras femininas, foram ao meu trilhar cotidiano e às linhas, aqui, escritas.

Às professoras Wanessa Rodvalho Melo Oliveira, Leila Miyuki Saito, Marilice Zavagli Marson e Isadora Teixeira Moraes, também discentes de doutorado da Universidade Estadual de Londrina, pelas várias consultorias lexicais ao idioma inglês e ao grandioso apoio acadêmico de uma vida. Meu eterno agradecimento por acompanharem a luta do movimento estudantil da UEL sempre de perto.

Aos alunos e alunas da Educação Básica do Paraná, responsáveis pela motivação diária em minha profissão e vida docente. Ao diretor Reginaldo Aparecido da Silva, da Escola Estadual Albino Sanches pela compreensão, conversas e instruções à vida escolar concomitante aos conhecimentos teóricos adquiridos. De forma semelhante, aos professores e professoras da respectiva escola por toda parceria e coleguismo para além do ambiente de trabalho.

Aos professores(as) e colegas situados(as) em outros países, dentre esses, Prof<sup>a</sup>. Dr<sup>a</sup>. Clarinda de Azevedo Maia, da Universidade de Coimbra, Me. Adrián Merah Núñez de Madrid e ao Nuno Batista, de Lisboa, que compartilharam suas histórias, culturas, dialetos e saberes do mundo social e científico. Meu muitíssimo obrigada pela oportunidade de levar um pouco do Sul brasileiro a cada um de vocês

através das trocas linguísticas, principalmente às colegas de Londres e da Itália.

Aos pós-graduandos que, em algum momento, se sentiram cansados emocionalmente, afetados pela pandemia de COVID-19, e ansiosos por compararem as suas produções e jornada acadêmica aos de seus colegas. Quando as nossas etapas se fazem julgadas por nós mesmos na comparação com o outro, nós estamos a viver a vida, o processo acadêmico e as etapas metodológicas em prol daquilo que não nos representa integralmente. Os intentos da pesquisa devem ser o pilar norteador em direção ao nosso próprio progresso intelectual, com vistas para um trabalho formulado e revisto dia após dia. Vocês podem pensar em um Brasil de grandes progressos científicos, a partir de um olhar cuidadoso ao contexto, respeitoso para com vocês e atendo para a nossa comunidade de fala/prática.

*“Quem ajuda leva e traz leveza, coisa boa  
Faz renascer, faz brotar, o que a gente sonhou  
Flutuar é ter os pés longe do chão  
Se dançar te faz voar, então voa, voa [...]”  
Banda: Dazaranha (contempla moradores  
locais, denominados por manezinhos da ilha de  
Santa Catarina)  
Composição: Chico Martins e Moriel Costa*

SCABORI, Kauana. **Descrição dos róticos em ataque silábico na Região Sul do Brasil: um estudo (Geo)sociofonético com dados do projeto ALiB**. 271 f. Tese (Doutorado em Estudos da Linguagem) – Programa de Pós-Graduação, Universidade Estadual de Londrina, Londrina, 2024.

## RESUMO

Na posição de ataque silábico, as variantes róticas comumente realizam-se tanto em configurações silábicas simples ([*ˈfɔ.zɐ*]) quanto complexa ([*ˈtra.ba.ˈla.ɨ*]). Semelhante a outros fenômenos linguísticos descritos e mapeados no português falado do Brasil (PB) pelo Atlas Linguístico do Brasil (ALiB), notou-se que a realização rótica (representada pela abstração simbólica /R/) também se mostra passível de variação em contexto inicial ([*reˈmãdu*]) e medial ([*boˈɣafɐ*]) no léxico oralizado. Nos dados do ALiB, inexistiu a investigação para o /R/ em ataque CV atrelado ao contexto dos Discursos Semidirigidos para os três Estados da Região Sul do Brasil. Neste sentido, a presente tese alicerça-se nos postulados da Dialetoлогия Pluridimensional (Thun, 1998, 2005), Sociolinguística Variacionista Quantitativa (Labov, 1994, 2008 [1972]), por conseguinte na Geossociolinguística (Razky, 2003), e na Fonética Articulatória e Acústica (Barbosa; Madureira, 2015; Silva *et al.*, 2019). Esta tese, ao colocar-se como mais uma contribuição sistemática à questão do multifacetado /R/ em ataque, apresenta como objetivo geral registrar e investigar a produtividade das variantes róticas em posição de ataque silábico no falar de moradores de algumas localidades da Região Sul do Brasil. Para alcançar tal objetivo, os objetivos específicos foram os seguintes: (i) identificar as variantes róticas realizadas em ponto articulatório anterior e posterior no falar de alguns moradores da Região Sul do Brasil; (ii) investigar a atuação dos fatores linguísticos (posição do rótico na palavra, classe morfológica e a vogal da sílaba alvo) e extralinguísticos (sexo, faixa etária, localidade, contexto de produção de fala e a profissão), a partir do favoritismo entre uma ou outra variante rótica contemplada na fala de moradores do Sul brasileiro; (iii) analisar se existem indícios e/ou pistas quanto ao processo de *posteriorização* – terminologia incorporada ao PB por Callou (1987, 2015) para tratar das realizações no aparelho fonador localizada na parte de trás da cavidade bucal, isto é, depois do palato duro – nas vinte e nove localidades investigadas da Região Sul; e (iv) produzir e verificar se existem vestígios ou marcas de áreas isófonas, a partir de cartas fonéticas, que contemplam as realizações róticas e ilustram se ocorre isoglossia para o fenômeno investigado (/R/ em ataque). A metodologia adotada para esta tese define-se pelo critério de natureza quantitativa da pesquisa descritiva, com a seleção de 29 localidades interioranas do Sul brasileiro, compostas pela participação de 116 entrevistados inquiridos pelos membros do Projeto ALiB. O cômputo para 6.147 ocorrências róticas, recortadas de dados provenientes da fala, referem-se às seguintes partes do Questionário ALiB (COMITÊ NACIONAL DO PROJETO ALiB, 2001): QFF, DSM e Leitura. Para o processo de posteriorização, sugerido por Brescancini e Monaretto (2008) e demais autores, o resultado aponta que, embora tenha ocorrido a posteriorização na maior parte dos municípios sulistas, persistem realizações expressivas para o tepe alveolar e vibrante múltipla em Cândido de Abreu (PR) e Flores da Cunha (RS), concomitante com as variantes posteriores, como forma de caráter identitário na manutenção de róticos atrelados à construção da cultura étnica de imigrações europeias na região em análise. Revelou-se, portanto, a centralização de variantes anteriores no interior dos estados sul brasileiros, em uma faixa que cobre o Sul do Paraná, Oeste de Santa Catarina e Norte do Rio Grande do Sul, e o uso mais recorrente das fricativas posteriores nos extremos em direção ao centro desses estados.

**Palavras-chave:** Geossociolinguística. Fonética Articulatória. Atlas Linguístico do Brasil. Róticos em ataque silábico.

SCABORI, Kauana. **Description of rhotics in syllabic onset in the Southern Region of Brazil: a (Geo)sociophonetic study with data from the ALiB project.** 271 f. Thesis (Doctorate degree in Language Studies) – Postgraduate Program, State University Londrina, Londrina, 2024.

## ABSTRACT

In the syllabic attack position, rhotic variants commonly occur in both simple ([ˈfɔ.zɐ]) and complex ([tra.ba.ˈʎa.ɫ]) syllable configurations. Similar to other linguistic phenomena described and mapped in Brazilian spoken Portuguese (BP) by the Brazilian Linguistic Atlas (ALiB), it was noted that the rhotic realization (represented by the symbolic abstraction /R/) is also subject to variation in the initial context ([reˈmãdʊ]) and medial ([boˈɣafɐ]) in the oral lexicon. In addition, in the ALiB data, there is no investigation into /R/ in a CV attack linked to the context of Semi-Directed Speeches for the three States of the Southern Region of Brazil. In this sense, this thesis is based on the postulates of Pluridimensional Dialectology (THUN, 1998, 2005), Quantitative Variationist Sociolinguistics (LABOV, 1994, 2008 [1972]), therefore on Geossociolinguistics (RAZKY, 2003), and Articulatory Phonetics and Acoustics (BARBOSA; MADUREIRA, 2015; SILVA *et al.*, 2019). This thesis, by presenting itself as yet another systematic contribution to the issue of the multifaceted /R/ in onset, has as its general objective to record and investigate the productivity of rhotic variants in a syllabic attack position in the speech of residents of some locations in the Southern Region of Brazil. To achieve this objective, the specific objectives were as follows: (i) identify the rhotic variants carried out in the anterior and posterior articulation point in the speech of some residents of the Southern Region of Brazil; (ii) investigate the action of linguistic factors (position of the rhotic in the word, morphological class and the vowel of the target syllable) and extralinguistic factors (gender, age group, location, context of speech production and profession), based on favoritism between one or another rhotic variant contemplated in the speech of residents of the Brazilian South; (iii) analyze whether there are signs and/or clues regarding the posteriorization process – terminology incorporated into BP by Callou (1987, 2015) to deal with realizations in the vocal tract located at the back of the oral cavity, that is, after the palate hard – in the twenty-nine locations investigated in the South Region; and (iv) produce and verify whether there are traces or marks of isophone areas, based on phonetic charts, which include rhotic realizations and illustrate whether isoglossia occurs for the phenomenon investigated (/R/ in attack). That said, the methodology adopted for this thesis is defined by the quantitative nature of descriptive research, with the selection of 29 inland locations in the Brazilian South, made up of the participation of 116 interviewees surveyed by members of the ALiB Project. The calculation for 6.147 rhotic occurrences, cut from data from speech, refer to the following parts of the ALiB Questionnaire (COMITÉ NACIONAL DO PROJETO ALiB, 2001): QFF, DSM and Reading. For the process of posteriorization, suggested by Brescancini and Monaretto (2008) and other authors, the result shows that, although posteriorization has occurred in most southern municipalities, significant achievements persist for alveolar *tepe* and multiple vibrating in Cândido de Abreu (PR) and Flores da Cunha (RS), concomitant with the later variants, as a form of identity character in the maintenance of rhotics linked to the construction of the ethnic culture of European immigrants in the region under analysis. It was revealed, therefore, the centralization of previous variants in the interior of the southern Brazilian states, in a range that covers the South of Paraná, West of Santa Catarina and North of Rio Grande do Sul, and the more recurrent use of posterior fricatives in the extremes towards the center of these states.

**Keywords:** Geossociolinguistics. Articulatory Phonetics. Linguistic Atlas of Brazil. Rhotics in onset syllabic.

## LISTA DE FIGURAS

Figura 1 – Sequencialidade das tendências da Sociolinguística .....	53
Figura 2 – Representação dos sistemas da produção da fala.....	60
Figura 3 – Mapa com a distribuição de pontos para cada estado do Sul brasileiro...87	
Figura 4 – Mapa do Atlas Linguístico-Etnográfico da Região Sul do Brasil (ALERS)89	
Figura 5 – Povos e comunidades tradicionais do estado do Paraná.....	94
Figura 6 – Representação para a variabilidade de /r/.....	112
Figura 7 – Mapa com a geolocalização do Paraná e a rede de pontos.....	126
Figura 8 – Mapa com a geolocalização de Santa Catarina e a rede de pontos .....	128
Figura 9 – Mapa com a geolocalização do Rio Grande do Sul e a rede de pontos.	130
Figura 10 – Tratamento dos áudios para teste com as fricativas posteriores e a vibrante anterior .....	136
Figura 11 – Teste para escolha da ferramenta de análise da fala.....	137
Figura 12 – <i>Textgrid</i> no Praat em contexto articulatorio da fricativa velar .....	139
Figura 13 – Imagem do espectro para lexia “morrer” com traço vertical que indica o início da fricativa velar .....	140
Figura 14 – <i>Textgrid</i> no Praat em contexto articulatorio da fricativa glotal .....	141
Figura 15 – Imagem do espectro para lexia “rato” com traço vertical que indica o início da fricativa glotal .....	142
Figura 16 – <i>Textgrid</i> no Praat em contexto articulatorio da vibrante alveolar.....	143
Figura 17 – Imagem do espectro para lexia “torrão” com traço vertical que indica o início da vibrante alveolar.....	144
Figura 18 – <i>Textgrid</i> no Praat em contexto articulatorio do tepe alveolar .....	145
Figura 19 – Imagem do espectro para lexia “rato” com traço vertical que indica o início do tepe alveolar .....	146
Figura 20 – <i>Textgrid</i> no Praat em contexto articulatorio da vibrante espirantizada .	148
Figura 21 – Imagem do espectro para lexia “carro” com traço vertical que indica o início da vibrante espirantizada .....	149
Figura 22 – Carta fonética para a atuação das localidades na produção das variantes róticas em início de palavra.....	177
Figura 23 – Carta fonética para o /R/ em ataque aplicada ao contraste rótico à figura 53 de Carlos (2015).....	179
Figura 24 – Carta fonética para a atuação das localidades na produção das variantes	

róticas em posição medial de palavra .....	194
Figura 25 – Rede de pontos e dispersão da variante fricativa velar na Região Sul	212
Figura 26 – Rede de pontos e dispersão da variante fricativa glotal na Região Sul	214
Figura 27 – Rede de pontos e dispersão da variante tepe alveolar na Região Sul	216
Figura 28 – Rede de pontos e dispersão da variante tepe alveolar na Região Sul	219
Figura 29 – Rede de pontos e dispersão da variante vibrante espirantalizada na Região Sul.....	221
Figura 30 – Rede de pontos e dispersão em posição medial da variante fricativa velar na Região Sul .....	223
Figura 31 – Rede de pontos e dispersão em posição medial da variante fricativa glotal na Região Sul .....	226
Figura 32 – Rede de pontos e dispersão em posição medial da variante vibrante alveolar na Região Sul .....	228
Figura 33 – Rede de pontos e dispersão em posição medial da variante tepe alveolar na Região Sul.....	231
Figura 34 – Rede de pontos e dispersão em posição medial da variante vibrante espirantalizada na Região Sul.....	234
Figura 35 – Róticos em início de palavra .....	271
Figura 36 – Róticos em posição intervocálica .....	271

## LISTA DE GRÁFICOS

Gráfico 1 – Róticos em ataque inicial e medial de acordo os resultados em percentuais.....	160
Gráfico 2 - Modelo de interação final para a variável posição .....	162
Gráfico 3 – Róticos em posição inicial de acordo com a variável classe de palavra para os resultados em percentuais .....	163
Gráfico 4 – Róticos em posição inicial de acordo com a variável divisão silábica para os resultados em percentuais.....	165
Gráfico 5 – Róticos em posição inicial de acordo com a variável vogal da sílaba alvo para os resultados em percentuais .....	167
Gráfico 6 – Róticos em posição inicial de acordo com a variável sexo para os resultados em percentuais .....	169
Gráfico 7 – Róticos em posição inicial de acordo com a variável faixa etária para os resultados em percentuais .....	173
Gráfico 8 – Róticos em posição inicial de acordo com a variável estilo de produção de fala para os resultados em percentuais.....	175
Gráfico 9 – Róticos em posição medial de acordo com a variável classe de palavra para os resultados em percentuais .....	181
Gráfico 10 – Róticos em posição medial de acordo com a variável divisão silábica para os resultados em percentuais .....	183
Gráfico 11 – Róticos em posição medial de acordo com a variável vogal da sílaba alvo para os resultados em percentuais.....	185
Gráfico 12 – Ilustração gráfica para análise das variantes posteriores .....	186
Gráfico 13 – Róticos em posição medial de acordo com a variável sexo biológico para os resultados em percentuais .....	187
Gráfico 14 – Róticos em posição medial de acordo com a variável faixa etária para os resultados em percentuais.....	189
Gráfico 15 – Róticos em posição medial de acordo com a variável estilo de produção de fala para os resultados em percentuais.....	191
Gráfico 16 – Representação ternária para o rótico em ataque de acordo com as variáveis sexo, faixa etária e localidade .....	203
Gráfico 17 – Representação ternária para o rótico em ataque de acordo com a variável sexo e faixa etária .....	206

Gráfico 18 – Representação ternária para o rótico em ataque de acordo com a variável localidade e estilo de produção de fala .....	208
Gráfico 19 – Resultado para curva de atuação das variantes róticas no modelo de análise ternária.....	210
Gráfico 20 – Róticas em ataque de acordo com a variável profissão nos dados amalgamados.....	266

## LISTA DE TABELAS

Tabela 1 – Resultados registrados por Pereira (2020) referentes às variantes róticas no PE .....	82
Tabela 2 – Números absolutos de ocorrências em ataque silábico inicial e medial de palavra .....	107
Tabela 3 – Dados absolutos em situação de análise ternária .....	109
Tabela 4 – Ausência de leitura para contexto de monitoramento da fala nos dados do ALiB.....	122
Tabela 5 – Exemplo para o resultado AIC.....	152
Tabela 6 – Fatores mais significativos para o rótico em ataque inicial e medial ....	157
Tabela 7 – Variáveis linguísticas e extralinguísticas como favorecedoras à variação rótica posterior e anterior em testes com amálgamas binárias .....	197
Tabela 8 – Modelo final para os fatores extralinguísticos de acordo com os róticos posteriores (velar/glotal) e anteriores (vibrantes/tepes/espírantizadas) .....	199
Tabela 9 – Resultado para o Coeficiente de Correlação Intraclasse de acordo com as variáveis que favorecem a variação para os róticos em ataque.....	201

## LISTA DE QUADROS

Quadro 1 – Modelo fonético do Português Brasileiro .....	61
Quadro 2 – Pesquisas que contemplam as variantes do arquifonema /R/ em ataque silábico em trabalhos de variação linguística .....	67
Quadro 3 – Pesquisas que contemplam as variantes do /R/ em ataque silábico na área da Sociofonética.....	77
Quadro 4 – Mesorregiões do estado do Paraná.....	125
Quadro 5 – Mesorregiões do estado de Santa Catarina .....	127
Quadro 6 – Mesorregiões do estado do Rio Grande do Sul.....	128
Quadro 7 – Codificação de acordo com a profissão indicada pelos informantes do ALiB (2001-2013) para a Região Sul do Brasil.....	132
Quadro 8 – Variantes róticas anteriores em espectrograma de banda larga no Praat .....	171

## LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

AIC	<i>Akaike Information Criterion</i>
ALiB	Atlas Linguístico do Brasil
BIC	Crítério de Informação Bayesiana ( <i>Bayesian Information Criterion</i> )
CV	Sílaba simples
CCI	Correlação de Coeficiente Intraclasse
CCV	Sílaba complexa
Hz	Hertz
IBGE	Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística
IPA	Internacional Alfabeto Fonético
kHz	Kilohertz
LP	Língua Portuguesa
ms	Milissegundos
PB	Português Brasileiro
PE	Português Europeu
PR	Paraná
RL	Regressão Logística
RS	Rio Grande do Sul
SC	Santa Catarina
TRMV	Teste da Razão de Máxima Verossimilhança
TW	Teste de <i>Wald-Wolfowitz</i>

## LISTA DE SÍMBOLOS FONÉTICOS

Os símbolos utilizados para as transcrições fonéticas desta tese seguem o *Internacional Phonetic Association* – IPA<sup>1</sup>, que contempla a representação para cada fonema das línguas existentes no mundo. A seguir, os símbolos referem-se aos registros encontrados para o PB:

### Consoantes

- [p] oclusiva bilabial não vozeada<sup>2</sup>
- [b] oclusiva bilabial vozeada
- [t] oclusiva alveolar não vozeada
- [d] oclusiva alveolar não vozeada
- [k] oclusiva velar não vozeada
- [g] oclusiva velar vozeada
- [m] nasal bilabial vozeada
- [n] nasal alveolar vozeada
- [ɲ] nasal palatal vozeada
- [f] fricativa labiodental não vozeada
- [v] fricativa labiodental vozeada
- [s] fricativa alveolar não vozeada
- [z] fricativa alveolar vozeada
- [ʃ] fricativa alveopalatal não vozeada
- [ʒ] fricativa alveopalatal vozeada
- [tʃ] africada alveopalatal não vozeada
- [dʒ] africada alveopalatal vozeada
- [l] aproximante lateral alveolar vozeada
- [ʎ] aproximante lateral palatal vozeada

### Consoantes róticas

---

<sup>1</sup> O *International Phonetic Alphabet* também fornece um site com os respectivos sons aos fonemas registrados nas línguas do mundo (<https://www.internationalphoneticalphabet.org/ipa-sounds/ipa-chart-with-sounds/>), com uma versão atualizada em 2024.

<sup>2</sup> Para a definição de ausência vibração das pregas vocálicas, adota-se o conceito utilizado por Silva *et al.* (2019), que indica o termo não vozeado para a ocorrência de desvozeamento.

[x] fricativa velar não vozeada  
[ɣ] fricativa velar vozeada  
[h] fricativa glotal não vozeada  
[ɦ] fricativa glotal vozeada  
[ħ] fricativa faringal não vozeada  
[r] vibrante alveolar vozeada  
[r̥] tepe alveolar vozeado  
[ɾ] aproximante retroflexa vozeada  
[R] vibrante uvular vozeada  
[χ] vibrante uvular não vozeada

## **Vogais**

[i] vogal alta anterior não arredondada  
[u] vogal alta posterior arredondada  
[e] vogal média alta anterior não arredondada  
[o] vogal média alta posterior arredondada  
[ɛ] vogal média baixa anterior não arredondada  
[ɔ] vogal média baixa posterior arredondada  
[a] vogal central baixa aberta

## **Diacrítico**

[~] nasalizado

## **Suprassegmentos**

[ˈ] acento primário  
[ˌ] acento secundário  
[.] divisão silábica

## SUMÁRIO

<b>1</b>	<b>INTRODUÇÃO .....</b>	<b>25</b>
<b>2</b>	<b>DO LEGADO E TENDÊNCIAS DA GEOSOCIOLINGUÍSTICA AOS FUNDAMENTOS FONÉTICO-FONOLÓGICOS DOS RÓTICOS EM ATAQUE .....</b>	<b>33</b>
2.1	A Geolinguística e a consolidação de uma ‘data’ frutífera ao nascer do Projeto Linguístico Nacional (ALiB) .....	33
2.2	A tradição variacionista quantitativa de William Labov: à experientiação de uma primeira onda nos padrões sociolinguísticos .....	40
2.3	Algumas considerações finais sobre os fundamentos da geossociolinguística: o fruir da seção .....	53
2.4	Princípios da teoria Fonético-fonológica como parâmetro à variação e ao arquifonema /R/ .....	54
<b>3</b>	<b>ESTADO DA ARTE: AS PESQUISAS SOBRE A REALIZAÇÃO DOS RÓTICOS EM ATAQUE.....</b>	<b>67</b>
3.1	A realização do /R/ em ataque em trabalhos da área de variação linguística.....	67
3.2	A realização do /R/ em ataque em trabalhos da área de sociofonética .....	76
<b>4</b>	<b>PONTOS DE INQUÉRITO: A HISTORIOGRAFIA E A REALIDADE SÓCIO- HISTÓRICA DA REGIÃO SUL DO BRASIL.....</b>	<b>87</b>
4.1	O estado do Paraná.....	89
4.2	O estado de Santa Catarina .....	97
4.3	O estado do Rio Grande do Sul.....	102
<b>5</b>	<b>CRITÉRIOS METODOLÓGICOS: TRATAMENTO DOS DADOS .....</b>	<b>106</b>
5.1	Metodologia do Projeto Atlas Linguístico do Brasil .....	106
5.2	Estratificação das amostras e informações sobre os dados .....	106
5.3	Fatores linguísticos.....	113
5.3.1	Posição da sílaba com a variante rótica no léxico .....	113
5.3.2	Classe de palavra: gramática .....	114
5.3.3	Número de sílabas na lexia: divisão silábica .....	115
5.3.4	Vogal da sílaba alvo .....	116
5.4	Fatores extralinguísticos.....	117
5.4.1	Sexo biológico .....	118
5.4.2	Faixa etária .....	119

5.4.3	Contexto de produção de fala.....	121
5.4.4	Localidade .....	123
5.4.5	Profissão.....	131
5.5	A verificação das amostras no programa de análise da língua falada: Praat	133
5.5.1	<i>Fricativa velar</i> .....	138
5.5.2	<i>Fricativa glotal</i> .....	140
5.5.3	<i>Vibrante alveolar</i> .....	143
5.5.4	<i>Tepe alveolar</i> .....	145
5.5.5	<i>Vibrantes espirantizadas</i> .....	147
5.6	Métodos estatísticos: as técnicas desenvolvidas no ambiente R para o /R/ em ataque.....	150
5.7	Considerações à seção .....	155
<b>6</b>	<b>DADOS DO PROJETO ALIB: VARIANTES RÓTICAS PRESENTES NA REGIÃO SUL DO BRASIL.....</b>	<b>156</b>
6.1	Posição inicial e medial: o contraste dos fatores em uma das variáveis linguísticas.....	157
6.1.1	Posição inicial de acordo com a variável localidade: coexistência das variantes róticas.....	176
6.2	Posição medial: o /R/ em ataque silábico em posição medial .....	181
6.2.1	Posição medial de acordo com a variável localidade: coexistência das variantes róticas.....	193
6.3	análise binária e ternária: testando as últimas segmentações para as variantes posteriores e anteriores.....	196
6.3.1	Amálgamas em prol do modelo de análise ternária .....	202
6.6	Considerações finais para a seção de análise dos dados do ALiB: cartas de dispersão .....	211
	<b>CONCLUSÃO .....</b>	<b>236</b>
	<b>REFERÊNCIAS.....</b>	<b>242</b>
	<b>APÊNDICES .....</b>	<b>265</b>
	APÊNDICE A – Gráfico para a variável profissão .....	266
	<b>ANEXOS .....</b>	<b>269</b>
	ANEXO A – Termo de aceite concebido pelo comitê ALIB referente à autorização dos dados para o uso de forma ética na pesquisa .....	270
	ANEXO B – Carta fonética elaborada por Comiotto e Margotti (2019) e contrastada	

aos dados da presente tese, discutidos na seção de análise.....271

## 1 INTRODUÇÃO

O falar da Região Sul do Brasil mostra-se como um berço produtivo à variação rótica em virtude do cenário linguístico, que se apresenta desenhado pelo processo sócio-histórico de migrações e imigrações ocorridas nos três Estados sulistas. Margotti, (2004), Busse (2010), Comiotto, Margotti (2019), Scabori (2020), entre outros trabalhos geossociolinguísticos, investigaram a realização das variantes róticas de acordo com os fatores linguísticos e extralinguísticos, este último alicerçado na historiografia da região.

Se comparado aos trabalhos sobre o /R/ em coda ou final de sílaba (carta/beijar) para a realização multifacetada do rótico, registrou-se o crescente aumento no número de pesquisas que passaram a tratar das variantes róticas em posição de ataque (*onset*) silábico (*rato/correio*), mesmo que de forma discreta e ainda carente de estudos ligados ao campo da sociofonética.

Na área da Geossociolinguística, encontram-se mais alguns trabalhos recentes aprofundados detidamente nas realizações róticas, tais como: Carreão (2018), Justina (2018), Barreto (2019), Corrêa (2020), Haupt e Seara (2020), Kailer e Scabori (2020), Scabori (2020), Pereira (2020), Chaves e Seara (2021), entre outras investigações, que se somam ao mesmo assunto (rótico em ataque) de demais pesquisas de anos anteriores ao ano 2018, por exemplo, o trabalho de Monaretto (1997, 2000, 2002, 2009, 2018 [2001]), Oliveira (2000), Rossi (2000), Monaretto (2001), Hoyos-Andrade (2002), Rigatti (2003), Spessatto (2003), Fraga (2006), Recasens e Espinosa (2007), Vegini (2007), Brescancini e Monaretto (2008), Deus (2009), Monaretto (2009), Silveira (2010), Azeredo (2012), Campos, Brod e Seara (2013), Lima (2013), Scherer (2013), Aguilera e Biolada (2015), Renniecke (2016) e outros.

Recorre-se à Sociolinguística Variacionista (Labov, 1972 [1964], 1982, 2008 [1972]), que auxilia mediante sua proposta de encontrar na motivação social a significância para os fenômenos linguísticos observáveis. A Sociolinguística permite à tese o trabalho com dados oriundos da metodologia quantitativa, que não só ajudam a confirmar, como também testar as hipóteses plausíveis, como indica caminhos futuros aos resultados identificados.

De forma a padronizar a metodologia da presente tese com a teoria indicada acima, contempla-se, também, como aporte teórico para compor a fundamentação

teórica, os postulados da Geossociolinguística (Razky, 2003, 2010) – que adota as contribuições de duas vertentes teóricas da linguística, como a Sociolinguística e a Geolinguística, esta última impulsionada por parâmetros advindos da Dialetologia Pluridimensional (Thun, 1998, 2005).

Incorporam-se as contribuições da Sociofonética, que se soma às descrições acústicas das variantes róticas – apoio este advindo da Fonética Articulatória e Acústica. Referente à contribuição da Sociofonética, citam-se dois trabalhos que auxiliam as investigações em torno do /R/ em ataque, a saber: Pereira (2020) e Chaves e Seara (2021).

Na presente tese, o campo da Fonética elucida as características das variantes róticas, dado que proporciona a leitura de espectrogramas e outras técnicas, como a análise minuciosa informações acústico-visuais no Praat. Os princípios norteadores da acústica foram selecionados mesmo diante de limitações, haja vista que os parâmetros (Barbosa; Madureira, 2015; Silva *et al.*, 2019) puderam nortear o descarte e inclusão de dados, identificação das variantes róticas anteriores com rigor e estipular condições de aceite para as posteriores (traço contínuo e espelho da vogal como glotal ([h] [ɦ]) e a velar ([x], [ɣ]) com dissipação de formantes.

Como os dados fazem parte do modelo metodológico da Geolinguística Pluridimensional, elucida-se que a presente tese de natureza descritiva da pesquisa variacionista quantitativa busca em teorias, como a Fonética (Ladfoged; Maddieson, 1996; Silva, 2019, Rennie, 2016; Cóstola, 2017, entre outros), a tentativa para um rigor analítico para as amostras de oitava. Embora haja o evento orgânico (fala e opção rótica) para que a variação do /R/ ocorra e sua natureza seja interpretada por alguns teóricos como um evento de natureza acústica complexa (Barbosa; Madureira, 2015; Silva *et al.*, 2019; Haupt; Seara, 2020, entre outros), indica-se, portanto, o uso do Praat por possibilitar a leitura de elementos e funções que compõem o ruído rótico, a exemplo: a dinâmica formântica entre o 1º e o 2º harmônico, duração, produções glotais e outras, como as razões cabíveis ao uso da ferramenta.

Trabalhos acústicos (Kent; Read, 2015; Haupt; Seara, 2020) mencionam a necessidade de parâmetros como: transição do formante, picos espectrais, taxa de frequência, forma da onda e demais critérios, capazes de definir com precisão acústica a distinção entre um e outro ruído rótico. Embora se reconheça a não profundidade com que a presente tese examina os dados acústicos das variantes

róticas, pautados na teoria na análise do filtro, que compõe uma parte do sinal da fala, decide-se pela abordagem de inspeção metodológica acústica em razão de o procedimento auxiliar na testagem do som captado pelo sistema auditivo humano e/ou primeira impressão de oitiva (House, 1957; Chaves; Seara, 2021).

Justifica-se que a interdisciplinaridade alcançada na presente tese é resultado das possibilidades teórico-metodológicas e estatísticas (Rabello; Silva Júnior, 2021, 2022) proporcionadas pelos dados do Projeto Nacional ALiB. O *corpus* consiste em uma parte integrante da metodologia Geolinguística, tendo por base critérios estatísticos, característicos da Sociolinguística Tradicional Laboviana.

A análise acústica com foco na Sociofonética revela-se como mais um dos parâmetros responsáveis para compor as aproximações teóricas. A Fonética e a Sociolinguística debruçam-se sobre os fenômenos sonoros de implicações linguísticas e extralinguísticas.

As aproximações teóricas realizadas entre a Geossociolinguística e a Fonética Acústica demonstram soar desmedidas ou com excesso teórico; entretanto, nota-se que os parâmetros da Sociolinguística deixam escapar as especificidades paramétricas acústicas, inclusive a possibilidade de um trabalho com poucos informantes por localidade ou a elaboração de isoglossias (característica da metodologia Geolinguística).

A investigação centra-se exclusivamente em sílaba simples (consoante e vogal – CV) da sílaba que contempla o ruído rótico (Rato), porque a variante rótica tepe alveolar ([r]) dificilmente sofre variação em contexto de sílaba complexa, como em *prato*, ou ainda, na posição intervocálica (*barata*), conforme atestado em algumas pesquisas que se detiveram na representação dos róticos no PB (Câmara Júnior, 1972; Rennieke, 2016).

Para a investigação do fenômeno /R/, nesta tese, algumas problemáticas fazem-se necessárias alicerçadas no conceito da *posteriorização* – terminologia aludida, na década de 1960 e 1980, por Weinreich, Labov e Herzog (2006 [1975]), Callou (1987) e outros pesquisadores da área de estudos da linguagem e incorporada ao PB por Callou (1987, 2015) para tratar das realizações róticas corporizadas no aparelho fonador, mais precisamente na cavidade bucal, na parte posterior, como se constata “A posteriorização de (ah) e o alçamento de (oy) induziram uma posteriorização de (ay)”, referência aos casos de *my*, *now* e *boy*, do inglês –. Alguns estudiosos, como o da autora citada, detiveram-se ao avanço da

fricativa velar [x] no falar carioca e em outras regiões; estudos que possivelmente prospectaram margem investigativa a outros teóricos, como Brescancini e Monaretto (2008), que realizaram uma generalização sobre a tendência à posteriorização no falar sulista, isto é, o avanço das variantes róticas fricativas pelos Estados do Sul do Brasil.

No bojo dos questionamentos, as perguntas de pesquisa norteadoras desta tese consistem em:

(a) o uso da ferramenta de análise da fala (*Praat*) corrobora para a análise dos ruídos róticos posteriores?

(b) pode-se afirmar, a partir do registro e avanço das variantes róticas posteriores, em ataque silábico, a ocorrência de uma mudança já em sua fase final referente ao processo de posteriorização no falar do Sul do Brasil (Callou; Leite; Moraes, 2002 [1996]; Brescancini; Monaretto, 2008)?

(c) como a monitoração da fala aponta à indicação de uma ou outra variante rótica dos falantes?

(d) as investigações sobre as variantes róticas em ataque, atreladas aos estudos sócio-históricos das regiões eleitas, podem apontar, ou mesmo, fornece novas pistas quanto à manutenção dos róticos anteriores em algumas localidades, e, ainda, à posteriorização, ou mesmo, lenição das róticas no falar sul brasileiro em contraponto ao sexo biológico dos participantes da pesquisa? E,

(e) os estados em estudo apresentam os mesmos comportamentos quanto à realização dos róticos em ataque (CV)?

A primeira hipótese que se coloca para esta tese é (i) mostra-se possível distinguir as variantes róticas por meio do auxílio do *software Praat* para o aprimoramento da análise de dados originados do trabalho geossociolinguístico; (ii) a realização de variantes róticas anteriores em algumas localidades do estado Sul brasileiro podem apontar para uma mudança em fase final atrelada à posteriorização dos róticos; (iii) os fatores da variável estilo de produção diferirão entre si, uma vez que os fatores apontam para a escolha de uma ou outra variante rótica por parte do falante em situação de distintos monitoramentos de fala; (iv) os estados brasileiros em estudo possuem comportamentos diferentes para a realização de variantes róticas; (v) a variável profissão indica que os fatores trabalho remunerado e não remunerados motivam a escolha de variantes róticas; (vi) o predomínio das variantes posteriores, em algumas localidades, mostram-se condicionados por fatores

linguísticos e extralinguísticos (diatópica – localidades/estados, diastrático – profissão, diageracional – faixa etária, diafásico – contexto de produção de fala, e diassexual – sexo biológico); e (vii) as mulheres mantêm as variantes róticas conservadoras (vibrante alveolar e fricativa velar) em sua fala e realizam pouco, ou em baixo nível percentual, as fricativas glotal e tepe alveolar; (viii) a segunda faixa etária (50 a 65 anos) tende a realizar de forma mais sistêmica as variantes róticas anteriores, e (ix) a variação registrada para as variantes róticas justifica a produção de cartas fonéticas, visto que a diversidade articulatória para o rótico permite criar isoglossias, linhas ou demarcações no mapa linguístico-fonético que representa o fenômeno em análise (posteriorização do /R/ em ataque), ou ainda, as concentrações de variantes no espaço geográfico.

Com propósito de responder as questões e confirmar as hipóteses elegidas, o **objetivo geral** corresponde a investigar a produtividade das variantes róticas em posição de ataque silábico no falar de moradores de algumas localidades da Região Sul do Brasil entrevistados pela equipe do Projeto ALiB. Para alcançar o objetivo citado, recorreu-se aos seguintes **objetivos específicos**:

- (a) identificar as variantes róticas realizadas em ponto articulatório anterior e posterior no falar de alguns (116) moradores da Região Sul do Brasil;
- (b) investigar a atuação dos fatores linguísticos<sup>3</sup> (posição do rótico na palavra, classe morfológica e a vogal da sílaba alvo) e extralinguísticos (sexo, faixa etária, localidade, contexto de produção de fala e a profissão) a partir do interesse em produzir uma ou outra variante rótica contemplada na fala de moradores do Sul brasileiro;
- (c) analisar se há indícios e/ou pistas quanto ao processo de *posteriorização* nas vinte e nove localidades investigadas da Região Sulista; e
- (d) produzir e verificar se existem vestígios ou marcas de áreas isófonas, a partir de cartas fonéticas, que contemplam as realizações róticas e ilustram se ocorre isoglossia para o fenômeno investigado (/R/ em ataque).

---

<sup>3</sup> O contexto precedente não será investigado em razão das pesquisas comentadas não indicarem esse fator como favorecedor aos róticos em ataque.

O último objetivo direciona-se ao trabalho de Coseriu (1956 [1921]), dado que as isoglossias permitem ao linguista traçar e mapear, a partir dos pontos territoriais, os avanços e as comutações de fenômenos linguísticos, que sofrem recuo ou não em razão do espaço geográfico. A isoglossia ilustra, através das tonalidades de cores, as inovações ou formas linguísticas mais conservadoras contempladas na fala da comunidade investigada

A justificativa apresentada para a validação de análise, quanto ao objeto de pesquisa, objetivo geral e objetivos específicos, demonstra a seguinte importância reflexiva: apesar de a investigação, já realizada com dados do Projeto do *Atlas Linguístico do Brasil* (ALiB), de Scabari (2020), em algumas localidades do Paraná, e, Comiotto e Margotti (2019), nos estados de Santa Catarina e Rio Grande do Sul, existe, ainda, a necessidade por mais pesquisas que tratem sobre o /R/ em ataque silábico no Sul brasileiro, de forma sistemática, nos pontos carentes de investigação com os dados dos *Relatos Semidirigidos* (COMITÊ NACIONAL DO PROJETO ALiB, 2001). A temática também suscita pistas para o entendimento de quais variantes realizam-se nas comunidades de fala da região em estudo e a motivação para que estas continuem a incorporar uma ou outra variante rótica na prática linguística.

Kailer e Scabari (2020) detiveram-se nos dados da Região Sul, provenientes também do respectivo atlas, no entanto, a amostra selecionada refere-se exclusivamente às capitais sulistas, isto é, permitindo a esta tese ampliar o corpus de 24 para 116 informantes. A possibilidade de implementação da visão analítica da Sociofonética deve-se em virtude de a Região Sul apresentar ampla diversidade quanto às variantes róticas e aos fatores sócio-históricos atrelados às línguas de diferentes grupos étnicos, que se instalaram nas cidades, cujo contato e apreço pela cultura merecem atenção.

Justifica-se para a análise o fato de os dados do Projeto ALiB (COMITÊ NACIONAL DO PROJETO ALiB, 2001), na Região Sul, suscitarem investigações profícuas nos demais contextos do questionário ALiB, por exemplo, das perguntas classificadas como “*Temas para Discursos Semidirigidos*” (COMITÊ NACIONAL DO PROJETO ALiB, 2001, p. 45, grifos desta autora). Além de a pesquisadora da tese fazer parte do cenário linguístico paranaense e ter suas raízes sociofamiliares ligadas às tradições italianas, que se revelavam pelo multifacetado /r/ em ataque e variantes anteriores (tepe alveolar e vibrantes).

Apesar de outros trabalhos, como de Scabori (2020), Chaves e Seara (2021) e demais, incorporarem os critérios sonoros à investigação dos róticos e, no site ALiB, outros trabalhos fazerem parte do mosaico rótico, constata-se existir uma carência quanto à aplicação dos parâmetros acústicos em dados Geolinguísticos. Ressalta-se, mais uma vez, que a presente tese apresenta os dados geolinguísticos à luz das provocações metodológicas oriundas da Fonética Acústica, como de forma contribuir às pesquisas Sociofonéticas.

Tem-se, com fundamental importância, as razões que envolvem o apreço pelos registros/descrição da Língua Portuguesa falada no Brasil (PB), e a contribuição, por meio de um registro visual, para as variantes róticas produzidas pelos gaúchos, catarinenses e paranaenses. Representação que ocorre em face a este trabalho científico, que possibilita o retorno à sociedade, a qual realiza e articula as variedades róticas em ataque registradas e mapeadas no falar do Sul do país com expressiva produtividade (mais de seis mil ocorrências do /R/).

Para recorte e tratamento dos áudios, o programa utilizado consistiu no *Praat*, e, como próxima etapa, a estratificação adotada seguiu os critérios teórico-metodológicos do Projeto *Atlas Linguístico do Brasil*. Para tanto, no estado do Paraná, contemplam-se 9 localidades (Nova Londrina, Terra boa, Campo Mourão, Cândido Abreu, Adrianópolis, São Miguel do Iguaçu, Imbituva, Tomazina e Barracão), essas duas últimas já foram investigadas por Scabori (2020), que contemplou pontos como: Lapa, Guarapuava, Londrina, Morretes, Toledo, Piraí do Sul e Umuarama, sendo eleitas por contribuírem com o equilíbrio quanto à espacialização (fator diatópico) das amostras. Não foram incluídas as capitais (Curitiba, Florianópolis e Porto Alegre) estudadas por Kailer e Scabori (2020).

Em Santa Catarina, foram escolhidos 7 municípios (Porto União, São Francisco do Sul, São Miguel do Oeste, Itajaí, Concórdia, Lages e Criciúma). Para o Rio Grande do Sul, 13 cidades interioranas foram selecionadas (Erechim, Passo Fundo, Ijuí, São Borja, Flores da Cunha, Santa Cruz do Sul, Santa Maria, Osório, Uruguaiana, Santana do Livramento, Bagé, São José do Norte e Chuí), totalizando 29 pontos de inquérito especializados pela Região Sul do Brasil.

A presente tese estrutura-se na introdução do objeto de estudo e, inicialmente, na segunda seção, contempla-se o aporte teórico designado para validar as ações metodológicas desenvolvidas. Por conseguinte, discorre-se sobre

os postulados da Geossociolinguística e da Sociolinguística Quantitativa tradicional para sustentar a análise do presente material.

Ainda na segunda seção, apresentam-se as contribuições das teorias que envolvem o campo da Fonética e da Fonologia. A especificação referente ao ponto e modo de articulação para cada configuração rótica está mais detalhada na seção destinada à metodologia.

No terceiro momento desta tese, expõe-se o Estado da Arte, cuja seção explanará o registro das variantes róticas a partir do levantamento documental. A descrição dos parâmetros acústicos e os demais trabalhos do mesmo campo do conhecimento fazem-se ordenados em áreas teóricas específicas e seguidos dos resultados obtidos.

A quarta seção refere-se à historiografia da região, para recuperar tanto o cenário histórico das missões tropeiras pelas serras quanto uma parte da realidade linguística descrita/mapeada por outros trabalhos geossociolinguísticos. A historiografia considera, para a seção, pesquisas de natureza sócio-histórica pertencentes a outro campo do conhecimento.

Seguindo para a quinta seção, que abrange a descrição metodológica adotada no processo de estratificação, codificação e tratamento das amostras recortadas, encontram-se tanto os fatores linguísticos quanto os extralinguísticos do *corpus*. Apresentam-se as condições teórico-metodológicas adequadas ao levantamento das amostras recortadas, isto é, a seção detém-se na rigorosa mensuração técnica para validação dos dados nas ferramentas computacionais.

Na sexta seção, tem-se a análise dos dados obtidos com a separação por posição do /R/ na palavra, com a realização em início de palavra (*rapazes*) e, em momento seguinte para análise, o cômputo dos resultados para as variantes róticas no interior da lexia (*sorriso*).

Na última seção constam as considerações finais, com a retomada das problemáticas, hipóteses e objetivos específicos, após constatação mediante análise dos dados. Para mais, nos anexos, após as referências, encontra-se a permissão para publicação dos dados do Projeto ALiB e demais documentos necessários à confecção da tese.

## 2 DO LEGADO E TENDÊNCIAS DA GEOSOCIOLINGUÍSTICA AOS FUNDAMENTOS FONÉTICO-FONOLÓGICOS DOS RÓTICOS EM ATAQUE

*“[...] as inovações nas ‘línguas’ procedem de determinados centros e que [...] a sua difusão se detém em certos limites constituídos por rios, montanhas, fronteiras políticas, administrativas ou eclesiásticas [...] (assim, as zonas ‘isoladas’ e ‘laterais’, distantes dos centros de inovação, costumam conservar formas lingüísticas mais antigas)” (Coseriu, 1987, p. 84).*

Nesta seção, contempla-se a contribuição das bases teóricas citadas em torno do objeto em estudo. Portanto, apresentam-se, de início, as terminologias e os postulados provenientes da Dialectologia Pluridimensional, seguido da formação do *Projeto Atlas Linguístico do Brasil (ALiB)*. Além da descrição teórica e metodológica da Sociolinguística Variacionista, para o entendimento referente às pistas de como as variantes róticas floresceram (avançaram) em meio à diversidade linguística no mundo e no Sul brasileiro.

São estudadas, na mesma seção, introduções ao alfabeto da fonética articulatória como forma de auxiliar as descrições para as variantes róticas, registradas no *International Phonetic Alphabet – IPA* (Ruter, 2005). Nesse contexto, após descrever o ponto e o modo de cada uma das variantes róticas registradas no PB, segue-se para as amostras e definições quanto às características sonoras para cada uma das variantes róticas posteriores e anteriores, estas registradas no ataque silábico de sílaba simples (CV) a partir dos dados do ALiB.

### 2.1.1 A Geolinguística e a consolidação de uma ‘data’ frutífera ao nascer do Projeto Linguístico Nacional (ALiB)

A Geografia Linguística (Coseriu, 1956 [1921]) apresenta-se como uma área que exerce ampla contribuição para a teoria Sociolinguística. De acordo com Thun (1998, 2005), a Dialectologia, em momento inicial, aparece com a proposta de mapear fenômenos linguísticos em áreas geográficas de pequeno domínio, resultado de trabalhos denominados por atlas linguísticos, por exemplo, como o *Atlas Linguistique de la France (ALF)*, de Gilliéron e Edmont, com ano de publicação entre 1902 a 1910.

A pluridimensionalidade assumida pela Dialectologia resulta da incorporação de novas frentes teóricas, que sugerem a implementação do eixo social,

denominado 'vertical' dentro dos princípios da dialetologia. Tem-se, como mudança norteadora, os novos objetivos formulados pela Dialetologia: análise dos fenômenos diatópicos, sem deixar os elementos oriundos do constructo da sociedade, por exemplo, idade (10, 25, 30, 45, 65, 85 anos), sexo biológico (homem, mulher), grau de monitoramento da fala, nível de formação acadêmica (Ensino Fundamental, Médio e/ou Superior), entre outras incorporações (Thun, 2005).

Após esse caminho da Geografia Linguística, constatam-se as etapas percorridas pela Geolinguística no Brasil, cujas propostas alcançadas pelos trabalhos de projetos, artigos, dissertações e teses tornaram robustas as investigações no âmbito linguístico em território nacional. Portanto, validar o sonho almejado por Antenor Nascentes e outros filólogos/linguistas, quanto à construção de um projeto que investigasse as características linguísticas no Brasil do Oiapoque até a cidade mais meridional do país – Chuí, no Rio Grande do Sul (Mota; Cardoso, 2006), revela a riqueza e as possibilidades de análise dos fenômenos linguísticos que ocorrem um país de dimensão continental.

Para a Geolinguística, tem-se no conceito de dialeto (terminologia incorporada pela Dialetologia) a expressão 'forma de falar', que envolve compreender a definição de dialeto e, quiçá de idioleto, para o entendimento das teorias da linguística. Ao retomar Bloch (1948), o linguista Labov (2008 [1972], p. 225) retoma e reinterpreta o conceito de "idioleto", no qual o falante apresenta sua essência vernacular através da representação do falar de apenas um indivíduo, sobre a explanação de um mesmo assunto "por um curto período de tempo", para outro sujeito.

Para a Dialetologia, o dialeto é um dos recortes mais imprescindíveis para análise de um grupo de falantes (Mota; Cardoso, 2006). O Brasil, que tem a língua portuguesa como oficial, contempla em sua natureza geográfica continental infinidades de variações e fenômenos linguísticos mapeados pelas pesquisas de cunho Geolinguístico.

Nascentes (1953 [1922]), Cardoso e Ferreira (1994), Aguilera (2000), Cardoso e Mota (2006), Altino (2007, 2009), Cardoso e Mota (2013), Romano (2013), Cardoso (2016), Romano e Silva (2016), Scabori (2020) e outros autores revisitam as divisões para o trabalho de metodologia geolinguística no Brasil, oriundos da teoria conceitual da Dialetologia, e ilustram propostas de divisões (marco teórico) para a área. Além de os autores organizarem os trabalhos,

inicialmente almeçados por Nascentes (1953 [1922]), para proporem até quatro fases à Geolinguística no Brasil<sup>4</sup>.

As fases dialetais iniciais estão marcadas pelas propostas de trabalhos de caráter monográfico, como de August de Saint-Hilaire, entre os anos de 1816 a 1822, com o levantamento de vocábulos. Cardoso e Mota (2006) reafirmam o surgimento da mentalidade dialetológica, aconselhada por Serafim da Silva Neto, nos estados brasileiros, que se apresenta de 1957 até o século XXI.

As primeiras publicações, impulsionadas por Amadeu Amaral (1920), Antenor Nascentes (1953 [1922]) e outros, impulsionam a teoria Geolinguística no Brasil e compreende uma motivação frutífera ao nascer do Projeto Atlas Linguístico do Brasil (ALiB), concomitante à incorporação de pesquisas de caráter geolinguísticos nas universidades brasileiras, como reafirma o excerto:

O período final do século XX, em que se dão os primeiros passos para a estruturação do Projeto ALiB [...] vai coincidir, nas universidades brasileiras, com a implementação de pesquisas na área da Geolinguística, refletida em publicações, comunicações a congressos, trabalhos de pós-graduação e, principalmente, em projetos de atlas linguísticos regionais (Cardoso; Mota, 2006, p. 19-20).

De acordo com Cardoso e Mota (2006), o Projeto Atlas Linguístico do Brasil surgiu da necessidade por um Atlas Linguístico de abrangência nacional, assim como uma das propostas de Antenor Nascentes (1958, 1961) com 602 pontos de inquérito. As autoras citam os cuidados no planejamento pelo qual o ALiB passou, como os deslocamentos das equipes, as implicações dos custos, a obtenção de renda ou recursos financeiros, os itens primordiais à atenção do pesquisador com foco na confecção do atlas que represente os dialetos existentes em um país.

O trabalho de descrição metodológica (variação de fenômenos linguísticos – entendidos como: canjica<sup>5</sup>, curau com coco e outros, ou mesmo, as variações fonético-fonológicas à lexia borboleta<sup>6</sup> /bORbOleta/ < (ba[j]buleta), com a possibilidade de serem encontradas em uma região ou mesorregião) passou por ajustes, visto que, desde o ano de 1952, o atlas linguístico nacional já era pensado. O decreto de 20 de março, nº 30.643 teve caráter decisivo à elaboração de um Atlas

<sup>4</sup> Para maiores informações e detalhamento, consultar Romano e Silva (2016) e Scabari (2020).

<sup>5</sup> Consultar trabalho de Yida (2020).

<sup>6</sup> Primeiras investigações em Silva Neto ([1950] 1963) e disponível no Atlas Linguístico do Paraná, carta 112, campo lexical 144, com estratificação do fator sexo (Aguilera, 1994).

Linguístico brasileiro, abrangendo todo o território (Cardoso *et al.*, 2014).

Segundo Cardoso *et al.* (2014), o Atlas Linguístico do Brasil (ALiB), na função de primeiro atlas linguístico de marca limítrofe brasileira, apresentou a proposta de 250 pontos de inquérito. A Casa de Rui Barbosa, mais precisamente a Comissão de Filologia, propôs a elaboração de atlas linguístico do Brasil, cujas propostas, como já suspeitava Antenor Nascentes (1958, 1961), necessitaram de implementação pelos atlas regionais em razão dos empecilhos enfrentados pelos dialetólogos da época (Cardoso *et al.*, 2014).

Conforme orientações no *site* do Projeto ALiB (2023), as professoras idealizadoras, Suzana Cardoso e Jacyra Mota, conseguiram discutir o início dos primeiros passos do Projeto ALiB no “III Congresso de Dialetologia e Sociolinguística” (III CIDS – UEL), entre os dias 7 a 10 de outubro de 2014, (COMITÊ ALIB, 2023, p. s./n. *on-line*)<sup>7</sup>.

As cidades inquiridas pelos membros do Comitê ALiB atendem aos critérios demográficos, que se referem à extensão territorial, aos aspectos sócio-históricos, aos culturais e à forma de considerar o povoamento de cada ponto (Cardoso *et al.*, 2014). Ressalta-se que a seleção de pontos para análise de dados parciais segue as mesmas diretrizes do Projeto, em algumas circunstâncias, sofrem alteração em razão dos pontos retirados e/ou de demais eventualidades georreferenciais e estatísticas<sup>8</sup>.

De acordo com Mota, Paim e Ribeiro (2015), o questionário aplicado durante as entrevistas gravadas, com autorização dos participantes inquiridos, contemplam diversos campos do conhecimento linguístico, como: fonético-fonológico, lexical (ciclos da vida, vestuários e acessórios, alimentação e cozinha, jogos e diversões infantis, entre outros), prosódico, morfossintático, semântico-discursivo, questões de pragmática, indagações de natureza histórica (diacrônica), discursos semidirigidos e leitura. Os fatores extralinguísticos possibilitam que ocorra a análise na perspectiva vertical (eixo social), além de que se possa considerar as indagações realizadas a partir do questionário socioeconômico aplicado no início ou ao final da entrevista.

Cardoso (2015) descreve o objetivo geral do Projeto ALiB e enfatiza a contribuição do atlas à História da Língua Portuguesa, como constatado no excerto

---

<sup>7</sup> As informações podem ser conferidas no endereço eletrônico do Projeto ALiB. Disponível em: <https://alib.ufba.br/>. Acesso em: 19 abr. 2023.

<sup>8</sup> Consultar a seção de metodologia da tese para verificação dos critérios desta produção científica.

(2015, p. 15, grifos desta autora):

Ao emprendermos **a construção do atlas linguístico do Brasil, estamos não só construindo mais uma, ainda que modesta, página da história da Língua Portuguesa**, como também estamos contribuindo para o entendimento de que a língua não é – nunca deve ser – instrumento de discriminação, de estigmatização, mas a língua, **a nossa língua portuguesa** do Brasil, deve **constituir-se sempre em uma forma de socialização de ganhos, de histórias, de fontes de conhecimento e sobretudo de humanização** de todo e qualquer falante no seu trato diuturno.

Frente às pesquisas surgidas após a implementação de um Atlas Linguístico de abrangência nacional no Brasil (ALiB), o conceito de Geolinguística foi ganhando espaço nos eventos científicos em torno da área de estudos da linguagem. A Geossociolinguística (Razky, 2010) não fica de fora das investigações linguísticas – o termo, designado por Abelhak Razky, foi formulado com propósito de suprir algumas lacunas existentes tanto na *Geolinguística Tradicional* quanto na Sociolinguística –, logo, não limitando a análise apenas em uma perspectiva espacial, mas, sim, na estratificação de elementos verticais, isto é, oriundos do interior da natureza social, por exemplo, a variável sexo, como união entre as correntes teóricas (Razky, 2010).

De acordo com Lima, Razky e Oliveira (2020), as primeiras incursões no campo da ciência da linguagem fizeram florescer os trabalhos em torno de alguns conceitos, como o diacrônico presente nos estudos da linguagem. O conceito de diacronia sugere o trabalho do linguista com a variação e mudança ocorrida na língua atrelado ao fator cronológico.

Como conceitua os teóricos, diacrônico não é sinônimo de Linguística Histórica, haja vista que a terminologia surgiu da proposta da Dialetoлогия Pluridimensional, como postulado de Thun (2005), após o teórico categorizar e estratificar o estudo do fenômeno de origem da fala aos fatores de ordem social.

Ainda segundo Lima, Razky e Oliveira (2020), a preocupação da Dialetoлогия com a variação e mudança linguística nasce, durante a fase tradicional com os primeiros trabalhos monográficos, isto é, do propósito de representar essas mudanças no espaço geográfico. Em avanço aos métodos da Dialetoлогия, contemplam-se a Geolinguística, que propõe cartas linguísticas, gráficos e tabelas (Lima; Razky; Oliveira, 2020).

A Sociolinguística aparece nos estudos linguísticos, na década de 1960,

como reflexão entre a língua e a diversidade linguística atrelada ao espaço social. A visão dos autores, no que se refere ao surgimento da Sociolinguística, encontra motivação no fato de os linguistas notarem que a variação, leia-se diversidade linguística, não se encontra atrelada somente a fatores territoriais e/ou geográficos.

Os pesquisadores citam que a Sociolinguística, por sua vez, surgiu (por volta da década de 60), passando a ser chamada de “Dialetoologia Urbana”. Na verdade, o que aconteceu foi que: os linguistas perceberam que a variação e a diversidade linguística não se manifestam apenas no espaço “*temporal e territorial*” (Lima; Razky; Oliveira, 2020, p. 14, grifos no original).

Para Labov (2008 [1972]), a Sociolinguística apresenta o objetivo de incorporar na análise linguística os fatores extralinguísticos, lacuna social averiguada na análise da pesquisa realizada em *Martha’s Vineyard*. Nesse caso, a fazer um adendo com intento de explicar de uma forma não exaustiva, a Sociolinguística demonstrava soar redundante ao teórico Labov (2008 [1972]) e era confundida com o campo do conhecimento da Sociologia. Para Labov (2008 [1972]), a redundância consiste em pensar que a língua, por sua vez, sugestiona o estudo do contexto social e os fenômenos linguísticos oriundos da comunidade de fala.

A retornar à Geossociolinguística, de acordo com Lima, Razky e Oliveira (2020), a metodologia combinada, concomitante às técnicas de aplicação, como os segmentos dos questionários (QFF, QSM e outros), resultam na combinação de duas técnicas oriundas da Geolinguística e da Sociolinguística. Para exemplificar o que seria a fusão teórica, tem-se, nesta tese, a metodologia dos cruzamentos realizados pelo Arc-Gis no processo de elaboração das cartas fonéticas com a estratificação e métodos de regressão combinados da Sociolinguística.

Para Lima, Razky e Oliveira (2020), parece não fazer sentido o estudo da variação e diversidade linguística, se for necessário ao linguista lançar mão de uma ou outra técnica, leia-se teoria linguística. Constata-se, desde a incorporação do termo Geossociolinguística, que o trabalho está a render frutos positivos, uma vez que ambos os métodos confirmam a combinação de técnicas, que passou a fazer-se comum ao nome de Geossociolinguística, visto que a dimensão ontológica associada à dimensão epistemológica possibilita pensar o mundo cientificamente e, por conseguinte, seus fenômenos (Lima; Razky; Oliveira, 2020).

Para os mesmos teóricos, os pressupostos da Geossociolinguística compõem um conjunto de técnicas, que, em diversas circunstâncias de aplicação

linguística, como dados da fala, requerem correspondência a um ou mais métodos. Isto é, seria justamente a metodologia, a partir de seu conjunto de técnicas, capaz de produzir conhecimento científico válido a respeito do objeto investigado, de forma que a metodologia seria o norte para se atingir o objetivo da investigação.

Para Lima, Razky e Oliveira (2021, p. 9), tem-se, no campo da “Geossociolinguística” fenômenos linguísticos que requerem, cada vez mais, conjuntos de técnicas para serem explicados à luz das várias teorias linguísticas disponíveis. Lima, Razky e Oliveira (2021) levantam uma infinidade de novas áreas alcançadas, como: Sociolinguística Forense, Biolinguística, Engenharia da Linguagem, Inteligência Artificial aplicada à linguística, Ecolinguística, entre outras. Tais incorporações no campo da Geossociolinguística justificam as áreas praticadas na presente tese.

Como se recorre à Geolinguística, dados de atlas linguístico, Fonética Articulatória e Acústica, parâmetros para a aferição do ruído rótico, Sociolinguística, metodologia estatística não tradicional para exibição, análise e interpretação dos dados oriundos de produção da fala, defende-se a formação de uma nova subárea à linguística: a Sociogeofonética. A proposta justifica-se por entender que existe um enfoque de parâmetro metodológico na aplicação da teoria fonte e filtro, atrelada ao campo da Fonética Articulatória e Acústica; e a realização de um mapeamento (plano horizontal) de fenômeno linguístico em posteriorização e contexto social (plano vertical), o que configura não apenas as camadas para análise do objeto em variação, como ainda se recorre a um dos níveis gramaticais (campo fonético).

Embora trabalhos no campo da Geossociolinguística, como de Lima, Razky e Oliveira (2021), Comiotto e Margotti (2019), contemplem a terminologia mais abrangente, fazer uso da nomenclatura Geossociofonética não desvalida a aplicação de estratificações sociolinguísticas. Na Sociolinguística, subtema que será apresentado na sequência, os fenômenos podem e devem partir da análise de variáveis, entende-se que a classe de palavra (atrelado ao nível morfossintático) se faça relevante ao tratamento do que os dados têm a oferecer de constatação a uma mudança em tempo real ou aparente<sup>9</sup>.

Em suma, tornar o conceito demasiadamente específico não desvincula os parâmetros já utilizados pelas teorias tradicionais da área (Dialetologia

---

<sup>9</sup> Sobre isso, consultar a seção seguinte.

Pluridimensional, Metodologia Geolinguística e Sociolinguística). Para melhor explicitar os critérios teóricos desta tese, discorre-se, na próxima subseção, sobre a corrente variacionista, formulada por William Labov na década de 1960.

## 2.2 A TRADIÇÃO VARIACIONISTA QUANTITATIVA DE WILLIAM LABOV: À EXPERIENCIAÇÃO DE UMA PRIMEIRA ONDA NOS PADRÕES SOCIOLINGUÍSTICOS

De acordo com Biderman (2001, [1972, 1973]), demonstra-se ter sido no primeiro congresso, ocorrido no ano de 1960, com o título do trabalho “*The Pronouns of Power and Solidarity*” (*Os pronomes de poder e solidariedade*), apresentado por Roger Brown e Albert Gilman no congresso *Style in Language* da Universidade de Indiana, o responsável por abrir caminho à noção de poder e sociedade. Para a autora, a obra configura-se como um trabalho pioneiro, que representa um marco para a área da sociolinguística americana (Biderman, 2001 [1972, 1973]).

Biderman (2001 [1972, 1973]) utiliza da concepção de poder (adotado pelas sociedades mais tradicionais) e da solidariedade (incorporado pela sociedade moderna do ocidente) para investigar as formas de tratamento e as estruturas sociais. Na linguística, tem-se no poder social o resultado da interação do indivíduo com outros falantes de seu entorno, que resulta em uma visão quanto à comunidade alicerçada no ambiente contextual que se poria como eixo socializador aos fatores externos à língua.

Em Labov (1972 [1963]), a investigação estabelece um marco significativo para a área da Sociolinguística Variacionista, trata-se, portanto, da pesquisa realizada com os moradores da ilha de *Martha's Vineyard*<sup>10</sup> (localizada no Nordeste dos Estados Unidos, mais precisamente no estado de *Massachusetts*, que conta com uma extensão de 226,6 km<sup>2</sup>). Nessa pesquisa de mestrado, o teórico analisou o uso de ditongos, como /aw/ de *house* e /ay/ de *light*, com intuito de identificar a motivação quanto à centralização dos ditongos citados.

Referente ao objeto de investigação e aos fatores extralinguísticos da ilha, Labov (1972 [1963], p. 1-4, grifo e tradução desta autora) descreve o seguinte:

Ao estudar a frequência e distribuição das variantes fonéticas de /ay/ e /aw/

---

<sup>10</sup> Mais informações sobre a ilha, referente aos fatores econômicos ligados à pesca, podem ser consultadas em Castellucci-junior (2021).

nas diversas regiões, faixas etárias, ocupações e grupos étnicos da ilha, será possível reconstruir a história recente desta mudança sonora [...] A ilha é dividida em duas partes por uma distinção informal, mas universalmente usada, entre a ilha de cima e a de baixo. *Down-island* é a região das três pequenas cidades onde vivem quase três quartos da população permanente.<sup>11</sup>

O ponto fulcral referente ao olhar de Labov aos fatores sociais parece centrar-se, ao que indica o estudo realizado, no contexto histórico da ilha e na diferença existente entre a parte alta e baixa. Uma vez que a *Up-island* representa uma área rural com fazendas, pântanos, casas de veraneio isoladas e outras particularidades que a distingue do contexto mais movimentado com maior fluxo de turistas (Labov, 1972 [1963]).

Ainda segundo Labov (1972 [1963]), as variáveis elegidas foram as seguintes: grupo étnico formado por descendente indígenas, portugueses e ingleses; profissão, como pescador, agricultor, comerciante, secretária do lar, entre outras; sexo biológico a considerar apenas a classificação de homem e mulher; faixa etária estratificada de 14 a 30 anos, 31 a 45 anos, 46 aos 60 anos, 61 aos 71 e falantes com mais de 75 anos; além do contexto de produção de fala que consistiu em alto monitoramento da fala por parte do informante ou nenhum; e, conforme já citado, a ilha. Os controles dos fatores formam as denominadas variáveis independentes e estes puderam ser identificados a partir da entrevista realizada com os 69 informantes participantes da pesquisa, pertencentes a alguns grupos populacionais conforme suas localizações na ilha – *Down-island: Edgartown, Oak Bluffs e Vineyard Haven*; e, *Up-island: Edgartown, Oak Bluffs, Tisbury, West Tisbury, Chilmark e Gay Head*.

Labov (1972 [1963]) chegou ao resultado de significância dos fatores extralinguísticos, por exemplo, como faixa etária (31 a 45 anos), descendência (ingleses), região (*Up-island*), e o próprio contexto socioeconômico da ilha. A descoberta feita revelou que a motivação para a centralização dos ditongos teve como fundamento o turismo, já que a pesca – principal fonte de renda dos moradores locais – apresentava-se em declínio, enquanto o turismo crescia, fazendo

---

<sup>11</sup> “By studying the frequency and distribution of phonetic variants of /ay/ and /aw/ in the several regions, age levels, occupational and ethnic groups within the island, it will be possible to reconstruct the recente history of this sound change [...] The island. Is divided into two parts by an informal, but universsally used distinction between up-island and down-island. Down-island is the region of the three small towns where almost threee-fourths of the permanent population live”.

com que o pesquisador chegasse à hipótese de identidade linguística como manutenção das centralizações de /au/ e /ai/. Isto é, os falantes locais não contentes com o cenário linguístico e econômico encontraram uma maneira de preservar a identidade dos moradores da ilha a partir desse fenômeno linguístico descrito. Conforme o teórico: “Notou-se que *ditongos centralizados* não são salientes na *consciência dos falantes* de Vineyard. Dificilmente podem, portanto, ser objetos diretos do afeto social”<sup>12</sup> (Labov, 1972 [1963], p. 40, grifo desta autora).

Referente à técnica utilizada, o autor menciona o método – *technique for linguistic variables* (p. 41) – como um dos procedimentos mais importantes, por exemplo, para a variável independente, e, cita que o critério utilizado em *Martha's Vineyard* estava longe de ser estritamente rigoroso. O teórico valida a ideia ao complementar que

As técnicas desenvolvidas em Martha's Vineyard foram posteriormente refinadas e aplicadas a uma situação muito mais complexa no núcleo urbano da cidade de Nova York. Aqui, os falantes de vários estilos são a regra, não a exceção; em vez de três grupos étnicos, temos muitos; a mobilidade e a mudança são muito mais rápidas; e a população é enorme (Labov, 1972 [1963], p. 41, tradução desta autora)<sup>13</sup>.

Labov (1966, p. 171), ao realizar a pesquisa em *New York*, definiu como variável dependente o (r) em posição de coda silábica, e, para a variável independente, selecionou a faixa etária (15 a 30, 35 a 50 e 55 aos 70 anos), sexo biológico (homem/mulher), origem étnica (descendentes de ingleses, negros, estrangeiros e outros), e cargo na profissão ocupada (vendedor, balconista, caixa, gerente de loja e outros). Houve a estratificação da variável loja, a fim de se eleger três departamentos de varejo da cidade, para nível de conhecimento: *Saks Fifth Avenue* (“\$90”), *Macy's* (“\$79.95”) e *S. Klein* (“\$23”).

Como parâmetro para definir o poder econômico das lojas, Labov (1966) analisou tanto o preço aplicado ao consumidor, na verificação da forma de cobrança (se números inteiros ou não), quanto o bairro no qual se encontrariam os estabelecimentos comerciais. A loja *Saks Fifth Avenue* foi considerada na pesquisa

<sup>12</sup> “It has been noted that centralized diphthongs are not salient in the consciousness of Vineyard speakers. They can hardly therefore be the direct objects of social affect” (Labov, 1972 [1963], p. 40).

<sup>13</sup> “The techniques developed on Martha's Vineyard were later refined and Applied to a much more complex situation in the urban core of New York City. Here multiple-style speakers the rule, not the exception; instead of three ethnic groups we have a great many; mobility and change are far more rapid; and the population is huge” (Labov, 1972 [1963], p. 41).

como refinada por abranger produtos mais caros, a *Macy's* ficou na categoria de departamento direcionado para compradores de médio estrato social em razão de seu preço, e, por fim, a *S. Klein*, que comporta um público julgado inferior em poder aquisitivo quando comparada às demais lojas.

Labov (2006 [1996], p. 169) levantou a hipótese inicial a partir da concepção de que a estratificação social é o produto da diferença e da evolução do próprio contexto social, para isso o estilo (*status*) poderia diferenciar o uso do rótico. Para tanto, o autor determinou o seguinte: “[...] se quaisquer dois subgrupos de falantes da cidade de Nova York forem classificados em escala de estratificação social, eles serão classificados na mesma ordem pelo uso diferencial de (r)”<sup>14</sup> (tradução desta autora).

Os resultados da pesquisa para identificação das variantes do /R/, por exemplo, como nas palavras “*car, card, four, fourth, etc.*” (1966, p. 169, grifo da autora), partiram da pergunta de forma casual e enfática feita pelo pesquisador aos funcionários das diferentes lojas sobre uma vestimenta específica, que estaria no quarto andar da loja (*fourth floor*). A partir dessa indagação, Labov (1966) constatou o seguinte: que a loja *S. Klein* contemplava um maior número de lojistas mulheres e de raça negra, sendo os fatores extralinguísticos sexo e raça a principal motivação para os usos dos róticos (r) e as ocorrências indicarem valores percentuais de 62% para *Saks*, 51% *Macy's* e 20% *Kleins* em contexto de *lfloorl*.

Conforme os resultados da pesquisa de Labov (1966, p. 173, grifo no original e da autora, tradução desta autora), cabe a ressalva de que os valores identificados incluem a representação simbólica de (r-1), que se refere à especificação descrita pelo autor:

Assim, nós temos a posição pré-consonantal e final, tanto no estilo casual quanto no enfático de fala. Além disso, todos os outros usos de (r) pelo informante foram anotados, a partir de comentários ouvidos ou contidos na entrevista. Para cada valor claramente comprimido da variável, (r-1) foi inserido; para schwa não constricto, vogal alongada ou nenhuma representação, (r-o) foi inserido. Casos duvidosos ou constrictão parcial foram simbolizados por *d*, e não foram utilizados na tabulação final<sup>15</sup>.

<sup>14</sup> “If any two subgroups of New York City speakers are ranked in scale of social stratification, then they will be ranked in the same order by their differential use of (r)” (Labov, 1966, p. 169).

<sup>15</sup> “Thus we have preconsonantal and final position, in both casual and emphatic styles of speech. In addition, all other uses of (r) by the informant were noted, from remarks overheard or contained in the interview. For each plainly constrict value of the variable, (r-1) was entered; for unconstricted schwa, lengthened vowel, or no representation, (r-o) was entered. Doubtful cases or partial constrictions were symbolized *d* and were not used in the final tabulation” (Labov, 1966, p. 173, grifo no original e da

Como indicado na pesquisa laboviana, mostra-se necessário segmentar os casos duvidosos para as realizações róticas a fim de que estes não interfiram nos resultados. Para mais, o autor utilizou de três classificações para os resultados, no entanto, para o percentual já descrito, a indicação faz referência aos dois resultados: (*shaded area*) registro apenas para (**r-1**) que tivesse ausência de (**r-0**) e (*unshaded area*) alguns registros para (**r-1**) com uma presença de (**r-0**). Ressalta-se que, no trabalho descrito, a soma para o departamento *S. Klein* consta com equívoco de -1 em relação ao valor final da percentagem extraída da figura 13.1, o que não interfere na análise final – comparação entre as lojas investigadas.

Portanto, a pesquisa de Labov (1966) revela, como ele mesmo pontua, que a variante rótica parece ser uma extraordinária medida tanto para a estratificação social quanto para a estilística. O fenômeno rótico tende a indicar as variedades consideradas estigmatizadas e, por conseguinte, revelar o que se passa no contexto extralinguístico, mais precisamente, no interior da comunidade de fala.

A esse respeito, Bright (1966), na mesma perspectiva sociolinguística, busca demonstrar por meio das dimensões dos fenômenos linguísticos a relação com o plano social. No entanto, para o autor, a afirmação de que a sociolinguística representa o conjunto entre língua e sociedade mostra-se vago, uma vez que a área parece identificar os fatores citados como pertencentes a uma estrutura, isto é, cada um com as suas estratificações, e não como partes de uma “coleção de itens” (Bright, 1966, p. 17).

De acordo com Bright (1966), o objetivo da Sociolinguística é, então, indicar a covariação de uma forma sistemática a partir da variação linguística e social, isto é, a tendência à variação simultânea que apontasse a relação entre uma ou outra escolha de variante linguística. Segundo o mesmo autor, a abordagem inicial da área – quanto a refletir sobre o falar de uma comunidade que considere a variação como livre – configura-se, portanto, um equívoco, ao passo que a sociolinguística busca demonstrar que o(s) fenômeno(s) em variação não agem de forma independente (despretensioso referente à lógica de uma ‘regra’).

Ainda conforme Bright (1966), fatores extralinguísticos como: a identidade

social do emissor (falante) e do receptor (ouvinte), o julgamento (atitude e crença linguística/preconceito linguístico) e a variável social (ambiente/atividades realizadas) devem ser considerados objetos de investigação da Sociolinguística, uma vez que os fatores descritos fazem parte da chamada diversidade linguística, que, conforme já citado, compreende a possibilidade de ocorrência de covariantes observáveis na comunidade e em sua estrutura social (Bright, 1996).

Sobre isso, em outra obra realizada por Labov (2008 [1972], p. 221-231), o teórico investigou o *code-switching* (mistura ou “alternância de código”) no *Black English Vernacular* (BEV), o caso da negação (NEG-V/NEG-Q) no contexto dos dialetos quantificadores, como em: “[Simon, levante! Todo mundo não está ajudando!], além da pronúncia do [ING] em verbos no gerúndio (*Understanding*) com dados de fala coletados a partir dos falantes de língua inglesa.

No primeiro fenômeno analisado, o teórico ressalta que, para conseguir demonstrar a ‘variação livre’, seria necessário comprovar que – *em uma situação na qual o falante se deslocaria em um ou outro conjunto formado por regras consistentes e concorrentes* – ocorreria a precisão de que estas não se movessem. Contudo, ainda conforme o autor, no caso da pronúncia de /the/ (forma padrão) e /de/ (forma estigmatizada) seria o caso de empregar-se o termo “variante estilística” ao invés de variante livre, pois tanto o falante quanto o analista da língua falada saberiam que essas ocorrências, assim como /den/ para “*you go again*”, /se/ e /if/ (partícula /se/ no PB) para “*you get in*”, ou ainda, no caso do BEV, em que o termo ‘*bold*’ é simplificado em ‘*bol*’, são formas estigmatizadas para um caso do uso real da língua – referente ao antigo jogo *Skelly* presente nas rua de *New York* (Labov, 2008 [1972], p. 222).

Referente à dupla negação, o autor chama atenção para os dialetos sintáticos, por exemplo, como nos seguintes casos: “All the boys didn’t leave. [*Todos os meninos não saíram*]” ou “*Not all the boys left*”. [*“nem todos os meninos saíram”*] (2008 [1972], p. 226, grifo no original). Nesses casos descritos, a negativa contemplada no enunciado é interpretada com característica do dialeto negro, e, comumente, a negação gera uma *tag question* (Os meninos não saíram, fizeram isso? – *The boys didn’t leave, did they?*).

Além das frases negativas, para testar o fato de o falante possuir o dialeto NEG-Q, Labov (2008 [1972], p. 229) utilizou figuras geométricas (círculos, triângulos e quadrados) para gerar um enunciado – “All the circles don’t have dots in them”

(“*Todos os círculos não têm pontos neles*”), obtendo 100% para o NEG-V na primeira abordagem. Por meio das figuras e do ‘*all*’ (todos), o pesquisador levou 17 pessoas a mudarem seu favoritismo para NEG-Q (dialeto aceito). Ainda referente a esse fenômeno, cabe, aqui, a ressalva de que esta tese não pretende exaurir os resultados para a dupla negação contemplada na pesquisa laboviana, por isso, para mais resultados e de figuras utilizadas pelo autor, pode ser consultada a obra *Padrões Sociolinguísticos*, mais precisamente na oitava seção.

De acordo com Labov (2008 [1972]), os resultados obtidos por meio de testes formais das amostras conferidas, mais de uma vez, requerem cuidado metodológico, cujos critérios encontram-se relacionados às etapas que vão desde a coleta do material até a análise. Dentre alguns testes, ressalta-se a investigação do verbo de ligação (*This car is very expensive*) no BEV, que, como outros, faz eco ao conceito de paradoxo do observador, uma vez que a coleta estabelece como ponto de partida dados da fala gravada.

Segundo o mesmo teórico, os cinco axiomas que implicam em um paradoxo metodológico configuram-se nos seguintes critérios: a) pela alternância de estilo (capaz de incorrer em pequena autocorreção); b) ausência de atenção à própria fala; c) hipercorreção em oposição ao vernáculo (objeto de extração do pesquisador); d) formalidade; e) bons dados (por meio da observação sistemática), que são eixos reflexivos responsáveis por desencadear o paradoxo do observador, em que o analista do fenômeno linguístico tem a possibilidade de superar algumas das barreiras citadas por meio da entrevista descontraída, com vistas a romper o constrangimento para atingir a fala vernacular – próximo da espontaneidade – por parte do falante participante (Labov, 2008 [1972]).

Conforme o axioma da teoria laboviana, tem-se o resultado da mutação dialetal, que ocorre em um contexto de dialetos subordinados e superordenados. Labov (2008 [1972]) explica o fato de os níveis estarem em coexistência ao dialeto subordinado passará ao superordenado de uma forma sem regularidade, portanto, para representar a hierarquia social e, por conseguinte, a relação segmentária entre dialeto prestigiado e estigmatizado – interpretados como ‘diferente’, ‘esquisito’, ou ainda, ‘pior’<sup>16</sup>.

Conforme Labov (1974), a mudança linguística representa a variação de um

---

<sup>16</sup> Demais classificações para as nomenclaturas sugeridas podem ser consultadas em Botassini (2013).

ou mais fenômenos linguísticos, entretanto, a variação – coexistência de variantes linguísticas em uma mesma comunidade (provida de fatores de ordem social ou extralinguísticos) – não indica necessariamente uma mudança de direção a um fator em curso; semelhante às variantes róticas, em que uma possível baixa referente à realização da vibrante múltipla não aponta irrefutabilidade para a estigmatização da [r], pois, em alguns casos, essa variante observada poderá representar, a partir de uma leitura atualizada, o prestígio e a identidade linguística a depender da localidade/comunidade de fala analisada.

Labov (2006) incorporou muitas das sugestões de Herbert Hyman (que fez parte do departamento de Sociologia da Universidade de Colúmbia entre os anos de 1951 a 1969), identificando que o /r/ tende a ser mais marcado, isto é, estigmatizado que os padrões para [th] e [dh] conforme a variável faixa etária.

Com argumento de Weinreich, Labov e Herzog (2006 [1975], p. 123), para eficiente análise em torno da mudança linguística, é necessário investigar os “traços mutantes” para além da construção linguística dos próprios falantes. Perpassar as barreiras analíticas do idioleto, dado que tanto a mudança quanto a transição linguística fazem parte do que os autores classificam como *teoria da mudança linguística* e que, por consequência, tende a ganhar com o estudo dos dialetos transicionais.

Para Weinreich, Labov e Herzog (2006 [1975], p. 124):

A teoria da mudança (*sic*) linguística deve estabelecer empiricamente os correlatos subjetivos dos diversos estratos e variáveis numa estrutura heterogênea. Estes correlatos subjetivos das avaliações não podem ser deduzidos a partir do lugar das variáveis dentro da estrutura linguística. Além disso, o nível de consciência social é uma propriedade importante da mudança linguística que tem de ser determinada diretamente [...].

Segundo os mesmos autores, apropriar-se da teoria da mudança para a investigação linguística não somente requer o caráter experimental (fruto da experiência prática), como também a estratificação sistemática das variáveis sociais. Isso por considerar que a estrutura linguística, por si só, impossibilita demais suposições para a mudança de um fenômeno, por exemplo, como ocorreria caso a análise da realização para as variantes róticas considerassem apenas a estrutura da palavra como favorecedora de uma ou outra variante (Weinreich; Labov; Herzog, 2006 [1975]).

Milroy (1987 [1980], p. 550) fala em “*social networks*” (*Redes Sociais de*

*Interação*) a partir de pesquisas realizadas com comunidades de baixa classe social localizadas na Irlanda do Norte, mais precisamente em *Belfast* (capital). O termo incorporado na pesquisa estabelece uma ponte com a *Teoria de Mudança Linguística* (resultado das reflexões de cunho sociolinguístico) por atrelar a variação linguística aos fatores externos à língua, nesse sentido, o contexto social atua como protagonista na escolha de um ou outro fenômeno linguístico a depender da rede de interação social dos falantes.

Ainda conforme Milroy (1987 [1980], p. 550), o principal postulado da análise de redes consiste no fato de que os indivíduos, ao criarem suas comunidades pessoais, fornecem ao pesquisador a observação para as estruturas significativas, que se encontram internas a essas relações sociais. Para tanto, segundo a autora:

Essas comunidades pessoais são constituídas por laços interpessoais de diferentes tipos e forças, e as relações entre links podem variar. Particularmente, as pessoas para quem o ego é ligado também podem estar ligados uns aos outros em graus variados [...] Particularmente, se uma rede consiste principalmente em laços fortes, e esses laços são multiplexados ou multifilamentares, e se a rede também é relativamente densa – ou seja, muitos dos laços do ego estão ligados uns aos outros – então tal rede tem a capacidade de suportar seus membros de forma prática e simbólica<sup>17</sup> (Milroy, 1987 [1980], p. 550, tradução desta autora).

Milroy e Milroy (1985), ao discorrerem sobre os estudos relatados, chamaram a atenção para aquilo que muito se refletiu no campo de pesquisa da Sociolinguística, a importância do fator social. Os autores trataram da mudança *linguística, das redes sociais e do falante 'inovador' – “speaker innovation”* – (1985, p. 339, grifo desta autora), como método de concentração nos mecanismos sociais da variação linguística.

No segundo capítulo da obra *Perspectives on Historical Linguistics*, Labov (1982) publicou o artigo “Building on empirical foundations” (Construindo fundamentos empíricos), que chama atenção para o trabalho metodológico da Sociolinguística atrelada à mudança linguística e, por conseguinte, ao papel ativo do pesquisador. Conforme o teórico, o pesquisador deve fazer o uso mais adequado do

---

<sup>17</sup> “These personal communities are constituted by interpersonal ties of different types and strengths, and structural relationships between links can vary. Particularly, the persons to whom ego is linked may also be tied to each other to varying degrees [...] Particularly, if a network consists chiefly of strong ties, and those ties are multiplex or many-stranded, and if the network is also relatively dense – i.e. many of ego’s ties are linked to each other – then such a network has the capacity to support its members in both practical and symbolic ways” (Milroy, 1987 [1980], p. 550).

ponto de vista da teoria com os “maus” dados obtidos (Labov, 1982, p. 20).

Silva-Corvalán (1989), ao investigar o bilinguismo na fala de 14 falantes do espanhol em contato com o inglês dos Estados Unidos da América, traz para o bojo das reflexões sociolinguísticas a relação entre o convívio de duas ou mais línguas. Para tanto, ainda segundo Silva-Corvalán (1989), as línguas podem ser consideradas exclusivamente em situação de contato quando o mesmo indivíduo faz uso de duas línguas ou outras em suas situações de interação social.

Neste ponto reflexivo, a visão metodológica da sociolinguística, em paralelo às concepções em torno da mudança linguística, é relevante para esta tese, pois, embora situações sociolinguísticas em regiões de fronteira sejam registradas nos dados recortados, nota-se que apenas um informante utiliza o espanhol – aprendido fora do universo escolar – ao cruzar as fronteiras geográficas. A considerar o caso descrito, segue-se a visão de Silva-Corvalán (1989), que permite, aqui, a inferência ao passado **contatual linguístico** em algumas regiões, igual à especificidade do informante citado.

De acordo com Labov (1994), ainda do ponto de vista da teoria da mudança linguística, na idade adulta<sup>18</sup>, os falantes ‘mantém’ estável o seu vernáculo utilizado na comunidade de fala da qual fazem parte; uma vez que, para o autor, a comunidade de fala compartilha com seus membros conjuntos de um padrão linguístico comum aos falantes, mesmo existindo traços de variação linguística.

Para esse olhar analítico entre língua falada e os falantes que a usam, Tarallo (1986, p. 5) propôs a desconstrução para o “caos linguístico”, proveniente da ansiedade do pesquisador frente às circunstâncias e fenômenos desconhecidos por ele. À vista disso, o autor define – como um exemplo para o que seria o ‘caos’ – o duelo contemporâneo entre uma ou mais variantes linguísticas, as quais se enfrentam por suas coexistências.

Essa concepção formulada por Tarallo (1986) mostra-se viável do ponto de vista da teoria sociolinguística, interpretada pelas lentes da relação entre língua e contexto social do indivíduo, uma vez que o autor descreve a área como um conceito compreendido por quem observa a língua na função de veículo de comunicação, expressão entre os sujeitos da comunidade de fala e de troca para informações,

---

<sup>18</sup> O Instituto de Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) define como jovem os indivíduos com 19 anos, e, a população adulta dos 20 aos 59 anos. Classificação populacional em tempo real disponível em: <https://www.ibge.gov.br/apps/populacao/projecao/index.html>. Acesso em: 29 abr. 2022.

cujos fatores implicam em variantes linguísticas (conjunto de uma variável) pertencentes e concorrentes no interior da comunidade de fala (Tarallo, 1986).

Ainda conforme Tarallo (1986, p. 11), as ocorrências (variações) podem sistematizar-se em três itens essenciais a serem considerados pelo pesquisador: (i) “levantamento exaustivo de dados”; (ii) “descrição detalhada da variável”; e (iii) “análise de possíveis fatores condicionadores (lingüísticos e não-lingüísticos)”. Portanto, os contextos externos à língua e propriamente oriundos dela, como a vogal da sílaba alvo, classe morfológica, entre outros, são os sistemas determinantes que indicam as variantes conservadoras/inovadoras e de prestígio/estigma linguístico.

Para o mesmo autor, a variante conservadora em uma comunidade tende a pertencer à norma-padrão e exerce atitude de prestígio linguístico quando realizada pelos falantes. Isso ocorre ao contrário da variante inovadora que se mostra interpretada como não-padrão e conduz-se à estigmatização por parte do grupo conservador da comunidade de fala (Tarallo, 1986).

Para complementar a afirmação, Tarallo (1986, p. 13) recorre ao estudo de Labov, realizado na cidade de *New York*, conforme segue:

Não há nada inerente ao /r/ pós-vocálico que o defina “bom”, “ruim”, “correto” ou “incorreto”. Trata-se somente de uma questão de atitude sociolingüística dos membros de uma comunidade. Na Inglaterra, por exemplo, a pronúncia do /r/ pós-vocálico é estigmatizada socialmente; uma situação de variação, portanto, radicalmente oposta à encontrada na cidade de Nova Iorque. Uma perspectiva histórica indica que até a Segunda Guerra Mundial era a ausência do /r/ a forma de prestígio em Nova Iorque, e sua pronúncia era estigmatizada socialmente [...]. Os resultados da análise de Labov também concluem que a pronúncia do /r/ pós-vocálico, ao assumir prestígio sociolingüístico na comunidade, tende a ser exagerada. Tal exagero ecoa mais fortemente na classe social média-alta e na faixa etária mais jovem.

Monteiro (2000) acrescenta que o modelo da teoria gerativa admite a homogeneidade linguística e, por conseguinte, a exclusão de conteúdos sociais incorporados à língua. No entanto, para essa teoria que contempla um “falante-ouvinte ideal”, participante de uma comunidade homogênea e com alto nível de repertório linguístico, a visão de um estudo como o de Labov seria inviável – por exemplo, como constatado na realização do /r/ pós-vocálico pela classe média alta e pela faixa etária mais jovem – justamente por desconsiderar a reflexão aos conteúdos de ordem social.

Ainda de acordo com Monteiro (2000), os fenômenos linguísticos

interpretados de diferentes perspectivas (natureza social) classificam-se em sociolinguísticos, como consta na descrição do próprio teórico: “[...] fenômenos de ordem diversa [...] passaram a ser classificados como sociolinguísticos, o que levou a uma compreensão de duas áreas de estudo, identificadas então como a macro-sociolinguística e a micro-sociolinguística” (Monteiro, 2000, p. 21).

Justifica-se, aqui, a ressalva de que a presente tese se detém na visão da primeira onda da Sociolinguística para interpretação dos dados, portanto, não se realiza a apresentação exaustiva das demais ondas, por direcionar e situar a abordagem metodológica tradicional cunhada por Labov. Ademais, futuros trabalhos, que envolvam a realização do /R/ em ataque silábico e intervocálico, poderão apropriar-se de maneira direcionada aos estudos e formulações de Eckert (2005, 2006, 2010, 2012).

De acordo com Eckert (2012), a partir de um dos primeiros estudos de Labov, realizado na ilha de *Martha's Vineyard* (1963), ocorre importante contribuição para a área da Sociolinguística, por incluir o registro das variáveis linguísticas no tocante à perspectiva geográfica, além da perspectiva de identidade linguística. A autora comenta que o estudo estabeleceu a noção de ocorrência da variação linguística no dialeto dos falantes, pois: “[...] esse estudo estabeleceu sem questionar que os falantes exploram a variabilidade linguística de uma maneira sistemática ao adicionarem camadas de significado social ao significado denotacional [...]”<sup>19</sup> (Eckert, 2012, p. 88, tradução desta autora).

Referente à primeira onda, denominado por Eckert (2012, p. 88) como “*The first wave*”, o estudo em *New York City*, de Labov (1966), representa a primeira divisão, justamente por incorporar à pesquisa a estratificação social. Para a autora, o estudo do inglês na América do Norte contribuiu para que outras regiões, como Grã-Bretanha, Panamá e Irã, estabelecessem uma investigação com os seguintes ‘parâmetros’: diferenciação regional, diversidade étnica e a hierarquia socioeconômica, que apontaram para as formas estigmatizadas as quais se moviam conforme a hierarquia econômica ocupada pelo falante.

Conforme estipulado por Eckert (2012), para a primeira proposta de classificação da pesquisa laboviana e outras, consta-se, na primeira onda, a inclusão

---

<sup>19</sup> “This study established without question that speakers exploit linguistic variability in a systematic way to add a layer of social meaning to the denotational meaning that is the primary focus of most linguists” (Eckert, 2012, p. 88).

de um trabalho empírico, com a incorporação geográfica dos falantes pertencentes a uma comunidade de fala. Além da tendência à classificação socioeconômica (que contribui para a noção de pertencimento a uma hierarquia social), ao estilo e, por conseguinte, à noção de estigma ou preconceito linguístico (Eckert, 2012).

Na própria descrição de Eckert (2012, p. 90, tradução desta autora), tem-se o seguinte:

Como resultado, os estudos da primeira onda interpretaram a significado social da variação com base de uma compreensão geral das categorias que serviu para selecionar e classificar falantes em vez do conhecimento direto dos próprios falantes e suas comunidades<sup>20</sup>.

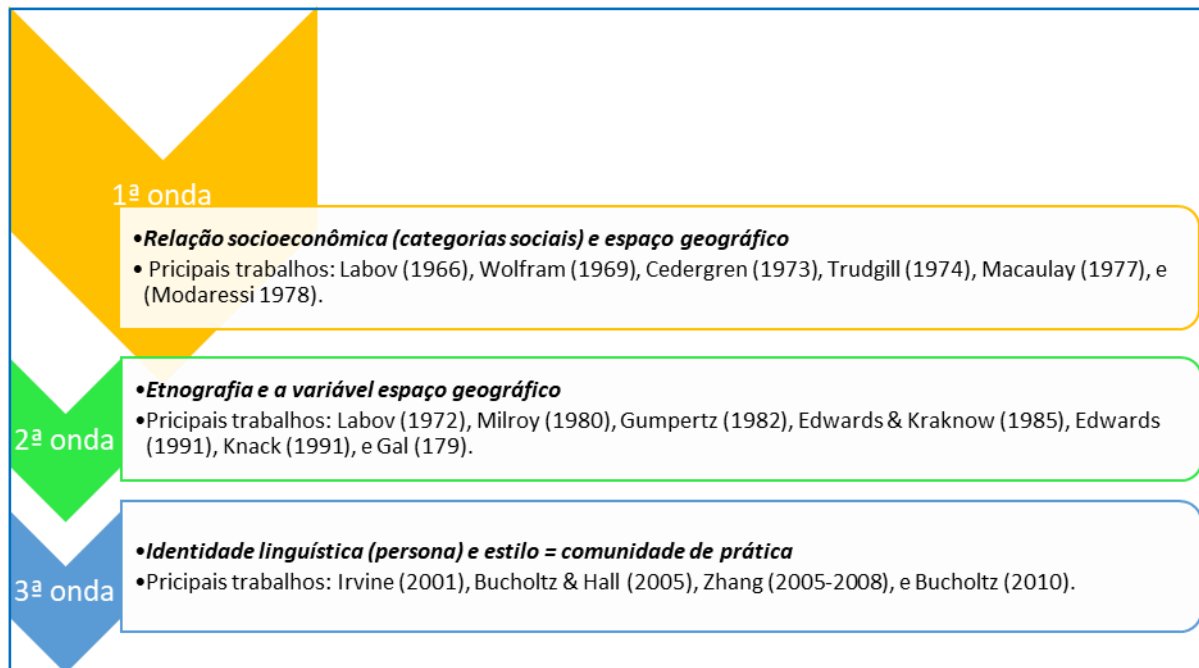
Para síntese referente às tendências da Sociolinguística, tanto o estudo de primeira quanto de segunda onda assumem-se com uma proposta de trabalho a partir da seleção de categorias mais estáticas; diferentemente da terceira proposta metodológica a qual focaliza as personas (identidades) assumidas pelo falante conforme sua realização linguística em sua comunidade de prática (Eckert, 2012).

Como esta tese focaliza a sociolinguística tradicional, registra-se a proposta de interpretação da terminologia (ondas/tendências), incorporada por Eckert (2012), como apresentado na Figura 1, a seguir:

---

<sup>20</sup> “As a result, studies in the first wave interpreted the social significance of variation on the basis of a general understanding of the categories that served to select and classify speakers rather than through direct knowledge of the speakers themselves and their communities. The second wave of variation studies turned to ethnographic methods to get closer to the local dynamics of variation” (Eckert, 2012, p. 90).

**Figura 1 – Sequencialidade das tendências da Sociolinguística**



**Fonte:** Elaborado a partir do texto de Eckert (2012).

Conforme a Figura 1, ressalta-se que esta tese segue a primeira onda, que demonstra não limitar a análise e interpretação dos dados, uma vez que, a partir da correlação com o conceito de ‘*matrix*’ – propostas pelos estudos de psicologia comportamental (Polk; Schoendorff; Wilson, 2014) –, mostra-se possível usar, com cautela, a interdisciplinaridade para atestar como ou por qual eixo (direção/sentido) interpretar os dados para o fenômeno rótico. Logo, analisa-se a relação geográfica e socioeconômica (profissão dos informantes) tendo por base outras informações sociais do sujeito, fornecidas na ficha de cada um dos informantes entrevistados pelos membros do Comitê ALiB.

### 2.3 ALGUMAS CONSIDERAÇÕES FINAIS SOBRE OS FUNDAMENTOS DA GEOLINGUÍSTICA: O FRUIR DA SEÇÃO

Referente às considerações teóricas desta seção, discorreu-se a respeito da Geolinguística, assim como da Geossociolinguística que alicerçou inúmeras pesquisas, após largos passos de forma teórica e metodológica na construção do Projeto Atlas Linguístico do Brasil (ALiB). Notou-se que a definição de Geografia Linguística mostra-se como um dos principais legados da Dialetoлогия às demais áreas do conhecimento, que se debruçam em torno dos aspectos da linguagem nos

cinco níveis gramaticais e dos dialetos existentes no Brasil e no mundo.

Revisitou-se o modelo teórico da Sociolinguística Variacionista, de William Labov, descrito consoante aos critérios dessa concepção metodológica e teórica que trouxe a relação entre sociedade (extralinguístico) e contextos linguísticos (língua) para o bojo da discussão sobre variação. Explanou-se os principais trabalhos do pesquisador, os quais corroboram sobremaneira para a investigação do /R/ em ataque, haja vista que explanar a respeito do paradoxo do observador, critérios de estratificação, interpretação e amostragem dos dados tipifica a natureza de entendimento teórico da tese.

Em cada trabalho na abordagem sociolinguística, constatou-se o papel do pesquisador quanto a um atento olhar ao falar vernacular do sujeito inserido em uma comunidade de fala. Esse percurso possibilitou não somente explanar a respeito da primeira tendência dos estudos sociolinguísticos, como ainda propor uma nova terminologia, que une, ainda mais, as três frentes de trabalho (Geolinguística, Sociolinguística e Fonética), resultando em investigação rótica *Geossociofonética*.

Em continuação a seção, apresentam-se as descrições articulatórias referentes aos pontos e modos de produção das variantes róticas em posição de ataque silábico simples, em que ocorrem as apresentações das noções conceituais aplicadas à Fonética Articulatória.

#### 2.4 PRINCÍPIOS DA TEORIA FONÉTICO-FONOLÓGICA COMO PARÂMETRO À VARIAÇÃO E AO ARQUIFONEMA /R/

Por mais que as amostras utilizadas nos primeiros estudos analíticos na área da linguística tenham sido alicerçadas em dados da escrita, com o passar da descoberta do Sânscrito até as investigações mais sistemáticas – ao considerar as correspondências sonoras das palavras, como foi o caso da *lei de Grimm* ao investigar as línguas indo-europeias (Gótico, Latim, Grego, Sânscrito) –, havia nessa prática de análise linguística o interesse pelo estudo dos sons das palavras (Lyons, 1979).

Conforme notas de Lyons (1979, p. 27-28), na evolução dos estudos fonéticos, a chamada *Lei de Grimm* deteve-se nos estudos dos seguintes fonemas: /p/, /f/, /t/, /s/, /th/, /dh/, /ph/, /bh/, /h/, /k/, /kh/, /c/, /b/, /d/, /g/, e /θ/, para postular alterações fonéticas do período pré-histórico até o germânico. A partir dessa

pesquisa, os fonemas foram distinguidos entre sons sonoros/surdos, além da classificação entre aspiradas e posteriores.

De acordo com o mesmo teórico (Lyons, 1979, p. 28), a chamada *lei de Grimm* passou a ser conhecida devido aos fundamentos das “leis fonéticas”, nesse sentido, as correspondências focalizavam apenas o que era ‘regular’ do ponto de vista fonético, por exemplo, como a lexia /father/ (pai em inglês), referente à pronúncia do /th/. À vista disso, cabe ressaltar que os sons róticos, ainda nesse período (1822), não foram estudados do ponto de vista ‘acústico’ se comparados aos demais fonemas citados.

Lyons (1979, p. 29) descreve que a lei de Karl Verner, a partir de um artigo publicado no ano de 1875, confirmou que a consoante oclusiva alveolar vozeada [d] do Gótico era correspondente à oclusiva alveolar [t] do Latim. Essa ‘lei’ seria aplicada quando as aspiradas fossem surdas (sem vozeamento das pregas vocálicas) em sílabas precedentes fossem acentuadas (“*fadar*”).

As leis descritas em momento anterior complementam o cenário denominado período pré-linguístico, nessa corrente, existe o movimento *Junggrammatiker* (*Jovens Gramáticos*), sendo o primeiro nome sugerido ao grupo de estudo da Universidade Leipzig (Alemanha), que depois se tornaria Os *Neogramáticos* (Lyons, 1979).

Referente a essa apresentação do grupo e já fazendo um adendo cronológico sobre Câmara Júnior (1972, p. 93), esse autor complementa que o movimento iniciou a partir de uma briga pessoal entre os corredores de uma revista de filosofia, mais precisamente entre os representantes Georg Curtius e Karl Brugmann, cujos alunos eram “hostis” aos ensinamentos de G. Curtius. Após a ‘intencionalidade’ de K. Brugmann não ser compreendida, o termo ‘novo’ passou a designar um movimento reformador da linguística conhecida até então (Câmara, Júnior, 1972).

Conforme Câmara Júnior (1972), o termo /jovem/ foi traduzido por Graziadio Ascoli para a língua italiana como /novo/ e uma ‘nova’ forma de olhar as regras para as ‘leis fonéticas’ passou a ser cunhada fora da Alemanha. A nova forma de reflexão em torno da gramática mostrou-se passível de sentido, uma vez que até mesmo a forma “lobo” não poderia ter passado de imediato para da forma latina /lupum/ na Península Ibérica (Câmara Júnior, 1972, p. 36).

Retomando com as conceituações quanto aos *Neogramáticos* descritas por

Lyons (1979), as leis do referido movimento não admitiam exceções, sendo estas explicadas por meio dos empréstimos de uma língua, e, cujo objetivo centrava-se em compreender a natureza da mudança linguística; isto é, as leis fonéticas de Karl Verner conceituadas pela lógica do acento, portanto, a analogia – interpretada como desvio a uma ‘regra’ – auxiliaram a investigação em torno da regularidade ‘sonora’ da mudança (Lyons, 1979).

Nos escritos de Lyons (1979, p. 32, grifos desta autora),

Podemos perceber agora que a distinção que eles faziam entre “leis fonéticas”, “empréstimos” e “analogia” foi traçada com precisão excessiva, certas transformações fonéticas podem originar-se de uma só palavra ou de um pequeno grupo de palavras “tomadas” de um dialeto de palavras. Terminado o processo, então é possível descrever a transformação – de modo macroscópico, por assim dizer – por meio de uma “lei geral”.

As formas para traçar uma ‘regra’ para explicar/compreender a língua desde a comparação até a convenção de leis possibilitaram uma nova forma de compreender a ‘estrutura’ da língua. A respeito de um maior detalhamento quanto às ‘leis fonéticas’ ligadas ao movimento neogramático, esse poderá fazer-se através das obras de Câmara Júnior (1976a, 1976b, 2011), Faraco (2005), Ilari (2006 [1999]), Mattos e Silva (2008), entre outros, pois, focaliza o início da linguística e a ideia de ‘som’/fonema – interesse desta tese para tratar do arquifonema /R/.

No CLG (*Curso de Linguística Geral*, 1974), as dicotomias apresentadas por Ferdinand de Saussure ajudaram a configurar a compreensão do objeto de estudo da linguística, o signo linguístico, que, no presente capítulo, cabe a reflexão teórica *sine qua non* por ancorar a teoria *Phonétique*. Nesse sentido, para Saussure (1974, p. 80), a imagem acústica que compõe um signo linguístico apresenta-se como significante, representando uma impressão acústica não material, em outros dizeres o testemunho acústico formado pela referida impressão psíquica sem a parte material.

Segundo o mesmo teórico, os movimentos fonatórios por si só não constituem a língua, nem mesmo a explicação de todos os movimentos do trato vocal implicariam em desvendar o ‘problema da língua’, no entanto, a reflexão quanto ao jogo dessas oposições auxilia no entendimento das unidades fônicas (Saussure, 1974, p. 43).

Ainda, em se tratando dos fonemas, mais precisamente na seção dedicada à fonologia, parece, à primeira vista, parece que o mestre genebrino (1974, p. 42)

desconsidera a análise apenas por meio do recurso dos sons da língua ao dizer que “[...] separados de seus signos gráficos, eles [os sons da língua] apresentam apenas noções vagas, e prefere-se então o apoio, ainda que enganoso, da escrita [...]”. Contudo, essa afirmação apenas enfatiza a necessidade de compreensão metodológica do objeto de estudo da linguística – o signo linguístico – que estabelece uma relação de arbitrariedade por admitir uma impressão acústica (significante) e um conceito (significado).

Portanto, para Saussure (1974, p. 51) o fonema é

[...] a soma das impressões acústicas e dos movimentos articulatórios da unidade ouvida e da unidade falada, das quais uma condiciona a outra; portanto, trata-se já de uma unidade complexa, que tem um pé em cada cadeia.

O conceito de fonema, contemplado no manuscrito *Phonétique* (Saussure, 1995), é um fenômeno fonético relativo, ou ainda, oposto ao silêncio e à audição, que possibilita a existência referente à identidade de significação do valor frente à sua correlação, por exemplo, como na construção sintagmática e paradigmática em: /faka/, /taka/ /maka/ e /kaka/.

Na citação, as notas incluídas nos *Escritos de Linguística Geral* (Saussure, 2004, p. 27, grifos e caixas altas no original) conceituam as noções de impressão acústica conforme a definição de fonema

*A presença de um som, numa língua, é o que se pode imaginar de mais irreduzível como elemento de sua estrutura. É fácil mostrar que a presença desse som determinado só tem valor por oposição com outros sons presentes; e é essa primeira aplicação rudimentar, mas já incontestável do princípio das OPOSIÇÕES, ou dos VALORES RECÍPROCOS, ou das QUANTIDADES NEGATIVAS e RELATIVAS que criam um estado de língua.*

A citação confirma um fato já indicado por Saussure em seu primeiro curso de Linguística Geral e reafirmado na obra já comentada de 1974 (Saussure, 1974, p. 139), isto é, o fato de que existem diferenças na língua e que estas criam um estado de língua. À vista disso, há, aqui, mais uma razão para o interesse em se investigar o arquifonema, doravante representado por /R/, e suas interfaces, por este motivar desde Saussure até as reflexões teóricas mais atuais a necessidade de se incluir na análise linguística o ‘som’/impressão acústica.

Nos dizeres do mestre genebrino (1974, p. 56), “[...] dentro de cada

articulação, as diversas espécies de fonemas se distinguem pelas concomitâncias [...] cuja ausência será um elemento de diferenciação tanto quanto sua presença”. Logo, essa pista fônica indicada por Saussure relaciona-se às investigações fonéticas que agem como pistas e demarcam um legado aos estudos linguísticos<sup>21</sup>.

Trubetzkoy (1981 [1933]) apontava a diferença existente entre a fonética e a fonologia, destacando que a fonética volta-se para a materialidade dos sons produzidos por meio da fala humana, enquanto a fonologia detém-se nos elementos do significante linguístico, isto é, nos fonemas, tratados pelo autor como elementos imateriais. Em outras palavras, a fonética estuda e/ou investiga os fatores materiais do som a partir do sistema físico que compõe o ser humano, neste caso, o movimento dos órgãos, os quais alteram a vibração do ar e resultam em uma frequência sonora.

De acordo com Cagliari (2006), nem sempre os aspectos da linguagem oral foram destaques nas investigações da área de fonética, logo, a fonética sempre esteve relacionada com outras vertentes, como a engenharia da comunicação, a fonoaudiologia que se detém nas patologias da fala, além da neurolinguística atrelada à percepção sonora. Ainda para o autor, os estudos do som da fala agem como elementos importantes devido à interface estabelecida entre a fonética e outras áreas; nesse sentido, a partir de uma “re-interpretação fonológica”, a fonética é contemplada nos estudos linguísticos, também, por estar ligada aos fatores extralinguísticos (Cagliari, 2006, p. 6).

Cagliari (2006) cita estudos classificados em fatores fechados, em dados estatísticos, estritamente detidos na física do som, os quais deixam de lado o valor linguístico das pesquisas, incorrendo na necessidade de o linguista saber fazer uso de parâmetros teóricos com foco no valor do fenômeno em estudo. O trabalho de descrição linguística, por meio da apropriação feita pelo próprio falante à língua em uso, é um dado relevante aos estudos linguísticos, em soma aos preceitos técnicos estruturais que as teorias possibilitam.

Cagliari (2006) revela, mais uma vez, a necessidade de incluir-se nas investigações do /R/ em ataque a abordagem tanto da Fonética Articulatória quanto da Acústica, por isso começa-se pelo conjunto fonatório e articulatório para, no próximo momento, direcionar-se às investigações quantitativas.

---

<sup>21</sup> Sobre isso, a autora Marchese (2012) afirma que os estudos de Ferdinand de Saussure (relação entre o indo-europeu com a língua lituana) foram atravessadores pelos aspectos da sonoridade.

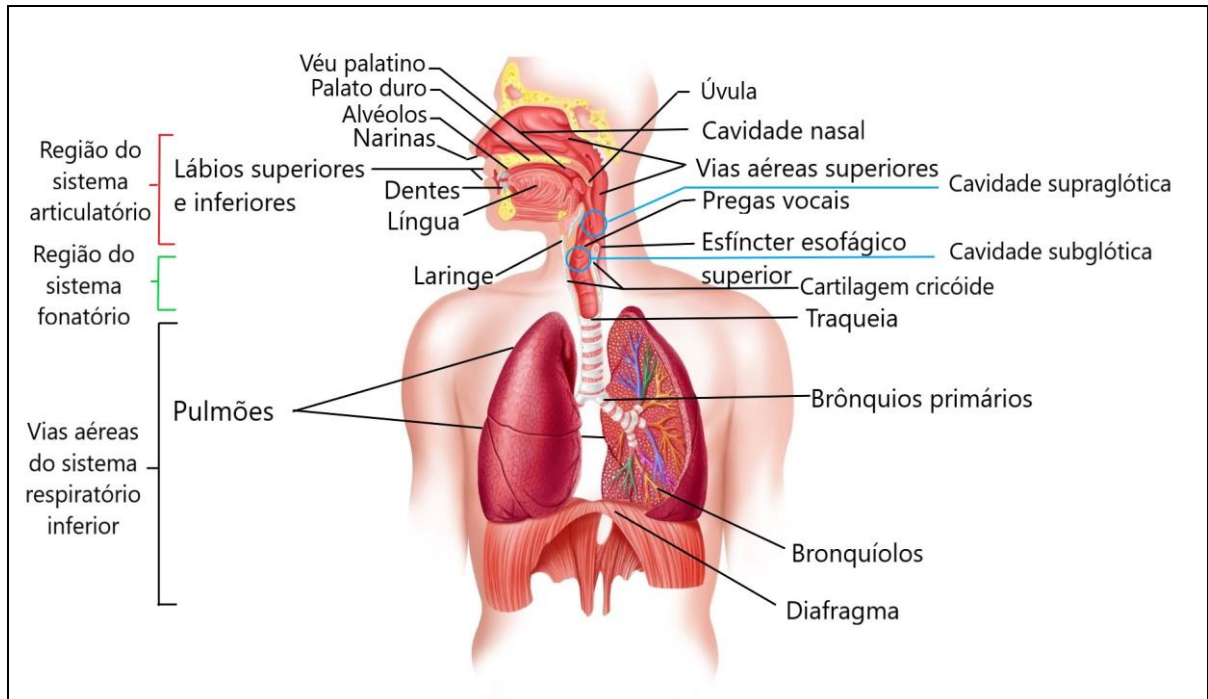
Segundo Valente (2014), a produção da frequência sonora de uma consoante ou de uma vogal depende do conjunto de articulação que compõe o sistema interno, neste caso, não se trata apenas da articulação presente na cavidade bucal, mas daquela que ocorre de acordo com o agrupamento no processo de inspiração e egressão do ar na cavidade torácica.

De acordo com Valente (2014, p. 68), os órgãos envolvidos na execução da respiração compreendem o sistema sublaríngeo, composto pelas seguintes estruturas: diafragma, pulmões, brônquios, traqueia, laringe, cavidade nasal (“veias respiratórias superiores”) e pelo sistema muscular que reveste os demais órgãos. A estrutura muscular, a partir de atividades no sistema nervoso motor – ativadas através das sinapses no córtex motor, que ocorre na região encefálica – auxilia na produção das frequências sonoras, que, mais adiante, são produzidas e formam até mesmo realizações distintivas.

Segundo a autora, os atos articulatórios compõem fases para a realização dos movimentos dos órgãos durante o processo de articulação no trato vocal (2014, p. 102), apresentando a classificação desses movimentos em: “*intensão, tensão e distensão*” (2014, p. 102, grifo no original), que consistem no movimento inicial, isto é, quando os órgãos envolvidos do processo de respiração e produção de frequências sonoras saem do estado de repouso; na sequência, permanecem ativos na manutenção do movimento; e, por último, retiram-se desse estágio de tensão, ao mudarem para sua condição inicial, compreendida na presente tese como  $(k_0)$  por ser uma representação física para intensidade  $(k)$  próximo de zero.

A Figura 2 ilustra os pontos comentados em momento anterior e outros de extrema relevância que serão mencionados nos próximos tópicos, auxiliando a análise minuciosa das regiões articulatórias utilizadas na produção de uma ou outra variante rótica:

**Figura 2 – Representação dos sistemas da produção da fala**



**Fonte:** Adaptado de Silva *et al.* (2019) e Canva Pro (2021)<sup>22</sup>.

Com base na Figura 2 e no *International Phonetic Alphabet* (2018), daqui em diante IPA<sup>23</sup>, nota-se a importância da criação de um modelo de tabela para se pensar nos pontos de articulação no agrupamento e representar as possíveis realizações sonoras nas diversas línguas do mundo. O IPA apresenta em seu quadro diferentes símbolos e diacríticos, segmentados em: sons consonantais, vocálicos, consonantais referentes ao ar não pulmonar, suprasegmentos, níveis, contornos e os diacríticos.

Silva *et al.* (2019) assegura que o quadro IPA foi aprovado pela *International Phonetic Association*, logo, podendo fazer parte do trabalho de descrição e transcrição de distintas línguas ao redor do mundo, semelhante ao caso das investigações que envolvem o português falado no Brasil.

A pesquisadora exhibe os símbolos, o modo e o ponto de articulação, além do vozeamento para as consoantes contempladas no registro gráfico e sonoro do IPA; para a distinção da ausência ou vibração das ‘cordas’ vocais, isto é, o estado das pregas vocais durante a passagem egressiva de ar, é utilizado por Silva *et al.* (2019)

<sup>22</sup> Disponível em: <<https://www.canva.com/>>. Acesso em: 2 mar. 2021.

<sup>23</sup> "IPA Chart, <http://www.internationalphoneticassociation.org/content/ipa-chart>, disponível sob uma licença Creative Commons Attribution-Sharealike 3.0 Unported. Copyright © 2018 International Phonetic Association".

a nomenclatura “não vozeada” em substituição ao termo desvozeado, uma vez que a autora compreende o desvozeamento como situações nas quais o som vozeado acaba por perder apenas parte da sua propriedade de vozeamento, portanto, assumindo o atributo de som desvozeado, enquanto a classificação para não vozeado permite compreender a produção do som com ausência da particularidade da frequência sonora vozeada. Na presente tese, segue-se o critério metodológico adotado por Silva *et al.* (2019), como forma de padronizar a classificação entre as variantes róticas, fator que será necessário para os tópicos seguintes.

O Quadro fonético 1, apresentado na sequência, foi adaptado por nós a partir da fonte *IPA Doulos* (2015) e Ruter (2005), que exibe, em destaque verde, as consoantes que podem ser realizadas no PB, sendo /b/, /d/, /g/, /m/, /n/, /v/, /z/, /ɲ/, /ʒ/ e /ʎ/ fonemas vozeados, já os que seguem: /p/, /t/, /k/, /f/, /s/, /ʃ/ são representados como não vozeados. Além desses fonemas mencionados, destacam-se as variantes róticas em tom amarelo para melhorar a visualização do fonema que é o nosso objeto de análise, conforme demonstrado:

**Quadro 1 – Modelo fonético do Português Brasileiro**

	Bilabial	Labiodental	Dental	Alveolar	Postalveolar	Retroflex	Palatal	Velar	Uvular	Pharyngeal	Glottal
Plosive	p b			t d		ʈ ɖ	c ɟ	k g	q ɢ		ʔ
Nasal	m	ɱ		n		ɳ	ɲ	ŋ	ɴ		
Trill	ʙ			ɾ					ʀ		
Tap or Flap		ⱱ		ɾ		ɽ					
Fricative	ɸ β	f v	θ ð	s z	ʃ ʒ	ʂ ʐ	ç ʝ	x ɣ	χ ʁ	ħ ʕ	h ɦ
Lateral fricative				ɬ ɮ							
Approximant		ʋ		ɹ		ɻ	j	ɰ			
Lateral approximant				l		ɭ	ʎ	ʟ			

**Fonte:** Adaptado de IPA (2018) e Ruter (2005).

Com base na primeira coluna do Quadro 1, a Associação de Fonética, responsável pela elaboração do quadro IPA (2018), registrou o modo de articulação com a seguinte nomenclatura: oclusiva, nasal, vibrante, tepe, fricativa, fricativa lateral, aproximante e aproximante lateral. Ainda conforme o quadro, na parte superior, os pontos de articulação são contemplados como: bilabial, labiodental, dental, alveolar, pós-alveolar, retroflexo, palatal, velar, uvular, faringal e glotal.

O símbolo /R/, na presente tese, é um arquifonema no intuito de representar a neutralização para as variantes róticas em ataque silábico tanto para os ruídos róticos vozeados quanto não vozeados, haja vista que uma análise acústica com distinção de traço de vozeamento para uma ou outra variante ficará para trabalho futuro em razão do recorte inicial da pesquisa, não se fazendo especificadas nas próximas seções a vibração da variante de mesmo grupo articulatorio, embora seja passível de observação no Praat.

Além do símbolo descrito, adota-se o /ev/ para a vibrante espirantizada (realização que obedece à articulação anteriorizada do rótico com alguma liberação da passagem do ar). Nesta tese, sugere-se o símbolo [ʂ] como representação deste fonema, que, até o presente momento, não foi incorporado ao Alfabeto Fonético, pois a padronização tanto na nomenclatura quanto na representação gráfica corrobora com os estudos e maior diálogo entre as pesquisas.

Para Ladefoged e Maddieson (1996), a evidência de que os róticos pertencem à mesma classe está no fato de que, acusticamente, estes alternam-se entre si na fala a depender do ponto de articulação, e em sentido principal pela realização das diferentes frequências (ondas sonoras) ao ocuparem a posição de uma representação abstrata (arquifonema /R/) na lexia. Em outras palavras, o termo /RatO/ pode incluir distintos sons para o “erre”, por exemplo, velarizado, glotalizado, vibrantizado, entre outros, nesse caso, com a preservação da posição do fonema ‘r’. Logo:

“[...] mais importante como evidência de que pertencem a uma mesma classe, pelo menos do ponto de vista fonológico, é o fato de que os róticos de um tipo frequentemente alternam com outros róticos [...]” (Ladefoged; Maddieson, 1996, p. 216, tradução desta autora)<sup>24</sup>.

Os pesquisadores salientam que, do ponto de vista fonético, a classe de róticos formam o que pode ser chamado de “grupo heterogêneo”, por apresentar variantes realizadas de formas distintas e em diferentes pontos articulatorios (Ladefoged; Maddieson, 1996, p. 217). Consoante aos autores, foram identificados por eles variantes róticas fricativas, vibrantes, tepes, aproximantes e, o que os teóricos chamam de vogais “coloridas” por /r/, em línguas germânicas, como o

---

<sup>24</sup> “[...] most important as evidence that they belong in a single class, at least from a phonological point of view, is the fact that rhotics of one type often alternate with other rhotics” (Ladefoged; Maddieson, 1996, p. 216).

dinamarquês e a língua sueca (Ladefoged; Maddieson, 1996, p. 217).

De acordo com Ladefoged e Maddieson (1996), os róticos podem combinar características de acordo com a classificação articulatória registrada até o momento, por exemplo, como as aproximantes, porém, sendo a região dental-alveolar, no contexto investigado pelos autores, as articulações mais comuns. Os pesquisadores mencionam, ainda, outras realizações possíveis para o som do “erre”, como expresso na afirmação:

[...] encontramos róticos que são fricativas, vibrantes, tepes, aproximantes e até vogais "r-coloridas", bem como articulações que combinam características de várias dessas categorias. Os locais de articulação mais comuns são na área dentário-alveolar, embora os / r / 's pós-alveolares (retroflexos) não sejam incomuns e, em algumas línguas, os / r / 's têm uma articulação uvular (Ladefoged; Maddieson, 1996, p. 217, tradução desta autora)<sup>25</sup>.

Lindau (1980) discorre sobre a classe dos róticos a partir de línguas da República Federal da Nigéria, por exemplo, a falada pela tribo Kalabari na região oriental do país, expondo algumas características das variantes róticas. Referente à constrição das róticas, a autora descreve o terceiro formante com uma característica mais baixa, isto é, mais próximo do segundo, indicando, nesse caso, um ponto de constrição pós-alveolar com elevado nível de retroflexão.

Ainda de acordo com Lindau (1980), a constrição que avança na boca pode ser identificada pela configuração do terceiro formante, no qual apareceria mais próximo do quarto formante, logo, indicando variantes róticas realizadas no ponto anterior da boca. Lindau (1980, p. 107, tradução desta autora) discorre o seguinte:

De acordo com a teoria acústica, um terceiro formante abaixado, perto do segundo formante, indica uma constrição bastante antiga na região pós-alveolar do palato medial com forte retroflexão. Isto acontece em Izon. À medida que a constrição avança na boca, há o aumento do terceiro formante. Um terceiro formante relativamente alto, perto do quarto formante, indica um ponto dental, como acontece no exemplo de Kalabari [...]<sup>26</sup>.

Hoyos-Andrade (2002), ao analisar as variantes róticas – conceituadas por

<sup>25</sup> “[...] We find rhotics that are fricatives, trills, taps, approximants, and even ‘r-colored’ vowels, as well as articulations that combine features of several of these categories. The most common places of articulations are in the dental-alveolar area, although post-alveolar (retroflex) /r/’s are not unusual, and in some languages /r/’s have a uvular articulation” (Ladefoged; Maddieson, 1996, p. 217).

<sup>26</sup> “According to acoustic theory, a lowered third formant, close do the second formant, indicates a constriction fairly far back in the postalveolar-midpalatal region with strong retroflexion. This happens in Izon. As the constriction moves forward in the mouth the third formant increases. A relatively high third formant, close to the fourth formant indicates a dental place, as happens in the Kalabari example [...]” (Lindau, 1980, p.107).

ele como ‘vibrantes’ – no interior de São Paulo, indica que o /r/ apicoalveolar se realiza como uma vibrante simples. Para essa e demais configurações róticas, o pesquisador descreve o seguinte:

*/r/ é realizado como uma vibrante apicoalveolar simples e sonoro. A designação de vibrante é inadequada, pois, de fato, esse fonema manifesta-se como um único toque rápido da ponta da língua contra o alvéolo. A Associação Fonética Internacional chama isso de aba "blow, tap". No que lhe concerne, o fonema /r/ é percebido como um verdadeiro som apicoalveolar vibratório múltiplo, pois a ponta da língua vibra várias vezes. No português brasileiro, as coisas são muito diferentes devido à existência de variedades regionais e sociais, com múltiplas realizações desses dois fonemas ainda designados como vibrantes [...] (Hoyos-Andrade, 2002, p. 51, grifos e tradução desta autora)<sup>27</sup>.*

Raposo-de-Medeiro e Damasi (2006) destacam que tanto a fonética quanto a fonologia notaram a importância dos laboratórios na obtenção dos dados da fala, como forma de desvendar o que seria a produção linguística a partir de descrições confiáveis e com melhor sugestionamento para as hipóteses dos resultados obtidos.

Para os pesquisadores:

*Neste sentido, daqui para frente, não será mais possível prescindir de um laboratório de fonética minimamente equipado, em que o som seja capturado e perscrutado e, no qual os estudiosos possam adquirir e renovar seus conhecimentos através da formação inicial e da pesquisa (Raposo-de-Medeiros; Damasi, 2006, p. 1).*

Para Gregio (2012), os sons para as variantes do arquifonema /R/, encontram-se contemplados na definição de róticos, cujo termo é empregado sem uma definição fonética, sendo os sons pronunciados de distintas formas. Ainda conforme a pesquisadora, o grafema R tornou-se representativo para designar os sons do /R/ no PB.

Leite (2012) menciona que não existe um consenso entre os pesquisadores sobre a quantidade de variantes róticas existentes nessa classe (róticos), ainda carente de investigações sistemáticas. A autora ressalta que os estudos ancorados na área da Sociolinguística apontam à existência do polimorfismo do fonema, isto é,

---

<sup>27</sup> “/r/ se realiza como una vibrante simple, apicoalveolar sonora. La designación de vibrante es inadecuada ya que, de hecho, este fonema se manifiesta como un único y rápido toque de la punta de la lengua contra el alvéolo. La Asociación de Fonética Internacional lo llama flap «golpe, toque». A su vez el fonema /r/ se realiza como una verdadera vibrante múltiple apicoalveolar sonora, pues la punta de la lengua vibra varias veces. En el portugués brasileño las cosas son muy diferentes a causa de la existencia de variedades regionales y sociales, con múltiples realizaciones de esos dos fonemas todavía designados como vibrantes [...] (Hoyos-Andrade, 2002, p. 51)”.

a ocorrência da alta variabilidade quanto à sua realização, tornando a classificação e os respectivos agrupamentos uma tarefa difícil.

De acordo com a mesma autora, as semelhantes características das variantes róticas encontram-se atreladas mais às razões acústicas e de aspectos auditivos do que propriamente às classificações articulatórias, em razão da abrangência quanto às descrições – modo e ponto de articulação – das róticas.

Referente à fricativa, de acordo com Barbosa e Madureira (2015), em diversas línguas, como português, italiano, castelhano, inglês, alemão, francês, a fricativa vozeada parece ter uma duração menor. Ainda segundo os autores, no PB, o /R/ em ataque em contexto inicial /rosa/ e no interior da sílaba, denominado também de intervocálico, por exemplo, /carro/, realiza-se comumente como fricativa posterior.

Para Silva *et al.* (2019), a frequência das variantes róticas posteriores podem ser definidas e identificadas pela baixa quantidade de energia visível nos dois primeiros formantes. No espectrograma, é possível identificar a barra de vozeamento mais destacada durante a vibração das pregas vocais, realização que classifica os róticos em vozeados.

Os ciclos da glote também aparecem no espectrograma de banda larga e, conforme comentado sobre a energia, a realização do ‘erre’ tende a aparecer com a faixa mais clara que confirma a frequência de menor intensidade durante a realização da consoante rótica fricativa (posterior); ressaltando-se que o formante (F2) aponta para alta ou baixa concentração de energia, auxiliando na identificação das róticas (Silva *et al.* 2019).

Apesar da explicação para o rótico em ataque configurar o ataque ramificado, segmento descartado como objeto de investigação nesta tese, é importante o panorama apresentado por Barbosa e Madureira (2015) em relação aos róticos nas línguas indígenas, visto que o Kaingang se faz presente na Região Sul do Brasil. Barbosa e Madureira (2015), ao reconstruir o sistema fonológico consonantal da língua *Kaxarari* (idioma da família Pano falado na Região Oeste brasileiro e Amazônia Ocidental e outros países), apresentou, dentre as possibilidades do alfabeto fonético, a variante tepe alveolar [r]. Além da vibrante branda [r] aparecer nos registros dessa mesma família linguística, o tepe configura ataque na lexia “/ja'ra/” (ia'ra, que significa azul), que, segundo o autor, indica ter sido uma lenição da oclusiva alveolar em “/jata/” para “/jara/” (Barbosa; Madureira,

2015, p. 208).

As possibilidades de realizações róticas em ataque encontradas em outros trabalhos serão retomadas na seção de análise, assim como o cuidado com as pesquisas que optaram por amálgamas das variantes róticas passarão por um contraste cauteloso. Nesta seção, buscou-se explorar algumas noções em torno da Fonética com foco na configuração do ruído rótico, que será mais aprofundado no campo destinado aos pressupostos metodológicos, em razão das descrições considerarem as amostras obtidas junto ao corpus parcial do Projeto ALiB. Na seção seguinte, tem-se as pesquisas com levantamento de dados de semelhante recorte.

### 3 ESTADO DA ARTE: AS PESQUISAS SOBRE A REALIZAÇÃO DOS RÓTICOS EM ATAQUE

Nesta seção, encontram-se os artigos, as dissertações e as teses que se referem à investigação de um ou outro campo do conhecimento, a saber: Geossociolinguística (Razky, 1998, 2003), Sociofonética (Silva, 2002). Os trabalhos incluem-se nos quadros e recebem uma classificação prévia quanto ao contexto de investigação, posição do rótico na palavra e, quando existe, o número de informantes da pesquisa, assim como o respectivo sexo biológicos (homem/mulher) dos participantes.

#### 3.1 A REALIZAÇÃO DO /R/ EM ATAQUE EM TRABALHOS DA ÁREA DE VARIAÇÃO LINGUÍSTICA

Nesta seção, expõe-se o Quadro 2, que apresenta a resolução para os trabalhos em áreas do conhecimento da Geossociolinguística. Realiza-se a descrição das variantes róticas encontradas nos dados investigados pelos pesquisadores, contudo, destaca-se que mesmo com a descrição de outros contextos de análise (CrV ou CVr), o rótico contemplado no quadro refere-se apenas à posição de ataque inicial e medial, conforme segue:

**Quadro 2** – Pesquisas que contemplam as variantes do arquifonema /R/ em ataque silábico em trabalhos de variação linguística

Autor(es)	Área/Metodologia	Variantes róticas registradas	Contexto	Dados da pesquisa - região
Callou e Leite (1995)	Natureza Sociolinguística	[r] vibrante alveolar [r] tepe alveolar	Início de palavra	Rio de Janeiro/NURC
Monaretto (1997)	Natureza Sociolinguística	Posterior Anterior [r] tepe alveolar [ɾ] aproximante	Posição inicial, medial (entre vogais), ataque precedido por vogal e coda.	Curitiba (PR) Florianópolis (SC) Porto Alegre (RS)

		retroflexa [R] vibrante uvular		
Oliveira (2000)	Natureza Sociolinguística	[r] tepe alveolar ∅ apagamento [h] fricativa glotal	Posição inicial e intervocálico	Pankararu
Rossi (2000)	Natureza Sociolinguística	[r] tepe alveolar	/R/ em ataque	VAR SUL Localidades do Rio Grande do Sul Flores da Cunha Chapecó
Monaretto (2001)	Natureza Sociolinguística	[r] vibrante alveolar	Posição inicial e coda	VAR SUL Localidades do Rio Grande do Sul Flores da Cunha Panambi
Rigatti (2003)	Natureza Sociolinguística	[r] vibrante alveolar [r] tepe alveolar	/R/ em ataque	VAR SUL Panambi (RS)
Spessatto (2003)	Natureza Sociolinguística	[r] vibrante alveolar	/R/ em ataque	VAR SUL Chapecó (RS)
Margotti (2004)	Natureza Geolinguística	Róticas do contato com dialeto italiano [r] vibrante alveolar [x] fricativa velar [r] tepe alveolar [ɹ] aproximante retroflexa	Posição inicial e medial	Orleans (SC) Rodeio (SC) Caxias do Sul (RS) Sananduva (RS)
Fraga (2006)	Natureza Sociolinguística	[h] fricativa glotal	Posição inicial e medial	Joinville (SC)

		[x] fricativa velar		
Vegini (2007)	Natureza Sociolinguística	[x] fricativa velar [x] fricativa glotal	Posição inicial e medial	Joinville (SC)
Brescancini e Monaretto (2008)	Natureza Sociolinguística	[x] fricativa velar [r] vibrante alveolar [r] tepe alveolar	Posição inicial e medial	VAR SUL (Generalização) Curitiba (PR) Londrina (PR) Pato Branco (PR) Blumenau (SC) Florianópolis (SC) Lages (SC) Flores da Cunha (RS) Chapecó (RS) Panambi (RS)
Monaretto (2009)	Natureza Sociolinguística	[x] fricativa velar – PoA [r] vibrante múltipla alveolar – Lag, Blu e PBr [r] vibrante múltipla alveolar e [r] tepe - Cur [r] tepe alveolar – FC, Cha e Pan [ɹ] aproximante retroflexa e [x] velar - Lon		VAR SUL (Generalização) Curitiba (PR) Londrina (PR) Pato Branco (PR) Blumenau (SC) Florianópolis (SC) Lages (SC) Flores da Cunha (RS) Chapecó (RS) Panambi (RS)
Busse (2010)	Natureza Geossociolinguística	[x] fricativa velar [r] vibrante alveolar [r] tepe alveolar	Posição inicial e medial	Localidades do Paraná: Assis Chateaubriand Cascavel Capitão Leônidas

				Guaira Guaraniaçu Marechal Cândido Rondon Medianeira Santa Helena Santa Terezinha de Itaipu
Azeredo (2012)	Natureza Sociolinguística	Troca do tepe alveolar [r] pela vibrante múltipla alveolar [r]	Posição inicial e medial	VAR SUL BDSer Flores da Cunha (RS)
Campos, Brod e Seara (2013)	Natureza Sociolinguística	[x] fricativa velar	Posição inicial e medial	Maringá PR Florianópolis (SC)
Lima (2013)	Natureza Sociolinguística	[x] fricativa velar	Posição inicial e medial	Uberlândia (MG) Goiânia (GO) Goiatuba (GO)
Scherer (2013)	Natureza Sociolinguística	[x] fricativa velar  [r] vibrante alveolar  [r] vibrante alveolar com fricção  [r] tepe alveolar	Posição inicial e medial	Luzerna (SC) Panambi (RS)
Aguilera e Biolada (2015)	Natureza Geossociolinguística	[h] fricativa glotal  [x] fricativa velar	Posição inicial e medial	São Paulo (SP) Rio de Janeiro (RJ) Espírito Santo (ES) Minas Gerais (MG)
Carlos (2015)	Natureza Geolinguística	[x] fricativa velar  [r] vibrante alveolar  [r] tepe alveolar	Posição inicial e medial	Localidades do Paraná:  Missal Terra Roxa
Costa e Cotovicz	Natureza Sociolinguística	[r] vibrante alveolar	Posição inicial, medial e	Rebouças (PR)

(2015)		[f] fricativa velar	intervocálica	
Carreão (2018)	Natureza Sociolinguística	[x]/[h] fricativa velar/glotal [r] vibrante múltipla alveolar [r] tepe alveolar	Posição de ataque inicial e coda silábica	Museu digital da Câmara de Louveira (SP) 25 Entrevistas Sociolinguísticas
Justina (2018)	Sociolinguística	[x] fricativa velar [r] vibrante alveolar [r] tepe alveolar	Posição inicial e medial	DIVALIMAT Informantes descendentes de etnias europeias.
Barreto (2019)	História da Língua e Fonética-Fonológica	[r] tepe alveolar [r] vibrante múltipla alveolar	Posição inicial	Cantigas Medievais
Comiotto e Margotti (2019)	Natureza Geossociolinguística	[x] fricativa velar [r] vibrante alveolar [r] tepe alveolar	Posição inicial e medial	Dados do ALiB Localidade do Paraná (PR) e Santa Catarina (SC)
Corrêa (2020)	Natureza Sociolinguística	Mudança/efeito social de [r] vibrante alveolar Para: [x] fricativa velar [h] fricativa glotal	Posição inicial e medial	LínguaPOA (2016-2019) VARSUL (1990) Localidade do Rio Grande do Sul: Porto Alegre
Kailer e Scabori (2020)	Natureza Geossociofonética	[h] fricativa glotal [x] fricativa velar [r] vibrante	Posição inicial e medial	Dados do ALiB 12 Homens 12 Mulheres Curitiba/PR

		alveolar [r] tepe alveolar  /ev/ vibrantes espirantizadas  [R] Vibrante uvular		Florianópolis/SC Porto Alegre/RS
Scabori (2020)	Natureza Geossociofonética	[x] fricativa velar  [h] fricativa glotal  [r] vibrante alveolar  [r] tepe alveolar  [R] Vibrante uvular	Posição inicial e medial	Dados do ALiB  18 Homens 18 Mulheres  Localidades do Paraná: Londrina Umuarama Tomazina Morretes Toledo Guarapuava Piraí do Sul Lapa Barracão

Fonte: Adaptado de Leal (2016) e Scabori (2020).

Com base no Quadro 2<sup>28</sup>, identifica-se que algumas pesquisas não foram descritas nesta seção (pesquisas na área da variação linguística) por se fazerem mais necessárias ao complemento de outra informação no tópico sobre trabalhos da área de Sociofonética, por isso elas serão retomadas adiante.

Monaretto (1997) revela dados sobre três posições para os róticos (vibrante) em ataque, para identificar que o tepe alveolar e a variante retroflexa não aparecem em ataque precedido por consoante, como na lexia 'honra'. A vibrante alveolar aparece de forma escassa, conforme citação da autora, que contempla o peso das amostras:

Os dados mostram predomínio do tepe na posição interna da palavra (.59) e

<sup>28</sup> Apesar de se considerar a relevância do trabalho de Morgan (2016) sobre o /R/ em *onset* no falar de aprendizes de inglês, salienta-se que o trabalho não foi incluído no quadro por ser considerado, para esta tese, um processo de ensino, aquisição e análise em uma situação controlada relacionada à língua inglesa. De forma igual, a pesquisa de Deus (2009) e o trabalho de Carvalho (2006) foram retirados, visto que o primeiro trabalha com o inglês e o último com o rótico em ataque no PB e no espanhol.

na final (.66). Também se faz notar, embora com menos ocorrências, a presença da retroflexa para as duas posições mencionadas (.34) e (.28). Essa tabela indica que o ataque privilegia a consoante posterior (.84) no interior da palavra e (.85) em início de palavra e que a vibrante anterior tem escassa expressividade, atingindo o máximo de peso relativo no ataque (.14) (Monaretto, 1997, p. 82).

A posição na sílaba é destacada como a variável que mais apresentou diferenças nos resultados numéricos, demonstrando que a posição ocupada pelas variantes róticas na sílaba indicam papel necessário do ponto de vista da realização fonética (Monaretto, 1997).

Ainda na pesquisa da mesma autora, a vibrante uvular [R] foi registrada no ALERS, em Santa Catarina, com 8%, contra 9% para a fricativa velar, 38% vibrante alveolar e 45% para o tepe alveolar em posição de ataque. Já no Rio Grande do Sul, os resultados foram: 61% vibrante alveolar, 24% tepe alveolar, 8% fricativa velar, 6% vibrante uvular e 1% de retroflexa, sendo que o nível de escolarização primário favoreceu a realização da vibrante anterior (Monaretto, 1997).

Para a autora, o elevado número de variantes existentes no ataque indica a posição pré-vocálica como uma característica da Sociolinguística. Ademais, referente à produtividade do tepe, a pesquisadora destaca:

Interpretamos na estrutura subjacente apenas um tepe, ou vibrante simples, que, no processo de silabação, seguindo a proposta de Bonet e Mascaró (1996) é fixado como forte na posição de ataque e como r-fraco na posição de coda. Entre vogais, o r com duas posições na linha temporal (carro) é interpretado, em nível de superfície, como r-forte, formando a estrutura de uma vibrante geminada com ligação dupla por OCP. No interior da palavra, o r, precedido por consoante, também forma uma ligação dupla. O grupo rr deve ser heterossilábico para satisfazer o padrão silábico da língua [...] (Monaretto, 1997, p. 238).

Oliveira (2000), ao analisar a fala de informantes do idioma Pankararu, constatou a ocorrência de três variantes róticas e de apagamento em ataque inicial. Na pesquisa citada, apenas na sílaba simples CV não ocorreu a fricativa glotal e o  $\emptyset$ ; nesse sentido, Oliveira (2000, p. 50, grifos desta autora) descreve o seguinte:

Nossa própria posição é a de que existem dois tipos de vibrantes: a vibrante simples ou tepe, como é também nomeada, /r/. e a vibrante múltipla /r/, que, no dialeto Pankararu é realizada como fricativa glotal surda, [h], produzida entre vogais e em início de vocábulos. Nos demais ambientes, prevalece a vibrante simples, que se realiza como [r], [0] ou [h].

Brescancini e Monaretto (2008) apresentam uma generalização dos róticos em ataque e coda silábica também a partir dos dados do Projeto VARSUL, encontrando os seguintes resultados para o /R/ na posição de *onset* silábico: 40% fricativa velar, 30% vibrante alveolar, e 25% tepe alveolar, sendo que dos municípios investigados (Porto Alegre, Flores da Cunha, Panambi, São Borja, Florianópolis, Blumenau, Chapecó, Lages, Curitiba, Londrina, Irati e Pato Branco) apenas Flores da Cunha e São Borja apresentaram elevada produtividade das variantes róticas em ponto de articulação anterior, destacando a colonização italiana e alemã nessas duas localidades.

Azeredo (2012) investigou a manutenção do tepe alveolar no lugar da vibrante múltipla no falar de moradores de Flores da Cunha (Rio Grande do Sul). Para a pesquisa, a autora optou pela metodologia da Sociolinguística laboviana, a partir de dois bancos de dados, a saber: VARSUL e o BDSer, cuja coleta foi realizada entre os anos de 1990 a 2009. A pesquisadora selecionou 20 informantes de cada projeto, encontrando os seguintes resultados: (i) os informantes descendentes do italiano realizaram a alternância do tepe pela vibrante, sendo algo esperado apenas na fala dos moradores que estão em contato com a língua italiana; (ii) foi confirmada a hipótese de que o /R/ em posição de ataque medial favoreceu a aplicação da regra, devido ao contexto ser menos perceptível na posição interna da lexia; (iii) outro fator encontrado foi de que os informantes com maior nível de escolaridade tendem a empregar menos o tepe alveolar e, conseqüentemente, a fazerem a troca do [r] pela vibrante alveolar [r]; que, segundo a autora, isso ocorre em razão da consciência incorporada pelo falante com mais escolaridade quanto à correção em sua fala durante o emprego da variante tepe.

Identifica-se, nos dados de Azeredo (2012), que o maior contato do informante com a língua italiana é uma das variáveis responsáveis pela troca das róticas mencionadas ([r] > [r]). Referente ao fator sexo, Azeredo (2012) destaca, ainda, que as mulheres fizeram menor uso do tepe alveolar, se comparado aos informantes do sexo masculino, afirmando que o resultado foi motivado devido ao tepe alveolar ser uma variante desprestigiada no falar normativo do PB. Constatou-se para a variável faixa etária, mais precisamente no banco de dados BDSer, que os informantes mais jovens (25 a 39 anos) aplicaram a troca do tepe [r] pela vibrante alveolar [r], identificado pela autora que os falantes mais jovens residiam na zona rural.

Ao ser realizada uma análise, em tempo aparente, apesar de mencionar a cautela na interpretação dos dados, a autora identificou que essa troca registrada em Flores da Cunha demonstrou progresso, com valores em percentuais de 41% (VARSUL) e 31% (BDSer). Para a pesquisadora, tanto as variáveis linguísticas (posição e número na sílaba) quanto as extralinguísticas (bilinguismo, gênero e escolaridade) mostraram-se significativas em ambos os bancos investigados.

Em uma análise, em tempo real, por meio do estudo de tendência, registra-se que, após 20 anos, os informantes apresentaram comportamento semelhante com relação às róticas; nesse caso, no VARSUL, os informantes de 40 a 59 anos foram os responsáveis por não favorecer a troca do tepe pela vibrante, sendo estes mesmos informantes na faixa etária de 60 anos ou mais – banco BDSer – a não empregar o tepe alveolar (Azeredo, 2012).

Carreão (2018) verifica a mudança linguística na fala de moradores a partir do contraste de relatos de falantes de Louveira/SP (61 a 90 anos), em contraponto a outras entrevistas, cuja amostra considera três faixas etárias (18 a 29 anos, 30 a 45 anos e 46 a 60 anos) realizadas no bairro e na área central da cidade. O resultado obtido demonstra que as faixas etárias mais jovens são as responsáveis pelo favorecimento das variantes róticas posteriores ([x] e [h] amalgamadas) e que apenas descendentes de italianos da terceira faixa etária variaram a articulação rótica entre velar/glotal, vibrante múltipla e tepe alveolar.

Para Carreão (2018), a hipótese para esse resultado deve-se no desenvolvimento econômico, destacando questão do PIB na cidade investigada. Nesse sentido, o autor chama a atenção para a segunda faixa etária, que se comporta de forma diferente, por alguns falantes que monitoram mais a língua falada, pois eles acreditam falar sem sotaque e/ou traço linguístico da cidade/comunidade de fala (Carreão, 2018).

Barreto (2019) deteve-se no estudo do português arcaico a partir de cantigas medievais e da teoria autossegmental, investigando as variantes róticas em ataque e ‘travamento’ silábico, isto é, intervocálico. O autor encontrou, no ataque CV, a consoante rótica grafada apenas com uma única letra r, sem representar uma geminção <rr>.

Para o pesquisador, o português medieval contemplava duas variantes, sendo o tepe alveolar [r] <r> e o /r/ forte e/ou compreendido, aqui, como <rr> geminado. Nesse contexto, o referido levantamento ressalta que o <rr> ocupa a

posição medial, por ‘travar’/iniciar a sílaba seguinte, isso da perspectiva fonológica (Barreto, 2019).

Corrêa (2020), após realizar análise etnográfica a partir de entrevistas que consideraram técnicas alicerçadas no aporte teórico de Lambert (1960), focalizou a análise da vibrante múltipla alveolar [r] na comunidade de prática de alguns falantes de Porto Alegre. A pesquisadora identificou o seguinte resultado que o falante gaúcho da capital não identifica a variante [r] como característica de Porto Alegre.

Ainda segundo a mesma autora, os resultados mostraram que a indústria cultural sustenta a figura do ‘gaúcho’ e esta é o que mantém a realização da vibrante alveolar. Não obstante, a variante citada seja produzida no Rio Grande do Sul, a autora reforça que a [r] se tornou uma articulação rara no falar de moradores do Porto Alegre, considerada típica do interior e das comunidades que fazem fronteira com os países vizinhos (Corrêa, 2020).

### 3.2 A REALIZAÇÃO DO /R/ EM ATAQUE EM TRABALHOS DA ÁREA DE SOCIOFONÉTICA

Entende-se que a Sociofonética ancora-se nos fundamentos labovianos e na concepção do *Voiceprint Identification*, que emergiu com a proposta mais criteriosa de identificar (*Fingerprint Identification*) os falantes por meio de ferramentas visuais, nesse caso, com uso dos espectrogramas (Kersta, 1962). Kersta (1962) realizou a identificação da impressão de voz por meio das conversas faladas de 15 homens e 10 mulheres, os quais possuíam vozes americanas ‘normais’ que indicou o sucesso quanto ao método utilizado (com pontuações subjetivas das impressões da voz superiores a 97% a partir das palavras mais recorrentes nas conversas).

A página da *University College London* (UCL) indica o primeiro uso do termo ‘*socio-phonetic*’ em uma publicação do século XX, mais precisamente do ano de 1974, referente à tese “*A socio-phonetic study of a Quebec French community: Trois-Rivières*” (*Um estudo socio-fonético de uma comunidade francesa de Quebec: Trois-Rivières*), de Deshaies-Lafontaine (1974, p. 1). Nesse trabalho, a autora investigou as variáveis fonológicas em língua francesa com distintos níveis de monitoração da fala em Quebec.

O mesmo termo foi adotado em um artigo escrito em língua italiana, cujo autor Santipòlo (2001, p. 1, tradução desta autora) tratou da *A anomalia no*

*continuum sociolinguístico do inglês de Londres*<sup>29</sup>. No trabalho citado, o autor adotou o termo socio-fonética e, também, recorreu aos critérios metodológicos que não precisassem de forma exclusiva à oitiva.

Neste sentido, a *Sociofonética* valida-se da análise de oitiva desde que ela esteja associada às técnicas e às ferramentas que envolvam a precisão da análise acústica (espectros, formantes, taxa de frequência e outros); além de situações que possibilitem constatar parâmetros metodológicos como o estilo de produção de fala (Vieira, 2017).

Realizada a breve explanação deste campo do conhecimento atrelado à fala, a seguir, apresentam-se os trabalhos da referida área de estudo. Mediante a mesma sequência temática, os trabalhos abordaram os róticos em ataque de sílaba simples em distintos contextos de monitoramento da fala oralizada.

**Quadro 3 – Pesquisas que contemplam as variantes do /R/ em ataque silábico na área da Sociofonética**

<b>Autor(es)</b>	<b>Área/Metodologia</b>	<b>Variantes róticas registradas</b>	<b>Contexto</b>	<b>Dados da pesquisa - região</b>
Reinecke (2006)	Sociofonética	[x/h] fricativas  [r/r] vibrantes  /ev/ espirantizadas	Posição intervocálica	Blumenau (SC) Lages (SC)
Cruz, Silva e Gonçalves (2014)	Sociofonética	[x] fricativa velar  [r] tepe alveolar	Posição medial	Arroio do Padre (RS).
Callou (1998) em: Callou (2015, p. 54-59)	Sociofonética	[x] fricativa velar	Posição inicial e medial	Rio de Janeiro (RJ)
Rennicke (2016)	Sociofonética	Registro de 21 variantes do /R/.	Posição inicial, medial e intervocálica.	Lavras (MG)
Lopes Alonzo (2016)	Sociofonética		Posição inicial	Bluefields (Nicaragua) (BEF)
Pereira (2020)	Variação Fonética e Variação dialetal	R-forte	Posição inicial e medial	Português Europeu

<sup>29</sup> “*L'anomalia nel continuum sociolinguistico dell'inglese di Londra*”.

	Sociofonética	[r] vibrante múltipla alveolar		
Chaves e Seara (2021)	Sociofonética	[r] tepe alveolar	Posição inicial e medial	Itajaí (SC)
		/ev/ aproximante Espirantizada		
		[r]vibrante alveolar		
Spessatto (2021)	Sociolinguística	[x] fricativa	Posição inicial e medial	Oeste de (SC)
	Quantitativa Sociofonética	[h]fricativa glotal		

**Fonte:** Elaborado pela autora a partir dos trabalhos localizados nas plataformas de busca.

Reinecke (2006) identificou que todos os falantes de Blumenau, dos 20 moradores entrevistados, realizaram o /r/ simples, compreendido como a variável tepe alveolar, sendo que destes apenas quatro falantes produziram também a vibrante espirantizada. Outros resultados mostraram que alguns falantes articularam, ainda, a aproximante alveolar, o tepe espirantizado e a variante retroflexa.

A autora ressalta que, em contexto de /r/ simples, a variável tepe alveolar é favorecida, e já para o /rr/ duplo ou geminado ocorre a articulação da vibrante alveolar espirantizada e da fricativa velar, isso para 4 falantes lageanos. Referente à fricativização, entenda-se espirantização, a pesquisadora apresenta como hipótese essa articulação como processo de posteriorizar o rótico, como se lê:

O caso da fricativa glotal, nos falantes de Blumenau, pode ser interpretado como uma tendência de se afastar da variante uvular, já que esta se conforma menos com a noção das variantes padrão no PB, conforme expomos no capítulo 2. O segundo caso, o da vibrante espirantizada, também permite sua interpretação como uma posteriorização. Por último, temos um caso de uma variante, não descrita ainda, pelo que saibamos, na literatura afim, que não se encaixa na tendência à posteriorização sem porém. Trata-se do tepe alveolar espirantizado [...] (Reinecke, 2006, p. 224).

Cruz *et al.* (2014) analisou não apenas a variação rótica, como ainda outros fonemas foram objeto de investigação ([l]/[L]) por parte da pesquisadora, que selecionou 6 falantes bilíngues do pomerano com o PB (professoras e funcionárias da Educação Básica). Referente à metodologia quanto ao rótico realizado pelos informantes do município de Arroio do Padre (distrito de Pelotas, no Rio Grande do Sul, que contempla o contato linguístico da língua pomerana com o português brasileiro), a autora fez uso o *software SPSS Statistic* e do veículo “*Digo\_\_\_duas*

vezes” (Cruz *et al.*, 2014, p. 2, grifo no original).

De acordo com Cruz *et al.* (2014), a partir da transcrição dos segmentos que contemplam os sons róticos na posição medial (*carro*), identificou-se baixa ocorrência referente às trocas entre a fricativa velar [x] e tepe alveolar [r]. Ainda conforme a autora, essa alternância de posterior pela variante rótica anterior é, de forma recorrente, o objeto de estudo dos pesquisadores que se debruçam sobre as comunidades com influência das línguas germânicas; portanto, neste contexto, mesmo com a manutenção da identidade linguística pela língua de imigração falada pelas funcionárias da escola, a ocorrência mostrou-se insatisfatória em relação ao que era esperado.

Quanto ao trabalho supracitado, cabe a ressalva de que faltam os dados estatísticos para comprovação dos resultados obtidos. Dado a isso, descreve-se a hipótese aludida pela autora: a baixa alternância entre a fricativa e a vibrante simples é motivada pelo pouco nível de escolaridade, do menor contato com a escrita formal, uso dos registros orais oriundos do português não padrão, implicações de mobilidade urbana (visto que as professoras fizeram suas graduações em Pelotas, isto é, com comunidades de centros urbanos, e as evoluções tecnológicas que afetaram as concepções ideológicas entre o uso do português e de sua variante rótica ‘usual [x]’ em detrimento ao pomerano (Cruz *et al.*, 2014).

Callou (2015) revisita a maioria dos trabalhos que tratam do /R/ em *onset* silábico; dentre eles, a autora cita seu manuscrito de 1997, no qual investiga o *corpus* do falar culto presente no dialeto dos informantes nascidos no Rio de Janeiro. Como resultado para a posição em ataque simples (consoante vogal), a pesquisadora registra 0,79% para realização da fricativa velar no falar do sexo feminino contra 0,31% para masculino, confirmando a articulação (modo e ponto articulatório) da fricativa posterior em avanço nos falares das mulheres.

De acordo com Rennie (2016, p. 74), a classe de róticos da LP teria passado por três fases em suas características sonoras, a saber: na primeira fase, a lenição da vibrante alveolar para o tepe alveolar; na segunda, em contexto intervocálico, a posteriorização em uma transposição articulatória das variantes alveolares para uvulares (posteriores); e, na terceira, a “diversificação” a partir da lenição que ocorre em coda silábica da lexia.

Rennie (2016) investiga 7.045 ocorrências róticas na fala de 7 homens e 7

mulheres de 19 a 24 anos, pertencentes a uma das 9 localidades, separando a lenição do conceito de posteriorização em duas seções. A autora menciona assumir uma visão estritamente fonética para os referidos processos, o fator de enfraquecimento dos gestos articulatórios que resulta na lenição é defendido em seu artigo como o evento de uma consoante articulada, no entanto, por razão de uma redução no gesto articulatório não seria finalizaria.

A mesma autora assume que o processo de posteriorização, assim como de fricativização teria iniciado no Brasil em fase cronológica semelhante à de Portugal, uma vez que a vibrante uvular [R] se fazia predominante no português europeu do fim do século XIX, posteriormente, com substituição pela fricativa velar [x] na virada do século XX (Rennicke, 2016).

Com base nessa revisão de conceitos, no processo de *debucalização* (predomínio da fricativa glotal vozeada e sem vozeamento no PB em virtude da redução articulatória, isto é, do 'gesto') e com a finalidade apenas de analisar a percepção das variantes que coexistem, a autora coletou dados da fala de estudantes da Universidade Federal de Lavras, com valor de amostragem de 44,1 Hz, e os submeteu ao Praat. O resultado apontou para a fricativa glotal vozeada [ɦ] como favorecedora, já o r-forte realizou-se em contextos precedidos da fricativa alveolar [s] em segunda posição, seguida da glotal [h], vibrante uvular vozeada [ʀ], vibrante uvular sem vozeamento [χ], e, por último, o apagamento com apenas 3 realizações (7,1%) em contexto de /R/ átono.

Os informantes investigados por Alonzo (2016) possuem três formações quanto ao nível de proficiência da língua, por isso foram estratificados em cada uma das seguintes três línguas: espanhol, indígena (*miskitu*, *ulwa* ou *sumo*) e *IK* (língua indígena II). Ademais, pertencem a cinco níveis de escolaridade, distribuído pelo estudioso em: básico (2), segundo grau com e sem nível técnico (4/4), avançado (16) e do ensino superior (4); e estratificados como: Crioulo, Indígena e Mestiço, com idades entre 19 a 28 anos (categoria jovem), 29 a 50 anos (adulto) e 51 a 79 anos (idosos).

O questionário aplicado consistiu em perguntas atreladas à língua, às atitudes linguísticas e aos respectivos lugares de origem dos entrevistados. Como resultado, o autor obteve 3953 realizações para as variantes róticas em ataque, as quais foram gravadas e submetidas à verificação acústica do *software Praat*.

Alonzo (2016) identificou a produção da vibrante alveolar [r], tepe alveolar, a

aproximante do tepe alveolar [r] e a fricativa (cujo autor recorreu ao seguinte símbolo: [r̥]) para o contexto de ataque inicial. Já para a posição intervocálica, Alonzo (2016, p. 3, tradução e grifos desta autora) apresenta que

Na posição intervocálica, os falantes mantêm o contraste produzindo uma vibrante e uma fricativa quando uma vibrante seria esperada, enquanto produzem algum grau de neutralização com o tepe alveolar fricativizado. Concluo que a fricativa funciona como uma estratégia articulatória para estabelecer o contraste entre as variantes róticas em posição intervocálica. Na posição final de palavra, os participantes apresentam quatro variantes: o tepe alveolar [r], o tepe fricativizado [r̥], a vibrante [r̄] e a fricativa [r̥]<sup>30</sup>.

Pereira (2020) tratou de investigar o r-forte no Português Europeu a partir do aporte da variação dialetal e da variação fonética para as variantes róticas em dois contextos: inicial /Rua/ e medial /kaRRO/. A pesquisa estratificou informantes homens (245) e mulheres (146), totalizando 391 entrevistados.

A pesquisa foi realizada por meio da utilização de três *corpora* distintos, sendo *A Sound Map for Portuguese Dialects* (MADISON), o Atlas Linguístico-Etnográfico de Portugal e da Galiza (ALEPG) e o *Atlas Linguarum Europae* (ALE), com a seleção de informantes (8 aos 86 anos) do distrito de Lisboa e um segmento da península de Setúbal, que se referem apenas aos pontos diatópicos eleitos pelo pesquisador para compor o *corpus* da dissertação.

Ainda conforme o mesmo autor, os principais objetivos da pesquisa consistiram em realizar o mapeamento das variantes fonéticas dos róticos produzidos por falantes portugueses, logo para verificar a distribuição das variantes uvulares e alveolares.

Como resultado, o pesquisador conseguiu registrar as seguintes variantes róticas: fricativa glotal vozeada [h], fricativa velar com ausência de vozeamento [x], vibrante uvular [R], fricativa uvular [χ], aproximante uvular [ʁ], vibrante alveolar [r], e, com indicação de símbolo diacrítico diante de produção levantada: aproximante uvular [ʁ̄], aproximante alveolar [r̄] e vibrante uvular [R̄].

Para o contexto linguístico, Pereira (2020) elegeu a posição do r-forte na palavra e a verificação quanto ao acento da sílaba alvo. Segundo o pesquisador, a

<sup>30</sup> “In intervocalic position, speakers maintain the contrast by producing a trill and a fricative when a trill would be expected, while producing some degree of neutralization with the approximated tap. I conclude that the fricative functions as an articulatory strategy to establish the contrast between rhotics in intervocalic position. In word-final position, participants present four variants: the tap [r], the approximated tap [r̥], the trill [r̄] and the fricative [r̥]” (Alonzo, 2016, p. 3).

vibrante alveolar [r] foi a única variante que apresentou uma frequência maior de produção em ataque medial, se comparado ao ataque inicial. Já em relação à variável tonicidade, na constatação do pesquisador:

Em relação à posição acentual da sílaba com R-forte, verificou-se que [x], [x] e [ɹ] praticamente só ocorreram em **sílaba átona** e que [R] e [h] só ocorreram em **sílaba tônica**; as primeiras variantes ([χ], [x]) são desvozeadas ou há menor grau de constricção ([ɹ]), o que se deve à posição acentual da sílaba e ao apagamento de vogais que deixam o rótico em contacto com outras obstruintes surdas ou em posição final [...] (Pereira, 2020, p. 158, grifos desta autora).

Nos percentuais registrados pelo autor, foram constatados os seguintes cômputos para as variantes róticas mais comuns, sendo que as variações para [ʁ], [ɹ] e [h] não haviam sido, até então, registradas no PE, conforme indica a Tabela 1 a seguir:

**Tabela 1** – Resultados registrados por Pereira (2020) referentes às variantes róticas no PE

VARIANTES RÓTICAS REALIZADAS NO PE (MADISON/ALEPG/ALE)	VALOR EM PERCENTUAL
[ʁ]	46,6%
[R]	24,3%
[R]	16,3%
[X]	5,2%
[X]	2,3%
[ʁ]	2,3%
[ɹ]	1,3%
[R]	1%
[h]	0,8%

Fonte: Adaptado da pesquisa desenvolvida por Pereira (2020, p. 158).

Referente às variantes róticas anteriores e posteriores, Pereira (2020) conclui que a variante vibrante alveolar [r] é majoritária no falar do PE, já as variantes róticas posteriores fazem-se presentes em pontos isolados da Região Norte do país, Região Central, regiões insulares e do distrito de Lisboa. Ainda conforme os resultados apresentados, o sexo feminino foi o responsável pela maior realização da variante [r], diferentemente dos homens, que apresentaram produção maior para a vibrante uvular [R], apontando para o conservadorismo linguístico por

parte das mulheres (Pereira, 2020).

Chaves e Seara (2021), a partir do aporte da Sociofonética e do aporte da análise acústica, investigaram as variantes róticas para o som do r- forte no falar de seis participantes, descendentes do grupo étnico de italianos, do município de Rio do Sul, localizado mais precisamente na mesorregião do Alto Vale do Itajaí no estado de Santa Catarina. Referente à metodologia, as autoras obtiveram 147 representações lexicais para as variantes róticas na posição inicial e medial de palavra, a partir da fala semiespontânea a qual foi coletada mediante o relato de vida narrada pelos entrevistados da pesquisa, com informantes segmentados em três faixas etárias (20 a 50 anos, 51 a 70 anos e acima de 70 anos), sendo 3 homens e 3 mulheres.

Ainda conforme o artigo, as pesquisadoras identificaram que os descendentes de italiano apresentam diferentes variantes para o r-forte, a saber: tepe alveolar ([r]), aproximante ([ɹ]), vibrante espirantizada e vibrante múltipla alveolar ([r]), esta última com duas, três e quatro aberturas orais visíveis no espectrograma; e, por fim, as fricativas vozeadas e não vozeadas – velar ([x], [χ]), uvular ([χ], [ʁ]) e/ou glotal ([h], [ɦ]), amalgamadas por meio da representação do símbolo (F). As variáveis extralinguísticas, bem como faixa etária, região de origem e identidade, influenciaram na eleição de uma ou outra variante do r-forte produzido pelos falantes selecionados.

Em valores percentuais, as pesquisadoras obtiveram os seguintes resultados: 50% dos estudantes do sexo masculino produziram a variante tepe em contexto de r-forte, contra 46,15% realizado na fala do sexo feminino. Nesse contexto, outras variantes róticas foram realizadas, com percentual de 27,89% para vibrantes e 33,33% para as fricativas, superando o tepe em 18,37%.

Referente aos percentuais das demais variáveis extralinguísticas, as pesquisadoras apontaram a existência de distinto comportamento linguístico envolvendo alunos e alunas, mais precisamente, do sexo feminino da faixa etária jovem e intermediária. De acordo com Chaves e Seara (2021), essas informantes diversificaram mais na realização das variantes róticas, com 66,67%, e, 100% de fricativas foi registrado no falar da geração jovem (20 a 50 anos).

Outro resultado apresentado por Chaves e Seara (2021) demonstrou que a faixa etária mais avançada e com o nível escolar fundamental produziu a variante tepe de forma majoritária, com registro de 47,83%, contra 30,43% da variante

aproximante. As pesquisadoras posicionaram-se frente a esse resultado por meio dos postulados sobre identidade, uma vez que a região ocupada pelos informantes era de uma área rural, povoada por descendentes italianos e cujo dialeto utilizado era o *Talian*<sup>31</sup>.

De acordo com Comiotto (2021), o *Talian* – que se tornou uma das autodenominações para a língua de imigrantes italianos, os quais falavam no Brasil e tinham como referências as variedades do italiano, mais precisamente dos dialetos falados na Região Norte da Itália, com o português falado no Brasil (PB) – passou a fazer parte do Inventário Nacional da Diversidade Linguística a partir do decreto 7.387, de 9 de dezembro de 2010.

Spessatto (2021) investiga a fala de estudantes, distribuídos pela faixa etária dos 12 aos 16 anos, sendo 13 homens e 7 mulheres. Mediante esse propósito da investigação centrou-se na identificação da influência dos dialetos italianos, registrada na fala da comunidade em questão e, também, se o fator escolaridade demonstraria favorecimento ou não do fenômeno analisado.

Para a pesquisa, a autora retomou a investigação realizada por Spessatto (2011), que investigou a interferência do Vêneto, doravante reconhecido como dialeto *Talian*, na fala de estudantes do Ensino Fundamental (sétimo e oitavo ano, no período de 2008 e 2009) e da faixa etária de 12 a 16 anos, considerando-se a variável sexo (masculino e feminino), o contexto rural, com nove estudantes, e urbano (periferia da cidade) com 11 alunos.

Conforme nota de Spessatto (2021, p. 282), os dados foram obtidos a partir da entrevista aplicada e gravada no ano de 2009, mais especificadamente no mês de dezembro, referente à conclusão da turma. A pesquisadora abrange na estratificação três contextos no tocante ao estilo: 1. relato da vida cotidiana; 2. leitura de *O menino dos ff e rr*, de Cecília Meireles; e 3. metalinguístico.

O fator da tese, a ‘aquisição linguística’, utiliza a nomenclatura de falantes monolíngues ou bilíngues, neste caso, com distribuição distinta quanto à variável sexo, região e falantes do português ou do dialeto italiano. Para Spessatto (2021) ocorreu uma perda em relação à homogeneidade atrelada ao fator sexo biológico,

---

<sup>31</sup> Segundo informações do endereço eletrônico Instituto de Investigação e Desenvolvimento em Política Linguística (IPOL), o dialeto *talian* é falado em 16 municípios de Santa Catarina e do Rio Grande do Sul, a saber: Nova Erechim e Ipumirim em SC; e Serafim Corrêa, Flores da Cunha, Paraí, Bento Gonçalves, Fagundes Varela, Antônio Prado, Guabiju, Camargo, Caxias do Sul, Ivorá, Pinto Bandeira, Nova Pádua e Barão em RS.

portanto, com número de informantes distribuídos em sete mulheres e treze homens participantes da pesquisa.

Como resultado, a pesquisadora encontrou os seguintes percentuais para a análise fonológica em relação às vibrantes em contexto de ataque (*onset*) inicial e medial, por exemplo, /Roma/ e /caRRO/: a variante tepe alveolar ([r]), que se realizou com 76% em contexto de vibrante múltipla alveolar ([r]), incorrendo no fenômeno quanto aos falantes jovens manterem a variação linguística – troca do r-forte pelo r-fraco – de seu grupo étnico de origem, o italiano (Spessatto, 2021).

Além do resultado descrito, outras variáveis extralinguísticas merecem atenção, pois, conforme Spessatto (2021), no cômputo total de 522 dados, o programa selecionou a variação referente à fala dos jovens e ao contexto de produção de fala (estilo). Ainda segundo a autora, alguns estudantes (4) produziram a variante tepe no lugar da vibrante múltipla de forma categórica, isto é, com 100% de realização na aplicação do fenômeno, tanto em contexto de área rural (dois alunos) quanto urbana (dois alunos).

Na análise retomada por Spessatto (2021), verificou-se, no contexto intervocálico, o tepe majoritariamente – sendo o relato do cotidiano dos alunos outro fator que estimula a variante tepe alveolar (88%) – e, em ataque, a depender do contexto, existe a troca do r-forte pela variante tepe, apenas com exceção na fala de três alunos (35%, 15% e 11%). A pesquisadora também indicou que o contexto estilístico (elevado monitoramento da fala) favoreceu a realização da vibrante múltipla, e que outros fatores não foram significativos para aplicação da regra (troca [r] pela [r]), com indicação de que a variável escolaridade não interferiu na aplicação de um padrão fonológico do PB (Spessatto, 2021).

Referente ao prestígio de uma ou outra variante fonética do rótico (tepe alveolar, tepe aproximante e vibrante múltipla alveolar), para a autora,

Em relação ao contexto estilístico de relatos do cotidiano, que mais favorece a produção de tepe em contextos de vibrante múltipla, nenhuma das demais variáveis linguísticas ou extralinguísticas foi selecionada como significativa para as produções de tepe em contextos de vibrante múltipla. Esse resultado reforça a hipótese de que a variedade local é detentora de prestígio na comunidade, não havendo preocupação dos falantes em mudar a forma, quando na fala cotidiana (Spessatto, 2021, p. 295).

Em suma, verifica-se, na abordagem deste tópico, mais detidamente em Chaves e Seara (2021) e Spessatto (2021), que a variante tepe alveolar sobressai-

se a depender da variável faixa etária e nível de escolaridade (Ensino Fundamental). Essa hipótese fica mais evidente na análise de Spessato (2011) e Spessatto (2021), apesar de a primeira pesquisa indicar que o contexto estilístico (relato do cotidiano) favorece de igual modo a diversidade de outras variantes róticas.

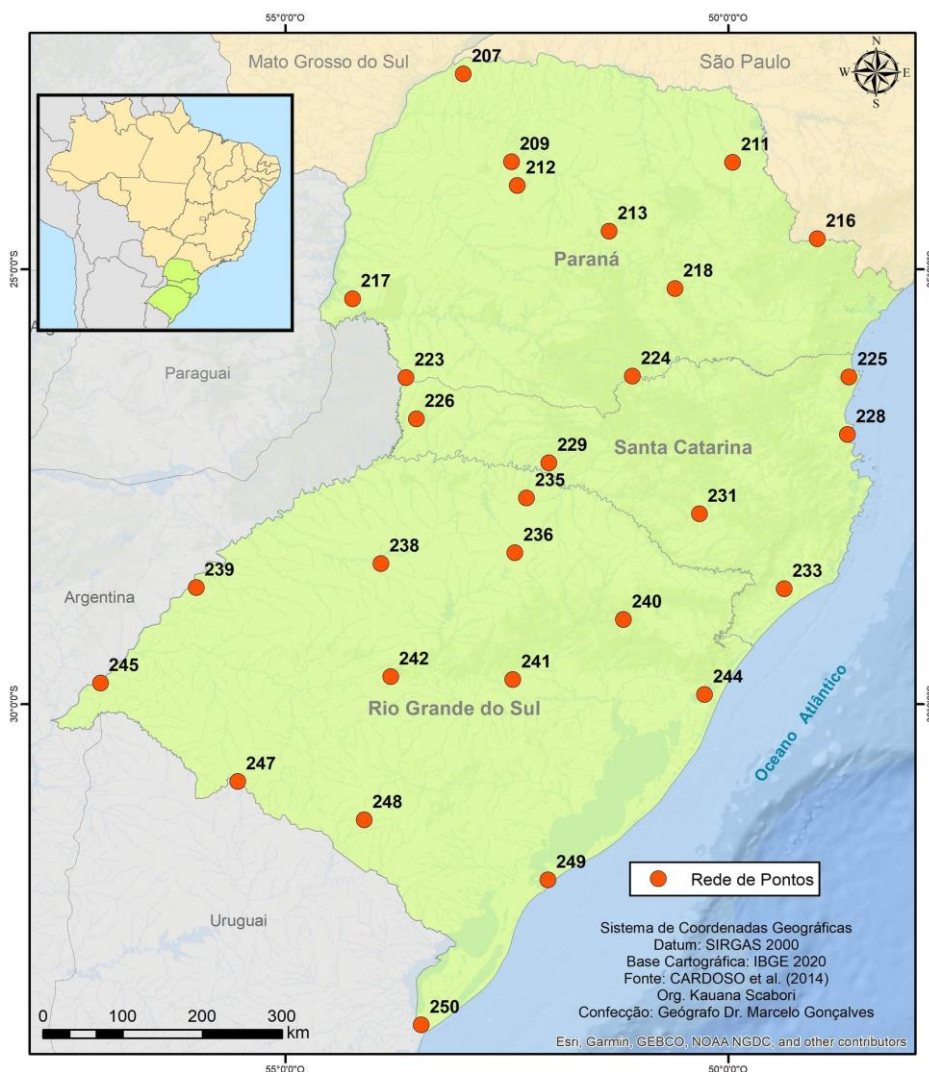
Os resultados descritos, até aqui, direcionam a investigação desta tese para serem consideradas pistas contrastivas aos dados deste trabalho de doutorado, porque sustentam/confirmam algumas das hipóteses formuladas, aqui, entre a realização rótica com relação aos fatores extralinguísticos. Para tanto, em complemento ao desbravamento do /R/ em ataque no Sul brasileiro, segue a apresentação dos pontos de inquérito, como explana os registros historiográficos das regiões em análise.

#### 4 PONTOS DE INQUÉRITO: A HISTORIOGRAFIA E A REALIDADE SÓCIO-HISTÓRICA DA REGIÃO SUL DO BRASIL

A Região Sul do Brasil é comumente conhecida por seu processo imigratório e pelas companhias de terra, como a *Paraná Plantations Limited*, ou mesmo, pelas colônias fundadas (Thereza, Superagui e Assunhui), que abrigavam e organizavam os imigrantes franceses, suíços, alemães, ingleses, italianos, entre outros (Cardoso, 1981).

A figura, abaixo, ilustra os pontos selecionados para esta tese e mostra o espaçamento geográfico da Região Sul do Brasil comentada em momento anterior:

**Figura 3 – Mapa com a distribuição de pontos para cada estado do Sul brasileiro**



**Fonte:** Organizado pela autora e adaptado de CARDOSO *et al.* (2014).

De acordo com Noelli (2000), as primeiras populações não indígenas que chegaram à Região Sul detinham sistemas adaptativos, como estrutura, tecnologia (da época), além da adaptabilidade e da questão referente à densidade demográfica. Noelli (2000) descreve que os povos habitantes da Região Sul do país apresentavam o comportamento de longevidade de suas tradições – agrárias, técnicas, linguísticas, entre outras, mantendo suas culturas materiais e da própria língua.

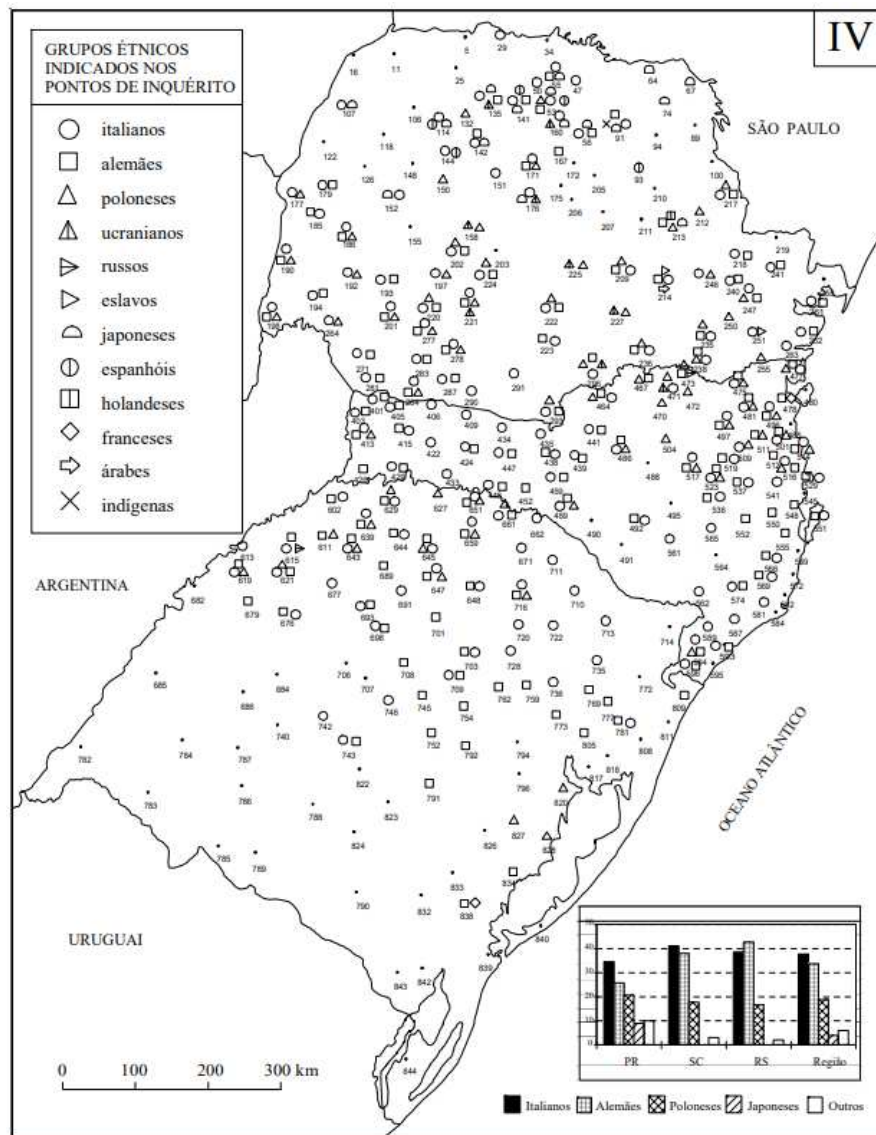
Ainda segundo o autor (2000, p. 261), a partir do século XIX, a Região Sul passou a receber imigrantes alemães, italianos e de outras nacionalidades, que passaram a ocupar as fronteiras com os povos indígenas. Na descrição de Noelli (2000), essa tática de exploração de terras e de implementação de uma cultura apresentou o propósito de criação de “grupos de extermínio”, ou ainda, conhecido como “bugreiros”, que intentaram colonizar e/ou colocar fim aos povos Xetás – grupo contemplado em terras paranaenses e cuja realidade descrita fez-se presente até a década de 1920 (Noelli, 2000, p. 261-262).

No Paraná, constata-se, por meio da literatura histórica, que a migração e imigração foi iniciada pela parte Sul do estado, denominado de *Paraná antigo*, conforme registro do Atlas Histórico do estado. Já Santa Catarina, conhecida como um dos maiores pontos turísticos do Brasil devido à sua faixa litorânea, recebeu os primeiros imigrantes espanhóis antes mesmo de Pero Lopes de Souza chegar à ilha para assumir a capitania, na sequência, chegando os franceses, holandeses e ingleses (Molin, 2008).

De acordo com Molin (2008), o fator geopolítico e geoeconômico foi significativo para conter a pobreza enfrentada pelos campos sul-meridionais do Brasil. As remessas de famílias açorianas foram enviadas não apenas para Santa Catarina, como também para o continente São Pedro, que passaria a ser o estado do Rio Grande do Sul. Nesta seção, serão abordados os contextos sociais e históricos que envolvem a Região Sul do Brasil, será apresentado, primeiramente, o Paraná; na sequência, Santa Catarina; e, por último, o Rio Grande do Sul.

O *Atlas Linguístico-etnográfico da Região Sul do Brasil*, organizado por Koch, Altenhofen e Klassmann (2011 [2002]), contempla a confirmação dos grupos étnicos formados por diversas etnias que percorreram a Região Sul do Brasil. A Figura, a seguir, auxilia na identificação dessas formações, conforme evidenciado:

**Figura 4 – Mapa do Atlas Linguístico-Etnográfico da Região Sul do Brasil (ALERS)**



**Fonte:** Retirado do ALERS (Koch, Altenhofen; Klassmann, 2011 [2002], p. 90).

Os povos das comunidades étnicas foram descritos no decorrer da presente seção, fator o qual confirma a historiografia investigada com a indicação feita nos pontos de inquérito a partir do trabalho dos membros do Projeto ALERS.

#### 4.1 O ESTADO DO PARANÁ

Martins (1995) descreve o estado paranaense, desde sua situação provincial e geográfica, com seus rios e complexo sistema territorial, até a reorganização do estado, confirmando as datas pelas quais o estado do Paraná tomou forma. O

historiador registra os anos de 1853 a 1889 como o período em que se marca a província do estado, a partir da Lei n.º 704, de 29 de agosto.

De acordo com o autor, o limite territorial da província do Paraná sempre foi devidamente respeitado, mostrando-se efetivo e sem alterações quanto à sua divisão geográfica, mesmo frente à reivindicação do Estado de Santa Catarina, em 20 de outubro de 1916. Segundo o autor, o Decreto Imperial (n.º 3.378, de 1865) delimitou as terras paranaenses e, no contexto histórico, do Contestado foi atribuído 28.000 km<sup>2</sup> ao estado de Santa Catarina e 20.000 km<sup>2</sup> ao Paraná. Portanto, a área final do Paraná, somado ao acordo, ficou em 195.310 km<sup>2</sup> de superfície territorial do estado (Martins, 1995).

Ao revisitar os momentos históricos iniciais referentes ao processo de colonização do Paraná, Colognese, Gregory e Schallenberger (1999) descrevem as incursões exploratórias, mais precisamente o período do ciclo jesuítico do Guairá, como um momento de conflito entre os Kaingang com os indígenas Guarani. Além de chamarem atenção para os grupos que habitavam os grandes rios, como se constata:

[...] pouco se registrou sobre o período que sucede o ciclo missionário jesuítico do Guairá. Informações esparsas dão conta da existência de grupos Kaingang ou Jê, que habitavam a região dos grandes rios como o Iguaçu, o Piquiri e o Tibagi. Estes grupos dominavam o cenário linguístico da região [...] (Colognese; Schallenberger; Gregory, 1999, p. 29).

Com o passar dos anos, a própria historiografia do Paraná indica que um conflito teria gerado marcas em relação à cultura de dois Estados, o paranaense seria visto como ausente de tradição e o outro fortemente arraigado ao conceito de cultura gaúcha e/ou campeira riograndense (Pereira, 1999).

Para o mesmo autor (1999, p. 197), ocorreu um processo de “desinvenção de tradições” no Paraná, principalmente ocasionado pelas questões econômicas e de mobilidades da população da região, além da abertura do “Caminho de Tropas”, ocorrida ainda no século XVIII.

Segundo Pereira (1999), tais questões incorreram na ideia de um substrato cultural entre o PR e o RS; o plano de Morgado de Mateus e Brigadeiro José Custódio de Sá Faria – propiciar perdão aos crimes cometidos, prorrogar as dívidas, monopolizar a criação de mulas/muares, entre outros – fez com que houvesse a fixação de moradores na região e, por conseguinte, a configuração determinante para formação das populações paranaenses e riograndenses. Logo, conforme o

autor, a economia agropastoril foi a responsável pelas características do Sul do Brasil, sendo que os denominados curitibanos (moradores dos planaltos do PR) eram os responsáveis pelas negociações e/ou intermediações dos produtos vindos do extremo-Sul e daqueles outros advindos de regiões mais ao norte (Pereira, 1999).

Ainda de acordo com Pereira (1999), a rota comercial que atravessava o Paraná implicou em uma mudança na estrutura agrária e, por consequência, na população que passou a residir no estado, uma vez que o Caminho das Tropas foi movimentado pela criação de gado e ligado aos donatários residentes em um dos seguintes pontos: São Paulo, Paranaguá ou Santos.

Na visão historiográfica de Pereira (1999), mais precisamente no século XIX, os senhores dos campos gerais abandonaram seus costumes, considerados populares, e passaram a adotar formas da cultura europeia, como, por exemplo, a formação intelectual da geração de fazendeiros, apreciação aos jogos e a criação de cavalos. Na rota paranaense, havia lugares equipados (jogos e serviços de prostituição) para atribuir divertimento aos vaqueiros e tropeiros que percorriam os sertões “desérticos” do Rio Grande do Sul e adentravam nas rotas pontilhadas do Paraná (1999, p. 206).

Quanto a essa distinção cultural, o autor discorre sobre tal segregação entre os costumes de um e de outro estado, que mais tem relação com o abandono da cultura popular/tradicional paranaense por parte de um grupo dominante economicamente, como identificado a seguir:

Apesar do esforço de alguns intelectuais da virada do século, nenhuma dessas tradições se firmou no Paraná. Disso resultou uma espécie de sensação de desconforto. Os paranaenses não possuíam tradições próprias por faltar-lhes raízes e manifestações culturais características. Ora, os bandeirantes ‘quatrocentões’ estão na origem dos primeiros processos de ocupação portuguesa do Paraná. Uma opção pela cultura campeira também seria perfeitamente cabível [...] o gaúcho, com seus trajes, danças e linguajar característico, é tão ‘autenticamente’ paranaense quanto o é rio-grandense [...] A presença dos imigrantes é (*sic*) frequentemente apontada como causa para o ‘desenraizamento’ paranaense. Tal hipótese não se mostra muito sustentável, basta perceber que São Paulo e o Rio Grande do Sul receberam contingentes migratórios maiores que do Paraná e, mesmo assim, elaboraram as suas mitologias regionais. A especificidade do Paraná parece residir em outro âmbito [...] resultado da sucessiva descontinuidade dos grupos que dominaram política e economicamente a região (Pereira, 1999, p. 217).

De acordo com a descrição de Pereira (1999, p. 217), alguns intelectualizados da época que discutiam a noção do “ser nação” fizeram com que

alguns Estados repensassem o reconhecimento de suas tradições, enquanto outros, como foi o caso do Paraná, por exemplo, buscou, possivelmente, dissociar sua imagem dos caminhos tropeiros<sup>32</sup>.

Noelli (2000) expõe de forma breve que alguns dos problemas teórico-metodológicos – bem como os registros históricos, a abordagem dos pesquisadores quanto aos aspectos culturais acerca dos povos indígenas e demais questões históricas – interferem na formulação de um resumo sobre a ocupação humana ocorrida na Região Sul do Brasil. Ainda para o autor, os dados arqueológicos impossibilitam discorrer com maior rigor sobre as populações pré-históricas que habitaram o Sul do Brasil e, por conseguinte, o estado do Paraná.

Referente à situação fronteiriça da Região Sul, Noelli (2000, p. 226) chama atenção para o fato de alguns estudos indicarem a residência de moradores sulistas em áreas como: “São Paulo, Uruguai, Paraguai e as províncias argentina”. Trata-se de um cenário que aponta como era a relação fronteiriça, pois os povos sulistas também se mudavam de seus estados em prol de trabalhos e demais condições socialmente impostas.

De acordo com dados da Secretaria de Foz do Iguaçu (SFI, 2006) e do trabalho de tese de Myskiw (2009), no ano de 1889, a região contemplava uma população de 324 habitantes, distribuídos entre as mais diversas nacionalidades, dentre as quais se encontram espanhóis, paraguaios, argentinos e ingleses. Ocorreu, no período de 1850 a 1880, investimentos atrelados à expansão populacional e, por conseguinte, no plano diretor da cidade, logo, atingindo o expressivo crescimento populacional.

Lima (2007) menciona sobre a influência de Foz do Iguaçu e de cidades paraguaias em rede brasileira, com foco na aglomeração urbana, por esta indicar que a tríplice fronteira dessa região desponta como uma das maiores da Região Sul do Brasil. O autor complementa que, até o fim do século XIX, a região formava uma fronteira aberta, a qual mais tarde recebeu o colono brasileiro (Pedro Martins da Silva) e outro espanhol (Manuel González), os quais trabalharam na produção da erva-mate.

Ainda conforme Lima (2007), além da implementação agrícola do mate e dos

---

<sup>32</sup> Justifica-se que tais contribuições históricas e de formação inicial (inclui-se pré-histórica) das regiões são importantes, dado que elas auxiliam a traçar o perfil linguístico (variantes róticas) dos informantes com o fator diatópico.

planejamentos de expansão populacional, a construção da barragem da usina de Itaipu foi determinante para a onda migratória, mesmo com a hipótese que fica quanto a essa região estar mais ligada às forças do lado paraguaio do que às outras cidades de seu entorno. Os dados do autor indicam que, no sentido econômico, Foz do Iguaçu, no contexto regional do Sul do Brasil, abarca uma aglomeração populacional muito além de sua infraestrutura.

Fenner e Corbari (2014) investigaram as atitudes linguísticas nas localidades de Guaíra (Oeste) e Capanema (Sudoeste), no Paraná do século XXI, municípios estes em situação de fronteira com o Paraguai e a Argentina. Segundo resultados das autoras, as questões identitárias refletem comumente a avaliação linguística do falante (Fenner; Corbari, 2014).

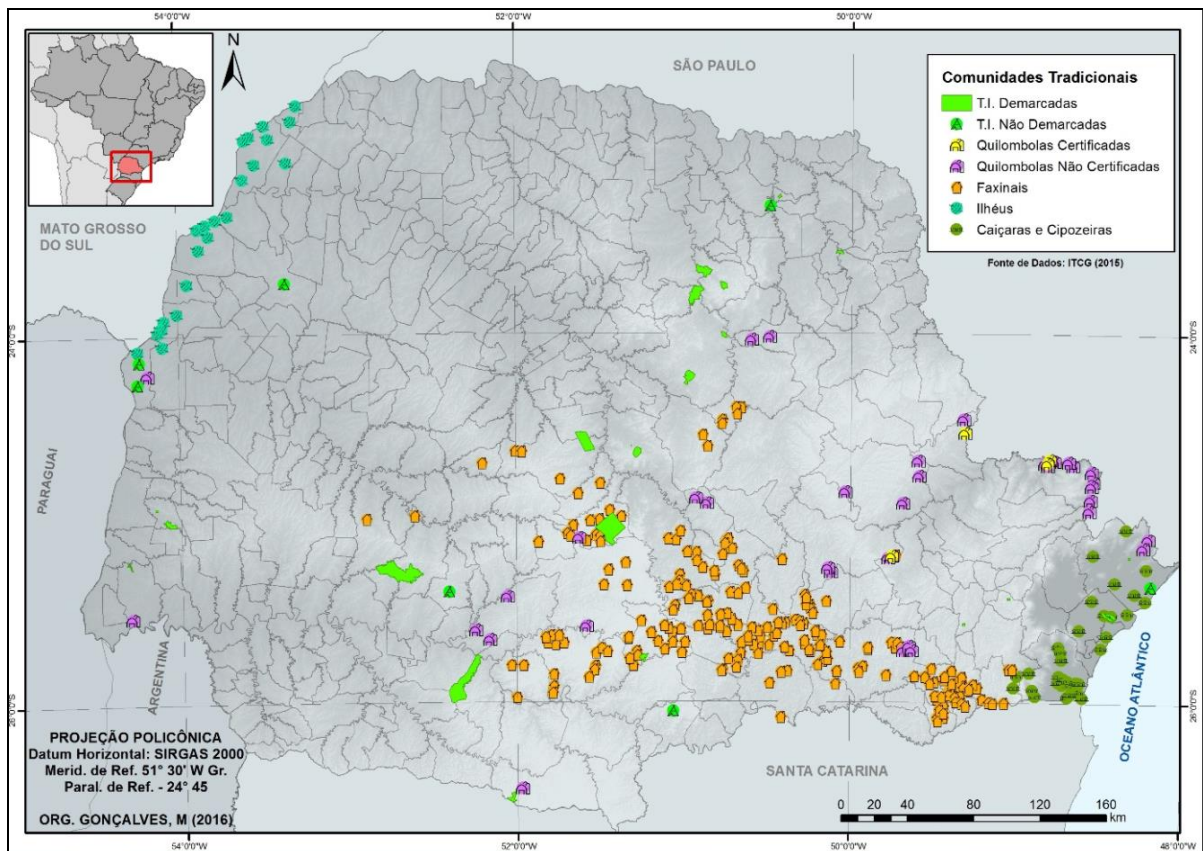
Ainda referente aos fatores sociais da fronteira paranaense e atrelados às questões linguísticas, as autoras confirmam a proximidade da cidade localizada no Oeste brasileiro com a cidade de Salto del Guairá, sendo um movimento que produziu “práticas linguísticas hibridizadas”, isto é, devido à relação econômica, de trabalho e de varejo que se faz na região (Fenner; Corbari, 2014, p. 490). Sobre isso, as autoras discorrem ainda que

O histórico de ocupação e colonização de Guaíra não difere muito do registrado nas demais localidades do Oeste Paraná. A região já foi ocupada por espanhóis, que exploraram todas as áreas a leste do Rio Paraná e constituíram a Província del Guayrá, fundando reduções jesuíticas no local. Com o abandono da região pelos espanhóis, forçado pelos ataques sucessivos dos bandeirantes, que destruíam os *pueblos* e escravizavam os índios catequizados, toda essa área permaneceu isolada por mais de dois séculos. Foi só por volta de 1889, com a criação da Colônia Militar de Foz do Iguaçu, que se iniciou a ocupação efetiva da região por brasileiros (Fenner; Corbari, 2014, p. 490-491, grifo no original).

Conforme as autoras, as duas localidades da pesquisa no Oeste e Sudoeste paranaense confirmaram a presença de grupos populosos italianos e alemães. Guaíra apresentou maior índice de aceitação com relação aos paraguaios e japoneses, e, em Capanema, maior apreço pelos argentinos (Fenner; Corbari, 2014).

Gonçalves e Vizintim (2017), a partir dos dados obtidos pelo Instituto de Terras, Cartografia e Geologia do Paraná (ITCG), em 2015, apresentam algumas características geográficas do estado do Paraná e mostram a distribuição dos povos e das comunidades tradicionais que vivem na região, conforme a Figura 5, a seguir:

**Figura 5 – Povos e comunidades tradicionais do estado do Paraná**



**Fonte:** Retirado de Gonçalves e Vizintim (2017, p. 90).

Segundo os autores responsáveis pela figura 5, fazem parte das chamadas comunidades tradicionais paranaenses os indígenas (de uma das três etnias – “Guarani, Kaingang e Xetá” – com áreas demarcadas e não demarcadas distribuídas por 17 *Terras Indígenas*), os quilombolas (certificados e não certificados), os faxinais (descendentes de imigrantes do leste europeu localizados da Região Centro-Sul do Paraná que falam a língua portuguesa), os ilhéus (comunidades das ilhas do Rio Paraná), os caiçaras (localizados no litoral do Paraná), e as Cipozeiras (comunidades predominantemente chefiadas por mulheres que extraem matéria-prima da mata para produção de artesanato e também estão localizadas no litoral do estado (Gonçalves; Vizintim, 2017, p. 88).

Ainda conforme descrições dos autores (Gonçalves; Vizintim, 2017, p. 89),

A maioria destas comunidades é localizada longe dos grandes centros ou até mesmo afastada de áreas urbanas, não possuindo infraestrutura adequada ou mesmo acesso a bens e serviços. Muitas vezes são comunidades não monetarizadas, que não possuem trabalho formal e vivem de trabalhos artesanais, de plantação, coleta ou de exploração vegetal.

Hitz (2017) menciona sobre o Pomerano (do alemão *Pommeran*<sup>33</sup>, da antiga Pomerânia) em alguns pontos regionais do Paraná (Cidade Gaúcha no Noroeste; Marechal Cândido Rondon e Nova Santa Rosa no Oeste). A título de curiosidade, o imigrante pomerano está atrelado à cultura germânica<sup>34</sup> e mais precisamente situado ao norte da Alemanha e Polônia.

Segundo a autora, a imigração da etnia pomerana no Paraná, descendente dos eslavos e de sua minoria, é anterior à Segunda Guerra Mundial (1945), mais precisamente tem como marco o ano de 1851, em virtude das invasões que culminaram na extinção dessa população. Hitz (2017) ainda contextualiza o período sócio-histórico com as crenças e atitudes linguísticas e identifica que os homens representam o maior número de trilingües (pomerano, alemão e português), semelhante ao sexo masculino dessas regiões também se encontra atrelado ao maior contato social (com outras etnias) e à cultura da aprendizagem.

Outra curiosidade identificada pela autora é de que a língua pomerana falada por alguns moradores do Paraná estar relacionada ao conhecimento gramatical, e, a limitação quanto a esse bilingüismo mostrar-se justificada pela ausência de contato entre os falantes dessa língua. Portanto, na descrição analítica de Hitz (2017, p. 191),

[...] os entrevistados estão num processo de aculturação local, com um bilingüismo subtrativo em favor da língua portuguesa. No entanto, apresentam uma identidade étnica intragrupo, isso fica evidente nas atitudes étnicas pomeranas [...]; a qualificação indireta valoriza o grupo de origem, indicando uma fidelidade étnica encoberta, isentando a etnia pomerana e a alemã de indicativos negativos.

No Paraná, encontra-se também o *Talian*, com base no Vêneto/Língua Vêneto, dialetos falados na Região Nordeste da Itália (Loregian-Penkal; Stival-Soares, 2020), que contribuiu para a formação do mosaico linguístico, que reflete, conforme já dito, o contato da etnia italiana (uma dentre a de tantos povos) que se instalou no estado e o fizeram seu porto seguro em busca de abundância por novas terras, labor e/ou manutenção de uma cultura.

---

<sup>33</sup> Consulta realizada no Dicionário Alemão/Português (PORTO EDITORA, 1994, p. 499), “Pommer, m. pomerânio, natural da Pomerânia; lapuz labrego, saloio [...] Pommern, n. [-s] Pomerânia”.

<sup>34</sup> Mais curiosidades sobre a cultura alemã no Paraná podem ser consultadas em: Pinto, Foohs e Portes (2007), cuja obra contempla descrições e imagens sobre os 175 anos da imigração alemã no estado.

Loregian-Penkal e Stival-Soares (2020) tratam da formação do *Centro de Estudos Vênetos no Paraná* (CEVEP) que preserva a língua Talian<sup>35</sup> falada em algumas regiões do estado. O bairro de Santa Felicidade (Curitiba/PR), colônia Rondinha (Leste de Campo Largo), colônia de Alfredo Chaves (Colombo/PR) e Presidente Faria Lima (também em Colombo PR), trata-se de uma região metropolitana de Curitiba (2020, p. 821-822).

Os autores realizam o resgate histórico e citam que o plano de assentamento de colonos vindos de outros países aumentou o fluxo de imigração italiana a partir da década de 1970. Embora, a primeira colônia – Assungui, que estaria localizada onde é, hoje, o município de Cerro Azul – tenha recebido as primeiras famílias dez anos antes dessa fase em formar 20 núcleos até os anos 1990 (Loregian-Penkal; Stival-Soares, 2020).

Segundo Costa e Renk (2021), os imigrantes ucranianos<sup>36</sup> também fizeram parte do cenário histórico paranaense, mais precisamente investigou-se o município de Prudentópolis (Região Centro-Sul do estado). Registra-se que o Brasil tenha recebido em torno de 120 mil ucranianos que, no Paraná, foram instalados em colônias e regiões, como Santa Bárbara, localizada entre Palmeira e Ponta Grossa (Mesorregião Sudeste); Porto de Paranaguá; arredores de Curitiba (Mesorregião Metropolitana); e Marechal Mallet pertencente à Irati (Mesorregião Sul).

O fato que merece destaque refere-se à imposição da LP, uma vez que as várias colônias instaladas no Paraná foram obrigadas a ‘abandonar’ suas línguas e dialetos em prol de uma aprendizagem na língua do ‘novo’ país. Por isso cabe a recordação no tocante à falta de expressão nos espaços públicos para a língua trazida pelo movimento de imigração (Costa; Renk, 2021).

Conforme o censo IBGE, de 2010, a densidade demográfica no ano de 2000, próximo à data da coleta dos dados *in loco* pela equipe do Comitê ALiB, era de 47,96 habitantes por km<sup>2</sup>, contando com o total de 9.564.643 habitantes. Conforme o último levantamento realizado no ano de 2022 e publicado em 2023, o Paraná contempla uma densidade demográfica de 57,42 por quilômetro quadrado.

---

<sup>35</sup> Na presente tese, o termo adotado será língua de imigração ou língua de herança conforme notas de Loregian-Penkal e Stival-Soares (2020). Maiores descrições quanto a essas diferenças podem ser consultadas em: Ursini (2011), Ortale (2016), Loregian-Penkal e Stival-Soares (2020), entre outros.

<sup>36</sup> De acordo Costa e Renk (2021), no século XIX, a Polônia exercia sua soberania (Dinastia Romanov e Império Austro-Húngaro) em parte do território ucraniano (Região Sudoeste). No atual contexto (2022), o governo russo invadiu a Ucrânia pelo norte do país e declarou guerra aos 44.921.000 milhões de cidadãos.

Em razão dessas circunstâncias históricas que fazem com que grupos/pessoas caminhem e mudem suas rotas ao sabor das políticas econômicas e, provavelmente, suas culturas, discorreu-se, nesta seção, sobre o estado do Paraná. Será focalizado o estado de Santa Catarina, que possui como uma das diferenças peculiares o alto fluxo de turistas nas praias dos manezinhos da ilha (designados por moradores da ilha local, de Florianópolis/SC).

#### 4.2 O ESTADO DE SANTA CATARINA

Segundo Albersheim (1962, p. 19), as variações regionais, fruto de uma tradição cultural multifacetada encontrada no Brasil, forneceu ao estado de Santa Catarina um “colorido especial”, mais precisamente à faixa litorânea, que recebeu expressiva influência da colonização estrangeira. Na historiografia da autora, os primeiros alemães ou seus descendentes povoaram a região do Vale do Itajaí no início do século XIX, deslocados do litoral para uma faixa ao Sul.

A valorização pela cultura dos imigrantes que aportaram no estado esteve atrelada às políticas tanto em nível regional quanto mundial, principalmente no período da Segunda Guerra, em que os ideias da Alemanha não caminhavam ao encontro do restante do mundo. O próprio imigrante precisou lidar com a manutenção cultural de seu país materno e saber o momento de desfazer alguns laços nacionalistas, uma vez que Blumenau e Rio do Sul (centros com maiores densidades populacionais) sofreram os impactos da ideologia nazista da era Hitler (Albersheim, 1962).

Albersheim (1962, p. 57) apresenta números quanto à origem étnica da população de Santa Catarina (Vale do Itajaí, lugar de mesma mesorregião que Blumenau) nos anos de 1959, sendo: 70,9% descendentes de alemães, 5,2% italianos, 7,5% brasileiros, 8,6% alemães com outras etnias, 2,9% alemães com italianos, 3,1% italianos com outras etnias, e 14,6% interétnicas em situação de contexto urbano.

De acordo com Martins (1979), o início ocorreu, no momento, em que o estado recebeu a formação de algumas colônias, como a citada Blumenau, Dona Francisca (Joinville), Olsean e São Pedro (Rio Negrinho), Grão-Pará (Tubarão), entre outras, sendo esta última com sua formação entre os anos de 1882 e 1892. Ainda conforme o autor, nem todas as colônias experimentaram o processo de

acumulação de bens econômicos para desenvolvimento de indústrias, entretanto, algumas passaram por um processo de desenvolvimento mais considerável, se comparada às outras em regiões menos favorecidas.

Para Serpa (1996), Blumenau, localizada na faixa litorânea, foi considerada a cidade mais alemã de Santa Catarina, isso porque a cidade passou por vários momentos de colonização. A imigração alemã, italiana, polonesa e de portugueses, posterior à habitação dos povos indígenas<sup>37</sup> *Kaingang* e *Xokleng*, que já viviam na região e se deslocaram ao interior, ou ainda, foram catequizados, auxiliando o desenvolvimento no setor agrícola da área.

Referente à Primeira República, Serpa (1996, p. 66) comenta que esta estabeleceu-se em uma fase na qual os açorianos – denominação atrelada à etnia alemã – foram vistos como “indolentes”, isto é, com ausência do espírito corporativo de ajuda. No entanto, após esse movimento, mais precisamente em 1948, ocorreu a primeira manifestação em busca do interesse pela cultura da população açoriana, com intuito do encontro pela representatividade de seus costumes, danças e demais condições culturais; logo, esse movimento realizou-se mesmo frente à busca pela identidade catarinense que, de início, evitou retratar as diversidades étnicas não só dos povos alemães, conforme já comentado, como também dos imigrantes e descendentes italianos e africanos.

Segundo a historiografia, os conflitos ocorridos no estado de Santa foram ocasionados pela falta de atenção do estado nas regiões mais afastadas (interior da Região Oeste), incorrendo no fato de os imigrantes e outros povos (açorianos e luso-brasileiros) serem ‘esquecidos’ pelo governo catarinense da época. Cenário que se mostrou interpretado como característica de uma região heterogênea, tanto do ponto de vista étnico quanto cultural, na qual o *Instituto Histórico e Geográfico de Santa Catarina* buscou refletir sobre a identidade dos indivíduos da região (Serpa, 1996).

Santos *et al.* (1999) confirmam que as primeiras décadas do século XX foram determinantes para o futuro de Santa Catarina, uma vez que nessa fase a delimitação das fronteiras (tratado entre Brasil e a Argentina) foi resolvida mesmo após muitos empasses, inclusive a definição dos limites de terras entre Paraná e o referido estado. Com as estratégias de modernização, outro marco importante para

---

<sup>37</sup> Esta tese não busca exaurir os assuntos em torno das comunidades indígenas presentes em território catarinense, por isso recomenda-se a leitura de Kormann (1980), que especifica a terra do índio Kokleng no Rio Negrinho, região Oeste de SC.

SC foi a construção da ponte Hercílio Luz que ligaria a ilha de Florianópolis, considerada a capital do estado, ao restante do Continente, por meio da mobilização de mil operários, recrutados de diversos lugares do país e, por conseguinte, do exterior (Santos *et al.*, 1999).

Segundo a concepção defendida por Santos *et al.* (1999, p. 30):

O nacional não prevaleceu sobre o local. Santa Catarina conseguiu se definir como um Estado que é um mosaico étnico-cultural. A sua população tem múltiplas origens, fazendo coexistir lado a lado as mais diversas tradições culturais e atividades econômicas. Nos 94.442 km<sup>2</sup> que formam a sua área territorial prevalece a diversidade e isso aconteceu ao arripio das intenções e das investidas do Estado centralizado e homogeneizador [...].

O estado de Santa Catarina passou por três importantes momentos, nos quais se tem a fase de consolidação republicana, em seguida, o movimento da Revolução de 30 e, por fim, o surgimento da *Revista Sul*, com as primeiras noções da fase histórico-cultural catarinense (Santos *et al.*, 1999).

A Região do Planalto Serrano no Oeste catarinense representou, em sua fase inicial, o caminho das tropas que saíam do Rio Grande do Sul e caminhavam rumo à região paranaense conhecida como Palmas; e, mais tarde, atraindo paulistas descendentes de portugueses para a formação de fazendas, que tinham os índios como escravos (Radin; Benedet; Milani, 2003).

Na sequência, o intenso fluxo de trabalhadores imigrantes advindos do norte e nordeste da Itália, denominados “venetos”, tornou-se tão expressivo quanto a migração alemã (Radin; Benedet; Milani, 2003). Antes de todo o movimento formador de SC, ressalva-se que as expedições chegadas ao estado ditaram costumes étnico-culturais e, defende-se, nesta tese, a motivação por uma seleção a considerar uma ou outra variante rótica na região (a vibrante do espanhol ou a uvular das línguas europeias).

Afinal, Mello (2005), ao ilustrar a expedição de Diego de Sanabria e de Dona Mencía Calderón, comenta que as tentativas da Coroa Espanhola de inserir moradores pacatos da ilha sofreram diversos atos de saques e outras intempéries, por exemplo, como ataques de piratas, indígenas, franceses, entre outros.

De acordo com Mello (2005, p. 71), esse percurso – cujo fim tinha como ponto de parada Santa Catarina – iniciou-se em Sanlúcar de Barrameda (município localizado na Espanha), com parada em La Palma (Ilhas Canárias), seguindo para o Arquipélago de Cabo Verde, Costa da Guiné, Ilha de São Tomé (trecho em que o

navio foi atacado por franceses), Superagui (Norte da Bahia de Paranaguá/PR), chegando à Ilha de Santa Catarina pela caravela de Becerra, em 20 de novembro de 1550. Portanto, evidencia-se que a chegada de moradores às terras catarinenses carregou na bagagem fatos históricos e contatos com outras etnias.

Ainda conforme Mello (2005), alguns colonos de Sanlúcar de Barrameda que seriam enviados à Ilha de São Francisco (SC) foram enviados ao Caribe de forma acidental, em virtude do navio encalhado por Rasquín. Nesse contexto, a proposta inicial da expedição consistia em estreitar os laços entre Paraguai e Santa Catarina, com prioridade aos castelhanos, a fim de que franceses e portugueses não tomassem as terras, até então, 'conquistadas'.

A fazer um salto histórico, Goulart Filho (2005) detalha os planos políticos pelo qual o estado passou em prol do desenvolvimento econômico e discorre sobre as prioridades identificadas por cada governo nos anos de 1955 a 2002. No contexto e ainda conforme o mesmo autor, mais precisamente no ano de 2000, a infraestrutura de Santa Catarina já contava com terminais telefônicos e usinas para geração de energia, atingindo um salto positivo no setor agroindustrial, sendo a mesorregião do Vale do Itajaí o segundo maior em produção têxtil do Brasil.

Conforme Turnes (2008, p. 157), ocorreu uma fase em que as políticas estaduais de Santa Catarina precisaram revisar e combater o que foi denominado por "litorização". Este fator foi motivado pelo êxodo rural que direta ou indiretamente contribuía para a fuga em prol da vida nos grandes centros, com a formação das aglomerações urbanas na faixa litorânea.

Tais fatos ocorreram no período entre os anos 2000 e 2005. Turnes (2008, p. 158) explica as motivações sociais que levam a essas migrações no estado baseadas nos seguintes componentes:

[...] a fecundidade, a mortalidade e a migração. Portanto, podemos afirmar que as alterações populacionais ocorrem quando as pessoas nascem, morrem ou se mudam do ou para o local analisado. O mundo atual foi moldado em grande parte pelos impactos culturais, sociais e econômicos provocados pela migração de populações de uma região para outra. O Brasil é um exemplo desta afirmação, em face da forte influência da emigração européia e da emigração forçada de africanos.

Para o mesmo autor, dos 293 municípios que Santa Catarina contemplava no ano de 2005, o estado contava com a distribuição de 49,4% homens, contra 50,6% mulheres. Atrelado a esse percentual, a taxa quanto ao fluxo migratório

(pessoas vindas de outras regiões a SC) era de 87.011 novos habitantes do sexo biológico masculino, e 75.610 do sexo feminino. A concentração dessas novas ocupações ocorreu próximo às regiões do litoral catarinense – Jaraguá do Sul, Blumenau, Joinville, Itajaí e Grande Florianópolis (Turnes, 2008).

O cenário variacionista étnico-cultural fez com que línguas co-habitassem a mesma região, sobre isso a pesquisa de Seiffert (2009) apresenta a diversidade linguística contemplada no Norte de Santa Catarina, mais precisamente do município de São Bento do Sul. Segundo a autora, cinco línguas foram registradas na cidade citada, como: *Bayerisch*, *Hochdeutsch*, ucraniano, polonês e italiano, sendo as duas primeiras consideradas línguas minoritárias. Em outras regiões do estado, havia o contato do português com o *Hunsrückisch* (variedade linguística do dialeto alemão).

Em Pomerode (Mesorregião do Vale do Itajaí), o reflexo dessa imigração chegou ao ambiente escolar, uma vez que existem escolas bilíngues na região e essa necessidade, associada aos fatores históricos aqui discorridos, demonstra algumas percepções do cenário linguístico, conforme Silveira (2010, p. 51-52) comenta:

Falar a língua dos imigrantes passou a ser “feio”, passou a constituir “coisa de colono”. À medida que as regiões de imigração foram recebendo também indivíduos provenientes de outras regiões do Brasil, atraídos pela prosperidade daquelas regiões, a língua e a cultura se diluíram ainda mais. [...] No caso do sul do Brasil, mais especificamente, da região do Vale do Itajaí, a tensão que se instaura entre a língua que se fala na família, na escola e na sociedade tende a afastar os jovens da língua, associada a valores com os quais eles não desejam se identificar.

A partir da historiografia apresentada e conforme Silveira (2010), o intenso fluxo do século XIX, ocasionado pela imigração alemã, conforme já citado, e que acompanhou o desenvolvimento de SC, implicou no fato de a rede municipal adotar a ‘planificação linguística’ em virtude dos falantes bilíngues. Nesse caso, fica evidente que a cultura e a forma como o falante se identifica com os fatores linguísticos tende a definir o que ele (falante) julga como ‘feio’.

No censo do IBGE (2010), a densidade demográfica no ano de 2000, para o estado de Santa Catarina, foi de 56,14 habitantes por km<sup>2</sup>. Consoante o último levantamento de 2022, a população passou para 7.609.601 pessoas, que resulta em uma densidade de 79,49 habitantes por km<sup>2</sup>.

Após os descritos os elementos, que impactaram a realidade de Santa

Catarina e fez com que os pontos de maior desenvolvimento econômico e político atraíssem imigrantes, migrantes e turistas de diversos locais, o texto seguinte englobará a paisagem histórica do Rio Grande do Sul e suas interfaces linguísticas e culturais.

#### 4.3 O ESTADO DO RIO GRANDE DO SUL

Ferreira Filho (1958) revela, na história geral do Rio Grande do Sul, a expansão do estado, o povoamento, a Guerra do Paraguai que implicou diretamente na configuração do cenário rio-grandense, além de outros fatores sócio-históricos. O autor ressalta, ainda, que a costa atlântica de RS foi preservada durante os dois primeiros séculos de ocupação portuguesa, e, isso ocorreu devido às áreas nas quais as embarcações eram impraticáveis em virtude dos bancos de areia.

De acordo com o mesmo autor, no século XVII, o estado possuía cerca de vinte mil indígenas, depois, restando remanescentes das tribos Guarani e Kaingang. A criação de gado fez-se presente na região e servia de trocas entre as regiões da margem esquerda do Paraná, Prata, Uruguai e Peru, tendo sido as manadas levadas ao Rio Grande do Sul, incorporando ao estado o processo pastoril (Ferreira Filho, 1958).

Nessa época descrita, ocorreu pelos campos do RS a formação de grupos como: charruas, faeneros, changadores e preadores, formados de castelhanos e outros por portugueses (Ferreira Filho, 1958). De início, mesmo com a conquista dos espanhóis por grande parte do estado, alguns grupos contrários às ordens de Buenos Aires passaram a realizar trocas mercantis com os navios de comerciantes portugueses, ingleses e franceses.

O trânsito terrestre do Sul (caminho dos bandeirantes) formava-se a partir do Rio Grande do Sul e chegava até São Paulo, sendo que a primeira formação desconsiderou o trajeto das tropas por meio do litoral, optou-se pela abertura de caminho pelas serras. A rota designada partia dos campos de Vacaria e Lajes com rumo à Curitiba e seguindo até o estado paulista (Ferreira Filho, 1958).

Nesses pontos rio-grandenses, mesmo com o desamparo político e as promessas raras vezes confiáveis por terras e melhor qualidade de vida, a presença dos açorianos foi predominante nos seguintes pontos “Mostardas, Estreito, Osório,

Porto Alegre, Santo Amaro, Taquari, Rio Pardo e Gravataí” (Ferreira Filho, 1958, p. 33).

Apesar de a literatura trazer os impactos das imigrações alemãs e italianas no Brasil e, principalmente, na região sulista, mostra-se necessário evidenciar que a imigração judaica também se fez presente nas terras rio-grandenses. Sobre isso, entende-se que mesmo não sendo uma população expressiva na região, tal comunidade marcou o cenário do Rio Grande do Sul.

De acordo com Cohen (1992 [1980]), o primeiro momento da vinda de imigrantes judaicos corresponde ao final do século XIX, e, o segundo momento tem como marco a data citada até o período de Pós-Segunda Guerra Mundial. Nesse processo, conforme a autora, houve uma fase na qual ocorreu a necessidade de assegurar a proteção aos judeus vindos ao Brasil, atingindo um número aproximado de mil quatrocentas e cinquenta pessoas.

Muitas dificuldades foram enfrentadas por esses imigrantes, algumas pontuadas por Cohen (1992 [1980], p. 80),

Ao fato, portanto, de englobarem o judeu dentro do grupo maciço de estrangeiros chegados ao Rio Grande do Sul, acrescenta-se o problema do pequeno número de documentos existentes sobre os mesmos, além da grande dificuldade lingüística, hoje, muitas vezes, não superadas pelos próprios descendentes.

Em 1917, outros judeus da *Associação dos Israelitas* fundaram, em Porto Alegre, o centro de cultura com propósito religioso e beneficente. A diferença é que muitos desses grupos étnicos, vindos entre 1931 a 1971, eram de origem polonesa, embora o grupo originário partisse da Rússia, Áustria e Marrocos, com a proposta de um centro de formação em prol de orações (Cohen, 1992 [1980]).

Segundo Barroso (1993), a presença de açorianos no litoral norte do Rio Grande do Sul, agora, mais precisamente na localidade de Osório, iniciou-se em 1734 e, mais tarde, em 1752, com a colonização por parte de casais (28 no total) que ganharam terras na região. Nesse ponto, o caminho utilizado na comercialização dos animais passava pelo litoral e adentrava em Palmares, que ficou conhecido pelo nome de trajeto de “Cristóvão Pereira de Abreu” (Barroso, 1993, p. 34).

Em virtude da busca por melhores meios de comunicação e dos tropeiros que abandonaram a região do litoral para transportar os animais pelo Caminho das

Missões, os casais açorianos passaram a migrar para as áreas centrais, com a finalidade busca por melhores perspectivas ao sul. Para Barroso, (1993, p. 36), “[...] se aconteceu a migração interna no RS de famílias açorianas chegadas via Rio Grande, certo é que paralelo ao processo de abandono do litoral norte ocorreu a chegada de outros tantos açorianos, vindos do litoral catarinense por terra”.

Conforme Barroso (1993, p. 37), em pontos com ausência de rádio/televisão e com menor número de habitantes, como em Santo Antônio da Patrulha, na época, residiam as famílias que se mantinham isoladas. Esse cenário favorecia a utilização do “cantar açoriano”, por assim dizer – prática linguística que preservava as heranças culturais da comunidade.

Ainda de acordo a mesma autora, na mesma região (litoral norte), havia um número significativo de povos de origem africana em fase de crescimento populacional, já em 1859, com um total em número absoluto de 2999 escravos, sendo alguns de origem indígena. A formação de quilombos foi um fator também contemplado na localidade, que agregava tanto escravos fugitivos de outros Estados (Rio de Janeiro), como ladrões de lavouras (Barroso, 1993).

Para Marcon (2003), a expansão de serralherias no RS, como em Passo Fundo, favoreceu o desenvolvimento do setor madeireiro, mais precisamente até a década de 1930. Após esse período, a região Norte do Rio Grande do Sul e o extremo-oeste de Santa Catarina enfrentaram a redução das áreas florestais, afetando até mesmo o sistema que mantinha a colonização de imigrantes.

O autor citado assegura que os madeireiros acabavam por migrar para áreas como Uruguai, Norte-nordeste do Rio Grande do Sul (Erechim), e em direção a Goio-Ên (distrito de Chapecó). O papel das serralherias implicou em transformações sociais, em razão das migrações e imigrações, além dos impactos na formação cultural, cujos fatores necessitariam de estudos sistemáticos, envolvendo as empresas de madeira e a cultura da Região Sul do Brasil (Marcon, 2003).

Segundo o documento do Colegiado de Diversidade Linguística do RS<sup>38</sup> (CSDL-RS, 2018), do Colegiado Setorial do estado, a composição linguística abarca um conjunto de aproximadamente 9 línguas de referência, dentre as quais se encontram: polonês, alemão, pomerano, hunsrückish, talian, iorubá (origem africana

---

<sup>38</sup> Disponível em:

<[https://www.ufrgs.br/projalma/wpcontent/uploads/2019/03/doc\\_colegiado\\_div\\_ling.pdf](https://www.ufrgs.br/projalma/wpcontent/uploads/2019/03/doc_colegiado_div_ling.pdf)>. Acesso em: 24 de mar. 2022.

proveniente da Nigéria), guarani e kaingang. Ainda conforme o mesmo registro, o respeito por esses patrimônios imperiais e culturais centram-se nas localidades de: Nova Prata, Nova Petrópolis, Rio Grande, Camaquã, C. Morro Santana POA, C. Morro do Osso POA, Nova Petrópolis, Caxias do Sul, Dom Feliciano, Erechim, Pelotas, Canguçu, Antonio Prado, Pinto Bandeira e Porto Alegre (CSDL-RS, 2018).

No caso da língua italiana citada, além do Talian, outras variedades do mesmo ramo linguístico foram identificadas, como: “Bergamasco, Calabrês, Cimbro (†), Cremonês, Friulano, Milanês, Veronês, Vicentino, Trentino, Trevisano [...]” (CSDL-RS, 2018, p. 13). Esses dialetos confirmam, mais uma vez, a diversidade linguística do estado e demonstram que a manutenção da cultura, defendida por pesquisas como de Corrêa (2016), mostra-se uma realidade substancial para investigação na presente tese.

Dados em percentual indicam que o domínio ocupado necessariamente pelo Veneto (*Talian*) tem como principais representações, nas localidades do Rio Grande do Sul, os seguintes pontos: “Antônio Prado, domínio de 82,90%; Fagundes Varela, 80,66%; Guaporé, 74,20%; Vista Alegre do Prata, 72,13%; Protásio Alves, 68,48%; São Marcos, 33,37%; Marau, 31,53%; Farroupilha, 24,57%” (CSDL-RS, 2018, p. 13).

Segundo o censo IBGE (2010), a densidade demográfica, do ano de 2000, era de 47,96 habitantes por km<sup>2</sup>. Já no ano de 2022, o censo registrou 10.880.506 pessoas registradas como rio-grandenses, com uma redução na densidade demográfica (38,62 habitante por km<sup>2</sup>).

Em suma, a configuração geográfica aliada aos processos sociais apresentada nesta seção não obsta a compreensão no que tange à relação entre língua e história, uma vez que se constatou o mosaico linguístico-cultural da Região Sul do Brasil. Ademais, as interfaces que alicerçam a presente tese estão contidas na seção seguinte, a qual trata dos critérios metodológicos utilizados na obtenção, tratamento e identificação dos dados coletados em entrevistas gravadas.

## 5 CRITÉRIOS METODOLÓGICOS: TRATAMENTO DOS DADOS

Nesta seção, discorre-se sobre a manipulação dos dados obtidos, desde o recorte das entrevistas até a análise e cômputo das amostras, por meio de cálculos estatísticos – divisão da variável pelo valor real total, consulta da ortogonalidade, teste do qui-quadrado e do peso relativo. Explana-se igualmente os critérios metodológicos do Projeto Atlas Linguístico do Brasil, responsável por disponibilizar os áudios à confecção desta tese.

### 5.1 METODOLOGIA DO PROJETO ATLAS LINGUÍSTICO DO BRASIL

De acordo com Cardoso e Mota (2006), os participantes da pesquisa deveriam ser naturais do município em que residiam, além de terem vivido, ao menos, um terço de suas vidas na região em que moravam e desempenhada atividade profissional que demandasse nenhuma ou baixa mobilidade geográfica espacial. Consoante às autoras, nos pontos de inquérito das regiões interioranas, os informantes têm como formação escolar o Ensino Fundamental (E.F.) da Educação Básica do ensino nacional brasileiro, diferentemente dos informantes selecionados nas capitais, que consistem em quatro participantes, um homem e uma mulher, todos com escolaridade de Ensino Fundamental.

Referente à faixa etária, o Projeto ALiB selecionou um homem e uma mulher da primeira faixa etária, compreendida entre 18 a 30 anos, e outros dois dessa mesma classificação, sendo da segunda faixa etária, a saber: dos 50 aos 65 anos. Os entrevistados foram convidados a responderem às questões do questionário ALiB, as quais possuem relação direta com os costumes e as profissões exercidas na cidade, inclusive a cultura culinária e brincadeiras típicas (Cardoso; Mota, 2006).

### 5.2 ESTRATIFICAÇÃO DAS AMOSTRAS E INFORMAÇÕES SOBRE OS DADOS

A metodologia desta tese segue os critérios adotados pelo Comitê ALiB e busca trabalhar de forma exaustiva com o vasto banco de dados da Região Sul do Brasil. Os resultados obtidos em números absolutos de ocorrências foram os seguintes:

**Tabela 2 – Números absolutos de ocorrências em ataque silábico inicial e medial de palavra**

Posição inicial							
Róticos	Classe	Vogal alvo	Divisão silábica	Faixa etária	Sexo	Estilo de produção	Total N°
<b>Fricativa velar</b>	Nomes= 1073	a = 395 ã = 8 e = 495	1 = 6 2 = 831 3 = 515	18-30 = 740	Homem = 767	QFF=469	1521
	Verbos= 448	ε = 29 ẽ = 4 i = 76 ĩ = 3 o = 189 ɔ = 136 õ = 6 u = 181	4 = 121 5/+ = 48	50-65 = 781	Mulher = 754	Relato = 878 Leitura = 174	
<b>Fricativa glotal</b>	Nomes= 473	a = 112 ã = 3 e = 284	1 = 4 2 = 288 3 = 247	18-30 = 336	Homem = 252	QFF = 98	633
	Verbos= 160	ε = 15 ẽ = 4 i = 54 ĩ = 2 o = 78 ɔ = 34 õ = 3 u = 44	4 = 68 5/+ = 26	50-65 = 297	Mulher = 381	Relato = 476 Leitura = 59	
<b>Tepe alveolar</b>	Nomes= 337	a = 100 ã = 4 e = 193	1 = 5 2 = 200 3 = 181	18-30 = 279	Homem = 238	QFF = 82	452
	Verbos= 115	ε = 11 ẽ = 6 i = 24 o = 59 ɔ = 28 õ = 2 u = 25	4 = 49 5/+ = 17	50-65 = 173	Mulher = 214	Relato = 319 Leitura = 51	
<b>Vibrante alveolar</b>	Nomes= 156	a = 61 ã = 1 e = 68	1 = 5 2 = 109 3 = 78	18-30 = 186	Homem = 114	QFF = 40	211
	Verbos= 55	ε = 8 ẽ = 3 i = 16 ĩ = 2 o = 14 ɔ = 16 õ = 2 u = 20	4 = 13 5/+ = 6	50-65 = 25	Mulher = 97	Relato = 159 Leitura = 12	
<b>Vibrantes Espiranti-</b>	Nomes= 90	a = 21 ã = 1	1 = 1 2 = 53	18-30 = 98	Homem = 74	QFF = 12	119

<b>zadas</b>	Verbos= 29	e = 49 ε = 1 i = 12 o = 13 ɔ = 8 õ = 1 u = 13	3 = 43 4 = 18 5/+ = 4	50-65 = 21	Mulher = 45	Relato = 100  Leitura = 7	
<b>Posição medial</b>							
<b>Fricativa velar</b>	Nomes= 855  Verbos= 497	a = 211 ã = 56 e = 514 ε = 14 ẽ = 29 i = 125 ĩ = 4 o = 118 ɔ = 18 õ = 8 u = 255	2 = 610 3 = 603 4 = 111 5/+ = 28	18-30 = 652  50-65 = 700	Homem = 714  Mulher = 638	QFF = 491  Relato = 710  Leitura= 151	1352
<b>Fricativa glotal</b>	Nomes= 532  Verbos= 349	a = 134 ã = 28 e = 374 ε = 13 ẽ = 32 i = 88 o = 68 ɔ = 7 u = 137	2 = 388 3 = 391 4 = 83 5/+ = 19	18-30 = 457  50-65 = 424	Homem = 334  Mulher = 547	QFF = 258  Relato = 533  Leitura = 90	881
<b>Tepe alveolar</b>	Nomes= 333  Verbos= 165	a = 98 ã = 24 e = 172 ε = 11 ẽ = 5 i = 49 ĩ = 1 o = 32 ɔ = 8 õ = 2 u = 96	2 = 191 3 = 232 4 = 57 5/+ = 18	18-30 = 342  50-65 = 156	Homem = 229  Mulher = 269	QFF = 137  Relato = 326  Leitura = 35	498
<b>Vibrante alveolar</b>	Nomes= 170 Verbos= 105	a = 52 ã = 23 e = 93 ε = 5 ẽ = 9 i = 24 o = 21 ɔ = 7 u = 41	2 = 97 3 = 136 4 = 33 5/+ = 9	18-30 = 252 50-65 = 23	Homem = 139 Mulher = 136	QFF = 56  Relato = 199  Leitura = 20	275
<b>Vibrantes Espirantizadas</b>	Nomes= 79 Verbos= 49	a = 6 ã = 4 e = 35 ẽ = 5 i = 15 o = 20	2 = 68 3 = 38 4 = 17 5/+ = 5	18-30 = 103 50-65 = 25	Homem = 65 Mulher = 63	QFF = 36  Relato = 81  Leitura =	128

		o = 2 u = 41				11	
--	--	-----------------	--	--	--	----	--

**Fonte:** Elaborado pela autora com base nos resultados obtidos na Plataforma R.

Conforme nota-se, na Tabela 2, as ocorrências apresentadas permitiram, por meio da estratificação inicial, que se organizou mediante vários fatores em uma única variável, chegar ao teste de *qui-quadrado*. Para melhor compreensão, cabe frisar que as nove colunas no *Excel* (classe morfológica, vogal da sílaba alvo, divisão silábica, faixa etária, sexo biológico, contexto de produção de fala, localidade, profissão, termo/palavra) representaram o conjunto de variáveis elegidas para explicação do fenômeno de mudança de uma ou outra variante rótica.

Em cada categoria, elegeram-se fatores para segmentação dos dados, sendo que mais de dois fatores se organizaram para cada coluna, por exemplo, a divisão da sílaba que contempla cinco fatores para uma única variável, revelando-se a distribuição das categorias com dois ou mais fatores. Sobre isso, cabe dizer que algumas variáveis, por exemplo, como a localidade (fator diatópico), necessitaram receber mais códigos em razão do trabalho com vinte e nove municípios da Região Sul do Brasil, assim como a profissão, e, diferentemente da variável faixa etária, que por configuração dos dados obtidos, precisou de apenas dois segmentos (homem/mulher).

Quanto aos cálculos por testagem estatísticas, a estratificação inicial dos dados não se mostrou satisfatória, posto que muitos fatores em uma mesma variável não permitiram a ortogonalidade dos dados. Sendo o peso relativo quesito *sine qua non* à validação do resultado, necessitou-se de amálgamas para as variáveis: rótico, vogal da sílaba alvo, divisão silábica, profissão, e, principalmente, à localidade.

A codificação refeita compreendeu critérios específicos para cada categoria, que resultou em fatores ajustados a dois, três e cinco níveis por coluna, como se constata na sequência:

**Tabela 3 – Dados absolutos em situação de análise ternária**

Posição inicial e medial nos dados ternários							
Fricativa velar	Nomes=	a = 605	2= 1.441	Inicial=	Homem=	18-30=	QFF = 960
	1.924	e = 1007	3= 1.118	1.515	1.338	1.390	Relato =
	Verbos=			Medial=	Mulher=	50-65=	1.582

	943	i = 198 o = 307 u = 435 ã = 64 ẽ = 33 ĩ = 7 ε = 155 ɔ = 56	5+= 308	1.352	1.479	1.477	Leitura = 325
<b>Fricativa glotal</b>	Nomes= 1.003 Verbos= 507	a = 246 e = 658 i = 138 o = 146 u = 181 ã = 31 ẽ = 36 ĩ = 2 ε = 56 ɔ = 16	2= 676 3= 638 5+= 196	Inicial= 629 Medial= 881	Homem= 927 Mulher= 583	18-30= 789 50-65= 721	QFF = 356 Relato = 1.005 Leitura = 149
<b>Tepe alveolar</b>	Nomes= 666 Verbos= 280	a = 198 e = 365 i = 71 o = 91 u = 118 ã = 28 ẽ = 11 ĩ = 1 ε = 155 ɔ = 29	2= 391 3= 414 5+= 141	Inicial= 447 Medial= 499	Homem= 482 Mulher= 464	18-30= 620 50-65= 326	QFF = 218 Relato = 642 Leitura = 86
<b>Total</b>	Nomes= 3.593	a = 1.449 e = 2.030	2= 2.508 3= 2.170	Inicial= 2591	Homem= 2.797	18-30= 2.799	QFF = 1.534

PR 1.919	Verbos=1. 730	i = 407 o = 554 u = 734	5+= 645	Medial= 2732	Mulher=2 .526	50-65= 2.524	Relato = 3.229
SC 1.458		ã= 123 ẽ= 80					Leitura = 560
RS 1.946		ĩ= 10 ε= 245 ɔ= 101					

**Fonte:** Elaborado pela autora com base nos resultados obtidos na Plataforma R.

Conforme exposto na Tabela 3, a necessidade pela realização de agrupamentos de fatores implicou de forma direta nas variáveis que contemplavam mais de cinco categorias, como a vogal da sílaba alvo, profissão e localidade. No entanto, ao fazer o cruzamento, identificou-se que a categoria róticos também deveria ser reavaliada em uma análise ternária aos critérios dos seguintes fatores, pois a ocorrência do tepe alveolar, em algumas localidades da Região Sul, como Flores da Cunha, apresentou-se produtiva, semelhante ao valor das posteriores fricativas (velar e glotal).

A vibrante múltipla alveolar [r] fez-se considerada na análise binária e desconsiderada na análise ternária, dado que apenas o modelo ternário poderia, neste momento, revelar atualizadas interpretações dos dados estratificados e contribuir aos ajustes nos *scripts*. A [r] e outras variantes róticas foram retiradas das rodadas e, para contraste, com as fricativas elegeu-se o tepe alveolar pelo seu modo menos apical em relação à vibrante múltipla.

Quanto à variável localidade, distribuída por 29 fatores, optou-se pelo agrupamento dos pontos inqueridos em razão da ortogonalidade dos dados em mais um evento de rodadas, visto que a distribuição das variantes róticas não ocorreu em nível de natureza homogênea nos três estados sulistas. Os valores obtidos reforçam não apenas o agrupamento realizado, como afere a variação para o rótico em ataque silábico para atender às demandas de proporcionalidade dos fatores para cada variável (linguística e extralinguística).

A condição de georreferenciamento das localidades elegidas resultou nos

amalgamas dos municípios a considerar as localizações estaduais. A divisão atendeu a própria configuração da Região Sul brasileira: a variável ‘localidade’ passou a concentrar e a nomear os respectivos pontos de inquérito conforme cada estado (Paraná, Santa Catarina e Rio Grande do Sul).

Para divisão silábica, ajustes quanto aos agrupamentos, foram conferidos, dado que se mostrou necessário eliminar a classe de monossílabos (21 ocorrências) e os conjuntos de sílabas elencadas em ‘quadrissílabos’ (577 ocorrências). A motivação para as novas configurações deu-se em razão da baixa realização de lexias monossilábicas e pela categoria com quatro sílabas se fazer adequada ao fator de polissílabos. Considerado o número reduzido de palavras com mais de quatro sílabas, verificou-se as lexias mais extensas (raramente, restaurante, macarronada).

Embora outras variáveis não tenham passado pelos citados agrupamentos ou remoções de fatores, notou-se que a configuração metodológica à análise ternária possibilitou executar as estatísticas realizadas na análise binária, assim como alcançar a ordem da regressão logística multinível sem a necessidade de incluir demasiados códigos aos fatores.

De acordo com Weinreich, Labov e Herzog (2006 [1975], p. 108), a variabilidade quanto à pronúncia do /r/ nos departamentos de Nova York poderia ser representada da seguinte forma:

**Figura 6** – Representação para a variabilidade de /r/

$$/r/ \rightarrow g[r] / - \left\{ \begin{array}{c} K \\ \hline \# \end{array} \right\}$$

$$g[r] = f(\text{estilo, classe, idade})$$

**Fonte:** Adaptado de Weinreich, Labov e Herzog (2006 [1975], p. 108).

A relação ilustrada indica a representação de um conjunto organizado de acordo com regras ‘coocorrentes’. No entanto, as variáveis individuais podem apenas ‘covariar’, sem acontecer necessariamente uma ocorrência de forma

simultânea (Weinreich; Labov; Herzog, 2006 [1975]).

Em continuidade a constatação de quais regras agem da escolha do conjunto de variantes róticas, na sequência, serão descritos os contextos linguísticos conforme suas utilizações nas primeiras rodadas.

### 5.3 FATORES LINGUÍSTICOS

Para Weinreich, Labov e Herzog (2006 [1975]), cada variável representada no conjunto de subsistemas passa a ser definida como variável independente (extralinguística ou linguística), esperada a covariação entre as variáveis linguísticas. Conforme os autores, em um estudo do sistema linguístico, será necessário a determinação da variável linguística, que poderá implicar em mudanças discretas ou contínuas, por exemplo, a relação da variável com outros fatores internos.

Para tanto, neste processo de mudança rótica descrito, elencaram-se as lexias faladas com a presença de variantes róticas realizadas no falar do Sul do Brasil, pois elas carregarem o mesmo valor. Na perspectiva de Tarallo (2007), trata-se, portanto, do mesmo valor de verdade que consiste em não alterar o valor do signo linguístico (palavra enquadrada no contexto social), sendo tanto em ['rɔ.zɐ] quanto em ['ʁɔ.zɐ], tratou-se de investigar os seguintes contextos linguísticos: posição da sílaba na palavra, classe morfológica, extensão da sílaba, a vogal da sílaba alvo em configurações silábicas idênticas (CV – consoante e vogal).

#### 5.3.1 Posição da sílaba com a variante rótica no léxico

De acordo com Houaiss, Villar e Franco (2004 [1999]), no século XIX, as colônias falantes de LP passavam a ganhar independência, tendo o português como a língua oficial. Ainda conforme os autores da área da lexicografia, nota-se que a variedade da LP apresenta-se distinta de oitiva quando comparado um falante brasileiro com um português, dado que esta não representa um 'conjunto' uniforme.

Mostra-se consensual entre alguns pesquisadores (Callou, 1987; Monaretto, 2002; Vegini, 2007; Carlos, 2015; Justina, 2018, Scabori, 2020; e outros) que a posição da variante rótica na palavra pode indicar a escolha de uma ou outra variação rótica. Monaretto (2002, p. 254), por exemplo, identificou que:

[...] se pré-vocálico, em início de palavra (roupa) e em início de sílaba precedida por consoante (gen-ro), a forma mais comum é o [r] forte (vibrante alveolar ou fricativa velar); em coda silábica (a-ler-tar) e em encontros consonantais tautossilábicos (bra-do), o [r] fraco é predominante, mais precisamente, o tepe.

Para Busse (2010), a posição da variante tepe alveolar na lexia, mais precisamente em configuração anterior, pode, ainda, indicar o ‘estigma’ quanto a essa variante. Nesse caso, as hipóteses para o comumente citado /r/ brando ou a lenição do /r/ forte tendem a indicar a posição favorecedora de uma variante em detrimento de outra.

Para tanto, selecionaram-se as seguintes posições para análise:

**Inicial:** /ReaiS/

**Medial:** /teRRenO/

### 5.3.2 Classe de palavra: gramática

De acordo com Caetano (2013), em consenso entre os estudiosos da língua, tem-se que o verbo veste a modalidade e, por natureza, a temporalidade. Além de, ainda, conforme a autora, ser a classe que contempla a “estrutura mórfica”, fator que indicam flexão de número e pessoa a partir de desinências que se apresentam características do verbo (Caetano, 2013, p. 406).

Para Azeredo (2012, p. 13), a classe do verbo pode assumir próximo de sessenta representações, que se explica por sua funcionalidade, uma vez que a referida categoria expressa um conteúdo gramatical em conjunto, isto é, o verbo representa uma ação e incorpora “tempo, aspecto, número e pessoa”.

A classe gramatical do verbo foi eleita em outras pesquisas (Labov, 2008 [1972]; Scherer, 2013; Justina, 2018; Scabori, 2020, e outras) com método da Sociolinguística, por fornecer, na declinação verbal, como em: ‘quando eu cantar’, ‘quando eu quiser’, e ‘quando eu for cantar’, pistas para lenição ou apagamento do rótico. Verbo e nome foram incorporados por sugestionar que o falante do Sul tenderia a tornar mais fricativo o rótico realizado em uma das duas classes, por exemplo: arroz ou varrer.

Nesta tese, não fizeram parte do banco de dados os registros em coda, ou

mesmo, os eventos léxicos que continham na coda do verbo infinitivo o ataque CV (consoante e vogal), como em: ‘canta**responsável**’. Justamente pelo verbo apresentar-se com multifunções, a classe foi escolhida, pois ela contrasta-se com a classe de nomes e encontra respaldo para aferição de possíveis percentuais semelhantes em outros trabalhos. Sobre isso, pode-se dizer que Scherer (2013), Scabori (2020) e Chaves e Seara (2021) colocam-se como pesquisas relevantes para comparação dos resultados.

Dentro da classe dos nomes, considera-se não só substantivos, como também substantivos, adjetivos, advérbios e palavras de outras categorias que, do ponto de vista semântico, representam neologismos, gírias e expressões terminológicas. Esse critério foi utilizado como forma de separar o verbo, conforme dito, das demais classes que, de alguma forma, ligam-se a nomes, tempos ou circunstâncias, e não à ação propriamente dita.

### 5.3.3 Número de sílabas na lexia: divisão silábica

De acordo com Faraco, Moura e Maruxo (2012, p. 52, grifo no original), as palavras permitem divisões por sílabas em sua estrutura. No entanto, mais especificamente na língua falada, as separações mostram-se mais complexas, a depender do encontro vocálico realizado pelo falante, por exemplo,

**voar** pode ser realizado como *vo-ar* ou *voar*;  
**Mário** pode ser realizado como *Má-rio* ou *Má-ri-o*  
**história** admite duas pronúncias: *his-tó-ria* ou *his-tó-ri-a*.

Ainda conforme os autores, a diferença entre as pronúncias citadas decorre da formação dos ditongos, bem como em **voar**, **Mário** e **história**, que se difere dos hiatos contidos no segundo exemplo da citação (“**Má-ri-o**”). A interferência para essa variação estaria na atuação da variável emoção contida da mensagem emotiva do falante e em outros fatores (Faraco; Moura; Maruxo, 2012, p. 52).

As lexias verbalizadas pelos falantes consistiram em uma análise minuciosa, analisadas de forma exclusiva em função da sílaba a qual contemplava a variante rótica produzida, pois a emotividade do falante manifesta-se no signo linguístico. A estratificação consistiu nas seguintes divisões:

- a) Monossílabas: ré
- b) Dissílabas: ra-to / ter-ra
- c) Trissílabas: re-gi-ão / ter-re-no
- d) Polissílabas (4 sílabas): cor-ren-te-za / re-ti-ra-do
- e) Polissílabas (5 ou mais sílabas): ra-pi-da-men-te / ma-car-ro-na-da

Cabe ressaltar que essa estratificação foi utilizada, também, por Margotti (2004), que identificou favorecimento da variante '[+ptg]' (isto é: associadas à língua portuguesa, sendo: vibrante alveolar e fricativa velar) em palavras monossílabas. Para o mesmo autor, o tepe e a aproximante retroflexa estão atreladas ao [+ita], que se refere à realização rótica adjunta da língua italiana para outras configurações silábicas, por exemplo, como dissílabas.

Semelhante ao referido autor, Scabiori (2020) encontrou essa variável em seus dados de forma a identificar terreno produtivo para a realização da vibrante múltipla alveolar [r] em palavras dissílabas e trissílabas na posição inicial, e menor realização em lexias polissílabas com quatro sílabas em contexto medial.

#### **5.3.4 Vogal da sílaba alvo**

Conforme Silva *et al.* (2019), as vogais ou segmentos vocálicos realizam-se a partir da resistência mínima durante o processo de egressão do ar pelo trato vocal e essas mesmas produções apresentam-se, comumente, como vozeadas, e o fator vozeamento não foi mais um critério para aferição quanto ao favorecimento de uma ou outra variante rótica.

Para as autoras, os parâmetros acústicos das vogais elegidas consideram pontos articulatórios, altura da língua (a partir da abertura ou fechamento da mandíbula inferior), formato dos lábios inferiores e superiores, avanço ou encolhimento da musculatura da língua e a posição do véu palatino, que podem estar abertos ou fechados. Os articuladores, ativo são áreas responsáveis por irem ao encontro dos articuladores que estão estáticos, denominados passivos, isto é, não exercem contração muscular, eles interferem na realização vocálica (SILVA *et al.*, 2019).

Contemplam-se na categoria das vogais a seleção da produção hiponasalizada, em que a egressão do ar também passa pela região das fossas

nasais. Além do interesse na inclusão das vogais abertas, por elas indicarem mudança na configuração dos lábios e mudança na frequência sonora. A seguir, têm-se os exemplos:

[i] vogal alta anterior não arredondada: **ri-o**

[u] vogal alta posterior arredondada: **ru-a**

[e] vogal média alta anterior não arredondada: **re-ti-ra-do**

[o] vogal média alta posterior arredondada: **rou-pa**

[ɛ] vogal média baixa anterior não arredondada: **res-to**

[ɔ] vogal média baixa posterior arredondada: **ro-sa**

[a] vogal central baixa aberta: **rá-di-o**

[ã] vogal central baixa aberta nasalizada: **ar-ran-car**

[ẽ] vogal média alta anterior não arredondada nasalizada: **cor-ren-do**

[ĩ] vogal alta anterior não arredondada nasalizada: **Gar-rin-cha**

[õ] vogal média alta posterior arredondada nasalizada: **rom-per**

[ũ] vogal alta posterior arredondada nasalizada: ausente.

A vogal da sílaba alvo (roda = **rɔ**) foi reduzida a apenas cinco fatores, nesse sentido, as vogais abertas e nasalizadas foram incorporadas às suas respectivas representações, isto é: a, e, i, o, u<sup>39</sup>. Ademais, essa variável já foi investigada por Miranda (1996), Monaretto (2000), Comiotto e Margotti (2019), Kailer e Scabari (2020), Scabari (2020), entre outros autores. A opção por incluir as vogais nasalizadas também considerou o contraste com a pesquisa de Scabari (2020), que indicou da necessidade pela estratificação de outros fatores nessa respectiva variável, devido ao favorecimento do tepe alveolar em contexto da vogal alta anterior não arredondada [i].

#### 5.4 FATORES EXTRALINGUÍSTICOS

<sup>39</sup> Rever Tabela 2, os dados amalgamados foram necessários haja vista que, para determinadas variantes róticas ('apagamento', faringal, aproximante retroflexa, tepe retroflexo e vibrante uvular), os números de ocorrências mostraram-se baixos, quando comparados às variantes mais produtivas (fricativa velar, glotal, tepe alveolar, vibrante múltipla alveolar e vibrantes espirantizadas), o que gerou percentual de 0,1% a 0%, isto é, inferior a 1% em algumas categorias. A rodada que indica tais percentuais se encontra na seção de análise, para justificar esses amálgamas realizados e a rodada descontinuada (contendo a segmentação original) que foi possível até o teste de qui-quadrado. Após a apresentação do teste de  $\chi^2$ , garante-se a ortogonalidade dos dados.

De acordo com Labov (2008 [1972]), os fatores extralinguísticos podem fornecer pistas valiosas que, por vezes, não são obtidas apenas com a investigação da estrutura linguística, ou mesmo, elevado monitoramento de fala por parte de falante, que implica em frases agramaticais. No entanto, para o autor é importante não maximizar ou sobrepor a relação entre os valores sociais e a estrutura interna à língua, dado que ambos os fatores são basilares às investigações no interior da comunidade de fala.

Ainda consoante às ideias do mesmo autor, o comportamento social dos falantes é para a teoria linguística o mesmo que os elementos observáveis do universo são para a área da química, isto é, fatores elementares para o processo de análise. Pois, o teórico reafirma que os valores sociais transferem-se para as variantes linguísticas quando o grupo/comunidade de falantes recorre ao uso do fenômeno em questão (Labov, 2008 [1972]).

Descrevem-se, na sequência, as cinco variáveis extralinguísticas, leia-se sociais, elegidas no processo de análise quanto à estratificação, com intuito de se verificar a atuação delas no favorecimento de uma ou outra realização das variantes róticas. Ressalva-se que o sexo, a faixa etária e a localidade apresentaram-se como categorias invariáveis à segmentação, visto que se considerou as informações contempladas na ficha dos informantes e nos relatos gravados obtidos juntos ao banco de dados do Projeto ALiB, cuja coleta do material ocorreu nos anos de 2001 a 2008.

#### **5.4.1 Sexo biológico**

Em Labov (2006 [1966]), constatou-se que as mulheres eram as mais preocupadas em preservar as formas consideradas padrão, em virtude de ser o sexo que mais se corrigia, pois elas são responsáveis pela manutenção de variantes conservadoras.

Freitag (2015) pontua, de forma adequada, a revisão sócio-histórica da variável sexo, isto é, a visão dos fatores homem e mulher de acordo com a interpretação que a Sociolinguística estabeleceu desses conceitos com o passar de algumas décadas. Para a autora, a referida variável passou por um novo constructo de ideologias, que já não representa a forma de aplicação/pergunta sobre o sexo do participante da pesquisa.

A autora reforça que entender a tal variável como biológica apresenta-se como um paradoxo ao pesquisador, que tentará incorporar essa categoria à pesquisa, uma vez que a análise dos fatores (homem/mulher) considera as situações culturais informadas pelo falante durante a situação de entrevista, e, não, necessariamente a condição estritamente biológica, isto é, física.

A justificar a seleção pela variável citada, considerou-se semelhante estratificação do Projeto ALiB, semelhante à visão de uma informação alicerçada no conhecimento biológico fornecida pelo falante e prescrita na ficha dos informantes. Para tanto, a eleição consistiu em:

**Homem:** também denominado por masculino em algumas descrições da análise.

**Mulher:** também denominado por feminino em algumas descrições da análise.

#### 5.4.2 Faixa etária

De acordo com Labov (1964), existem dois marcadores de tempo importantes para a análise e descrição de fenômenos linguísticos. Na investigação por critério em tempo real, tem-se que uma variante (fenômeno z) possa ser analisada na fala de uma comunidade x a considerar as gerações mediante critérios estratificados a partir das categorias etárias, portanto, aplicam-se os métodos de painel ou tendência.

No caso do método por painel, refere-se à entrevista aplicada aos mesmos informantes entrevistados em uma primeira vez após passado um período/intervalo de tempo definido pelo pesquisador, isto é, faz-se necessário que o instrumento de coleta, leia-se questionário, mantenha semelhantes indagações, para que os informantes revisitados possam respondê-lo em um momento atual (Labov, 1964).

Já o parâmetro por tendência, para o mesmo autor, aplica-se às estratificações que consideram um espaçamento entre uma entrevista e outra. No entanto, com a seleção de informantes que tenham as mesmas características sociais, como forma de manter-se um padrão entre os entrevistados, sem que se revise para a entrevista (coleta de dados) os mesmos participantes da primeira parte da pesquisa.

Labov (1964) cita que tais critérios garantem inestimáveis estudos à mudança linguística em virtude das alterações na comunidade ou na fala de um

indivíduo ao longo de sua vida. O autor ressalta ponderações (cuidados das alterações da comunidade de fala, como a localização dos informantes revisitados, entre outras) a respeito dos critérios metodológicos citados, que não serão detidamente especificados nesta seção, devido a estratificação escolhida ter adotado outro parâmetro/tempo.

Ainda conforme o teórico, como outra opção de tempo, tem-se a metodologia por critério temporal aparente, opta-se por um recorte síncrono (período delimitado) com o incorporar de distintas classificações etárias contempladas no interior de uma mesma comunidade de fala. Para tanto, essa técnica revela a variante favorecida em uma ou outra configuração etária, como também fornece pistas quanto ao desuso ou progresso de um fenômeno linguístico a depender do grupo etário.

O fator cronológico ou faixa etária, é extremamente necessário, como defendem e aplicam alguns pesquisadores (Margotti, 2004; Meyerhoff, 2006; Oushiro, 2015; Oliveira, 2017; Coelho *et al.*, 2019; entre outros) com relação a esse critério metodológico. Embora se encontrem parâmetros que considerem análises por painel, tendência, ou mesmo o trabalho geossociolinguístico com a faixa etária real dos falantes, optou-se pelo critério do tempo aparente, com a investigação de dois fatores internos à categoria idade dos informantes de mesma comunidade de fala, sendo a primeira de 18 a 35 anos e a segunda de 50 a 65 anos.

Margotti (2004) mostra como mais uma justificativa para estratificarmos a variável faixa etária, pois o autor constatou que os falantes mais jovens realizam de forma mais expressiva as variantes róticas associadas ao dialeto italiano. Para o linguista,

Ainda convém ressaltar que, em nosso estudo, as consoantes [ɹ] e [r] foram agrupadas em uma única variante associada ao português de contato. Em vista disso, não foi possível analisar em separado os dois tipos de [r], principalmente o [ɹ] aproximante, que apresenta indícios de ser uma pronúncia de transição entre a pronúncia marcada pelo italiano e a pronúncia não-marcada. Além disso, o procedimento metodológico adotado possivelmente explique porque na realização desta variável linguística, diferentemente das demais, os falantes mais jovens realizaram mais variantes associadas ao italiano do que os falantes mais velhos (Margotti, 2004, p. 161-162).

Sobre a variável faixa etária, Oliveira (2017) reforça que ela afere a sensibilidade de fenômenos linguísticos e os correlacionam às pistas da variação

etária, pois indicam mudanças internas na comunidade. O pesquisador pode analisar os comportamentos linguísticos e constatar se ocorre ou não o transcurso da mudança em progresso e, para o autor,

[...] a língua e a sociedade estão indubitavelmente entrelaçadas, afetando mútua e constantemente uma a outra. Saber como pessoas de diferentes faixas etárias se comportam em relação às possibilidades variáveis da língua permite compreender como a heterogeneidade social a afeta – bem como é afetada por ela – apontando indícios de estabilização, expansão ou extinção da disputa variável (Oliveira, 2017, p. 52).

Ressalta-se a necessidade de investigar a variável faixa etária que foi favorecida pelos fatores extralinguísticos; além da possibilidade da comparação com outras pesquisas (Justina, 2018; Kailer; Scabori, 2020; Scabori, 2020, entre outras), que atrelaram os róticos ao tempo aparente.

**Faixa etária I:** 18 a 30 anos.

**Faixa etária II:** 50 a 65 anos.

### 5.4.3 Contexto de produção de fala

Elegeu-se o estilo de produção de fala em razão dos padrões sociolinguísticos de Labov (2008 [1972]) apontar essa variável como significativa às aferições dos fenômenos linguísticos. Para o autor, o monitoramento com relação ao grau de formalidade auxilia o pesquisador a constatar o rumo de atenção para a língua falada, ou seja, com menos formalidade ou com direcionamento ao espectro formal (Labov, 2008 [1972]).

Margotti (2004) verificou o grau de monitoramento exercido pelos falantes com o objetivo de analisar a realização de uma ou outra variante rótica na fala de moradores catarinenses, que tivessem contato com outros parentes/falantes de língua italiana. Para tanto, a considerar a respectiva variável (grau de monitoramento à fala), o autor identificou que, em contexto de leitura, o /r/ forte mostrou-se mais favorável (65%), quando comparado aos demais contextos, como 46% para o questionário e 47% para o relato pessoal, denominado na pesquisa por ‘conversa’.

A pesquisa de Scabori (2020) revelou que o contexto de leitura, para as variantes róticas em ataque silábico inicial (fricativa velar, vibrante múltipla alveolar e

tepe alveolar), apresentou diferença de 4%, se contrastada ao contexto de baixo monitoramento da fala. Nesse sentido, mesmo que a autora não tenha realizado um tratamento acústico sistemático na delimitação das róticas posteriores, sua afirmação consistiu em ir ao encontro da afirmação de Labov (2008 [1972]), referente à baixa monitoração da própria fala em contexto de relato sobre risco de vida, que comprova a necessidade para o recorte da seção de leitura na verificação do contexto de produção de fala.

Frente a essa necessidade, ressalta-se que algumas entrevistas gravadas apresentaram ausência da leitura do texto *Parábola dos Sete Vimes*, de Trindade Coelho (COMITÊ NACIONAL DO PROJETO ALIB, 2001). A Tabela 4, a seguir, ajudou a organizar os registros da segmentação dos dados obtidos:

**Tabela 4** – Ausência de leitura para contexto de monitoramento da fala nos dados do ALiB

<i>Localidade</i>	<i>Informante</i>	<i>Sexo biológico</i>	<i>Faixa etária</i>
São Francisco do Sul	Inf. 3	Homem	1
	Inf.4	Mulher	
São Miguel do Oeste	Inf. 3	Homem	2
	Inf. 4	Mulher	
Concórdia	Inf. 4	Mulher	2
Tubarão (retirada)	Inf. 3	Homem	2
Três Passos (retirada)	Inf. 1	Homem	1
Passo Fundo	Inf. 3	Homem	2
Vacaria (retirada)	Inf. 3	Homem	2
São José do Norte	Inf. 3	Homem	2
	Inf. 4	Mulher	
<b>Total</b>	11 informantes	7 Homens / 4 Mulheres	

**Fonte:** Elaborado pela autora a partir dos dados do ALiB (COMITÊ NACIONAL DO PROJETO ALIB, 2001-2013).

Elimina-se a localidade de Vacaria, também, em razão de o contexto de leitura do terceiro informante apresentar-se incompleto na entrevista gravada, contando apenas com uma única pronúncia diante da lexia ‘morreu’. Outras localidades, como Blumenau, Tubarão, Três Passos e Caçapava do Sul

apresentaram o contexto de leitura adequado para análise, entretanto, foram retiradas para atender a distribuição geográfica pensada para esta tese – 9 (PR), 7 (SC) e 9 (RS).

Para tanto, nem todas as localidades com ausência de ficha de leitura foram excluídas da seleção de pontos de inquérito desta tese, isso em fidedignidade/garantia ao parâmetro de espacialidade geográfica dos estados das Região Sul brasileira, pré-selecionados pelo Comitê do Projeto ALiB.

Têm-se as seguintes partes do questionário:

**Questionário Fonético-Fonológico (QFF):** terreno, varrer, ruim, arroz, rosa, rato, remando, real/reais, borracha, rasgar, correio, genro, sorriso e morreu.

**Temas para Discursos Semidirigidos:** (i) relato da vida pessoal do informante; (ii) comentário sobre programa de televisão e outros; (iii) descrição pessoal sobre local de trabalho; e (iv) relato sobre um acontecimento envolvendo outras pessoas, isto é, situação não pessoal (COMITÊ NACIONAL DO PROJETO ALIB, 2001).

**Leitura:** morrer (duas vezes), rapazes, roer, respondeu e morreu. Ressalta-se que, em alguns relatos pessoais de SC e RS, o terceiro item era respondido ou incorporado a outra resposta, cujo foco não se centra de forma exclusiva no trabalho durante o discurso mais emotivo (menor atenção à língua falada).

A considerar critérios para o contexto de leitura, na localidade de São José do Norte no ponto 249, todas as lexias contendo variantes róticas produzidas durante a leitura do texto no contexto de elevado monitoramento da fala foram desconsideradas, haja vista que a esposa do informante o ajudou durante esse momento da aplicação do questionário.

Após especificações do contexto de produção de fala, segue-se para as localidades em investigação na presente tese.

#### **5.4.4 Localidade**

A considerar que a dimensão diatópica sempre esteve incorporada aos estudos sobre a linguagem, concebe-se, nesta tese, a variável localidade como principal responsável pelas muitas pistas do fenômeno da variação rótica em ataque.

Coseriu (1956 [1921]) já sinalizava o fator geográfico para a linguística como um método de alcance tanto teórico quanto prático, com vistas a expor os obstáculos geográficos da linguística, como rios que poderiam configurar pontes de comunicação entre as comunidades.

Cita-se, nesta seção, diversos trabalhos da geossociolinguística que se preocuparam com a dimensão territorial da Região Sul em análise às variantes róticas no ataque, como o trabalho de Labov (1961, 1966, 1972), Monaretto (2001), Margotti (2004), Brescancini e Monaretto (2008), Busse (2010), Comiotto e Margotti (2019), Kailer e Scabori (2020), Scabori (2020), entre outros. Na maioria das pesquisas comentadas, existe algo em comum que se trata de atribuir a variante tepe alveolar e a vibrante alveolar aos dialetos e línguas oriundas da Europa, por exemplo, como o talian, vêneto, alemão, polonês e outras.

Cagliari (1997, p. 34) argumenta que se atribuiu o termo ‘vibrante’ para os sons característicos de dialetos italianos contemplados no Sul do Brasil, como se lê:

[...] embora tradicionalmente se use o termo vibrante para os sons que se escrevem com a letra R em Português, com exceção do Português Europeu e de algumas pronúncias muito particulares no Brasil, em geral, oriundas de dialetos que envolvem outras línguas, como o dialeto brasileiro de origem italiana, o que se ouve mais frequentemente é um som fricativo (velar ou glotal) e um tepe.

A visão de ‘róticos anteriorizados’ pertencentes à Região Sul brasileira justifica, mais uma vez, a necessidade de incorporação da variável, aqui, em debate, pois as localidades elegidas (29 no total, com 4 informantes por município) ocuparam um papel central na história e no desenvolvimento da região dos entrevistados.

De acordo com as últimas informações do sistema eletrônico IPARDES (2012), o Paraná encontra-se dividido em 10 mesorregiões geográficas, ilustradas no quadro, para melhor identificação de como se manteve a distribuição do espaço geográfico do estado, e as localidades selecionadas para atender a metodologia previamente pensada pelo Projeto ALiB:

**Quadro 4 – Mesorregiões do estado do Paraná**

<b>Mesorregião</b>	<b>Localidades selecionadas</b>
NOROESTE PARANAENSE	Nova Londrina
CENTRO OCIDENTAL PARANANENSE	Campo Mourão Terra Boa
NORTE CENTRAL PARANAENSE	Cândido Abreu
NORTE PIONEIRO	Tomazina
CENTRO ORIENTAL	-
OESTE PARANAENSE	São Miguel do Iguaçu
SUDOESTE PARANAENSE	Barracão
CENTRO-SUL PARANAENSE	-
SUDESTE PARANAENSE	Imbituva
METROPOLITANA DE CURITIBA	Adrianópolis

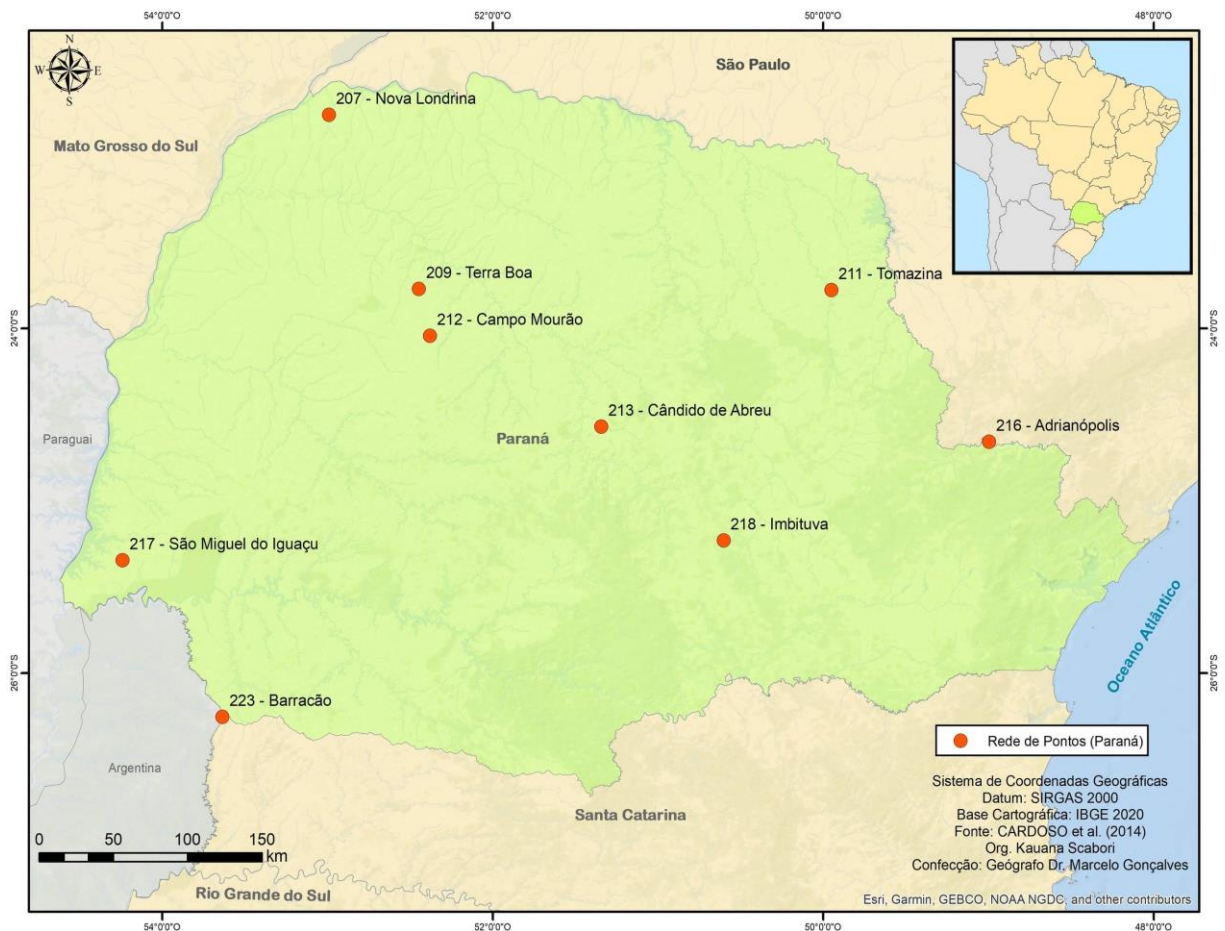
**Fonte:** Adaptado de IPARDES (2012, p. 1-8).

Em razão dos ajustes metodológicos, nas localidades paranaenses, motivados pela investigação prévia realizada por Kailer e Scabari (2020) e Scabari (2020), registrou-se a necessidade por ajustes quanto às localidades interioranas incluídas na pesquisa, por elas não terem sido investigadas nos mesmos moldes desta tese ou ajustadas estatisticamente conforme a proporção de róticos em ataque coletados nos três estados sulistas. Além das já citadas, outras motivações foram: (i) proporcionalidade dos dados para atender a nova configuração referente à extensão territorial de cada um dos estados; e (ii) fatores socioculturais e históricos, pois ocorreu a manutenção pelos pontos em região de fronteira e estados, por municípios em áreas litorâneas, como algumas localidades de Santa Catarina (Itajaí e São Francisco do Sul).

Acrescentou-se ao *corpus* do Paraná as cidades de Barracão (Mesorregião sudoeste paranaense) e Tomazina (Norte Pioneiro paranaense), que, junto às demais cidades paranaenses, totalizaram 9 pontos de inquérito. Cabe a ressalva de que nem todos os pontos foram incluídos porque se retirou a capital Curitiba, investigada em Kailer e Scabari (2020), além do fato de que outras localidades não foram contempladas em razão de estarem próximas a outros pontos de inquérito escolhidos, sendo esse critério determinante para seleção dos municípios.

Na sequência, o mapa do Paraná ilustra melhor os municípios no espaçamento territorial, pois, além de outros aspectos fundamentais da imagem, como a dimensão longitudinal dos pontos, nota-se que o estado faz fronteira com o Paraguai e a Argentina. Além de o Paraná encontrar-se cercado por três Estados, os quais foram considerados potenciais à economia do Brasil, que, conforme visto em Noelli (2000), implica em uma manutenção de tradições culturais de uma dada região.

**Figura 7 – Mapa com a geolocalização do Paraná e a rede de pontos**



**Fonte:** Organizado pela autora e adaptado de CARDOSO *et al.* (2014).

Embora Terra Boa (209) localize-se próxima a Campo Mourão (212) e estejam em semelhante mesorregião, a manutenção de ambos os pontos aconteceu em razão dos dois requererem investigações quanto aos róticos em ataque, é o mesmo critério metodológico da presente tese. À direita, no canto superior, estão a localização do Paraná no Brasil e a sua extensão territorial, contando com 199.315 km<sup>2</sup>.

Referente à Santa Catarina, as influências sócio-históricas e o contato etnográfico não alteraram a configuração do estado catarinense. Conforme a última atualização do SPG (2013), o estado demarca as seguintes mesorregiões: (aproveita-se para incluir e, por conseguinte, situar o ponto mesorregional das localidades da pesquisa, realizado no quadro anterior).

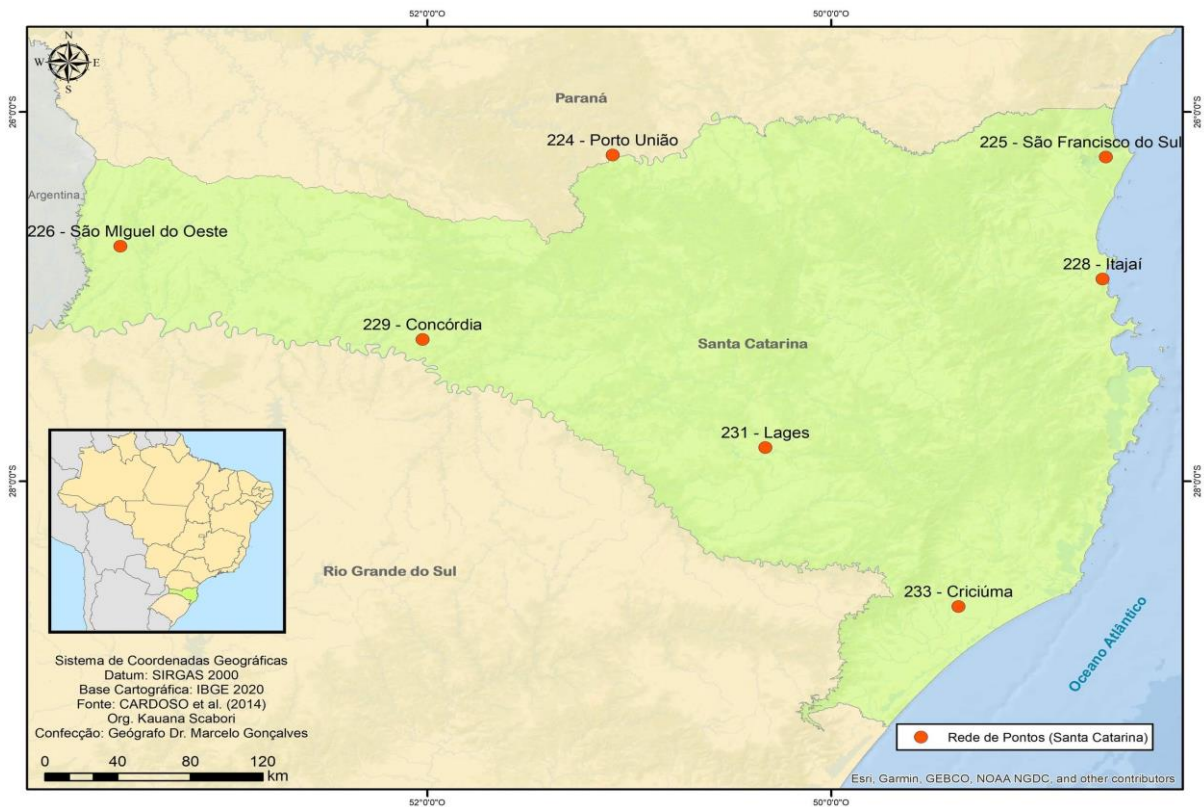
**Quadro 5 – Mesorregiões do estado de Santa Catarina**

<b>Mesorregião</b>	<b>Localidades selecionadas</b>
OESTE CATARINENSE	Concórdia São Miguel do Oeste
NORTE CATARINENSE	Porto União São Francisco do Sul
SERRANA	Lages
VALE DO ITAJAÍ	Itajaí
GRANDE FLORIANÓPOLIS	-
SUL CATARINENSE	Criciúma

**Fonte:** Adaptado de SPG (2013, p. 1).

Para Santa Catarina, retirou-se Blumenau (ponto 127 no Atlas Linguístico do Brasil), por estar próximo ao ponto 128 (Itajaí) e em semelhante mesorregião territorial (Vale do Itajaí). O mapa, com a distribuição dos pontos, exhibe a cartografia do espaço territorial para melhor ilustrar o ponto de Itajaí (faixa litorânea) e a demarcação das demais localidades selecionadas para esta tese.

**Figura 8** – Mapa com a geolocalização de Santa Catarina e a rede de pontos



**Fonte:** Organizado pela autora e adaptado de CARDOSO *et al.* (2014).

Em Santa Catarina, as alterações da seleção dos pontos resultaram em uma seleção de 7 localidades, subdivididas em mesorregiões no território catarinense com 95.346 km<sup>2</sup> de extensão territorial. Volta-se a notificar que os ajustes foram necessários por se tratar do menor estado da Região Sul, impossibilitando envolver todos os pontos do Rio Grande do Sul, também, em razão das adequações realizadas conforme distribuição dos pontos e densidade de cada estado.

O próximo quadro apresenta as mesorregiões do Rio Grande do Sul com algumas localidades elegidas para a pesquisa. A exibição auxilia a identificação de como se manteve a divisão riograndense ao longo do tempo;

**Quadro 6** – Mesorregiões do estado do Rio Grande do Sul

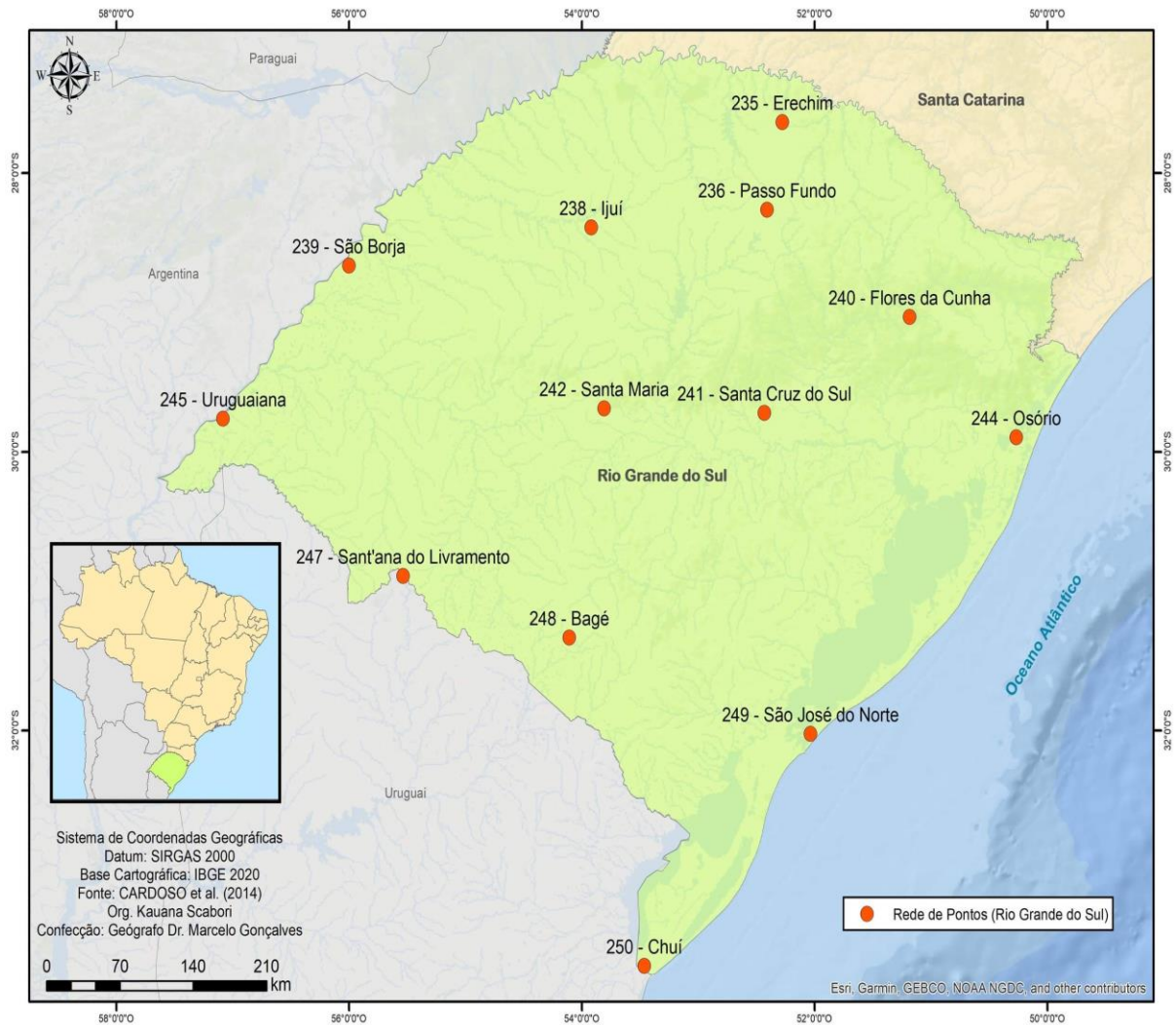
Mesorregião			Localidades selecionadas
CENTRO OCIDENTAL	RIO-GRANDENSE		Santa Maria
CENTRO ORIENTAL	RIO-GRANDENSE		Santa Cruz do Sul
METROPOLITANA DE PORTO ALEGRE			Osório

NORDESTE RIO-GRANDENSE	Flores da Cunha
NOROESTE RIO-GRANDENSE	Erechim Ijuí Passo Fundo
SUDESTE RIO-GRANDENSE	Chuí São José do Norte
SUDOESTE RIO-GRANDENSE	Bagé Santana do Livramento São Borja Uruguaiana

**Fonte:** Adaptado de NERU-FEE (2009, p. 1) e IBGE (2010).

Nota-se que, mesmo com a eliminação de algumas localidades do Rio Grande do Sul do corpus analisado, todas as mesorregiões foram atendidas e contemplam, pelo menos, uma localidade. No mapa seguinte, encontram-se os pontos para as localidades elegidas e as zonas limítrofes do estado do Rio Grande do Sul com os países vizinhos (Argentina e Uruguai), assim como da faixa litorânea:

**Figura 9 – Mapa com a geolocalização do Rio Grande do Sul e a rede de pontos**



**Fonte:** Organizado pela autora e adaptado de CARDOSO *et al.* (2014).

Para o Rio Grande do Sul, retirou-se Três Passos, ponto 234 do ALiB (Região do Noroeste rio-grandense), por manutenção do ponto 235 (Erechim) e para melhor espacialidade de geolocalização dos pontos selecionados. Vacaria (nordeste rio-grandense – ponto 237) também deixou de fazer parte do corpus da tese, por pertencer à mesma mesorregião que Flores da Cunha (ponto 240), esta última eleita em razão de suas questões sócio-históricas com a língua italiana (fatores verificados em Margotti (2004)).

De acordo com o mesmo estado, nas localidades citadas, retirou-se Caçapava do Sul (sudeste rio-grandense – ponto 246), por estar próximo e entre os pontos 242 (Santa Maria) e 248 (Bagé), que já representam importantes áreas especializadas do ponto de vista geográfico. Os dados contêm 13 localidades rio-

grandenses, cuja distribuição abarca uma área territorial de 281.748 km<sup>2</sup>.

Na proporção descrita entre os pontos dos Estados sulistas, isto é, 7 (SC) para 9 (PR)<sup>40</sup>, e 13 (RS), evidenciam-se os critérios adotados no Projeto ALiB:

[...] a rede de pontos do ALiB conta com um total de 250 localidades distribuídas por todo o país e selecionadas de acordo com critérios demográficos, históricos e culturais, tendo-se, também, levado em consideração a extensão de cada Estado/região e a natureza de seu povoamento na delimitação do número de pontos da área (Cardoso et alii. 2014, p. s./n.)<sup>41</sup>.

Embora reajustes quanto à quantidade de localidades tenham sido realizados, excluindo-se a versão original de pontos propostos pelos membros do Comitê ALiB, as alterações atenderam aos cálculos de proporções estatísticas em razão da primeira seleção (pontos do Paraná). Manteve-se a quantidade de números ímpares por estado, mesmo que este fator tenha sido desconsiderado na análise ternária, mais uma vez por se tratar de uma distribuição estatística e que atendesse à ortogonalidade dos dados obtidos.

#### 5.4.5 Profissão

Referente à variável profissão, dois contextos de resposta foram considerados a partir da ficha do informante e da entrevista gravada, sendo: (i) a empresa/local no qual o informante se encontrava em exercício de sua profissão; e (ii) outras ocupações que o participante atuava em sua jornada profissional. A codificação para esse fator extralinguístico considerou, também, como um dos critérios, a resposta referente ao último emprego desenvolvido pelo entrevistado, isso para os casos de mais de uma ocupação informada.

A variável trabalho é relevante não apenas para a pesquisa de primeira onda, desenvolvida por Labov (1966), como também para outros projetos/atlas linguísticos, por exemplo, ALiB, NURC<sup>42</sup>, ALiMAT<sup>43</sup> e demais, incorporaram esse fator social. Essa preocupação com a variável profissão do informante não é nova em trabalhos dialetológicos e sociolinguísticos (Thun, 1998,2005; Mattos e Silva,

---

<sup>40</sup> Barracão e Tomazina (PR) fazem parte dos mesmos pontos de inquérito já estudados por Scaboni (2020).

<sup>41</sup> Disponível no site do Projeto *Atlas Linguístico do Brasil*: <https://alib.ufba.br/content/rede-de-pontos>.

<sup>42</sup> Projeto Norma Urbana Culta.

<sup>43</sup> Atlas Linguístico do Mato Grosso.

1991; Margotti, 2004), que se detêm em diversos outros fenômenos do PB.

O motivo por considerar uma das duas respostas teve como propósito extrair o máximo de informação para a variável profissão, a qual passou a ser contemplada na presente pesquisa após esta categoria ser pesquisada por poucos pesquisadores (Scabari, 2020), debruçados no ‘polimorfismo’ rótico em ataque. Mais uma justificativa para tal incorporação centra-se no favorecimento das variantes róticas em coesão com os fatores sociais atrelados ao emprego, isto é, a atuação do falante em sua comunidade de fala profissional.

Para esse propósito, algumas localidades apresentaram ausência dessa informação nos dados obtidos junto ao laboratório ALiB, a saber: Bagé, Criciúma, Lages, São Borja e Uruguaiana. Optou-se por acrescentar tais localidades e criar uma terceira categoria para a estratificação<sup>44</sup> das amostras, alcançando as seguintes opções: com ocupação, sem trabalho remunerado e informação ausente.

No Quadro 7, encontram-se as profissões obtidas junto às respostas dos informantes inquiridos e, por vezes, o local da atividade trabalhista:

**Quadro 7 – Codificação de acordo com a profissão indicada pelos informantes do ALiB (2001-2013) para a Região Sul do Brasil**

Profissão e/ou lugar no qual exerce a profissão:	
1. Produção de polvilho	18. Hoteleiro
2. Escola Municipal (pré-escola)	19. Entregador/Distribuição para mercados
3. Motorista	20. Aposentado
4. Secretária do lar	21. Pintor
5. Balconista	22. Metalúrgico
6. Diarista/Funcionário de limpeza/ Limpador de equipamento	23. Garçom
7. Chapeiro/Cozinheira	24. Vendedor/ Vendedor de roupa
8. Comerciante	25. Estudante
9. Frentista	26. Pescador

<sup>44</sup> Reforça-se que esses amálgamas garantem o controle de exceções às regras, isto é, o conjunto consegue ser adequadamente combinado a outros do modelo de forma a respeitar a ortogonalidade.

10. Lavoura/Agricultor(a)	27. Fábrica
11. Costureira	28. Professora (auxiliar) da Educação Infantil
12. Pedreiro	29. Serralheiro
13. Empresa de tabaco	30. Eletricista
14. Borracheiro	31. Mercado
15. Caldeirista/Classificador de madeira	32. Dono de construtora
16. Ajudante de caixa	33. Sem resposta/sem registro na ficha
17. Mecânico	

**Fonte:** Elaborado pela autora a partir dos dados do questionário Socioeconômico do Projeto ALiB (COMITÊ NACIONAL DO PROJETO ALiB, 2021).

Em Scabari (2020), a referida variável extralinguística (ocupação) poderia indicar não apenas a prioridade articulatória de uma ou outra variante rótica, como também a relação com o contexto social a depender do contato com o público/comércio na região do falante. Ainda conforme a mesma autora, a análise considera o fato de as mulheres ficarem no ambiente doméstico a maior parte do tempo, sendo essa informação um dado relevante à variação do /R/ em ataque.

Nesta seção, discorreu-se sobre as amálgamas, fatores linguísticos e extralinguísticos, além das justificativas para algumas exclusões e ajustes nos dados reais. Segue-se, agora, à descrição do tratamento acústico e aos parâmetros estatísticos adotados no cômputo das amostras coletadas.

## 5.5 A VERIFICAÇÃO DAS AMOSTRAS NO PROGRAMA DE ANÁLISE DA LÍNGUA FALADA: PRAAT

Nesta subseção, exibe-se as variantes róticas que foram produzidas expressivamente pelos informantes do ALiB: fricativa velar, fricativa glotal, vibrante alveolar, tepe alveolar e vibrantes espirantizadas. A aferição para julgar a produtividade de uma ou outra variante considera o valor real da realização rótica na distribuição geográfica.

As variantes com baixa produtividade, como os casos de apagamento, tepe retroflexo, aproximante retroflexa alveolar, vibrante uvular e fricativa faringal foram desconsideradas da análise e da apresentação no tratamento acústico, em razão

das amostras requererem novas revisões em demais softwares de análise da fala. Embora se tenha considerado os valores dos formantes (taxa de F1 e F2), de igual forma os níveis de ruído no espectrograma, alguns índices (F2 superior a 2000 Hz e continuação de F1 em F2) não foram suficientemente adequados aos padrões listados em Silva *et al.* (2019).

As seguintes realizações não fizeram parte dos três processos de rodada dos dados, ficando essas variantes registradas e condicionadas às especulações quanto às novas variantes, subconjuntos ou um caso de desvio fonético-articulatório por parte do informante. As amostras referem-se aos 7 casos (2%) para possível ‘apagamento’ ou fricativa glotal que requer maior atenção, realizado no falar do homem da primeira faixa etária de Adrianópolis/PR no contexto de /roer/ [‘oe]; mulher da primeira faixa etária de São Francisco do Sul/SC para palavra /restaurar/ [zes’tawrɛ]; homem da segunda faixa etária de Francisco do Sul (SC) para /riscar/ [is’kaɹ]; homem da segunda faixa etária de Concórdia (SC) diante de /rosa/ [‘ɔzɛ]; mulher da primeira faixa etária de Itajaí/SC para /roer/ [‘oe]; homem da primeira faixa etária de Erechim (RS) para /respondeu/ [espõ’dew]; e a mulher da primeira faixa etária de Barracão para palavra /rapazes/ [a’pazes]).

Os eventos nos quais a ‘aproximante retroflexa alveolar’ foram retiradas totalizam 8 casos (0,3%) da amostra total, sendo a ocorrência no falar do homem segunda faixa etária de Cândido Abreu (PR), nos contextos das lexias /rozeira/ [ɹo’zere], /resto/ [‘ɹɛstɹ], /ruge/ [‘ɹuʒe]; mulher da segunda faixa etária de Cândido Abreu (PR) para ressurreição [ɹej’surej’sãw]; homem da segunda faixa etária de Porto União (SC) em /regalando/ [ɹega’lãɹ]; homem da segunda faixa etária de São Miguel do Oeste (SC) para /resto/ [‘ɹɛstɹ]; mulher de segunda faixa etária de São Miguel do Oeste (SC) no contexto léxico-fonético /rato/ [‘ɹatɹ]; e homem da segunda faixa etária de São Miguel do Iguaçu(PR) para /rosa/ [‘ɹɔzɛ]).

De igual modo aos casos listados, os 2 eventos para a ‘faringal’ foram retirados, um presente na fala do homem da segunda faixa etária de Santa Maria no Rio Grande do Sul nas lexias /rasgar/ [is’kɛ] [ɹas’gaɹ] e outro na lexia /rato/ [‘ɹatɹ]).

As duas 2 realizações (0,1%) para o ‘tepe retroflexo’ ocorreram na fala do homem de Imbituva (PR), pertencente à segunda faixa etária para /roda/ [‘ɹɔdɛ]; e no falar do homem da segunda faixa etária de Barracão para /raramente/ [ɹara’mɛtɹ]), que resultaram em um valor próximo de 0%.

Na mesma tendência, na posição medial, as variantes analisadas e retiradas

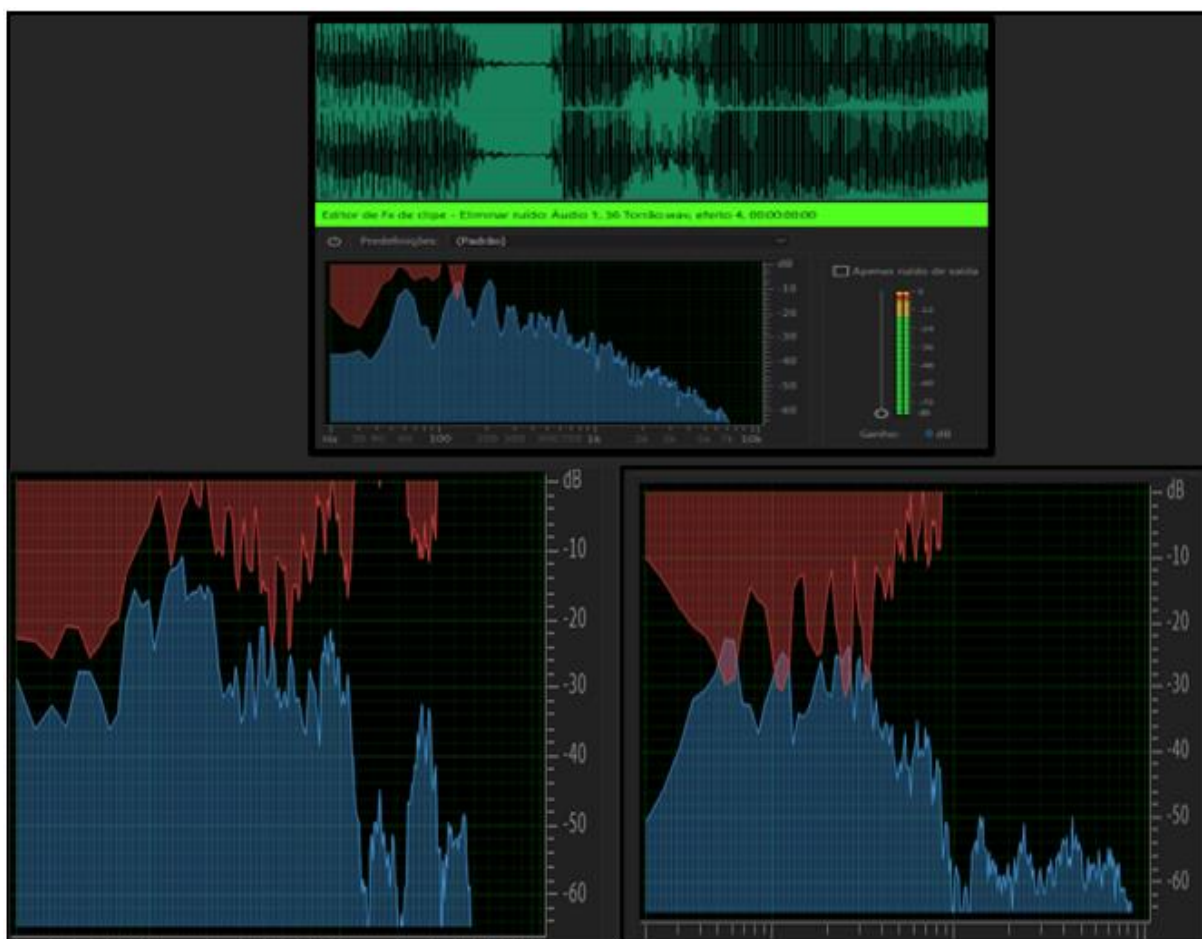
da amostra foram: a vibrante uvular com 14 ocorrências (0,4%) /corria/ ([ko'χiɛ] e /irrita/ [i'χite] da mulher da segunda faixa etária de Adrianópolis, /porreta/ [po'χetɛ] e /esparramada/ [ispaxa'madɛ] da informante da primeira faixa etária de São Francisco do Sul, /erre/ ['ɛχi] do homem da segunda faixa etária de São Miguel do Iguaçu, /arrancado/ [aχã'kadu], /carro/ ['kaχu] e /erro/ ['ɛχu] do homem também da segunda faixa etária de Criciúma, /errado/ [e'βadu] e /arrasou/ [aχa'zow] do homem da segunda faixa etária de Chuí, /socorro/ [so'koxu] da mulher da segunda faixa etária de Chuí, /genro/ ['gẽχu] da mulher da segunda faixa etária de Santa Maria, /terreno/ [te'βenu] da mulher igualmente da segunda faixa etária de Santana do Livramento, e /terreno/ [te'χenu] para o homem da primeira faixa etária de Bagé ; a aproximante retroflexa 2 realizações (0,1% na fala do homem da segunda faixa etária de Cândido Abreu (PR) no contexto de /arredo/ [a'ɹɛdu]; e da mulher da segunda faixa etária de Cândido Abreu (PR) para a lexia /terra/ ['teɹɛ]); o apagamento com 3 casos (0,1% nos contextos do homem da segunda faixa etária de Terra Boa/PR para a lexia /arroz/ [a'ojs]; homem da segunda faixa etária de São Francisco do Sul (SC) no contexto de /arroz/ [a'ojs]; e o homem da primeira faixa etária de Concórdia (SC) para /morrer/ [mo'eɹ]), e o tepe retroflexo com 4 ocorrências (0,1% na fala do homem da segunda faixa etária de Imbituva (PR) para /responder/ [aɹespõ'dʒɹ]; mais um informante do sexo masculino da primeira faixa etária de Concórdia na lexia /correio/ [ko'rejɹ] e /carro/ ['kaɹo]; e mulher da segunda faixa etária de Passo Fundo (RS) para /morrer/ [mo'ɹɹ].

Do total das ocorrências recortadas, além da retirada de algumas amostras a incorporar variantes possivelmente ambíguas e/ou de amostragem duvidosa da análise, desconsideram-se os recortes em áudio dos seguintes informantes: Criciúma na lexia **roer** (INF. 2), Erechim para a lexia **rapazes** (INF. 3), Osório para as lexias: **arroio**, **cigarro**, **torrada** e **rasgadinha** (INF. 4), Santana do livramento para as palavras **rabo**, **ritmo** e **Ronaldo** (INF. 3), Bagé para a lexia **farroupilha** (INF. 4), **ruim** (INF. 4), e, por último, São José do Norte para a lexia **reais** e **carro** (INF. 2), por ruído e/ou devido à fala em paralelo com alguém que se encontrava presente no momento da aplicação do questionário.

Cabe ressaltar que, nesta tese, a ferramenta para tratamento de remoção dos barulhos externos foi testada, no entanto, constata-se que, por ser o rótico um ruído, essa técnica metodológica poderia gerar incoerência na análise das fricativas posteriores, fazendo com que se optasse, aqui, pela retirada das amostras com

elevada taxa de som ambiente (a considerar uma investigação de análise acústica). Na imagem retirada do próprio Adobe (*premiere pro*), registra-se como o teste foi realizado na ferramenta de áudio:

**Figura 10** – Tratamento dos áudios para teste com as fricativas posteriores e a vibrante anterior



**Fonte:** Extraído do Adobe pela autora.

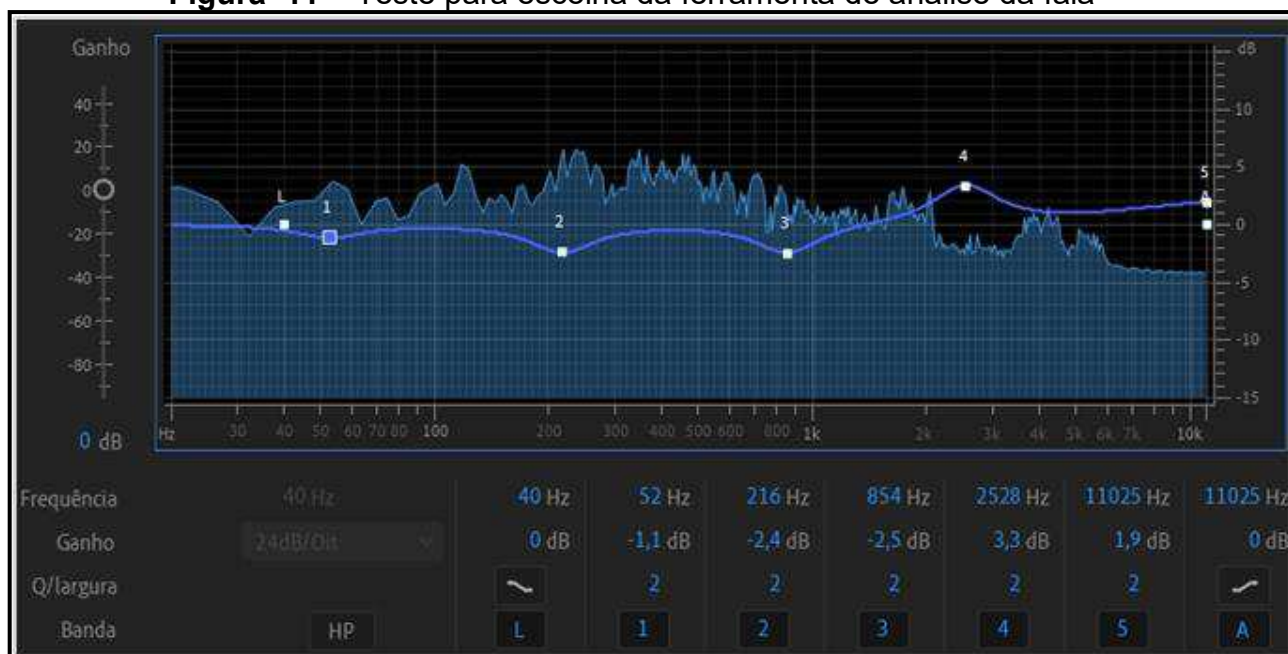
Na primeira imagem (Figura 10), tem-se a representação da forma da onda da vibrante alveolar, e, nas imagens inferiores, à esquerda, está a fricativa velar e, à direita, a fricativa glotal. Os parâmetros aplicados ao som foram *denoise*, equalizador paramétrico e limitador pesado.

Embora seja de nítida percepção que a vibrante e a fricativa velar tiveram os níveis de ruídos afastados da frequência azul, que representa a voz do informante, não se pode indicar a redução para a fricativa glotal, visto que a frequência em vermelho se funde à frequência do participante.

Para ajuste de alguns harmônicos e evitar a robotização da voz, parâmetros

como o equalizador foram aplicados e a imagem, a seguir, ilustra como ocorreu o teste para manutenção na qualidade do áudio e da voz do participante inquirido.

**Figura 11** – Teste para escolha da ferramenta de análise da fala



**Fonte:** Extraído pela autora a partir de dados do ALiB.

Neste método de aplicação antirruído, a presente tese não segue parâmetros numéricos de outros trabalhos, em razão dos testes realizados, na amostra, considerarem a manutenção da qualidade original das frequências de áudio coletadas pelo Projeto ALiB, que permite a análise satisfatória das variantes róticas. Portanto, a ferramenta selecionada para investigação de uma ou outra variante rótica falada pelos informantes do ALiB foi exclusivamente o *Praat*.

Para a descrição de critérios acústicos não aprofundados, mas norteadores quanto à segmentação de uma e outra variante do /R/, destacam-se, em algumas figuras, as lexias ditas pelo informante em momento anterior e posterior à palavra alvo que contém a realização da variante rótica. As palavras selecionadas para exibição no programa de análise da fala foram aleatórias em razão do número de amostras, sendo eligida uma variante em posição inicial ou intervocálica de sílaba simples (**CV** ou **VCCV**).

### 5.5.1 Fricativa velar

Para Callou, Leite e Moraes (2002 [1996]), a fricativa velar passa por um processo de posteriorização das variantes róticas no PB. Nesse caso, trata-se de um enfraquecimento da vibrante alveolar para o ponto de articulação posterior em virtude do abrandamento do rótico no português falado no Brasil.

Segundo Silva (2002), tanto a proposta de Albano (2001)<sup>45</sup> quanto a de Callou (1987) não são plausíveis, visto que a fricativa velar é interpretada como uma rótica enfraquecida pela mudança no modo da articulação. Consoante a autora, a proposta mais coerente parece em outro estudo, que obteve o registro das seguintes variantes do /R/: vibrantes fricativas (ou espirantizadas), vibrantes apicais e uvulares.

Cabe retomar Silva *et al.* (2019, p. 185, grifo no original), pois as autoras descrevem baixa concentração de energia visível em F1 e F2:

A principal característica observada, visualmente, no espectrograma são as hachuras verticais espaçadas que são correlatos acústicos do **ruído** das fricativas. As fricativas posteriores apresentam concentração de energia em baixas frequências, na região dos dois primeiros formantes. As fricativas velares apresentam concentração de energia em torno de F2 da adjacente e pouca energia em frequências altas [...].

Haupt e Seara (2020), ao analisarem as fricativas velares no falar de duas informantes de Santa Catarina, identificam que ocorre constrição durante a articulação, e, de igual modo ao registro desta tese, constata-se um pico espectral de 1 a 2 kHz (*kilohertz* equivalente a 1.000 Hz).

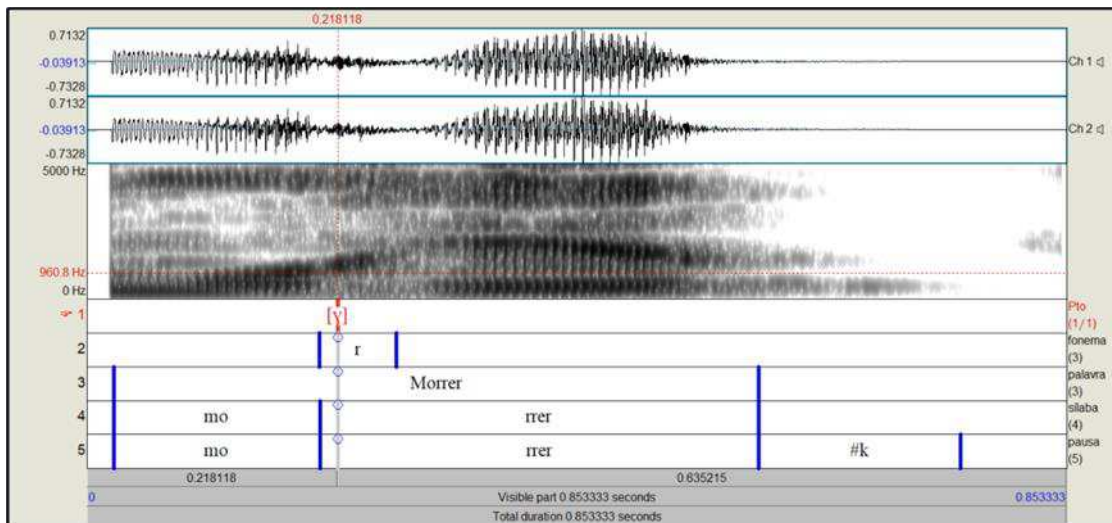
Na afirmação de Barbosa e Madureira (2015, p. 381), essas variantes são realizadas a partir da “turbulência do ar” no trato vocal, no qual ocorre um estreitamento durante a passagem do ar egressivo. Portanto, a variante fricativa velar contempla a presença temporal de centena de milissegundos, conforme demonstrado na Figura 12<sup>46</sup>:

---

<sup>45</sup> De acordo com Albano (2001), presume-se que a vibrante uvular interfira na realização da fricativa velar, devido à variante [R] apresentar-se como motivadora na redução da fricativa velarizada. Essa possibilidade deriva do ponto de articulação configurar-se como posterior.

<sup>46</sup> O *Praat* foi utilizado como forma de refinar a análise e registrar as variantes atípicas e/ou sons e configurações dos formantes, que fossem diferentes dos registrados em maior produtividade.

**Figura 12 – Textgrid no Praat em contexto articulatório da fricativa velar**

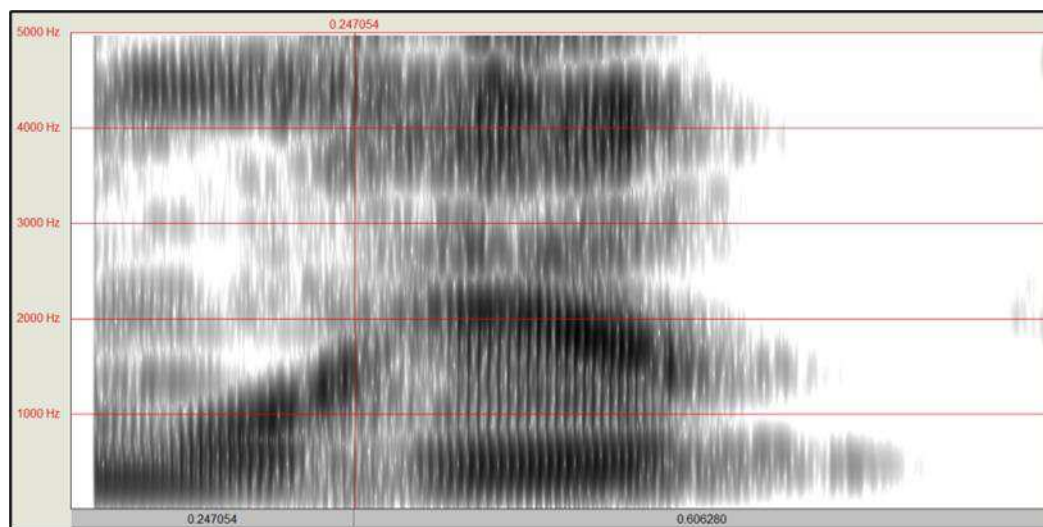


**Fonte:** Elaborado pela autora a partir dos dados do ALiB para a Região Sul do Brasil.

A imagem exibe os *tiers* (etiquetagens) e traços acústicos referentes ao informante do sexo masculino da primeira faixa etária (18 a 30 anos), pertencente ao Chuí no Rio Grande do Sul. Na ilustração, identifica-se a variante rótica fricativa velar pelo não espelhamento do formante com a frequência da vogal, além de estabelecer 5 *tiers* para marcação da variante, início do fonema, palavra completa no espectrograma, início e final de sílaba, a pausa ou silêncio (símbolo #k) e, em alguns casos (#ar) para indicar prolongamento do ar egressivo.

Para complemento e melhor visualização das características espectrais, inclui-se a Figura 13, que, embora não mostre o valor da mediana da variante, apresenta uma visão mais completa do espectro e o ponto em que ocorre a velar.

**Figura 13** – Imagem do espectro para lexia “morrer” com traço vertical que indica o início da fricativa velar



**Fonte:** Elaborado pela autora a partir dos dados do ALiB para a Região Sul do Brasil.

Tanto na Figura 12 quanto na 13, constata-se o som alvo a partir do traço em vermelho, na primeira imagem, a fricativa velar apresenta no tempo de 0.218 m/s 960 Hz ao formante F2. Já o primeiro formante não espelha a vogal da sílaba alvo (média alta anterior não arredondada), demonstrando uma articulação com fluxo de ar egressivo na região velar após o sistema articulatório produzir um som vocálico.

Especificações quanto aos valores do vale para o pico da onda que especifica a variante fricativa velar não foram realizadas, fator que corrobora para apenas uma análise visual do espectrograma e permite constatar uma mudança entre os formantes a depender da variante identificada. Na figura, confirma-se, em escala da cor cinza, a não estabilidade dos formantes, uma vez que a transição do formante se revela necessária na análise das fricativas de forma a ser passível de observação a partir do valor de F2 (Silva *et al.*, 2019).

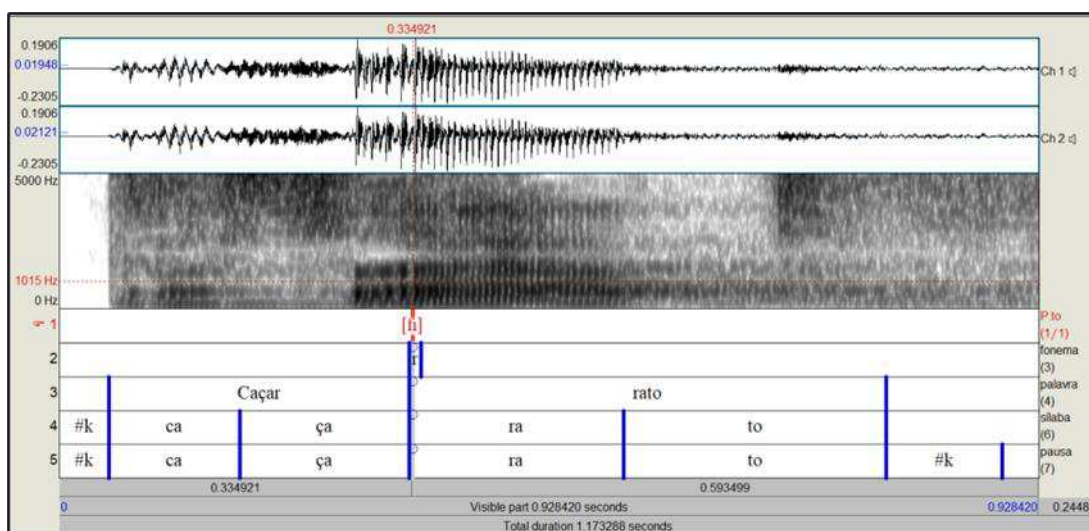
Na sequência, as imagens espectrais obtidas referem-se à fricativa glotal e demais róticos registrados em uma das 6.148 realizações analisadas para o presente estudo.

### **5.5.2 Fricativa glotal**

Nesta subseção, a primeira imagem faz referência às delimitações espectrais para a lexia “Rato”, no qual a variante fricativa glotal foi pronunciada no falar de um homem pertencente à segunda faixa etária (50 a 65 anos), de Campo

Mourão, do Estado do Paraná. A imagem retirada do Praat segue o mesmo parâmetro de toda subseção e contempla as etiquetas que atendem a articulação das consoantes e vogais produzidas:

**Figura 14 – Textgrid no Praat em contexto articulatorio da fricativa glotal**



**Fonte:** Elaborado pela autora a partir dos dados do ALiB para a Região Sul do Brasil.

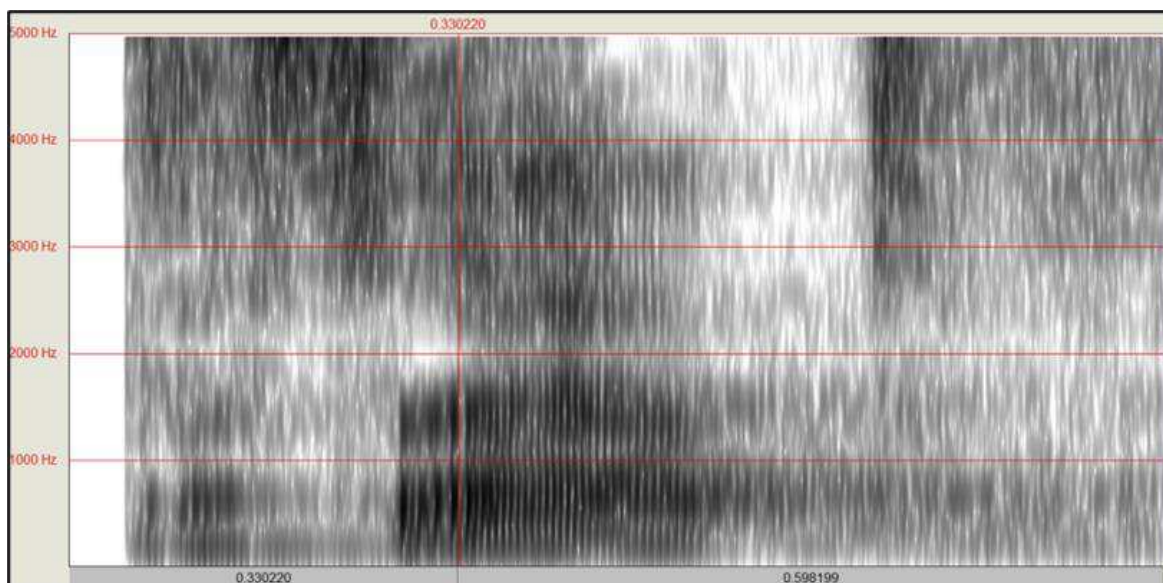
Na Figura 14, constata-se, na articulação e configurações acústicas para a [h], a formação de 4 formantes, com a vibração das pregas vocais perceptíveis no primeiro formante. Cabe destacar que a ausência de pulsos glóticos não indica a falta de vibração das pregas vocais, por isso a necessidade de identificar o formante, na Figura 14, como também a existência a demonstração em F1 do espelhamento da vogal baixa central seguinte, que forma a sílaba simples “ra”.

O símbolo indicador de pausa, mesmo após aplicação de filtros de eliminador de ruído, exibe a saturação sonora de forma bastante expressiva. Embora essas circunstâncias do áudio sejam confirmadas na imagem e a distinção entre os ruídos das fricativas façam-se dificultados, notam-se as características da fricativa glotal, tanto por meio da oitiva quanto pela frequência e harmônicos alcançados.

Ainda de acordo com a Figura 16, verifica-se que, em um tempo de 226 ms, o primeiro formante (F1) registra 1015 Hz, seguindo para F2 com 1340 Hz. Ainda conforme a mesma imagem, a largura da janela temporal fica entre 0.00625 t/s e 0.05 t/s, indicando a fricativa glotal com um valor menor que 2.000 Hz, isto é, com baixa energia, se comparado às variantes anteriores.

Para complemento da análise, a Figura 15 exibe com um pouco mais de proximidade, a fricativa glotal [h], cujo traço vertical vermelho aponta o início articulatorio:

**Figura 15** – Imagem do espectro para lexia “rato” com traço vertical que indica o início da fricativa glotal



**Fonte:** Elaborado pela autora a partir dos dados do ALiB para a Região Sul do Brasil.

Barbosa e Madureira (2015) reforçam, para a fricativa glotal vozeada e sem vozeamento, a noção quanto à inexistência de um ponto estável em seu processo articulatorio, haja vista que ela resulta em uma configuração não estável e passível de visualização no segundo formante (F2). Portanto, na lexia [ˈxatu], a imagem também ecoa na afirmação de Haupt e Seara (2020), em que as autoras mencionam o fato de não ser esperado movimentos com a língua na produção dessa frequência. Para as autoras,

[...] a fricativa glotal não costuma estar associada a transições formânticas. Embora seja classificada como fricativa por apresentar turbulência, ela apresenta suas peculiaridades (Haupt; Seara, 2020, p. 82).

Em complemento às especificações das variantes róticas, passa-se para a anterior vibrante múltipla alveolar [r].

### 5.5.3 Vibrante alveolar

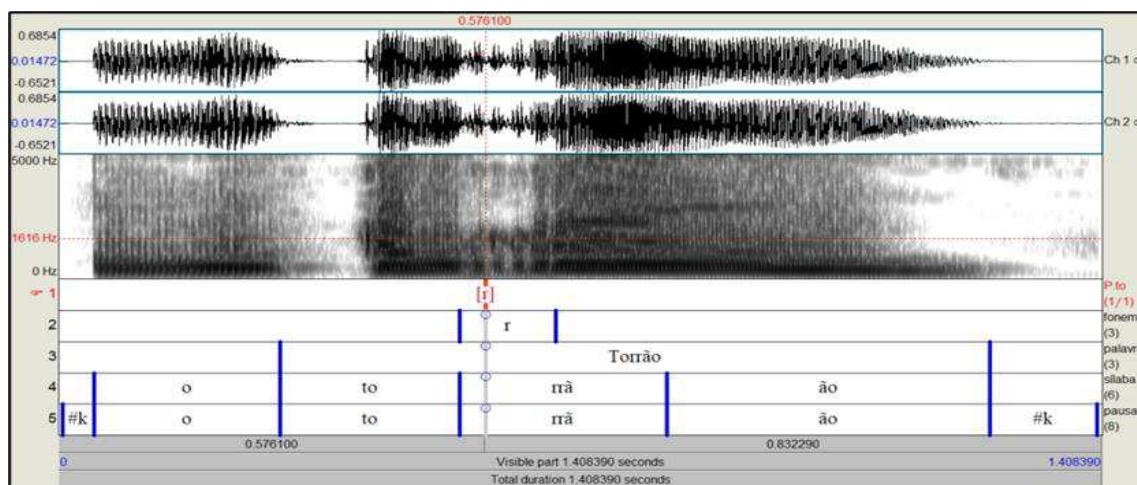
De acordo com Gregio (2012), a vibrante alveolar é descrita como a variante com repetidas vibrações que pode ocorrer três vezes. Afirmação validada pelos dados da presente tese, uma vez que se constatou mais de quatro vibrações de sequências à variante rótica, tanto na fala de homem quanto de mulher.

Embora no quadro do IPA ou em outros trabalhos não haja uma segmentação para identificar o nível vibratório da vibrante, assim como o grau de retroflexão de um evento rótico no ataque, incluem-se os diferentes níveis de batidas no ponto alveolar, desde que superado um flap, na estratificação de vibrante alveolar. Para identificação, Barbosa e Madureira (2015, p. 384)<sup>47</sup> definem o conceito de vibrante como pleonasma em sequência à lexia múltipla; pois,

[...] se há vibração, há consequentemente múltiplas batidas entre os articuladores. É usada tradicionalmente para opor o chamado “R” forte de carro ao “R” fraco ou brando de carro, denominado impropriamente de vibrante simples. Esta última denominação é um (*sic*) oxímoro: uma só batida entre os articuladores não caracteriza vibração alguma [...]<sup>48</sup>.

Sobre os traços espectrais para a vibrante, recorre-se à Figura 16, produzida na fala de um informante do sexo masculino da segunda faixa etária (50 a 65 anos) de Porto União, ao Estado de Santa Catarina.

**Figura 16** – *Textgrid* no Praat em contexto articulatório da vibrante alveolar



<sup>47</sup> A lexia oxímoro é adotada, nesta tese, sem acento agudo.

<sup>48</sup> Esta tese segue o *International Phonetic Alphabet* (Ruter, 2005) e o IPA (2018), portanto a vibrante múltipla alveolar é registrada como vibrante alveolar [r] e a vibrante simples /r/ por tepe alveolar.

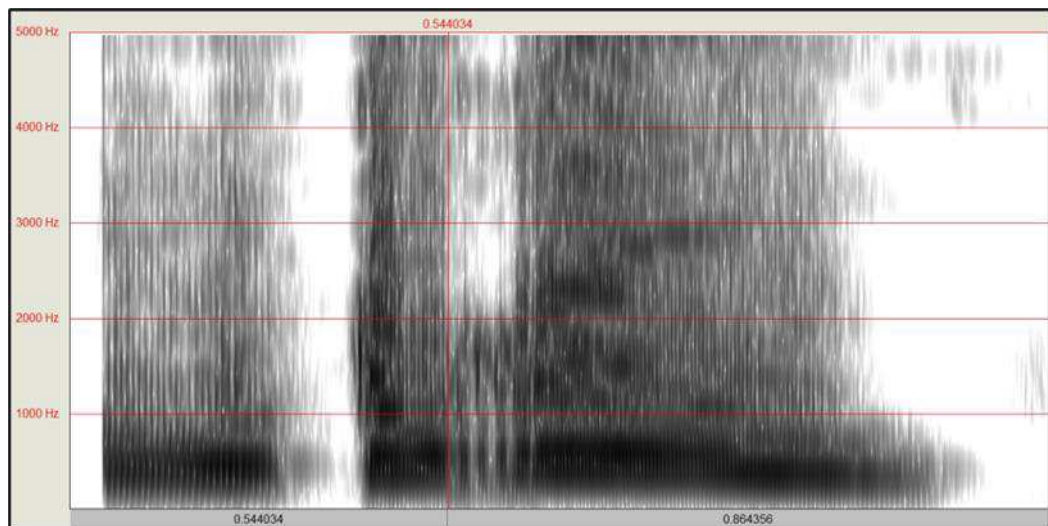
**Fonte:** Elaborado pela autora a partir dos dados do ALiB para a Região Sul do Brasil.

De acordo com a Figura 16, a vibrante alveolar apresenta 5 ciclos entre a constrição e a passagem do ar, que alcança 1616 Hz no segundo formante. O contexto de produção para a vogal da sílaba alvo [ã] acontece com o ar egressivo e em frequência para passagem pelas fossas nasais na lexia /toRRãO/.

O resultado descrito indica que, embora o ar seja direcionado, inicialmente, a partir do movimento do diafragma para a cavidade bucal e nasal, ocorre a articulação da vibrante no ponto alveolar com o ápice da língua tocando a região alveolar, isto é, não existe limitação da frequência egressiva do ar até a referida parte do desenvolvimento articulatório da [r].

Tem-se a confirmação da frequência produzida como pertencente à vibrante alveolar [r] devido às interrupções da frequência de ar que aparecem no espectrograma, sendo notada, na Figura 17, com cinco *flaps*.

**Figura 17** – Imagem do espectro para lexia “torrão” com traço vertical que indica o início da vibrante alveolar



**Fonte:** Elaborado pela autora a partir dos dados do ALiB para a Região Sul do Brasil.

Em um tempo de 493 ms, o primeiro formante (F1) ficou em 563 Hz; o segundo (F2), em 1.616 Hz, resultado que indica a elevada frequência em contexto de realização da vibrante alveolar. Constata-se que inexistente uma configuração linear para os formantes, mas, existe a presença da amplitude que indica o vozeamento, assim como a barra de vibração próxima a F1, pois como bem descreve o quadro

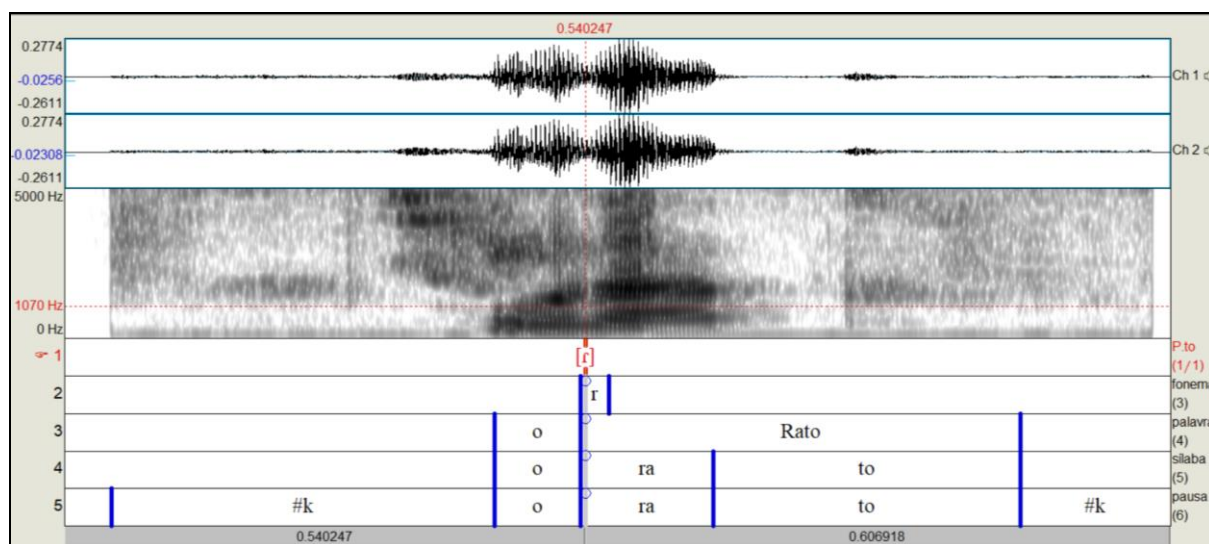
IPA, a vibrante alveolar é vozeada.

Em contraste com as demais variantes localizadas e recortadas na presente tese, na próxima avaliação acústica, segue-se para o tepe alveolar – /r/ simples ou brando, de acordo com a indicação de Câmara Júnior (1957).

#### 5.5.4 Tepe alveolar

O tepe em ponto alveolar foi recortado da fala de uma informante do sexo feminino, pertencente à primeira faixa etária (18 a 30 anos) de São Francisco do Sul, Estado de Santa Catarina. Essa variante pode ser verificada na Figura 18:

**Figura 18** – *Textgrid* no Praat em contexto articulatório do tepe alveolar



**Fonte:** Elaborado pela autora a partir dos dados do ALiB para a Região Sul do Brasil.

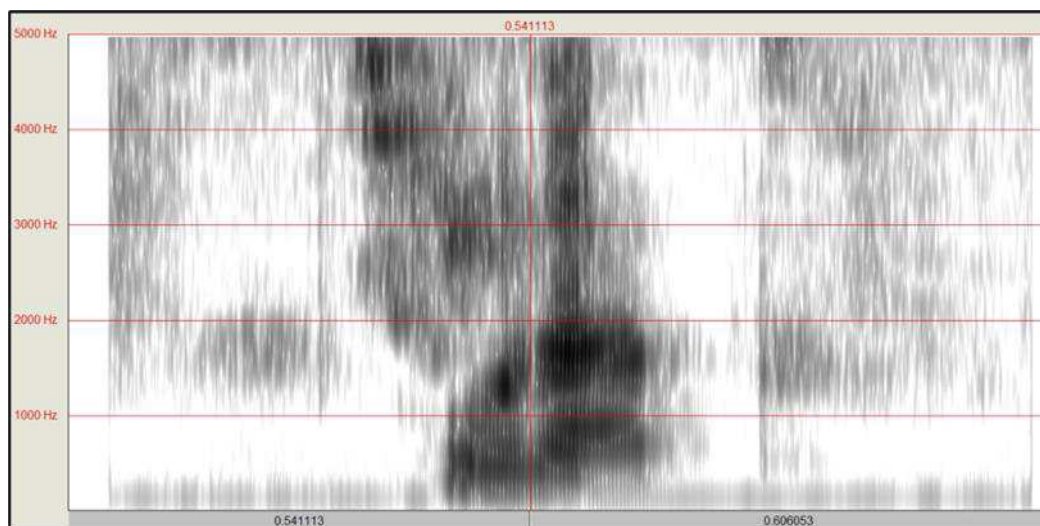
Na Figura 18, com todas as opções acústicas ativadas, a variante tepe alveolar é perceptível em razão do seu tempo de realização, se comparada com as demais variantes róticas descritas nesta seção. A lexia ocorre com um tempo de 0.343913 ms, sendo a articulação do tepe indicada por um espaçamento em cor cinza de menor intensidade, que forma um feixe estreito com harmônicos de baixa frequência após a batida do ápice em ponto alveolar.

Do ponto de vista da fonética acústica, Gregio (2012) descreve que o tepe alveolar é caracterizado por uma descontinuidade no espectro, isto é, um espaço com baixa intensidade (menos energia) acrescido de apenas uma batida, além de

apresentar vozeamento. Para a pesquisadora, o tepe alveolar é caracterizado como o movimento rápido do ápice da língua nos alvéolos; já o *flap* seria esse mesmo movimento descrito, porém, ao tocar o ponto de articulação alveolar, a língua exerceria o movimento de retração (Gregio, 2012, p. 81).

Nos dados desta tese, não foi realizada uma distinção entre as ocorrências de tepe alveolar e flap, isto é, com retração da língua após gesto articulatorio, haja vista que a variação rótica demonstra ocorrer por outros critérios, como linguísticos e extralinguísticos, e não atrelado à finalização de um movimento fonético-acústico. A próxima imagem, representada na Figura 19, exibe exclusivamente o espectrograma para a variante em análise:

**Figura 19** – Imagem do espectro para lexia “rato” com traço vertical que indica o início do tepe alveolar



**Fonte:** Elaborado pela autora a partir dos dados do ALiB para a Região Sul do Brasil.

O que mais chama atenção em uma primeira análise da variante tepe alveolar, é notar que, mesmo com o prolongamento da vogal [a], quase de forma sustentada, esse som vocálico não altera o seu tempo e segue o que autores como Reinecke (2006), Grégio (2012), e outros chamam de '*flap*'.

Conforme registros coletados para o tepe alveolar [r], em 496 ms, a variante tepe [r] apresenta 1.070 Hz para o formante F1 e 1533 Hz para o formante F2, indicando energia na frequência do ar articulado. O resultado aponta para energia mais intensa a partir do segundo formante, o que possivelmente indica o Hz estável na variante em análise.

Em contraste aos dados de Barbosa e Madureira (2015), que se detiveram em sílabas complexas CCV para exemplificar o tepe alveolar, tanto com o /r/ em contexto de vogal baixa central [a] quanto média alta anterior [e], a variante tepe alveolar alcançou 1315/1498 Hz no falar do informante de origem geográfica pertencente a Minas Gerais, contra 1290/1427 Hz ao informante aveirense (Aveiro). Ressalta-se que os valores citados referem-se aos dados do formante F2, principal parâmetro para a identificação das variantes róticas em ataque diante de uma análise não minuciosa do ponto de vista de parâmetros acústicos.

De acordo com a Figura 19, os formantes F1 e F2 são mais visíveis e permitem o acompanhamento da transição da língua. Para Barbosa e Madureira (2015), o som ‘tap’ (produzido com a lâmina da língua) permite verificar não só o retorno da língua para a realização do som seguinte, como também o corpo da língua em transição à vogal pré-articulada [a].

As vibrantes espirantizadas complementam o conjunto de variantes róticas registradas no Sul do Brasil.

### **5.5.5 Vibrantes espirantizadas**

O termo espirantizado foi registrado pela primeira vez por Cerrón-Palomino (1989), no entanto, a designação foi atribuída para atender a pronúncia do /t/ espirantizado (th). Já para o rótico em ataque, para atender o prolongamento do ar pós-articulação de um ‘tap’<sup>49</sup>,

Embora não haja um símbolo para a variante rótica no Alfabeto Internacional (IPA), Justina (2018) recorre à representação desse som através do recurso da transcrição fonológica, como, por exemplo, as barras (//). De igual modo, esta tese segue os critérios de transcrição para esse rótico espirantizado (/ev/), porém, com sugestão do símbolo [ʒ] como futuro padrão ao rótico vibrante surdo e/ou espirantizado.

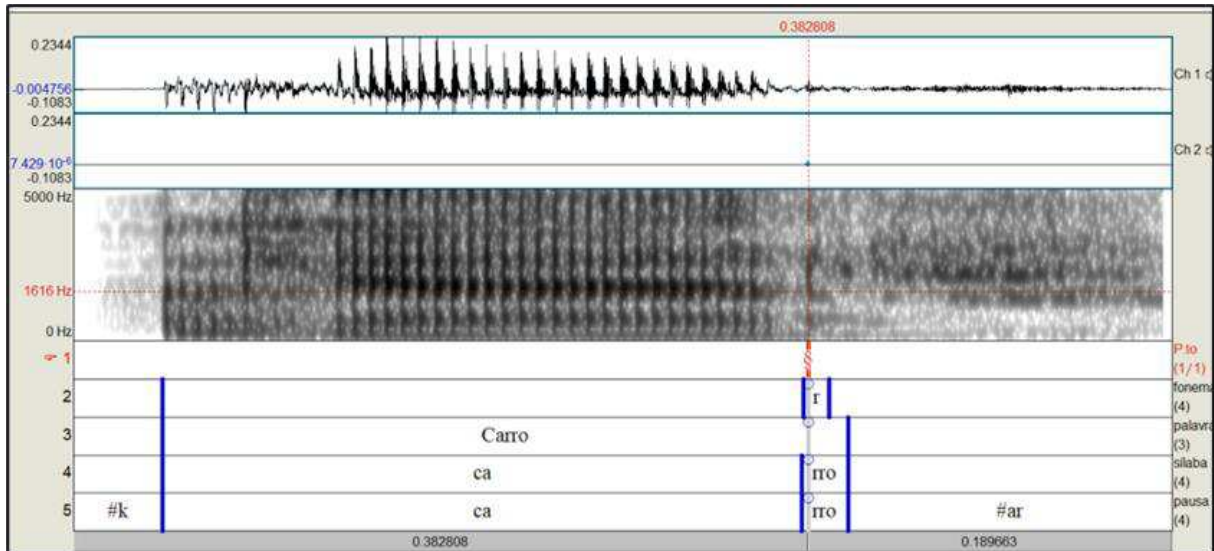
Dentre outras ocorrências, a vibrante espirantizada foi registrada na fala de uma mulher pertencente à segunda faixa etária (50 a 65 anos), moradora da

---

<sup>49</sup> Discutiu-se, em conversa junto ao pesquisador Luiz C. Cagliari, no VI Congresso Internacional de Linguística Histórica, sediado na Universidade de Coimbra, na data de 11 de outubro de 2023, que Cagliari (1974) utilizou o termo vibrante surda como referência à configuração indicada para espirantizada, fato que, sendo um linguista, pode sugerir até dois movimentos articulatórios em um único som rótico.

localidade de Erechim no Estado do Rio Grande do Sul. Conforme a imagem, na sequência, inspeciona-se a variante pelas seguintes etiquetas:

**Figura 20** – *Textgrid* no Praat em contexto articulatório da vibrante espirantizada



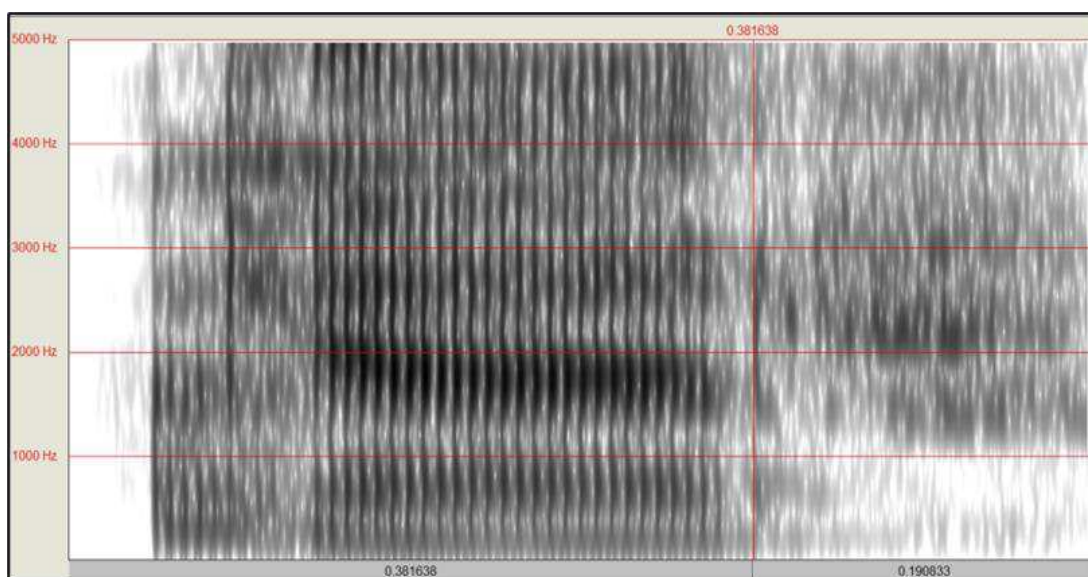
**Fonte:** Elaborado pela autora a partir dos dados do ALiB para a Região Sul do Brasil.

Segundo a Figura 20 e de modo a seguir a definição de Silva *et al.* (2001), averigua-se que o enfraquecimento da fronteira, compreendida, nesta tese, como o toque do ápice da língua em ponto alveolar, conduz a frequência a um som mais fricativo. Tem-se na descrição de Silva *et al.* (2001, p. 95) o seguinte:

[...] a espirantização da vibrante varia em função da força de fronteira adjacente a /r/, tal que quanto mais forte a fronteira, mais o segmento tende a vibrante. Inversamente, quanto mais fraca essa fronteira, mais o segmento tende a uma fricativa. O condicionamento prosódico sobre esse processo atesta sua natureza gramatical e, portanto, torna necessária uma representação fonológica do mesmo.

Em complemento à Figura 20, na qual é possível identificar a configuração formântica para F1 e F2 da /ev/, bem como a frequência pós articulatória da variante, segue-se para a Figura 21.

**Figura 21** – Imagem do espectro para lexia “carro” com traço vertical que indica o início da vibrante espirantizada



**Fonte:** Elaborado pela autora a partir dos dados do ALiB para a Região Sul do Brasil.

Na Figura 21, nota-se não apenas o momento de frequência que antecede o ruído rótico, como ainda o início e a intensidade de toda a extensão da lexia, ruído que parece apresentar apenas uma única batida no ponto alveolar, conforme a imagem espectral sem aproximação.

Nos registros, verifica-se que, em um tempo de 763 ms, o primeiro formante F1 ocorre com 465 Hz e o formante F2 apresenta 1616 Hz. Resultados que demonstram mais intensidade de energia a partir dos formantes F2 como ocorrido na vibrante forte [r] e simples [r].

De acordo com Leite (2010), o tepe aproximante possui uma estrutura ‘formântica’ assemelhada a de uma vogal e a forma da onda apresenta baixa amplitude, sendo este fator a diferença para uma vogal. Nos dados da autora, a variante tepe aproximante foi encontrada a partir de um trabalho sobre atitudes linguísticas com falantes da localidade de Campinas, cujas características espectrais são próprias da comunidade de fala campinense (Leite, 2010).

Para Justina (2018), a vibrante espirantizada ocorre ao longo de um som contínuo, assim como fica visível na imagem 21 desta tese, sendo este considerado por ela uma frequência transitória entre as vibrantes alveolares e o som fricativo. Tanto o espectrograma 20 quanto o 21 registram bem, entre as linhas tracejadas, o

momento apical e fricativizado<sup>50</sup>.

Silva (2018), em uma análise do tepe coletado a partir da fala de um informante paulista e em contexto de monitoração por meio da leitura, designa o termo ‘fricativizado’ como a frequência que apresenta um ruído e energia entre os formantes F3 e F4. Nesta tese, a energia também tende a constar com maior precisão em F2 e F3.

Nesta seção, identificou-se que, para a análise das variantes róticas de oitiva (outiva)<sup>51</sup>, os usos das ferramentas de análise acústica somam técnicas imprescindíveis e complementares à análise das amostras. Embora se reconheça que esta seção não tenha considerado a distinção entre sistemas fonatórios e articulatórios que compõem as amostras recortadas, do ponto de vista da Fonética Acústica (Albano, 2001), cada variante rótica possui uma característica acústica (Haupt; Seara, 2020), que pode ser atestada e confirmada por meio da amplitude (isso no caso das fricativas), ou mesmo, da energia dos formantes e valor da mediana; para as demais variantes (anteriores) esta tese fez uso do espectrograma e traçada vertical para definição de tepes e vibrantes, além de contar com a análise de oitiva no processo de categorização dos róticos.

Justifica-se que, mesmo com a descrição não aprofundada no âmbito da Fonética Acústica, as variantes róticas são passíveis de identificação e seguem o pressuposto metodológico sociolinguístico desta tese, do qual se fez uso na etiquetagem das variantes róticas obtidas. Posto as frequências alcançadas e os registros espectrais encontrados para cada variante do /R/, dirige-se para o tratamento dos cálculos a envolver fórmulas derivadas dos dados com suporte da Plataforma R.

## 5.6 MÉTODOS ESTATÍSTICOS: AS TÉCNICAS DESENVOLVIDAS NO AMBIENTE R PARA O /R/ EM ATAQUE

Para as rodadas, tanto de regressão logística binária quanto ternária, os pacotes utilizados foram: *sjPlot*, *rms*, *matrix*, *lme4*, *gmodels*, *multcomp*, *effects*, *ggplot2*, *visreg*, *vcd*, *strengjacke*, *ggstatsplot*, *corrplot*, *report*, *car*, além do comando ‘*detach(“packages:lmerTest”, unload = T)*’ e para cálculo do peso relativo no modelo

<sup>50</sup> Consultar Barbosa e Madureira (2015) e Silva (2018).

<sup>51</sup> Termo adotado por Gregio (2012).

final (após testes iniciais, listados na subseção seguinte).

Além dos testes de regressão logística, há critérios internos a esse modelo, como o Akaike Information Criterion (AIC), que desempenha um papel importante na avaliação do modelo, pois as variáveis eleitas pelo programa (extralinguísticas) foram incluídas no modelo final, considerando as variáveis (sexo, localidade, estilo de produção de fala e outros) atuam na variabilidade de róticos em duas posições (inicial e medial). O AIC é calculado como  $AIC = -n \ln(SQRes/n) + 2p$ , em que AIC é o critério de informação de Akaike, cujo menor valor comparado dentre as variáveis (modelo) representa uma qualidade ao teste;  $n$  representa o número de observações, leia-se valor da amostra;  $\ln$ , o logaritmo de base natural representado por  $e$ , que é a base para se calcular um número elevado ( $8^2$ ); nesta tese, esse valor considera o resultado de cada modelo de interação que gera um valor final; SQ é a “soma de quadrados do erro da equação com menor número de parâmetros” (Floriano *et al.*, 2006, p. 18);  $n$  é valor das observações somado a 2 e o número de parâmetros do modelo ( $p$ ), que são argumentos de uma função, por exemplo, nomeou-se os fatores (homem/mulher), os róticos e a variável (sexo biológico).

De acordo com Gries (2013, p. 260-261, grifos e tradução desta autora), o critério é utilizado como informe da interação no modelo, isto é,

[...] o **AIC** (Akaike Information Criterion), para instância, é uma medida que relaciona a qualidade de um modelo ao número de preditores que ele contém (e assim operacionaliza o corte de Occam). Se dois modelos explicarem os dados igualmente bem, então o modelo com menos preditores terá um **AIC menor**. Assim, nesta abordagem, um preditor pode ser adicionado ou excluído de um modelo se esse AIC for menor<sup>52</sup>.

A ilustração na Tabela 5 revela como o AIC é exibido na plataforma R e como se considera a interpretação do resultado após o cálculo supracitado (fórmula matemática). O símbolo M. representa um dentre os onze modelos da amostra computada, no qual o valor de 3236.8 é o resultado do valor significativo desse modelo (que, nesta tese, representa a profissão dos informantes para exemplificação), com o resultado indicado por (\*) como significativo para ‘justificar’ o condicionamento à variação rótica.

---

<sup>52</sup> “[...] the **AIC** (Akaike Information Criterion), for instance, is one measure that relates the quality of a model to the number of predictors it contains (and thus operationalizes Occam’s razor). If two models explain data equally well, then the model with fewer predictors will have a smaller **AIC**. Thus, in this approach, a predictor can be added to, or deleted from, a model if that lower AIC” (GRIES, 2013, p. 260-261).

**Tabela 5 – Exemplo para o resultado AIC**

<b>M.11= AIC 3263.8</b>	<b>0.0008211 ***</b>
-------------------------	----------------------

**Fonte:** Elaborado a partir dos dados da própria autora.

No campo da linguística, este método de identificação do modelo significativo ou não favorável atende aos valores estipulados em Oushiro (2014), Oliveira (2017), Lapa (2021), entre outros, e, quanto mais negativo for o resultado, mais qualidade tem a fórmula do modelo, a exemplo: o critério AIC.

Outro critério considerado, nesta tese, é o chamado *Critério Bayesiano de Schwarz*, representado na plataforma R pela abreviação BIC, que permite verificar a relação entre a variável dependente e as demais variáveis observáveis no modelo. Ainda conforme Gries (2013, p. 335, tradução desta autora), alguns pesquisadores utilizam um dos dois critérios, ou mesmo, os testes (como o de verossimilhança), pois

[...] alguns usam critérios de informação (como AIC ou BIC ou mesmo DIC) para todo o processo; alguns usam testes de razão de verossimilhança, que exigem atenção se os modelos foram ajustados com ML ou REML [...] <sup>53</sup>.

Os testes realizados consistiram nas seguintes sequências: qui-quadrado ( $X^2$ ), razão de máxima verossimilhança (TRMV), Wald-Wolfowitz (WALD), análise de variância e o teste de correlação de coeficiente intraclasse (CCI). Após as rodadas, para análise binária no teste de  $X^2$ , os valores decimais próximos de 1 ou 2, por exemplo, 15,139 e 15,239, foram arredondados para um a dois décimos acima (15,339) de modo a equilibrar os resultados ao chegar no valor de 100% em cada categoria, e não mais de 99,9% ou 100,1%, erro que se mostrou comum na plataforma em razão a não ortogonalidade dos dados (primeiro teste com mais de cinco fatores por categoria).

De acordo com Correa, Queiroz e Trevisan (2018), o recurso de teste para o ( $X^2$ ) proporciona calcular o desvio esperado, ou não, entre duas variáveis categóricas nominais e, por conseguinte, constatar a dispersão do resultado como forma de

<sup>53</sup> “[...] some use information criteria (such as AIC or BIC or even DIC) for the whole process; some use likelihood ratio tests, which require attention to whether the models have been fit with ML or REML [...]” (Gries, 2013, p. 335).

testar ou refutar a hipótese. O teste com a fórmula de  $X^2$ , que tem como parâmetro a fórmula do 'desvio hipotético' e gera, para a presente tese, a distribuição de quais variáveis são significativas para justificar o processo de variação acometido pela realização de uma ou outra variante róticas.

Em Oliveira (2017), o teste de qui-quadrado passa a ser interpretado como um parâmetro estatístico e resultante de um p.valor, cujo resultado obtido para p. auxilia na verificação do conjunto total de variáveis elegidas pelo programa para explicar o fenômeno. Embora explicações quanto aos fatores internos a cada variável não seja suficiente com este teste, o resultado de p.valor impacta na distribuição das variantes em relação ao fenômeno de modo a possibilitar uma leitura mais genérica.

Na passagem dos resultados de Rabello e Silva Junior (2022), nota-se como ocorre a interpretação do resultado do valor para p. e das hipóteses: "O valor de p é igual  $2,3 * 10^{-8}$ , ( $p = 2,3 * 10^{-8} = 0,000000023$ )" (Rabello; Silva Junior, 2022, p. 109). Nos dados dos autores, resultado em 2,3 para o evento da fricativa interdental não vozeada do inglês, identifica-se que o valor é elevado a menos oito vezes o 0, de modo a torná-lo um número próximo de 0 e que confere aceitação para uma das hipóteses do fenômeno testado pelos pesquisadores.

O *p.valor* faz-se entendido, nesta tese, como o resultado mais próximo de 0.01, o qual indica favorecimento da variável aplicada às variantes róticas, já os valores superiores a 0.5 revelam o oposto à hipótese testada ( $H_0$  e  $H_1$ ). Embora se reconheça que cada área do conhecimento aplique os modelos estatísticos e estabeleçam suas normas interpretativas, os resultados são codificados e decodificados conforme o campo de estudos da linguagem, de abordagem sociolinguística variacionista quantitativa, portanto, condizem com Oliveira (2017), Oushiro (2014, 2020) e Rabello e Silva Junior (2022).

O teste de razão de máxima verossimilhança (TRMV ou apenas MV) fez-se imprescindível e foi escolhido como método para as rodadas justamente por indicar quais variáveis sairiam do modelo final. A interpretação do resultado compreendeu valores, utilizando o cálculo de derivada.

Na interpretação do resultado de TRMV, o modelo auxiliou esta tese ao fornecer uma função dos parâmetros e, por conseguinte, um modelo (M) de cálculo de probabilidade, em que a variável classificada como róticos é ajustada ao modelo por meio de proporções, auxiliando encontrar o IC (intervalo de confiança); fatores

que determinam os erros heterocedásticos, leia-se diferentes, e o intervalo numérico ou desvio-padrão, resultados do trabalho com função logarítmica ( $\log L$ ), que culmina em valores como ( $55e-16^{***}$ ).

A leitura dos dados desta tese consiste no seguinte: as medidas das variáveis devem ser próximas, por exemplo, se a variável fricativa velar representa 30%; em Santa Catarina, a margem foi calculada com base na ocorrência de 100 casos; não se pode dizer que o desvio obtido alcance ou supere os 80% do valor, isto é, superior a 333 realizações; por isso, exhibe-se o quadro com a ocorrência real e o percentual após os testes.

Para rodada de *Wald-Wolfowitz*, que possibilita constatar a hipótese alternativa e aleatoriedade, a interpretação do teste foi lida da seguinte forma: o *Wald* expõe a significância (a indicação  $+/-$ , maior que o valor da mediana, e  $-/-$ , 33menor que o valor da mediana), logo, rejeita-se a hipótese nula a partir dos parâmetros entre  $H_0$  e o cômputo (resultado do modelo TRMV). No modelo, foi possível verificar as hipóteses, por exemplo, favorecimento de uma das variantes róticas conforme os fatores das faixas etárias e sexos, além da probabilidade positiva e negativa para o tamanho da amostra conforme os grupos (variáveis), assim como o contexto de produção indicar-se significativo (\*\*\*) ao modelo.

Na análise de variância (ANOVA), os modelos completos e os modelos finais foram relacionados às variantes róticas, conforme as variáveis sexo, faixa etária, contexto de produção de fala e outras. Após a aplicação do teste, o resultado indicou 0,1044, demonstrando a associação entre o modelo 9 e 10, com valor de 10,44%. Tal valor citado ultrapassa 5% e, atrelado aos outros quesitos, indica a variável a qual deixa o modelo, significando os fatores não favorecedores para a variação do /R/ em ataque, por exemplo, divisão silábica. De igual forma, aplicou-se às demais variáveis e interações entre os modelos restantes.

Para o teste de Coeficiente de Correlação Intraclasse (*Intraclass Correlation Coefficient*), de forma a seguir os critérios de Oliveira (2017), considerou-se a razão de variância para o cálculo. O CCI projetou os resultados para uma visão futura com relação às variantes róticas e aos fatores linguísticos investigados nesta tese.

O teste, a partir das hipóteses de probabilidades, foi utilizado como um parâmetro para apontar pistas quanto ao fator não analisado e de qual forma seria possível a inclusão de uma nova categoria em uma ou outra variável. O CCI gerou a constatação do modelo de análise e cruzamento de dados, visto que

apontou para a comparação entre as variáveis linguísticas e extralinguísticas, indicando qual o percentual para outros fatores, atrelados às variáveis linguísticas, ainda, não foram investigados nos modelos selecionados.

Nesta subseção, foram justificados aos parâmetros estatísticos metodológicos, assim como a respectiva apresentação dos critérios que levaram tanto à escolha dos testes quanto às apresentações das rodadas. A seguir, descrevem-se as considerações finais da seção metodológica.

## 5.7 CONSIDERAÇÕES À SEÇÃO

Explanou-se sobre a metodologia do Projeto ALiB, assim como das variáveis dependentes e independentes, que se somam aos critérios metodológicos elencados nesta tese (tratamento do *corpus*). Discorreu-se a respeito das ferramentas computacionais (*Praat e RStudio*), basilares à obtenção das amostras, identificação e cômputo dos dados recortados.

Realizou-se a explicação de critérios metodológicos imprescindíveis, como a exclusão de dados recortados e a reconfiguração quanto à distribuição de alguns pontos inquiridos pelos membros do Comitê ALiB. Nesta seção, buscou-se descrever e sanar as dúvidas quanto aos passos percorridos, desde o início da presente tese até as rodadas/testes dos dados e os contextos mais favoráveis à investigação da variação que acomete as variantes róticas no ataque silábico de sílaba simples.

Na próxima desta tese, encontra-se a análise realizada para o cômputo dos dados obtidos, segmentada em fases de apresentação dos resultados. A seção exibirá a análise e a contagem das variantes distribuídas em mais variáveis e em uma perspectiva ternária.

## 6 DADOS DO PROJETO ALIB: VARIANTES RÓTICAS PRESENTES NA REGIÃO SUL DO BRASIL

Nesta seção, os resultados obtidos para os róticos em início e no meio de palavra (*raramente/arroz*) apresentam-se divididos por subseções conforme a posição. A priori, exhibe-se essa sequência, visto que se adota, nesta tese, semelhante configuração de análise encontrada nas pesquisas de Brescancini e Monaretto (2008) e Scabari (2020), fator que facilita comparar as posições com a realização de uma ou outra variante rótica.

Os cálculos encontrados organizam-se da seguinte forma: para o primeiro momento da análise, expõe-se o contraste ao contexto linguístico entre as posições: róticos em ataque inicial e medial. Embora se reconheça a apresentação organizada por fatores mais significativos da variação, esta seção de análise em fatores linguísticos e extralinguísticos faz-se imprescindível, neste momento, em razão desta tese ter contemplado categorias pouco investigadas em outros trabalhos científicos (DSM e profissão), além da necessidade de testar novamente variáveis indicadas em diversos trabalhos (JUSTINA, 2018; PEREIRA, 2020; KAILER; SCABORI, 2020, e demais) como favorecedoras à variação do rótico em ataque.

Em um segundo momento, os resultados constam descritos, na primeira seção, em contexto inicial, e, na segunda, os resultados para o /R/ medial, para as variáveis linguísticas e extralinguísticas, com exceção da posição já apresentada na abertura da seção. Portanto, apresenta-se tanto as categorias relevantes dos róticos em ataque inicial quanto outras variáveis não muito favoráveis à variação do /R/ no falar do Sul brasileiro.

Expõem-se os cálculos em valores percentuais em gráficos e, na sequência, a tabela de contingência com os valores obtidos junto ao teste de qui-quadrado ( $\chi^2$ ), conforme a seguinte ordem: (i) divisão silábica; (ii) vogal da sílaba alvo; (iii) sexo; (iv) faixa etária; (v) estilo de produção de fala; e (vi) localidade.

Cabe a ressalva quanto à exposição dos dados das regiões, visto que a análise é descrita junto ao mapa, por ele especifica os pontos e fornece os valores percentuais às variantes do /R/. Segue-se, aos parâmetros das cartas fonéticas da Geolinguística (Altino, 2007; ALIB, 2014, Comiotto; Margotti, 2019, e outros), para melhor demonstração dos resultados e visualização dos territórios e suas linhas

limítrofes. Na sequência, segue-se para a apuração dos dados amalgamados, que permitem analisar um contexto mais restrito (com apenas cinco categorias de variantes em dois conjuntos) e, depois, com três variantes.

### 6.1 POSIÇÃO INICIAL E MEDIAL: O CONTRASTE DOS FATORES EM UMA DAS VARIÁVEIS LINGUÍSTICAS

Antes dos gráficos, apresenta-se a tabela com os testes que permitem comprovar a significância de algumas variáveis, assim como a interação entre aquelas mais favoráveis para a variação do rótico em início e meio de palavra.

**Tabela 6 –** Fatores mais significativos para o rótico em ataque inicial e medial

Variáveis	Total	Não anteriorização rótica	Chi <sup>2</sup> (p.valor)	Pr(Chi)	Fatores
Posição no item lexical				2.973811e-09*	
Inicial	2936	73,36%	p = 3.025056e-11	LR Stat	45.60649
Medial	3134	71,25%		LR Stat	45.60649
Classe de palavra				0.3127175	
Nomes	4098	71,57%	p = 0.2704543	LR Stat	4.760939
Verbos	1972	73,73%		LR Stat	4.760939
Vogal da sílaba alvo				0*	
[a]	1190	70,56%	p = 2.177178e-14	LR Stat	656.5297
[e]	2276	72,82%		LR Stat	656.5297
[i]	483	71,11%		LR Stat	656.5297
[o]	612	73,88%		LR Stat	656.5297
[u]	853	72,33%		LR Stat	656.5297
Divisão silábica				0.5492971	
Monossílaba	21	4,76%	p = 0.02071944	LR Stat	92.8094
Dissílaba	2836	74,68%		LR Stat	92.8094
Trissílaba	2463	41,25%		LR Stat	92.8094
Quatro sílabas	570	67,19%		LR Stat	92.8094

Polissílaba	180	67,22%		LR Stat	92.8094	
Faixa etária						0*
50 a 65 anos	2625	83,88%	p = 7.122516e-86*	LR Stat	198.3298	9.992007e-15*
18 a 30 anos	3445	63,42%		LR Stat	198.3298	
Sexo						4.201879e-07*
Feminino	3144	70,64%	p = 6.607764e-16*	LR Stat	35.2121	2.220446e-15*
Masculino	2926	74,5%		LR Stat	35.2121	
Estilo de produção						2.098322e-14*
QFF	1679	78,37%	p = 6.19763e-24*	LR Stat	81.82404	1
Leitura	610	53,52%		LR Stat	81.82404	
Relato	3181	42,26%		LR Stat	81.82404	
Localidade						0*
Paraná	2080	60,02%	p = 7.836701e-80*	LR Stat	132.7353	0.02016262
Santa Catarina	1693	62,66%		LR Stat	132.7353	
Rio Grande do Sul	2297	39,63%		LR Stat	132.7353	
Profissão						0*
Ativo	1077	67,16%	p = 2.935259e-61*	LR Stat	-539.8768	
Inativo	656	76,06%		LR Stat	-539.8768	
Nada consta	4337	90,52%		LR Stat	-539.8768	
Modelo completo AIC				14453.69		
Valor residual				14333.69		

**Fonte:** Elaborado pela própria autora.

A Tabela 6 sintetiza as informações necessárias para a compreensão das variáveis mais significativas ao modelo, portanto, diferentemente da tabela apresentada na seção de metodologia (com dados reais distribuídos em iniciais e mediais), na Tabela 6, exibe-se os valores de p. obtidos, e os valores para a ‘posteriorização’ do rótico para cada fator listado, além de outras informações relevantes, como a taxa de critério em 14453.69.

Relevantes para aplicação da regra variável no uso dos róticos em ataque inicial e medial, tem-se: posição, vogal da sílaba alvo, faixa etária, sexo, estilo de

produção de fala, localidade e profissão dos informantes. Já as variáveis eliminadas do primeiro modelo, classe de palavra e divisão silábica, têm resultado positivo nas duas categorias, isso faz com que elas deixem os próximos testes.

Embora as variáveis linguísticas constem elegidas, no modelo final, a interação ocorre de forma exclusiva entre sexo biológico e faixa etária, sendo os fatores a essas variáveis de extrema significância na atuação da escolha de uma ou outra variante rótica realizada pelo informante. O estilo de produção de fala chama a atenção por revelar o resultado de 2-e14, justificando a escolha pela seleção dos Discursos Semidirigidos (fator extralinguístico) nos dados desta tese.

Em uma primeira generalização, as cinco variantes róticas (fricativa velar, glotal, vibrante alveolar, tepe alveolar e espirantalizadas) foram consideradas e o cômputo do *p.valor* confirma a distribuição encontrada para os fatores de cada variável, por exemplo, a classe de nomes agregam o percentual maior ao tepe alveolar. Já a vogal da sílaba alvo indica a seguinte distribuição: tepe alveolar com maior percentual (42,7%) em contexto da vogal média alta anterior ([e]). Essa vogal apresenta percentagem para a realização da fricativa velar em 32,5%, pode-se acrescentar que a vibrante alveolar também indica valores consideráveis na distribuição da vogal baixa central, e a vogal ([a]) apresenta o menor percentual para posteriorização, mesmo com a tímida diferença entre os cômputos.

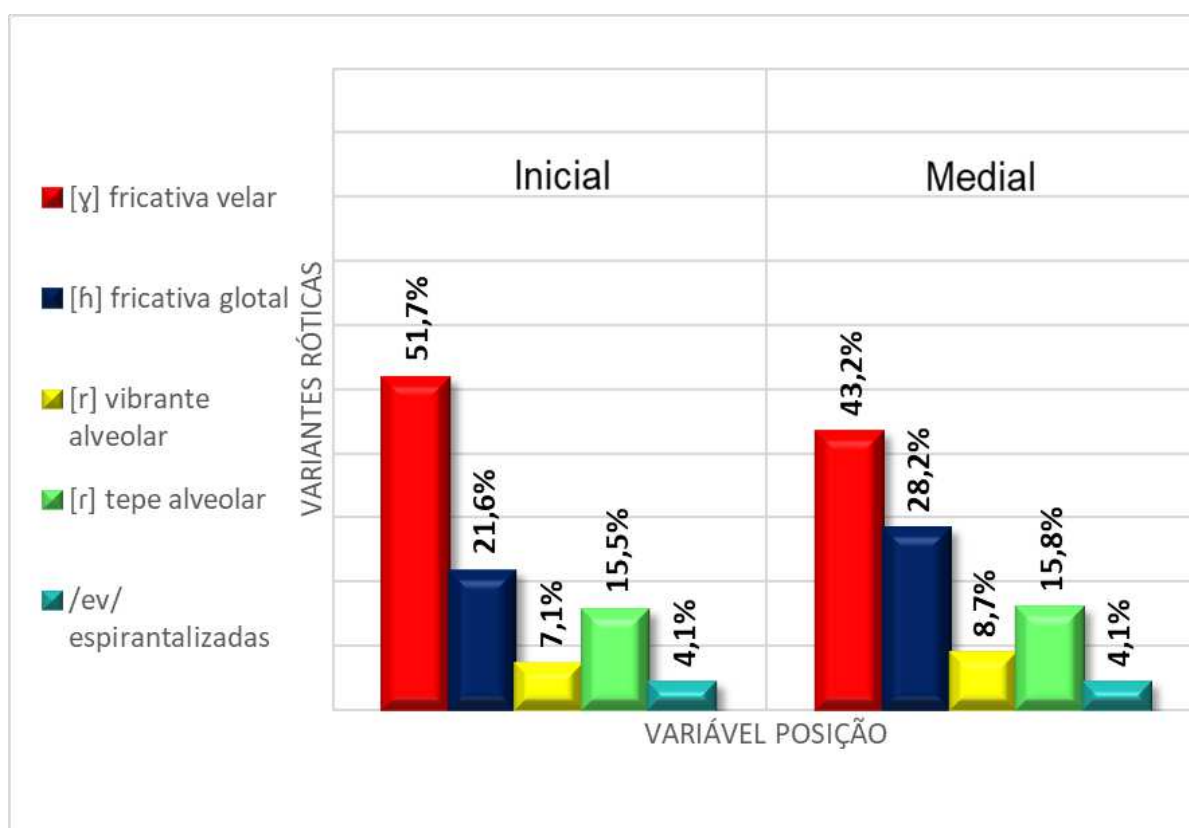
O fator extralinguístico chama a atenção, pois não somente o valor do  $\text{pr}(\text{Chi})^4$  elevado a menos sete indica um contexto favorável à variação rótica, como também a confirmação da fricativa glotal, apresentando-se favorecida no falar do sexo masculino na distribuição do teste de  $\chi^2$ . Embora os valores para não anteriorização do rótico estejam próximos entre ambos os sexos, nesta primeira análise, os homens produzem sutilmente mais variantes posteriores, quando comparado com as mulheres.

Quanto à variável profissão, apesar desta estratificação expressar certo valor de significância e em razão de que esta tese se coloque, possivelmente, como uma das poucas a embutir na análise essa categoria atrelada aos róticos em ataque silábico CV, sua implicação confirma-se pela análise multinível. A posteriorização demonstra o fator 'nada consta' (imprecisão no trabalho desenvolvido pelo informante), justificando a retirada dessa variante dos dados estatísticos por manutenção a ortogonalidade nas rodadas.

Para conseguir analisar de forma individual cada um dos eixos linguísticos e

extralinguísticos, passa-se ao primeiro gráfico, com informações sobre as ocorrências de variantes róticas agrupadas nas duas categorias da variável posição. Salienta-se que a vibrante uvular, em razão do seu baixo percentual 1,2% (35 acontecimentos) na posição inicial, não consta no Gráfico 1, igualmente outras variantes róticas listadas na metodologia, que foram eliminadas para melhor apresentação dos dados quantitativos.

**Gráfico 1** – Róticos em ataque inicial e medial de acordo os resultados em percentuais



**Fonte:** Elaborado pela própria autora a partir do corpus parcial do Projeto ALiB.

De acordo com os resultados exibidos para a posição inicial (2.936), no Gráfico 1, a fricativa velar apresentou 51,7% (1521 realizações), seguida da fricativa glotal 21,6% (633 ocorrências), o tepe alveolar 15,5% (452 casos), a vibrante múltipla alveolar 7,1% (211 produções), e as vibrantes espirantalizadas 4,1% (119 casos). Ainda de acordo com o Gráfico 1, na posição medial (3.134), a variante rótica fricativa velar apresentou 43,2% (1352 ocorrências), seguida da fricativa glotal com 28,2% (881 casos), tepe alveolar 15,8% (498 realizações), vibrante múltipla alveolar 8,7% (275 produções), e as vibrantes espirantalizadas 4,1% (128 eventos).

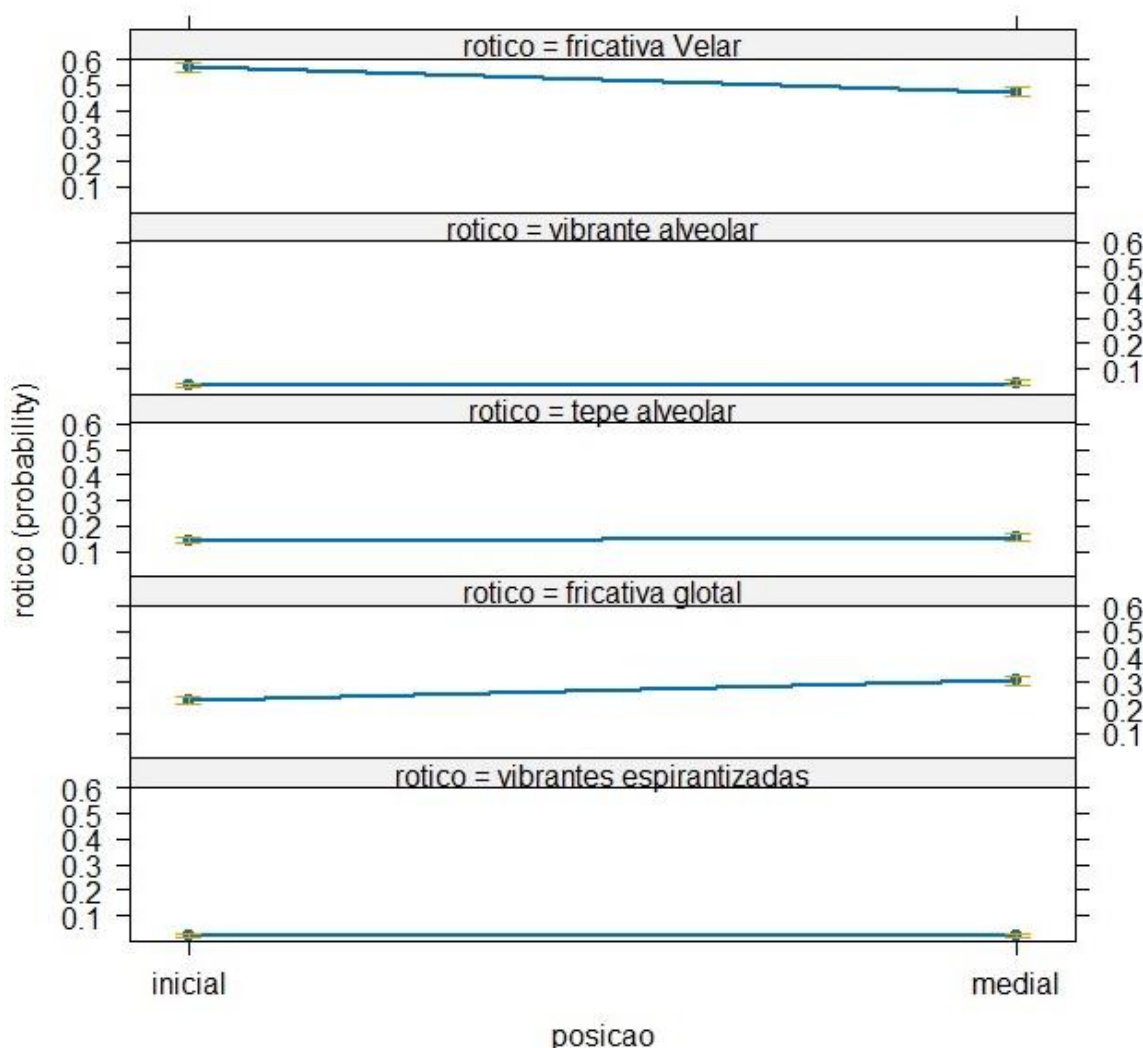
Constata-se que a posição do rótico na palavra favoreceu a variação de uma ou outra variante rótica, visto que os valores apresentados para a posição inicial e medial mostram-se distintos para as variantes róticas posteriores. Essa constatação confirma-se, apesar de o gráfico indicar semelhante realização da vibrante uvular (posterior) e as anteriores, em que as vibrantes espirantizadas apresentam resultados equitativos, e a vibrante múltipla alveolar uma diferença percentual inferior a 7% entre as posições.

O resultado obtido encontra eco na investigação realizada por Monaretto (1997), que registrou a vibrante alveolar, tepe alveolar, fricativa velar em posição inicial no falar de moradores das capitais sulistas. Além dessas variantes comentadas, a autora, ainda, identificou a variante rótica retroflexa, tendo este fator ocorrido em 10 realizações com a aproximante retroflexa.

Conforme o Gráfico 1, outro resultado que converge para o cenário das variantes róticas na Região Sul do Brasil e encontra respaldo em Margotti (2004) – que afirma a realização decrescente da vibrante alveolar em detrimento ao avanço da rótica posterior fricativa velar – centra-se no percentual da [x] de 51% e 43% entre as posições. O resultado descrito, possivelmente, indica a posição do contexto no qual uma ou outra variante rótica tende a ser mais estigmatizada.

A assertiva da presente hipótese encontra eco, em partes, na afirmação de Busse (2010), referente à análise do /R/ em ataque na Região Oeste do Paraná, dado que, segundo a autora, a variante tepe é marcada, isto é, estigmatizada em ataque (roda) e medial (carroça). Sobre essa interpretação, os resultados divergem parcialmente, uma vez que a posição inicial contempla a maior quantidade de variantes róticas distintas, demonstrando ser essa posição, provavelmente, a preferida pelos informantes para variação do /R/, além do tepe alveolar (52,4%) ser realizado no meio da palavra com semelhante valor percentual à fricativa velar (52,9%) na posição inicial no teste de  $X^2$ .

Isto é, por mais mínima que seja a diferença (4,8%) entre as posições para a variante fricativa [x], não se pode afirmar que a posição seja categoricamente indispensável à variação das róticas, pois em qualquer um dos casos não ocorre um resultado que aponte uma distribuição de 50% em  $X^2$  para as mesmas posições na lexia. O gráfico seguinte auxilia na interpretação dos parâmetros descritos:

**Gráfico 2** - Modelo de interação final para a variável posição

**Fonte:** Elaborado pela própria autora

Para confirmação, no Gráfico 2, as variantes róticas aparecem de forma sequencial de acordo com critério do programa e, em cada categoria, exibe-se o *continuum* estabelecido entre as posições inicial e medial. A fricativa velar perde posição de 0.1 ponto no fator medial, enquanto supera 0.6 no contexto em início de lexia.

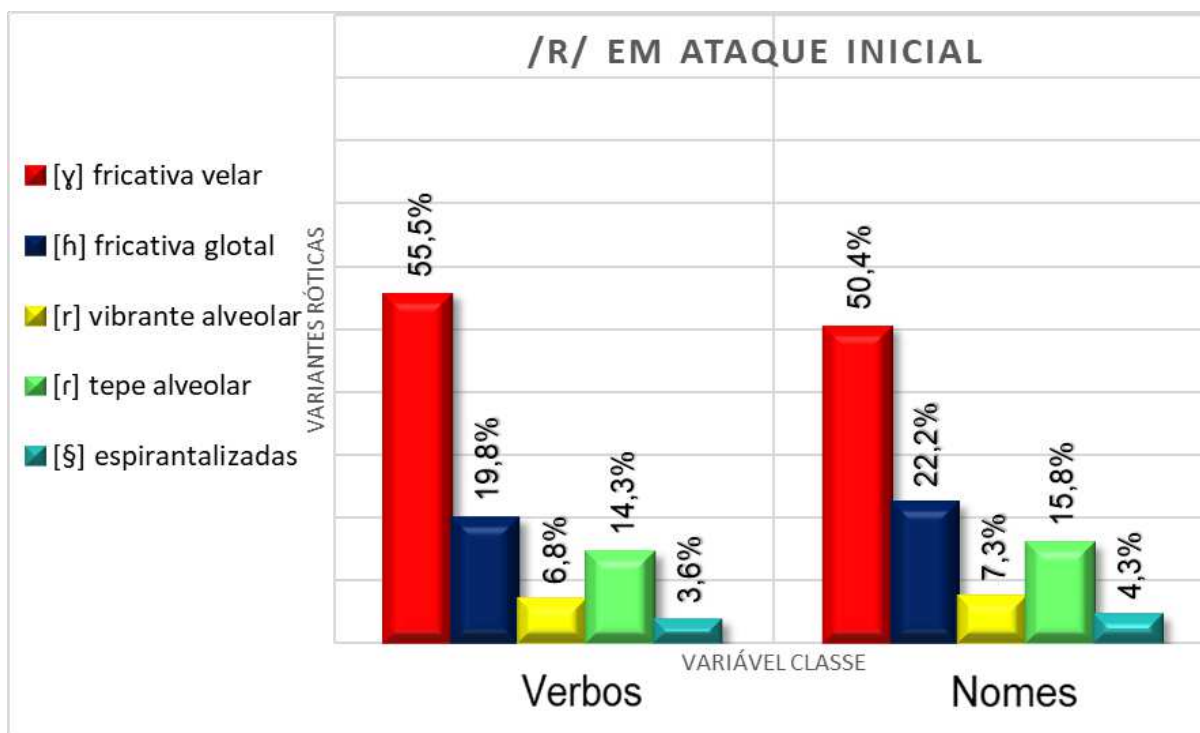
Na sequência, a segunda maior produtividade é atribuída à fricativa glotal [h], que contempla um comportamento sutil, porém, distinto da velar [x], com tendência ao declínio na posição inicial e acentuação com direção à posição medial. Embora as fricativas assumam comportamentos variados, nota-se uma possibilidade de movimento da variação, diferentemente das variantes róticas anteriorizadas, em que existe uma constante entre os dois fatores em análise.

A partir dos resultados, comprova-se o diálogo entre as duas apresentações gráficas. Para constatação de outros contextos expressivos para a promoção de uma ou outra variante rótica, dirige-se para as demais categorias linguísticas: classe de palavra, divisão silábica e vogal da sílaba alvo.

Em uma análise preliminar, os dados para o rótico em ataque inicial parecem encontrar voz em Weinreich (1968) e Weinreich, Labov e Herzog (2006 [1975]), visto que a sutil e discreta substituição do /r/ lingual para a vibrante uvular, na maior parte das línguas indo-europeias, constitui-se por etapas, conforme demonstram os dados desta tese para o PB. Portanto, constata-se que a expressiva realização das variantes róticas posteriores somado à resistência das vibrantes anteriores em ataque simples.

Para melhor identificação dessa realidade pré-articulatória do ruído rótico, o Gráfico 3 exibe os resultados para as categorias da variável classe de palavra em posição inicial:

**Gráfico 3** – Róticos em posição inicial de acordo com a variável classe de palavra para os resultados em percentuais



**Fonte:** Elaborado pela própria autora a partir do corpus parcial do Projeto ALiB.

De acordo com o cômputo obtido no Gráfico 3, do total absoluto de 2.129 ocorrências ([ˈkẽ:] [ˈmɔ:re] [ĩbaraˈkẽw] [nãw] [ˈmɔ:re] [ĩdʒionĩziw]) ‘*Quem mora em Barracão, não mora em Dionísio*’, ([aˈki] [siˈkomɪ] [arois]) ‘*Aqui, se come arroz*’, a

série de nomes apresentou o cômputo de 50,4% para a variante fricativa velar, seguido de 22,2% a fricativa glotal, 15,8% ao tepe alveolar, 7,3% a vibrante alveolar, e 4,2% às vibrantes espirantizadas. Referente à classe de verbos, com ocorrência absoluta de 807 realizações, o resultado obtido mostrou os seguintes valores das variantes róticas em ataque: 55,5% para a fricativa velar, 19,8% para fricativa glotal, seguido de 14,3% ao tepe alveolar, 6,8% para a vibrante alveolar, e 3,6% para as vibrantes espirantizadas.

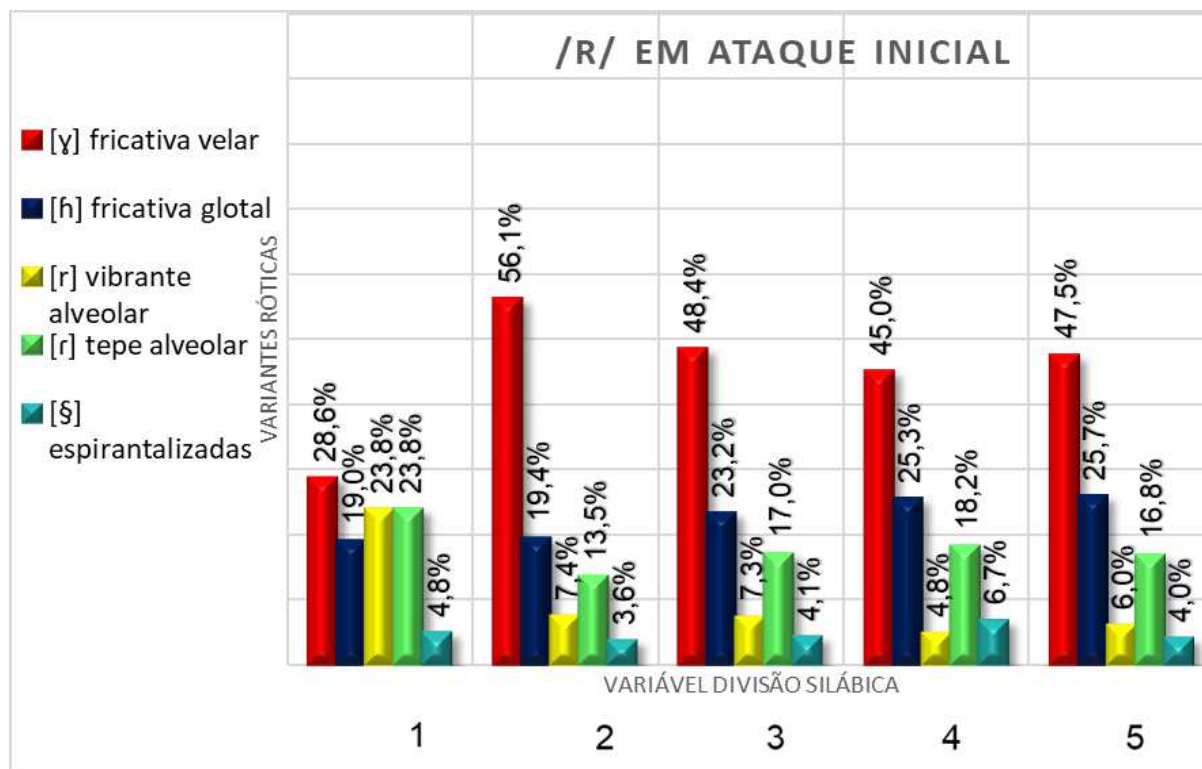
A divisão matemática dos valores obtidos apontam que a classe de verbos não foi favorecida por algumas das variantes róticas listadas, com o cômputo de diferença mínima de 5,1% na comparação entre as fricativas posteriores ([x], [h]) das categorias de nomes em contraste com a de verbos. Para as demais variantes, identificam-se discretas diferenças de 2,4% entre as duas categorias.

A considerar os resultados para a variável classe de palavra, em que os valores da categoria de nomes apresentam 2.168 ocorrências, em cotejo aos verbos com 822 realizações, constata-se a similitude do resultado da Tabela 1 com o Gráfico 3. Essa afirmação vale-se da ideia para a ortogonalidade dos dados, visto que a classe de nomes (rosa) apresenta ocorrências mais expressivas e demonstra favorecer a maior parte das variantes róticas em ataque inicial, demonstrando o mesmo comportamento em relação a todas as variantes, igualmente, identifica-se na classe de verbo.

Embora outros testes estatísticos para a classe morfológica não tenham sido atribuídos, os resultados encontram respaldo em Scherer (2013), Kailer e Scabari (2020) e Scabari (2020) que encontraram a não relevância da variável classe de palavra, tanto em ataque inicial quanto medial. Scabari (2020) opta por integrar na análise os dados com o baixo favorecimento e encontra alguma diferença percentual (1% a 4%) entre as categorias de nomes e verbos, o que não pode configurar expressiva produtividade.

Em face à investigação rótica para os dados em ataque inicial, conduz-se a análise para as categorias da divisão silábica, como se verifica, no Gráfico 4.

**Gráfico 4** – Róticos em posição inicial de acordo com a variável divisão silábica para os resultados em percentuais



**Fonte:** Elaborado pela própria autora a partir do corpus parcial do Projeto ALiB.

Conforme os valores exibidos no Gráfico 4 para as 2.990 realizações róticas em dados absolutos, sendo 21 casos para as monossílabas (ré), 1.482 dissílabas (rosa), 1.063 trissílabas (terreno), 269 ‘quadrissílabas’ com 4 sílabas (restaurante), e 101 polissílabas superior a quatro sílabas (macarronada), constata-se para a produção da variável fricativa velar a ocorrência de 56,1% nas palavras dissílabas, seguido de 48,4% em palavras trissílabas, 45,0% em palavras com quatro sílabas, contra um valor semelhante de 47,5% nas palavras polissílabas com cinco ou mais sílabas, e, por último, o valor mais baixo de 28,6% em lexias monossílabas. Nota-se que o favorecimento a essa variante ([χ]) ocorreu diante das palavras dissílabas e, mesmo com resultados equivalentes, em lexias com três ou mais sílabas.

A variante fricativa glotal demonstra resultados próximos e inferiores ao tepe alveolar, com ocorrência de 19,0%/19,4% em contextos lexicais de uma a duas sílabas, 22,8% em construções trissílabas, 24,8% nas palavras com quatro sílabas, e 25,7% nas palavras com cinco sílabas. Resultado que aponta para o favorecimento dessa referida variante ([h]), em situações de vocábulos mais longos (três sílabas ou mais), do ponto de vista da divisão silábica.

O tepe alveolar ([r]) apresenta favorecimento de 28,8% em palavras monossílabas, 13,5% nos eventos dissílabos, 17,0% nas situações trissílabas, seguido de 18,2% em lexias com quatro sílabas, 16,8% em polissílabas com cinco ou mais sílabas. Resultado que, de forma possível, indica a escolha pelo tepe (variante anterior) nas sílabas curtas e simples, por exemplo, CV (*'Dar a ré no carro'*).

A vibrante alveolar ([r]), assim como o tepe ([r]), exibiu maior produtividade 23,8% em palavras monossílabas, seguido do resultado de 7,4%/7,3% nas lexias dissílabas e trissílabas, em comparação ao resultado de 4,8% em contextos de quatro sílabas, e 5,9% em palavras polissílabas com cinco sílabas. Diferentemente dessas variantes mais expressivas, as vibrantes espirantizadas (/ev/) apresentaram maior ocorrência nas divisões com quatro sílabas (6,6%), e menor cômputo nas ocorrências dissílabas (3,5%), sendo as demais com valores equitativos a 4%.

As realizações mais 'expressivas' para as variantes róticas foram para as lexias dissílabas e trissílabas. A vibrante espirantalizada apresentou 4,8% no contexto monossílabo, 3,6% em dissílabos, 4,1% em trissílabos, 6,7% em situação de quatro sílabas, e 4,0% diante de palavras polissílabas

A partir dos resultados, nota-se que inexistente uma tendência de o falante produzir majoritariamente variantes róticas de uma única classe, por exemplo, apenas velar, em verbos ou nomes; parece existir um conjunto de variantes róticas mais usuais e em próximos pontos/modos articulatórios usados pelo falante<sup>54</sup>, que sugestionam a inclinação na seleção do /R/ mediante contexto social (extralinguístico), justificando a retirada desta variável do modelo de interação final.

Apesar de as variantes anteriores, mais especificadamente a vibrante alveolar, terem sido favorecidas em lexias monossílabas nos dados de Margotti (2004), identificou-se o caminho contrário nas amostras da presente tese, visto que, em confirmação com o Gráfico 4, a [r] revela mais atuação em palavras dissílabas e trissílabas, assim como o tepe alveolar.

Os cômputos encontrados mostram-se consoantes aos dados de Scabari (2020), uma vez que a [r] parece produtiva em contextos de duas e três sílabas na posição inicial. Tal apuração permitiu a hipótese de que, dado ao tempo articulatório e às ações do ápice da língua no alvéolo, a escolha da variante [r] em uma lexia

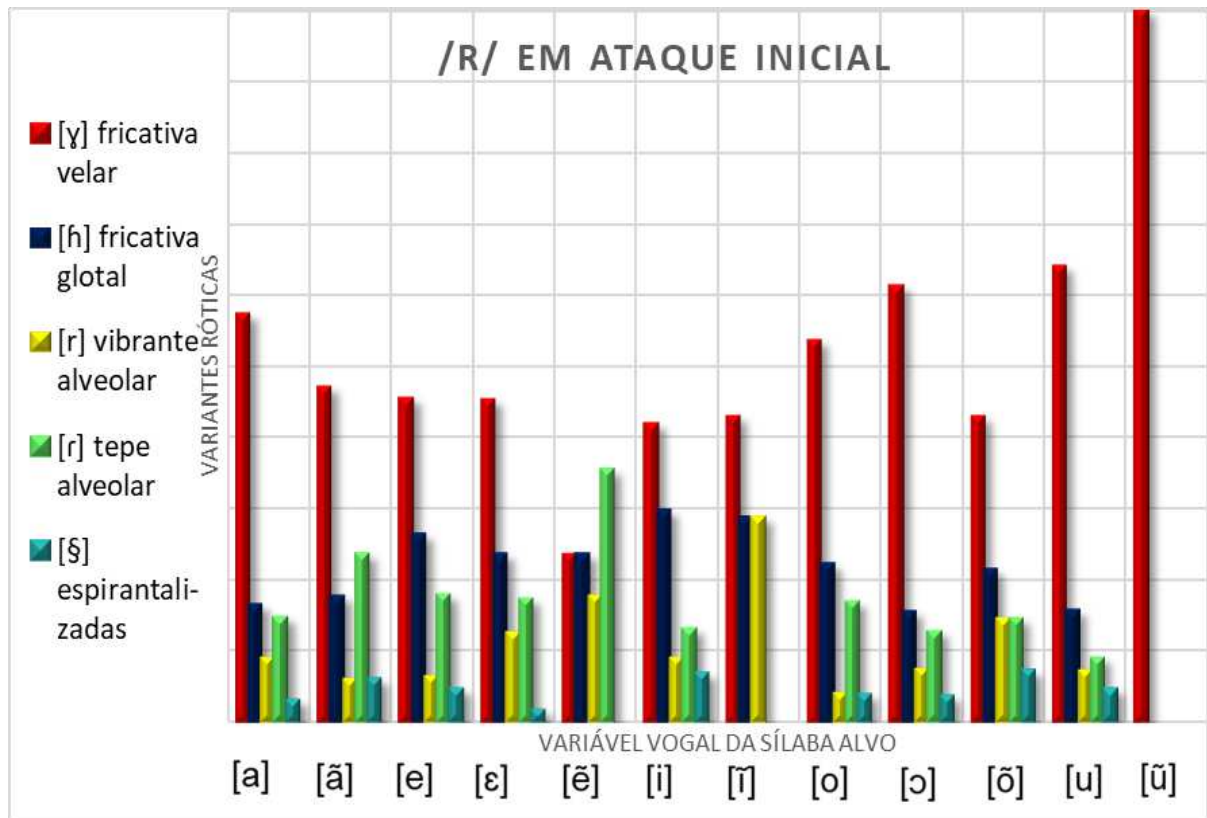
---

<sup>54</sup> Para afirmação categórica seria imprescindível estudos futuros que se detivessem no sujeito e/ou na perspectiva da comunidade de prática.

mais curta implicaria em uma ‘economia articulatória ao rótico’, que, por conseguinte, age sob a ‘lei do menor esforço’ linguístico (Martinet, 1962; Scherre, 1998).

Em complemento às discussões aqui levantadas, investiga-se róticos em ataque na direção da vogal da sílaba alvo, conforme exposto no Gráfico 5:

**Gráfico 5** – Róticos em posição inicial de acordo com a variável vogal da sílaba alvo para os resultados em percentuais



**Fonte:** Elaborado pela própria autora a partir do corpus parcial do Projeto ALiB.

Segundo os cálculos percentuais exibidos no Gráfico 5 e do valor total de 2.990 ocorrências róticas, a fricativa velar realiza-se mais no contexto da vogal alta posterior arredondada [u] (64,0%), já com o segundo maior percentual durante a vogal média baixa posterior arredondada ([ɔ]) na margem de 61,3%.

O resultado apresentado no Gráfico 5 indica pistas da fricativa glotal e velar serem mais recorrentes nos dados de fala do Sul brasileiro, assim como confirmado e inspecionado nos resultados de Aguilera e Biolada (2015), Comiotto e Margotti (2019), Scabori (2020), entre outros, que identificaram a expressiva realização das fricativas posteriores. A vitalidade da fricativa velar ([x]), que se reflete nos dados desta tese, também é ilustrada nas amostras de Aguilera (1994), Fraga (2006),

Altino (2007), Vegini (2007), Brescanini e Monaretto (2008), Busse (2010), Campos, Brod e Seara (2013), Lima (2013), Scherer (2013), Carlos (2015), Comiotto e Margotti (2019), Kailer e Scabori (2020), e outros.

O contraste entre o cômputo registrado para esta tese e todas as pesquisas citadas no parágrafo anterior convergem quanto à vitalidade das variantes róticas posteriores. A divergência quanto à realização das fricativas centra-se no fato de que algumas pesquisas (Vegini, 2007; Carlos, 2015; Comiotto e Margotti, 2019, e outras) registraram baixa ou nenhuma presença de uma das duas variantes ([h] e [x]) róticas no ataque, diferindo desta tese, cuja realização majoritária, no que tange às posteriores, procede em praticamente todas as vogais.

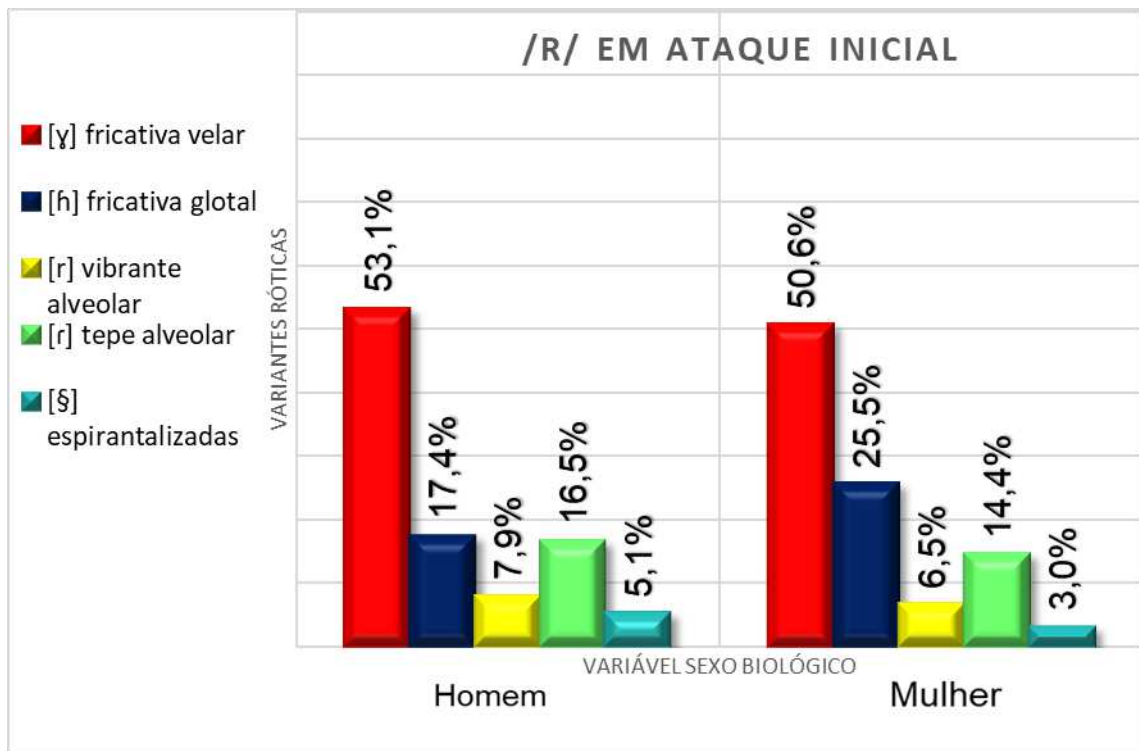
Os dados, expostos no Gráfico 5, aproximam-se da pesquisa de Haupt e Seara (2020), que também se utilizam de parâmetros acústicos, porém, com rigor maior à captação do áudio. Na análise das autoras, a fricativa velar e as faringais foram realizadas de forma categórica em contexto da vogal baixa central [a], podendo indicar a existência, na Região Sul, de uma tendência maior à variação do rótico, principalmente porque, nos dados da tese, ocorre a presença de variantes róticas anteriores no contexto [a], isto é, impossibilitando um valor categórico.

O resultado desta tese revela a produtividade da fricativa velar em quase todas as vogais, com exceção da vogal média alta anterior nasal [ẽ] que registra 23,5%. Variante que se mostra com porcentagem semelhante para a fricativa velar, favorecendo as róticas anteriores, mais precisamente o tepe alveolar com 35,3%. Identifica-se que as frequências vocálicas, as quais contemplam o ar egressivo, também, em direção à cavidade nasal, com exceção do [ẽ], favoreceram as variantes róticas posteriores, mesmo resultando em valores inferiores a 3%.

As categorias extralinguísticas representam informações pluridimensionais, isto é, sociais, em complemento ao fenômeno em análise (/R/). Os próximos gráficos corroboram as hipóteses quanto à realização rótica favorecida em contextos que perpassam o eixo da territorialização (localidade inquirida/fator diatópico), conforme indicado por outras pesquisas (Margotti, 2004; Justina, 2018; Kailer e Scabori, 2020; Scabori, 2020; Chaves e Seara, 2021; entre outros).

O Gráfico 6, apresentado na sequência, exhibe a primeira variável extralinguística da presente análise,

**Gráfico 6** – Róticos em posição inicial de acordo com a variável sexo para os resultados em percentuais



**Fonte:** Elaborado pela própria autora a partir do corpus parcial do Projeto ALiB.

De acordo com o Gráfico 6, do valor total de 1.454 ocorrências na fala das mulheres, 50,6% (754) foram para a fricativa velar, 25,5% (381) para a fricativa glotal, 14,4% (214) para o tepe alveolar, 6,5% (97) para a vibrante alveolar, e 3,0% (45) para as vibrantes espirantizadas. No falar do sexo masculino, com 1536 realizações, 53,1% (767) foram para a fricativa velar, 17,4% (252) para a fricativa glotal, 16,5% (238) para o tepe alveolar, 7,9% (114) para a vibrante alveolar, e 5,1% (74) para a espirantalizada.

Os resultados revelam que, em se tratando das róticas posteriores, mais precisamente das fricativas, os homens exibem um comportamento semelhante quando comparado ao das mulheres em uma primeira análise. Embora seja precipitada qualquer afirmação categórica em relação à distribuição absoluta, os homens realizam as variantes posteriores ([x]/[h]) com um total próximo de 70,5%, enquanto, neste teste estatístico inicial, as mulheres ‘conquistam’ o topo da produção, mesmo que de forma sutil, com 76,1%, resultando em uma diferença percentual de 5,6%.

Diante do resultado descrito no parágrafo anterior, a representação ao

aumento tímido da fricativa velar ([x]), no falar do sexo masculino, pode indicar que os homens apresentam-se mais inovadores quanto à produção dos róticos em ataque inicial, se considerar apenas a velar como inovadora. Para fricativa velar e glotal, as mulheres determinam o uso das variantes fricativas.

Referente ao aumento percentual das variantes anteriores ([r]/[r̥]), ocorre expressividade de 5,6% a mais na realização dessas variantes róticas no falar dos homens. Embora seja cedo para afirmações e conforme já indicado por Freitag (2015) referente ao gênero na Sociolinguística, os resultados desta tese e do Gráfico 6 parecem se opor aos preceitos labovianos, que atestam o gênero masculino como o responsável majoritariamente pelas variantes inovadoras, isto é, do ponto de vista de uma realidade inglesa da década de 1990, as mulheres figuram com um papel de conservadoras em se tratando de fenômenos linguísticos, com a ressalva de que a realidade das entrevistas pelo ALiB estava ligada, na maior parte do tempo, ao trabalho doméstico.

Apesar de elas aproximarem-se dos homens em relação às róticas anteriores (23,9% para o sexo feminino, contra 29,5% para o masculino), constata-se que os homens são os responsáveis pelo maior percentual para o tepe alveolar (16,5%) e vibrante alveolar (7,9%). Resultado que, diversos estudos, como os de Azeredo (2012), Carlos (2015), Justina (2018) e outros, indicam o /r/ forte a variante ‘conservadora’ e atrelada a grupos étnicos.

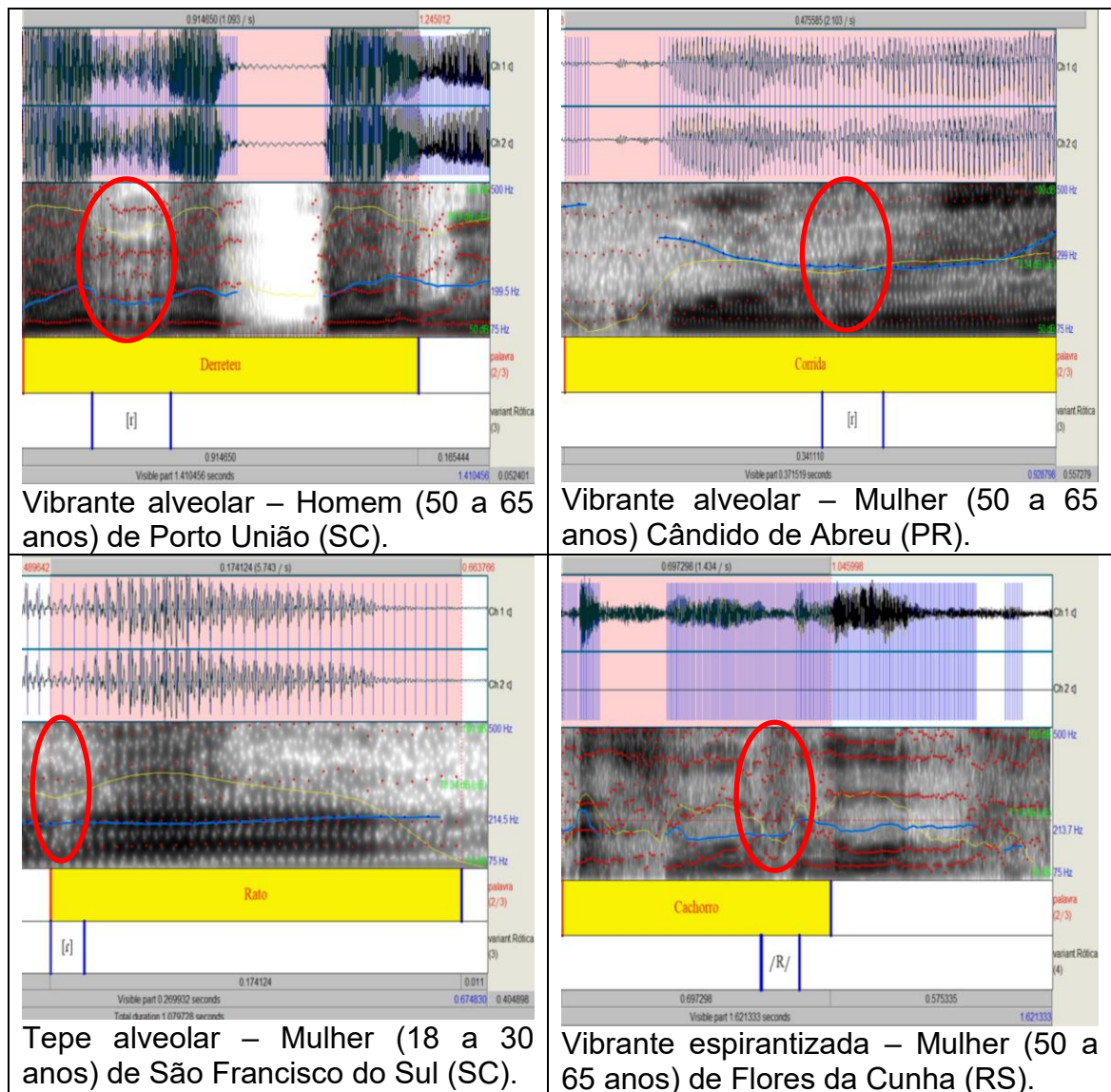
Contudo, ressalva-se que a variante tepe ([r̥]) se concebe como não padrão, isto é, ‘estigmatizada’ e/ou ‘identitária’ a depender da posição ocupada na palavra, porque autores, como Busse (2010), Carlos (2015), Justina (2018) e outros, correlacionam-na aos grupos étnicos formados ao Sul, e sua realização tende a ser mais perceptível em ataque simples, conforme atesta esta tese. Pode-se dizer que, apesar de as mulheres parecerem mais propensas às não inovações e flexibilidades róticas, os cálculos do Gráfico 5, ainda, não são suficientes para quaisquer generalizações/descobertas.

Quanto ao processo de posteriorização, na passagem das alveolares para as fricativas – que já era indicado por Callou, Leite e Moraes (2002) – o tepe alveolar e as vibrantes espirantizadas podem representar uma mudança em progresso para a posteriorização, pois ocorre o enfraquecimento da articulação rótica anterior, registrado tanto no falar do homem quanto da mulher.

O Quadro 8, a seguir, ilustra o ponto de vista da análise acústica em um

exemplo desse enfraquecimento do /R/. Embora o controle acústico não tenha sido adequadamente executado nas imagens seguintes, justifica-se que elas, ainda, assim, permitem identificar as variantes róticas anteriores, conforme ilustrado, tendo a espirantizada descrita com símbolo /R/, por ela não conter uma representação no Alfabeto Fonético:

**Quadro 8 – Variantes róticas anteriores em espectrograma de banda larga no Praat**



**Fonte:** Elaborado a partir do corpus da própria autora.

No Quadro 8, embora os cálculos dos dados sejam reais, ocorre a diminuição de 2,9% em relação às vibrantes espirantizadas, sendo ser os homens os agentes pela 'posteriorização' atrelada aos róticos anteriores. Referente aos resultados exibidos, a hipótese para o tepe alveolar (lenição) encontra respaldo em

uma discussão bastante intensa, mas que, nesta tese, segue a concepção de enfraquecimento na perspectiva de Vianna (1883) e Câmara Júnior (2011), à medida que o /r/ forte perde força ([r]), essa variante passa para uma produção do tepe alveolar como subordinado ao evento rótico inicial.

Logo, conforme a apuração das amostras (percentual do [r] superior ao registrado para a vibrante [r]), constata-se esta dissonância do ponto de vista de Carlos (2015). Pois a autora comenta ser a transição entre o tepe alveolar e a vibrante alveolar uma forma de substituição na qual a variante tepe [r] seria trocada pela vibrante alveolar e, por consequência, a [r] pela fricativa [x].

A respeito disso, destaca-se que Carlos (2015, p. 145, grifos no original) comenta o seguinte:

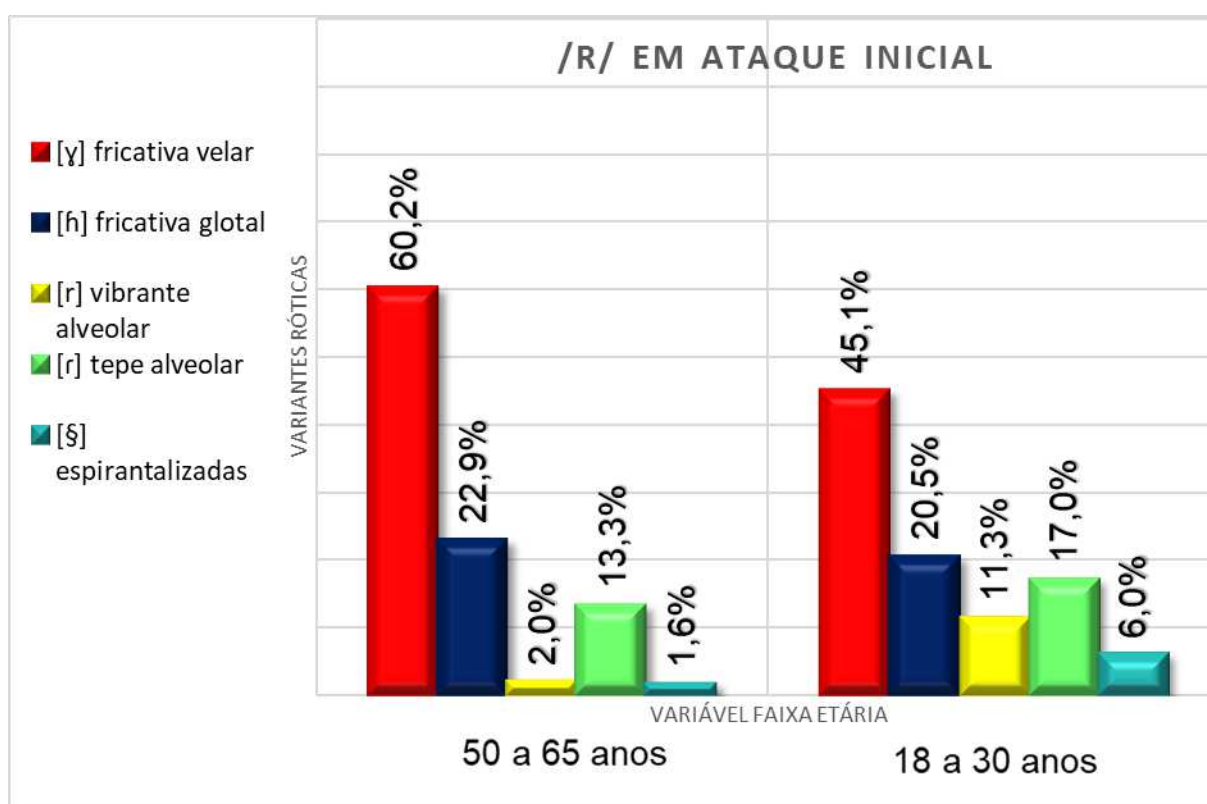
[...] a variante **tepe** tem menor ocorrência seguida da **vibrante**. Esses dados podem nos indicar uma possível transição entre o **tepe** e a **vibrante**, no qual o **tepe** pode estar sendo (*sic*) substituído pela **vibrante** e esta pela **fricativa**, sobretudo pelos jovens com maior escolaridade.

O que parece ocorrer, nos dados da autora, um avanço discreto e tímido da variante tepe rumo à posteriorização – que se defende, aqui, como a vibrante espirantizada na função de representar o próximo passo, não ocorrerá o desaparecimento total das anteriores (/r/ forte e brando [r]), mas a variação em detrimento de uma variante inovadora na categoria das róticas anteriores, como a vibrante espirantizada. É provável que o tepe tenha um papel importante na manutenção da anteriorização dos róticos, sendo esse o motivo de sua expressividade nos dados dessa tese e no falar dos mais jovens com Ensino Fundamental.

O cômputo dos dados revela, no falar do sexo feminino, a expressividade percentual do tepe alveolar e da possível caminhada de ambos os sexos rumo à maior resistência dos homens. Como hipótese para este resultado, indica-se que, apesar de os homens inovarem no uso das variantes róticas ou avançarem um pouco mais, quando comparado às mulheres (2,5% a mais para fricativa velar e 0,6% a mais na produção das anteriores no falar masculino), as róticas ([r]/[r]), marcadas por traços étnicos (Margotti, 2004; Justina, 2018, e demais), são mantidas por eles, possivelmente, por elas estarem atreladas, em algum momento, à variante do outro, isto é, do sujeito com o qual se comunica.

Nesse sentido, a reflexão que fica é a seguinte: seriam os homens sensíveis aos fatores sociais possibilitados pela língua falada na comunidade? Como se reconhece as limitações dos testes estatísticos em razão da segmentação de critérios extralinguísticos ainda não explorados nesta tese, passa-se ao próximo gráfico para maiores constatações e respostas, que aponta a distribuição das róticas em ataque conforme a faixa etária dos(as) participantes inqueridos(as).

**Gráfico 7 – Róticos em posição inicial de acordo com a variável faixa etária para os resultados em percentuais**



**Fonte:** Elaborado pela própria autora a partir do corpus parcial do Projeto ALiB.

Segundo o Gráfico 7, e, mais precisamente, ao falar da segunda faixa etária (50 a 65 anos), do total absoluto de 1297 ocorrências, 60,2% foram para a fricativa velar, 22,9% para fricativa glotal, 13,3% ao tepe alveolar, 2,0% para a vibrante alveolar, e 1,6% para as vibrantes espirantalizadas. Já referente à primeira faixa etária (18 a 30 anos), com ocorrência absoluta de 1639 articulações róticas, 45,1% ocorreram para a realização da fricativa velar, seguido de 20,5% para a fricativa glotal, 17,0% para o tepe alveolar, 11,3% para a vibrante alveolar, e 6,0% às vibrantes espirantalizadas.

Os dados para essa distribuição revelam que, tanto entre as róticas posteriores quanto às anteriores, ocorre o comportamento, aparentemente, distinto para ambas as faixas etárias. Sendo a maior expressividade quanto à diferença percentual registrada para a fricativa velar [x] (15,1%) e à vibrante alveolar [r] (9,3% na comparação de 11,3% para 2,0% ao registrado para a primeira e segunda faixa etária). Este resultado aponta a primeira faixa etária como a categoria responsável pela maior realização das variantes róticas anteriores, com diferença de 9,3% para a vibrante alveolar, 4,4% para as vibrantes espirantizadas, e para o 3,7% ao tepe alveolar, isto é, 17,4% a mais na produção das anteriores do que o aferido para a fala dos participantes de 18 a 30 anos.

Pode-se supor que, em contraste ao Gráfico 5, as falantes mais jovens (18 a 30 anos) favorecem a atuação das realizações róticas menos produtivas, se comparado às fricativas [x]/[h] e as algumas anteriores [r]/[r]. Além de a fricativa glotal [h] ter apresentado um resultado comparativo mais tímido, de 2,4% entre as categorias etárias.

A hipótese para o resultado é de que os falantes, por se sentirem aceitos pela comunidade da qual fazem parte, realizam tanto as variantes fricativas posteriores quanto as anteriores, dependendo de sua comunidade de fala; além, da configuração rótica ser capaz de incluir o jovem e o idoso em um conceito de pertencimento ao seu grupo/suas raízes linguístico-sociais.

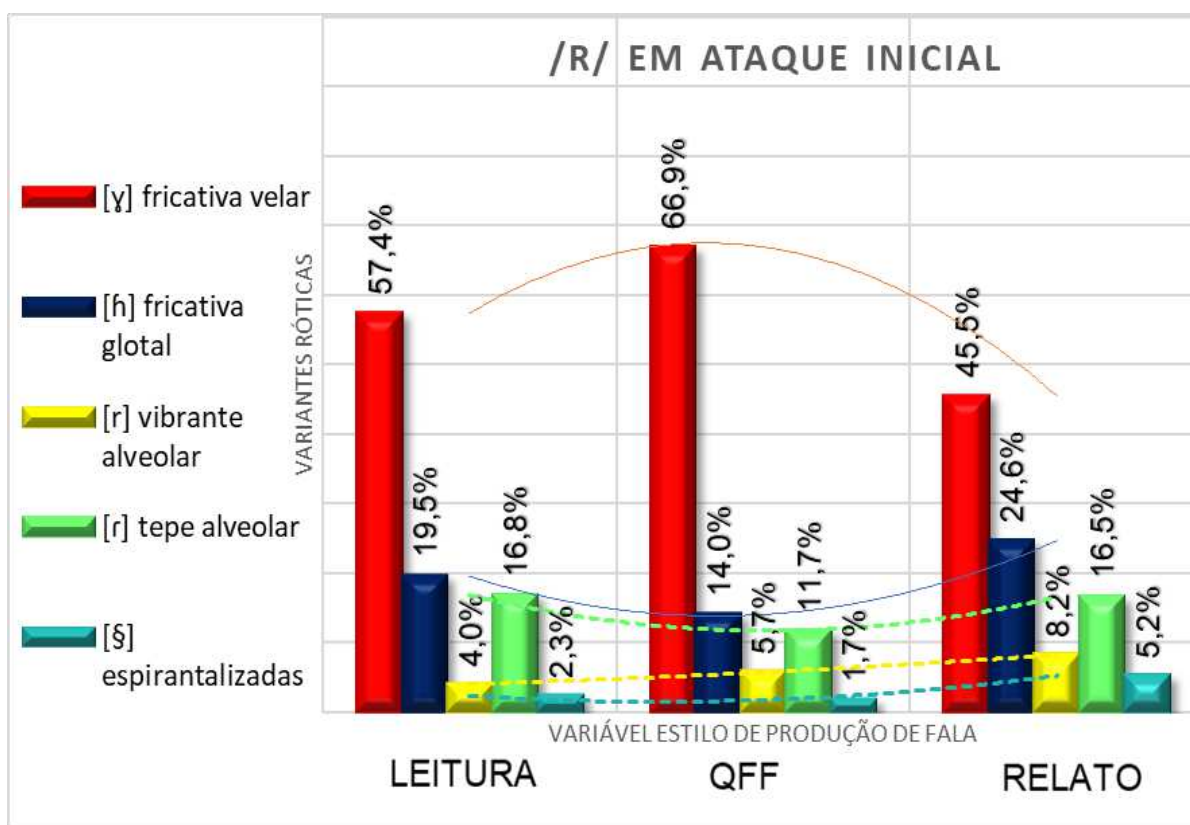
Para tanto, essa possibilidade analítica encontra voz em Azeredo (2012), que indica a troca do tepe pela vibrante alveolar como fator condicionado ao maior contato do indivíduo com a fala dialetal italiana. Ademais, Justina (2018) e Comiotto e Margotti (2019) também convalidam dados desta tese, ao confirmarem a atuação das variantes róticas anteriores condicionadas aos descendentes italianos, alemães e outros.

De acordo com a constatação de Chaves e Seara (2021) para as vibrantes anteriores (tepe alveolar [r], aproximante [j], vibrantes espirantizadas e vibrante alveolar [r]), os descendentes de italiano são os agentes que favorecem a realização de diferentes variantes para o r-forte. Esse resultado pode indicar que ambas as faixas etárias podem, sim, marcar/reforçar sua representatividade, inclusive seu pertencimento à localidade, através do /r/ articulado pelos falantes.

O resultado do teste de *pr.(chi)* (na Tabela 1), referente ao Gráfico 7, indica de forma bastante expressiva que a variável faixa etária favorece a variação das

róticas em posição de ataque silábico inicial, conforme as casas decimais na tabela. Para explorar mais algumas indagações dos róticos, focaliza-se valores computados para a variável estilo de produção de fala, cujo gráfico apresenta a linha de regressão como forma de comparação de nível entre os estilos de produção de fala. Justifica-se que, nas variáveis com dois fatores ou superior, o traço de regressão não se emprega por desconsiderar a possível leitura de tendência entre os fatores, diferentemente do que solicita o contexto de monitoramento da fala.

**Gráfico 8** – Róticos em posição inicial de acordo com a variável estilo de produção de fala para os resultados em percentuais



**Fonte:** Elaborado pela própria autora a partir do corpus parcial do Projeto ALiB.

Para o Gráfico 8, no contexto de elevado monitoramento da fala (leitura), com a contagem geral de 303 realizações, 57,4% refere-se à fricativa velar, seguida de 19,5% à fricativa glotal, 16,8% ao tepe alveolar, 4,0% à vibrante alveolar, e 2,3% para às vibrantes espirantalizadas. Já no eixo situacional de médio monitoramento da fala (QFF) do total de 701 casos, 66,9% foram à fricativa velar, 14,0% à fricativa glotal, 11,7% ao tepe alveolar, 5,7% à vibrante alveolar, e 1,7% às vibrantes espirantalizadas.

Para o relato, que representa pouco ou nenhum monitoramento da fala, de uma ocorrência total de 1.932 casos, tende-se a 45,4% para a produção da fricativa velar, seguido de 24,6% para a fricativa glotal, 16,5% para o tepe alveolar, 8,2% para a vibrante alveolar, seguida de 5,2% para as vibrantes espirantizadas.

A diferença porcentual entre o elevado nível de monitoramento de fala e o relato pessoal para as variantes anteriores encontra alicerces nas hipóteses de Busse (2010) e Azeredo (2012), quanto à estigmatização do [r], visto que, em se tratar da leitura e do relato como distintos polos de monitoramento da fala (Labov, 2008 [1972]; Aguilera e Kailer, 2013; Kailer e Scabiori, 2020), a variante tepe alveolar demonstra caminho contrário à articulação formal, por apresentar valores semelhantes nos dois contextos de fala (16,8% na leitura e 16,5% no relato pessoal).

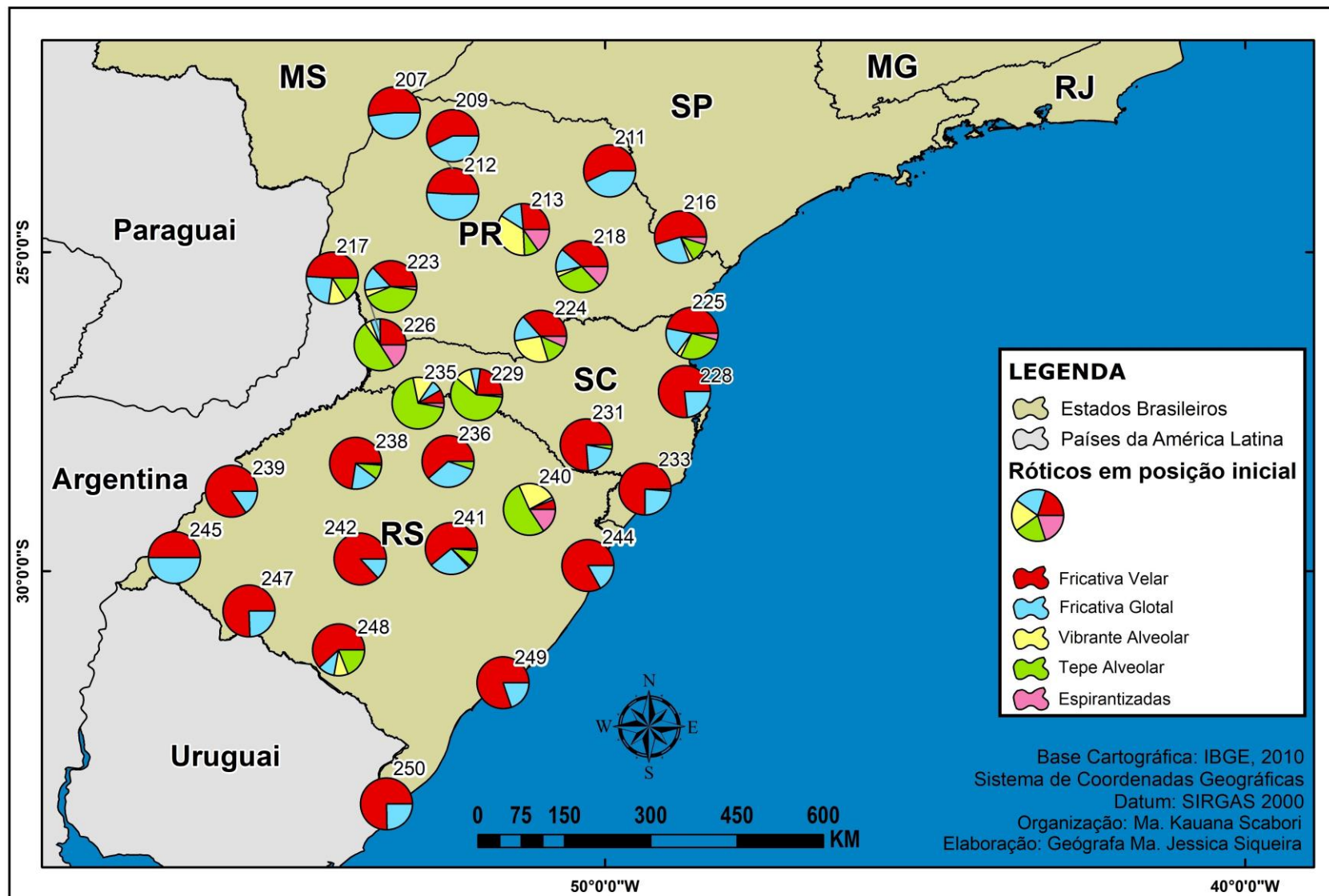
Frente ao resultado do Gráfico 8, supõe-se que o tepe figure na caixa dos róticos não inovadores e mais usuais diante do contexto de formalidade, afinal, quanto mais perceptível de oitiva ([ 'roupe ]) do que uma fricativa posterior (com baixa amplitude) maior a amplitude, percepção e sua representação em alguns grupos etários/étnicos, conforme constatado por Margotti (2004), Brescancini e Monaretto (2008), Justina (2018), Scabiori (2020), Chaves e Seara (2021), e outros. Outra interpretação possível para o tepe alveolar como não inovador, seria a menor atenção para a fala, podendo resultar em construções 'afonéticas' – o que Labov (2008 [1972]) conceitua por *agramaticais* diante de maior atenção para a fala.

Em complemento às reflexões levantadas nesta subseção, na próxima etapa da análise, a investigação das localidades será realizada por meio de cartas fonéticas para melhor visualização dos dados no contexto diatópico.

### 6.1.1 Posição inicial de acordo com a variável localidade: coexistência das variantes róticas

O mapa exposto, na Figura 22, contempla os valores encontrados para as 29 localidades inquiridas pelos membros do Comitê ALiB, além de apresentar os pontos dessas investigações juntamente às legendas dos municípios. Na ilustração, algumas cores das variantes róticas mostram-se alteradas em relação ao padrão dos gráficos, e as nomenclaturas para as variantes róticas compõem os percentuais registrados.

**Figura 22** – Carta fonética para a atuação das localidades na produção das variantes róticas em início de palavra



De acordo com a Figura 22, registrou-se, no Estado do Paraná, quatro localidades que, categoricamente, produzem as variantes róticas posteriores (fricativas: velar e glotal). Mais precisamente nos pontos 207-Nova Londrina, 209-Terra Boa, 212-Campo Mourão e 211-Tomazina em toda a faixa norte (central, pioneiro e novíssimo) imperam as posteriores, de forma que os pontos 207 e 212 dividem as duas variantes róticas em quase 50%.

A única exceção recai sob o ponto 213 (Cândido de Abreu), ao Norte Central paranaense, que apresentou o maior percentual para a vibrante alveolar (34,2%), contra 26,1% para a fricativa velar e 14,3% para a glotal. Nessa mesma localidade, as vibrantes espirantizadas apresentaram valor superior (15,1%) ao do tepe alveolar 8,8%.

Esse resultado aponta tanto para um possível enfraquecimento do /R/ forte ([r]) e do /r/ brando ([r̥]) quanto uma resistência da representatividade local formada a partir das variantes róticas produzidas na região apicoalveolar. Sobre isso, Correa (2020), em uma pesquisa etnográfica com o /R/ em ataque, ressalta o fomento da indústria cultural, mais precisamente gaúcha, como atuante no favorecimento à manutenção da vibrante alveolar.

Ainda conforme a mesma localidade, ponto 213, os dados parecem não encontrar eco na investigação feita por Azeredo (2012), que consiste na troca da vibrante alveolar pelo tepe alveolar, haja vista a expressividade dessa variante (25,4% em contraste ao tepe). Entretanto, na comparação com os demais pontos (216-Adrianópolis, 218-Imbituva, 217-São Miguel do Iguçu, 223-Barracão no Paraná, avançando para 225-São Francisco do Sul e 226-São Miguel do Oeste em Santa Catarina, e 229-Concórdia, 235-Erechim, 238-Ijuí, 240-Flores da Cunha, 241-Santa Cruz do Sul, e 248-Bagé no Rio Grande do Sul), que contemplam a cor verde mais saliente e superior ao da tonalidade rosa ([r̥]), as amostras encontram alicerce concreto em Azeredo (2012), justifica a identidade étnica e o baixo nível de escolaridade, no caso dos dados dessa tese, o Ensino Fundamental.

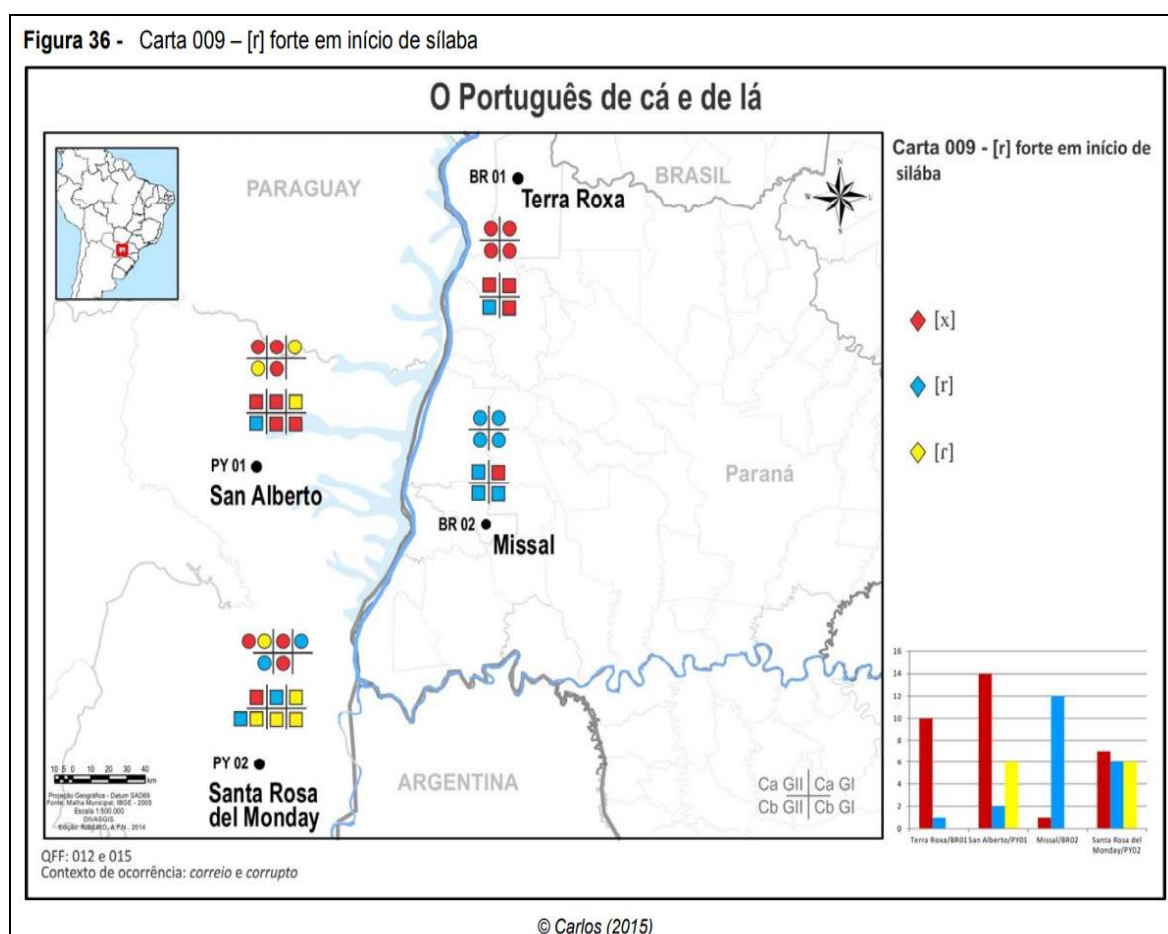
É necessário reconhecer que as localidades não se compõem dos mesmos informantes, das mesmas datas para a coleta das amostras e dos mesmos pontos inquiridos, uma vez que o trabalho de campo, desempenhado pelo ALiB, exigiu segmentação e a coleta de um número ideal e expressivos de participantes. Os pontos supracitados caminham em direção um pouco oposta aos registros do banco de dados VARSUL, aferidos por Monaretto (1997) e Brescancini e Monaretto (2008),

devido à presença superior da vibrante alveolar em relação ao tepe nos dados das autoras, visto que, nesta tese, o tepe alveolar ganha destaque na maioria das localidades do Sul brasileiro.

Tal fator revela, para o ataque, o distanciamento das anteriores das capitais, quando contrastado aos resultados das autoras citadas e de Kailer e Scabori (2020), uma vez que a concentração das variantes 'anteriorizadas' figura na faixa sudoeste paranaense, oeste catarinense e norte riograndense, sendo os pontos 217 (São Miguel do Iguaçu), 223 (Barracão), 226 (São Miguel do Oeste) próximo do Paraguai e Argentina, com exceção do ponto 225 (São Francisco do Sul) no Norte de SC e mais próximo ao litoral.

Para contrastar a realidade de fronteira, selecionou-se a carta fonética de Carlos (2015), que apresenta uma metodologia diferente, no entanto, indica a seguinte convivência entre a fricativa velar [x] e a vibrante alveolar [r]:

**Figura 23** – Carta fonética para o /R/ em ataque aplicada ao contraste rótico à figura 53 de Carlos (2015)



Fonte: Retirado de Carlos (2015, p. 141).

A localidade de Missal, mais próxima do ponto 217 (São Miguel do Oeste, registrado na Figura 53), aponta para o favorecimento da vibrante alveolar. Se contrastado aos dados desta tese, o registro do tepe e das fricativas ([x]/[h]), sendo esta última realizada de forma majoritária, indica a coexistência de mais variantes róticas para o início de palavra, assim como a existência do tepe alveolar em outros pontos do território paranaense.

Realizadas as investigações/registros da Figura 23 e em complemento aos estudos de Margotti (2004), Azeredo (2012), Justina (2018), Correa (2020) e Nikulin (2020), confirma-se a vitalidade do tepe alveolar, se comparado à vibrante alveolar, e a sua existência atrelada a grupos étnicos. Hipotetiza-se, nesta tese, essa variante ([r]), em ataque, anteceda a vinda de imigrantes italianos; por pesquisas, como de Nikulin (2020) e outras, indicarem o ponto apicoalveolar e o grau de retroflexão como propriedade de fonemas pertencentes ao Proto-Macro-Jê.

A hipótese para a presença do ‘caminho de variantes anteriores’, formado do Sul do Rio Grande do Sul até próximo do Norte Pioneiro paranaense pelas cidades de Bagé/RS, Santa Cruz do Sul (RS), Flores da Cunha (RS), Passo Fundo (RS), Erechim (RS), Concórdia (SC), São Miguel do Oeste (SC), Barracão (PR), Imbituva (PR), Cândido Abreu (PR) e Adrianópolis (PR), centra-se mais na distribuição e na formação de colônias de imigrantes europeus, por exemplo, a Companhia de Terra Maripá, do que pelos Caminhos de Tropas, pois Lages (SC) “Vila de Lages” (HERBERTS, 2009) é uma das cidades citadas como ponto de parada dos tropeiros e viajantes no século XIX e apresenta concentração das variantes fricativas posteriores, isso carrega a ideia de que a anteriorização do /R/ tenha resistido menos nas regiões/pontos de inquérito menos movimentados ou de expressivo fluxo.

Rabossi (2004) confirma a presença de árabes e muçulmanos na faixa oeste do Paraná, mais precisamente em Foz do Iguaçu. Esse pode ser um indício para a produtividade do tepe alveolar [r], assim como já investigado e justificado para Flores da Cunha por Margotti (2004) e Comiotto e Margotti (2019).

Embora as categorias para a variável localidade, na carta fonética (Figura 23), não tenham passado por outros testes estatísticos (TRMV e demais), confirma-se o contraste e a inversão das fricativas posteriores com o Paraná e Rio Grande do Sul. Nesse contexto, com atenção ao ponto 245 (Uruguaiana), no qual se focaliza o desvio à regra (favorecimento da fricativa velar ([x]/[ɣ]), verifica-se a tendência ao

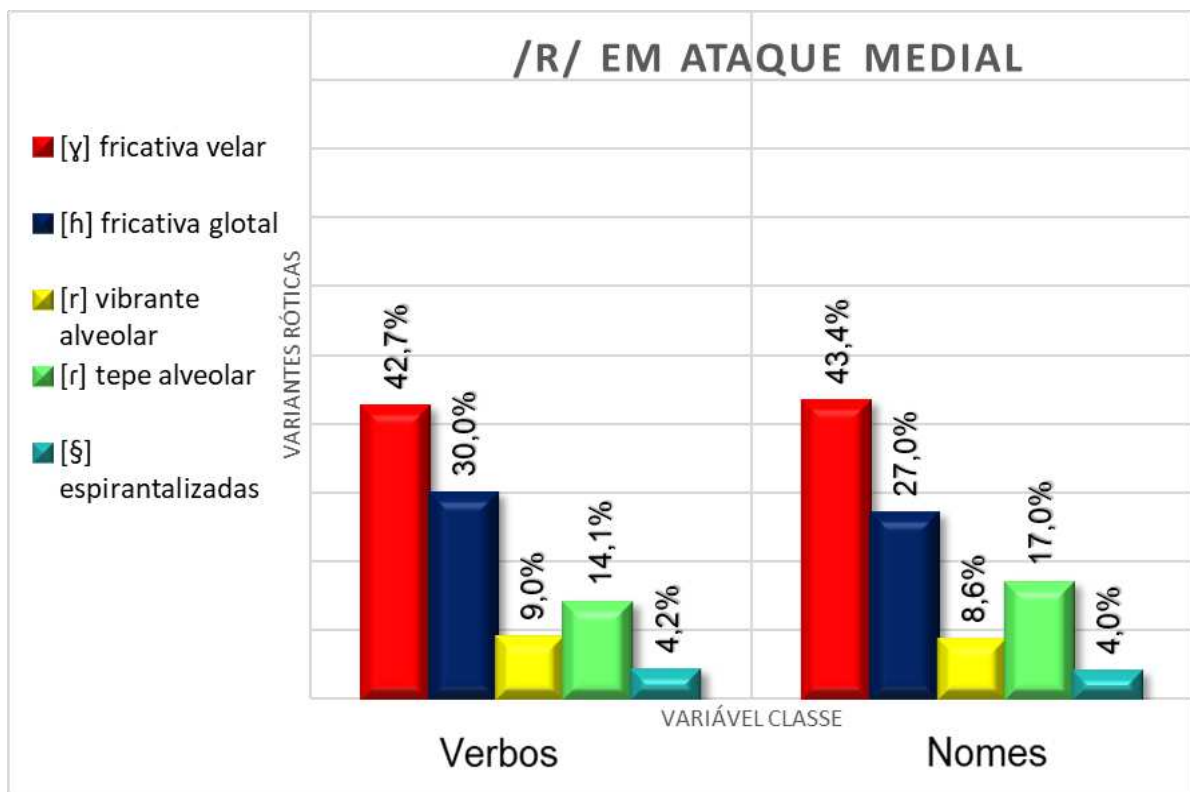
avanço da ‘posteriorização’ quanto à troca da [x] pela [h], conforme atestado por Callou, Leite e Moraes (1996).

Antes de atestar novas generalizações aos róticos em início de palavra, por reconhecer que os dados direcionam para várias possibilidades interpretativas na forma de apresentação dos resultados, a posição medial (*terreno*) é investigada em complemento da subseção. Espera-se validar as investigações já iniciadas e aferir atuais percentuais encontrados para o /R/ no interior da lexia.

## 6.2 POSIÇÃO MEDIAL: O /R/ EM ATAQUE SILÁBICO EM POSIÇÃO MEDIAL

Nesta seção, são contemplados 6 gráficos, com suas respectivas tabelas, um mapa, seguido de cinco cartas fonéticas para análise quanto à realização de uma ou outra variante rótica no contexto de ataque medial. O Gráfico 9 apresenta o cômputo para a variável classe morfológica, que detém as categorias nomes e verbos, como se nota na sequência.

**Gráfico 9** – Róticos em posição medial de acordo com a variável classe de palavra para os resultados em percentuais



**Fonte:** Elaborado pela própria autora a partir do corpus parcial do Projeto ALiB.

De acordo com o Gráfico 9, da ocorrência total de 1.969 realizações para os róticos na classe de nomes, 43,4% são registrados para a fricativa velar, 27,0% para fricativa glotal, seguido de 16,9% ao tepe alveolar, contra 8,6% para a vibrante alveolar, e 4,0% para as vibrantes espirantizadas. Na classe de verbos, tem-se o seguinte: com o registro de 1.165 eventos róticos no total, 42,7% ficaram para a fricativa velar, 30,0% a fricativa glotal, 14,2% ao tepe alveolar, 9,0% para a vibrante alveolar, e 4,2% para as vibrantes espirantizadas.

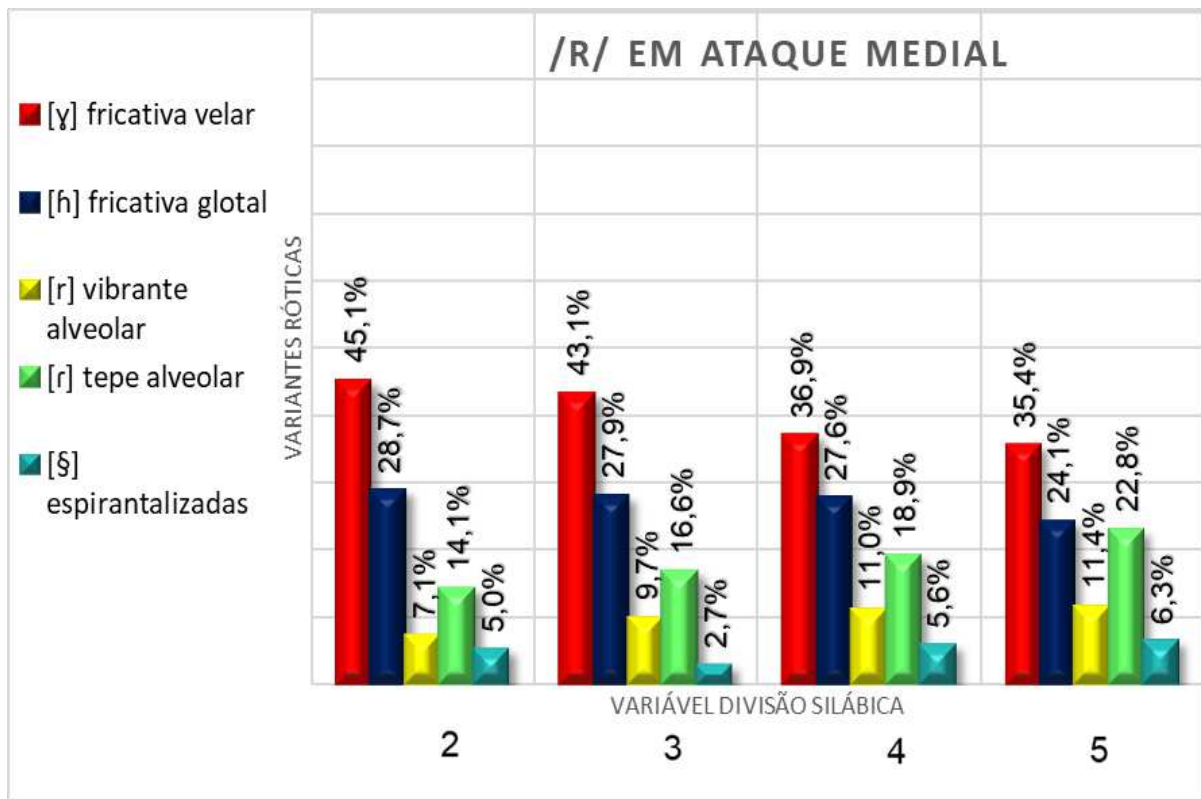
A partir dos resultados distribuídos entre as duas categorias, identifica-se, com mais precisão dos dados absolutos, a produtividade dos róticos na classe de nomes – categorias gramaticais que não indicam ação/tempo, conforme atestam Faraco, Moura e Maruxo (2012) – como atuantes em uma e outra variante rótica.

Os resultados revelam-se discrepantes da pesquisa de Scabari (2020), visto que a categoria de nomes favorece exclusivamente a variante tepe alveolar, por apresentar um aumento significativo de 2,9% nessa categoria; ao passo que os dados encontram eco na pesquisa de Scabari (2020) e demais autores, ao indicar que a variação não acomete a classe de palavra em uma visão mais generalista, como constatado no Gráfico 9.

Contudo, conforme Kailer e Scabari (2020), Chaves e Seara (2021), Spessatto (2021), o *p.valor* apresentou o resultado em 43,9%, o que desfavorece a hipótese quanto à variável linguística classe de palavra. A hipótese para esse resultado sugere-se pelo fato de os verbos serem regulares (morrer, retirar, responder, entre outros), em sua maioria, mantendo o radical inalterado e próximos da classe de nomes, mesmo com função sintática distinta.

Sugere-se, neste ponto da tese, a incorporação de estratificações sintáticas para a variável classe de palavra. Em complemento à análise realizada na presente seção, inspeciona-se o próximo cômputo (Gráfico 10), que expõe os resultados obtidos para a variável divisão da sílaba simples ao rótico:

**Gráfico 10** – Róticos em posição medial de acordo com a variável divisão silábica para os resultados em percentuais



**Fonte:** Elaborado pela própria autora a partir do corpus parcial do Projeto ALiB.

Conforme o cômputo do Gráfico 10, do total de 1.354 ocorrências nas lexias com duas sílabas, 45,1% foram para a fricativa velar, 28,7% para a fricativa glotal, contra 14,1% para o tepe alveolar, 7,1% para a vibrante alveolar, e 5,0% para as vibrantes espirantizadas. Referente às palavras com três sílabas, cujo total registrado foi de 1.400 realizações, 43,1% foram para a fricativa velar, 27,9% para a fricativa glotal, 16,6% ao tepe alveolar, 9,7% para a vibrante alveolar, contra a produção de 2,7% aplicada para as vibrantes espirantizadas.

Para as palavras polissílabas com quatro e cinco sílabas, os valores percentuais mostraram-se semelhantes para as fricativas velares, sendo com quatro divisões silábicas: 36,9% para a velar, 27,6% para a glotal, 11,0% para a vibrante alveolar, 18,9% para o tepe alveolar, e 5,6% para a espirantizada. No último conjunto de gráfico, encontram-se 35,4% para a velar, 24,1% para a glotal, 11,4% para a vibrante alveolar, 22,8% ao maior percentual para o tepe alveolar, e 6,3% para a espirantizada.

Embora se compreenda a existência de diversos processos fonético-

fonológicos, como: sândi<sup>55</sup>, por exemplo, ‘ferrusado’ para ‘ferro usado’, ou ainda, diferentes formas na tonalidade “/mà/ (xingar)” e “/ma/ (mãe)”, do chinês, para os mesmos fonemas (Gayer, 2014, p. 67), esses não parecem casos os quais interfiram na escolha rótica no nível da divisão silábica. Portanto, as palavras monossílabas não foram constatadas, por circunstâncias óbvias (**ré/rim/rir/ra**), dado a posição do rótico na sílaba, sendo plausível aferir que o contexto inicial traz mais pistas para a variação rótica nessa posição.

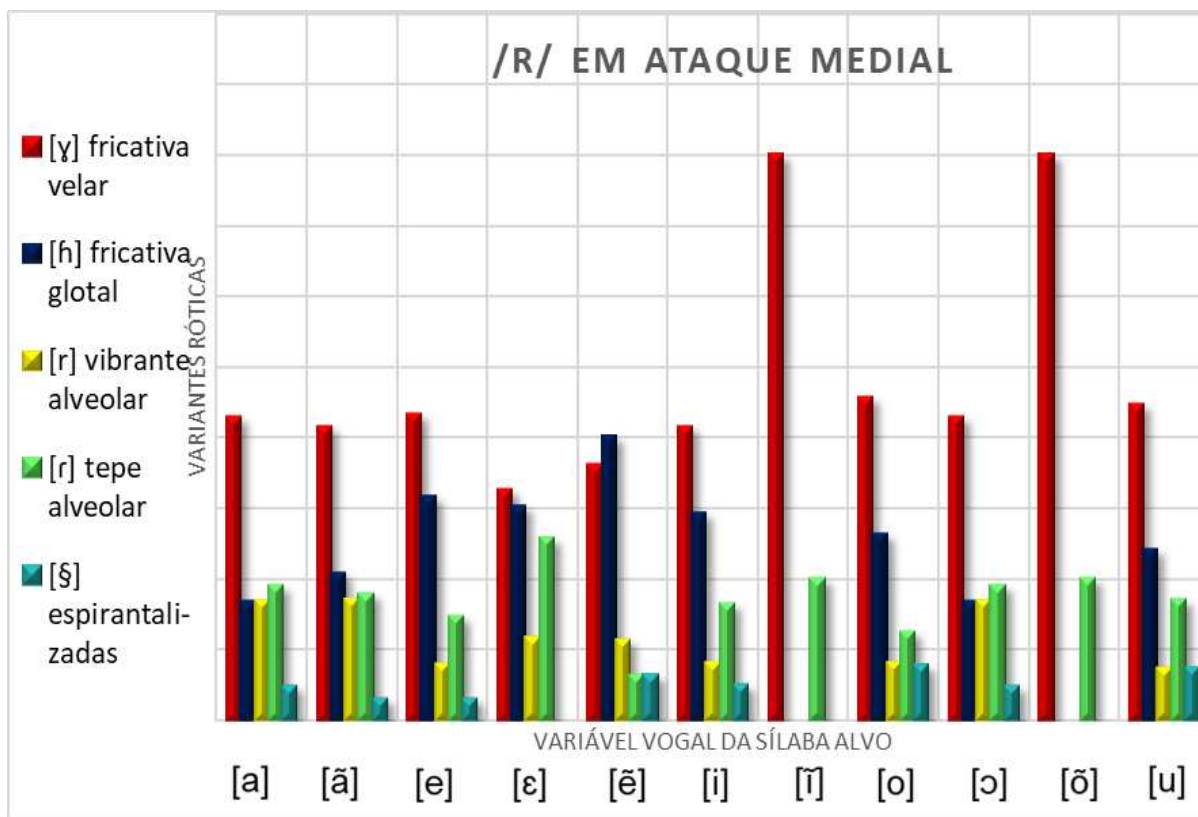
Na divisão silábica, pode-se afirmar que a configuração de quantidade de sílabas interfere apenas quando separado dois grupos: dissílabos e trissílabos de polissílabos com quatro ou mais sílabas, por ocorrer uma queda da velar e aumento do tepe (anterior), demonstrando-se a tendência de um dos conjuntos favorecerem as variantes apicais. Para tanto, fica evidente que a variável divisão silábica não consegue explicar, por si só, a variação e mudança à posteriorização ou direcionamento articulatorio de algumas variantes róticas anteriores.

O próximo gráfico para análise, nesta seção, contém as categorias vogais do PB, que se referem à variável vogal da sílaba alvo:

---

<sup>55</sup> Ver figura 39.

**Gráfico 11** – Róticos em posição medial de acordo com a variável vogal da sílaba alvo para os resultados em percentuais



**Fonte:** Elaborado pela própria autora a partir do corpus parcial do Projeto ALiB.

De acordo com o Gráfico 11, constatam-se os valores percentuais a favorecer majoritariamente a variante rótica fricativa velar ([x/ ɣ]), sendo um dos maiores percentuais para as vogais posteriores e alta anterior nasal não arredondada. A velar ocorreu com 42,1% (211) para [a], 41,5% (56) para [ã], 43,3% (514) para [e], 32,6% (14) para [ɛ], 41,5% (125) para [i], 80,0% (4) para [ĩ], 45,6% (118) para [o], 42,9% (18) para [ɔ], 80,0% (86) para [õ], e 44,7% (255) para [u].

A fricativa glotal apresentou 26,7% (134) para [a], 20,7% (28) para [ã], 31,5% (374) para [e], 25,6% (11) para [ɛ], 29,2% (88) para [i], 26,3% (68) para [o], 16,7% (7) para [ɔ], 24,0% (137) para [u], 0,0% (0) para [ĩ] e [õ]. Para vibrante alveolar: 10,4% (52) para [a], 17,0% (23) para [ã], 7,8% (93) para [e], 11,6% (5) para [ɛ], 8,0% (24) para [i], 16,7% (7) para [ɔ], 7,2,0% (41) para [u], e 0% (0) para [ĩ], [o] e [õ].

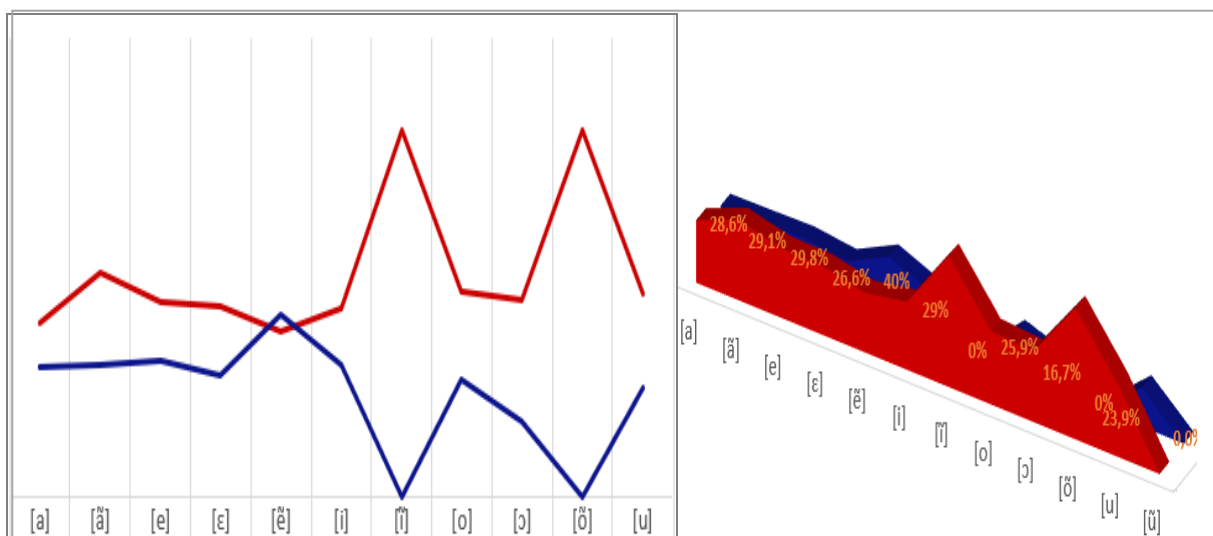
O tepe alveolar apresentou: 19,6% (98) para [a], 17,8% (24) para [ã], 14,5% (172) para [e], 25,6% (11) para [ɛ], 16,3% (49) para [i], 12,4% (32) para [o], 19,0% (8) para [ɔ], 16,8% (96) para [u], e 0% para [ĩ] e [õ]. Já a vibrante espirantizada contou com 1,2% (6) para [a], 3,0% (4) para [ã], 2,9% (35) para [e], para [ɛ], 5,0%

(15) para [i], 7,7% (20) para [o], 4,8% (2) para [ɔ], 7,2% (41) para [u], e 0% para [õ] e [ĩ].

A hipótese para o referido resultado pode encontrar justificativa na ‘praticidade’ com que o ar egressivo é direcionado para uma configuração hiponasal. Tal resultado não ocorreria com a vogal alta anterior nasal em razão de uma ‘harmonia’ (Matzenauer, 2013) ou projeção fônica desta vogal com a consoante rótica: tepe alveolar (20%) e fricativa velar (80%).

Em contraste com os resultados analisados no Gráfico 10, expõe-se uma segunda possibilidade de interpretação dos dados encontrados, com foco nas fricativas posteriores, a saber: velar (vermelho) e glotal (azul), porque esse modelo possibilita a análise do confronto ou duelo, como diria Tarallo (1986) entre as variantes.

**Gráfico 12** – Ilustração gráfica para análise das variantes posteriores



**Fonte:** Elaborado pela própria autora a partir do corpus parcial do Projeto ALiB.

Segundo o Gráfico 12, identifica-se que, enquanto ocorre o ‘ápex’, leia-se ponto mais alto, de realização da fricativa velar, em contexto de [ĩ] e [õ], tem-se, por outra perspectiva, o declínio da variante rótica glotal. Se a imagem aponta uma possível implementação da fricativa glotal, ainda não se pode tecer essas afirmações, pois esta tese não considera a análise temporal para as variantes róticas, o que se comprova é a direção da fricativa glotal diante do mesmo contexto de produção da variante rótica velar.

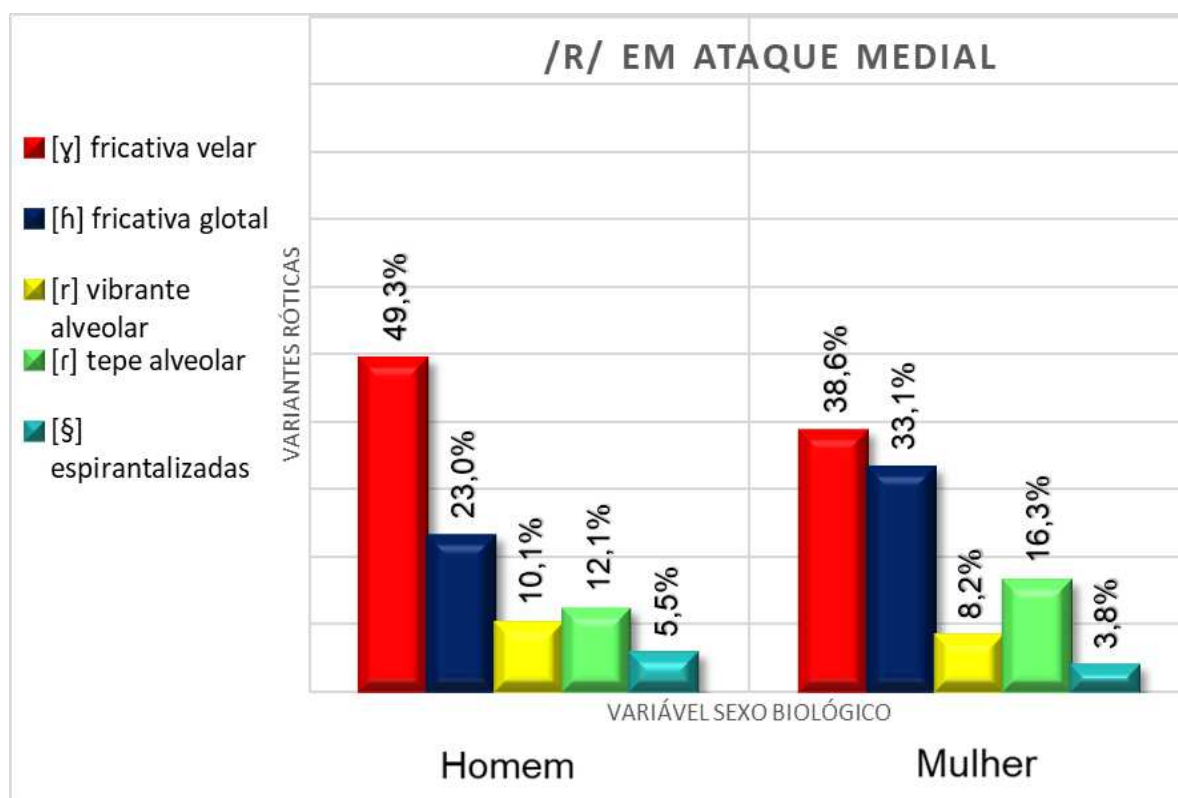
O evento sugestionado, no parágrafo anterior, encontra eco em Tarallo

(1986), uma vez que ambas as ilustrações direcionam à hipótese de duelo entre as variantes citadas e para a não coexistência em alguns contextos.

Ainda sobre esse resultado, embora o favorecimento da fricativa velar implique em uma baixa produtividade do tepe alveolar, averigua-se que a disputa entre as posteriores e anteriores, dado que um pequeno aumento do tepe, também, reduza a vibrante alveolar, quase que de forma ‘esmagadora’.

A seguir com a análise, deixam-se as investigações linguísticas e inspeciona-se a produção de uma ou outra rótica conforme as variáveis extralinguísticas (fatores de ordem sociais).

**Gráfico 13** – Róticos em posição medial de acordo com a variável sexo biológico para os resultados em percentuais



**Fonte:** Elaborado pela própria autora a partir do corpus parcial do Projeto ALiB.

No Gráfico 13, do número total de 1.445 casos para a realização do rótico na categoria do sexo masculino, 48,2% (714) formam para a fricativa velar, 22,6% (334) para a fricativa glotal, 11,5% (229) para o tepe alveolar, 9,4% (139) para a vibrante alveolar, e 4,4% (65) para as vibrantes espirantizadas.

Na classe do sexo feminino, com o total de 1653 eventos róticos, 38,6%

(638) ocorreram para a fricativa velar, 33,1% (547) à fricativa glotal, 16,3% (269) para o tepe alveolar, contra as baixas produções de 8,2% (136) para a vibrante alveolar, e 3,8% (63) às vibrantes espirantizadas.

Os resultados descritos demonstram inalterações entre a realização de uma ou outra variante (posterior e anterior) na categoria de homens e mulheres. Nesse contexto, chama atenção a diferença percentual da fricativa velar registrada na fala dos homens em relação à computada no falar do sexo feminino (10,7%).

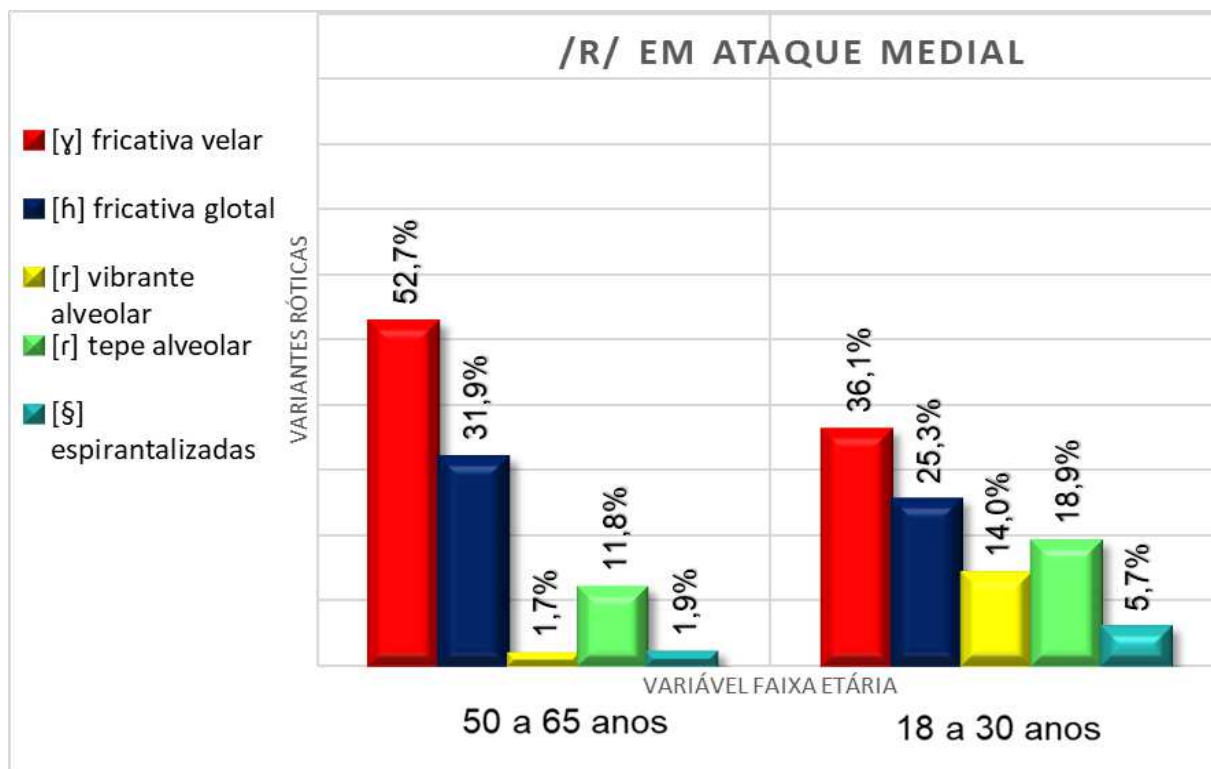
Evidencia-se não só a discrepância quanto à fricativa glotal na fala dos homens (23% com  $\chi^2$  de 37,9%), em relação ao percentual alcançado pelas mulheres (38,6% com  $\chi^2$  de 62,1%), como, de igual forma, a diferença de 5,6% para a variante fricativa velar entre as duas categorias da variável sexo.

Para a posição medial (*terreno*), os dados ressoam em Chaves e Seara (2021), que também identificaram mais variações róticas no ataque, no falar das mulheres, da faixa etária mais jovem e intermediária. No caso, do estudo feito pelas pesquisadoras, as mulheres são alunas do Ensino Fundamental, indicando um possível confronto com os dados desta tese, visto que o sexo feminino parece incorporar mais na fala a fricativa glotal, quando comparado aos homens, e manter as mesmas variantes produzidas por eles (sexo masculino), com poucos percentuais de diferença.

Ainda conforme o Gráfico 13, outro fato que chama a atenção e confirma o favorecimento da variável sexo em contexto de uma ou outra variante em ataque é o resultado do *p.(chi)* no modelo de interação (vide Tabela 1), que se mostra negativo, indicando significância. A expressividade da variável sexo biológico no fenômeno em análise sugere para o quão plausível faz-se a associação do eixo ao contexto social de uma época, em que a cultura do imigrante mostrava-se bastante valorizada e foco do poder político, principalmente da figura masculina, atuante no fortalecimento das bases econômicas, por meio de trabalhos em trincheiras, estradas e outros, conforme pesquisas de Martins (1995); Marcon (2003), IBGE (2010) e demais dados da historiografia.

Para compreender demais implicações, apresenta-se o Gráfico 14:

**Gráfico 14** – Róticos em posição medial de acordo com a variável faixa etária para os resultados em percentuais



**Fonte:** Elaborado pela própria autora a partir do corpus parcial do Projeto ALiB.

Conforme exposto no Gráfico 14, do cômputo total de 1.806 articulações róticas na categoria da primeira faixa etária (18 a 30 anos), 36,1% foram para a fricativa velar, contra uma diferença percentual de 10,8% para a fricativa glotal, que registrou 25,3%, seguida de 18,8% para a variante tepe alveolar, 14,0% para a vibrante alveolar, 18,9% para o tepe alveolar, e 5,7% para as vibrantes espirantalizadas.

Referente à segunda faixa etária (50 a 65 anos), da ocorrência de 1.328 realizações róticas, 52,7% constam registradas para a fricativa velar, 31,9% para a fricativa glotal, 11,7% para o tepe alveolar, e os menores valores para as demais variantes, como 1,9% para as vibrantes espirantalizadas, e 1,7% para a vibrante alveolar.

Na tentativa de retorno no tempo, quase em uma generalização diacrônica e tendo a data de coleta dos dados expostos nesta tese entre 2001 a 2008 (data dos informantes no Gráfico 14), a hipótese quanto ao favorecimento dos mais jovens às anteriores recai, possivelmente, em uma motivação econômica, isto é, social, que fez com que, passado um período de grandes imigrações movimentadas pelo

comércio, da década de 1950 a 1970 (Rabossi, 2004), esta culminou no uso de variantes posteriorizadas, provavelmente as mais usuais por alguns grupos/cidades, como apontam os dados.

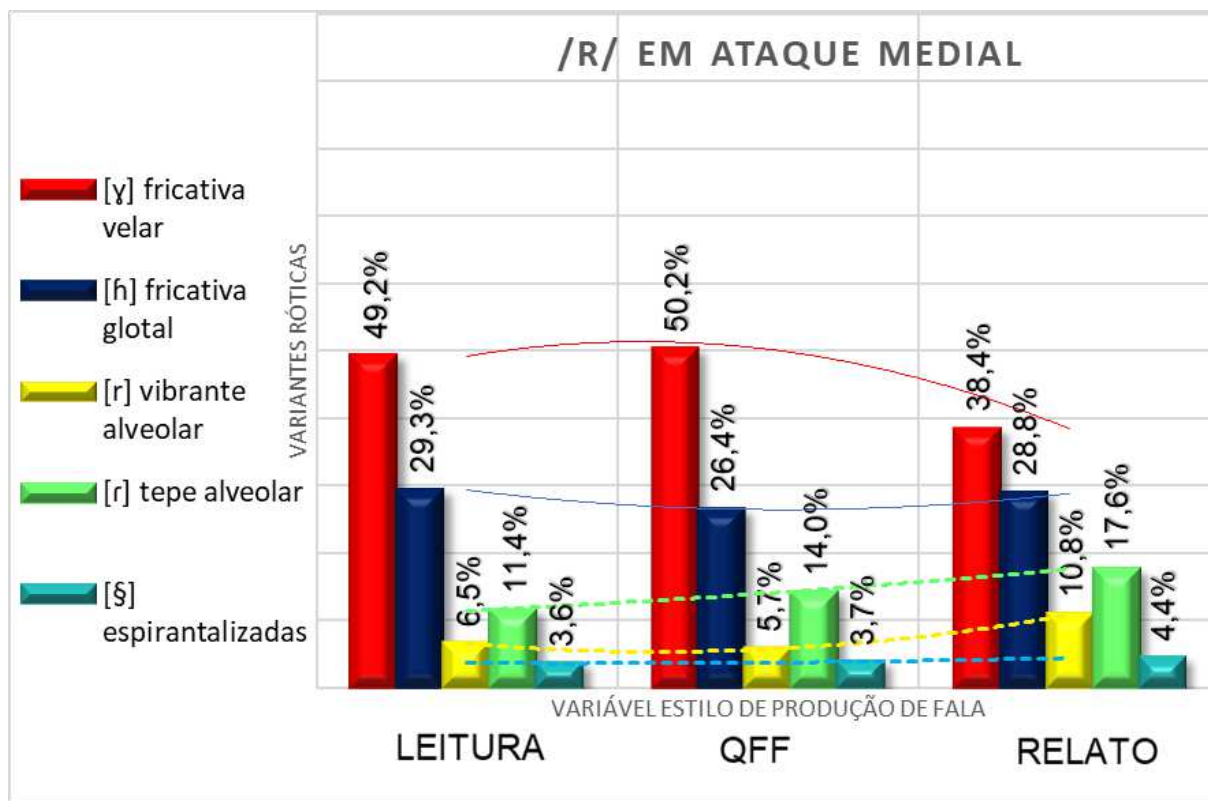
Identifica-se o quão relevante a faixa etária demonstra ser para o rótico na posição medial. A significância encontrada mostra-se registrada em Justina (2018), Scabiori (2020), Chaves e Seara (2021), Spessato (2021) e outras pesquisadoras. Ademais, assim como o cômputo registrado por Spessato (2021), os mais jovens atuaram a favorecer as variantes róticas anteriores, por exemplo: produtividade ao tepe alveolar.

Os dados desta tese e os registros de Chaves e Seara (2021) e Spessato (2021) centram-se no fato de os falantes mais jovens realizarem as variantes róticas no ataque com demasiada frequência, se comparado ao público da terceira idade (segunda faixa etária). A hipótese para este resultado encontra voz em Azeredo (2012) e outros autores, que justificam o contato étnico, principalmente com a cultura italiana, como um traço para utilização de um ou outro rótico em ponto anterior.

Constata-se, além das análises postas, que a segunda faixa etária é responsável pela produtividade das variantes posteriores. A identificação do comportamento da faixa etária de 50 a 65 anos indica não só o duelo entre as variantes, mas, ainda, a resistência dos falantes mais jovens na preservação e na construção identitária rótica com sua comunidade de fala por meio do tepe alveolar e das vibrantes.

Para identificação dos contextos nos quais cada uma das variantes registradas nesta tese ocorreu, apresenta-se o Gráfico 15, que focaliza a variável contexto de produção de fala:

**Gráfico 15** – Róticos em posição medial de acordo com a variável estilo de produção de fala para os resultados em percentuais



**Fonte:** Elaborado pela própria autora a partir do corpus parcial do Projeto ALiB.

De acordo com o Gráfico 15, do total de 3.076 casos, no contexto de elevado monitoramento da fala (leitura), com a contagem geral de 307 realizações, 49,2% referem-se para a fricativa velar, seguida de 29,3% para a fricativa glotal, 11,4% para a tepe alveolar, 6,5% para a vibrante alveolar, e 3,6% para as vibrantes espirantalizadas. Já para o médio monitoramento da fala (QFF), do total de 978 ocorrências, 50,2% foram para a fricativa velar, 26,4% para a fricativa glotal, 14,0% para o tepe alveolar, 5,7% para a vibrante alveolar, e 3,7% para as vibrantes espirantalizadas.

Para o relato, que representa pouco ou nenhum monitoramento da fala, de uma ocorrência total, no contexto medial de 1.849 casos, têm-se 38,4% para a produção da fricativa velar, seguido de 28,8% ao registrado para a fricativa glotal, 17,6% para o tepe alveolar, 10,8% para a vibrante alveolar, seguida de 4,4% às vibrantes espirantalizadas.

O Gráfico 15 constata que a fricativa velar tem um declínio percentual no contexto da fala espontânea, sendo que essa atuação da [x] implica no aumento da

utilização do tepe alveolar. Enquanto há uma redução e manutenção das variantes posteriores, ocorre o aumento das róticas anteriores do contexto de mais atenção para a fala, isso ao menor monitoramento exercido pelo informante.

A hipótese para o registro quanto à queda significativa da variante tepe alveolar no contexto entre a fala espontânea e a leitura (-10,8%) indica, possivelmente, que as variantes anteriores são recorridas em situação de maior monitoramento à língua falada. Aponta-se que as palavras 'novas' ou a não habilidade com textos escritos tenham dificultado a articulação rótica no contexto citado por parte dos informantes.

Resultado semelhante foi encontrado por Spessato (2011, 2021), Kailer e Scabari (2020), Scabari (2020) e outros, principalmente quanto ao favorecimento do tepe alveolar no relato pessoal, na pesquisa de Scabari (2020) e Spessato (2021). Para tanto, a hipótese sugestionada figura não na possibilidade de falta de atenção à fala por parte do informante, visto que o apagamento mostra-se estável nos três contextos, mas, sim, no conceito de relato de vida, em que o caráter emotivo (LABOV, 2008 [1972]) direciona a atenção para as relações interpessoais que afetam o sujeito de forma direta ou indireta, logo, incorre-se, com mais frequência, à variação rótica.

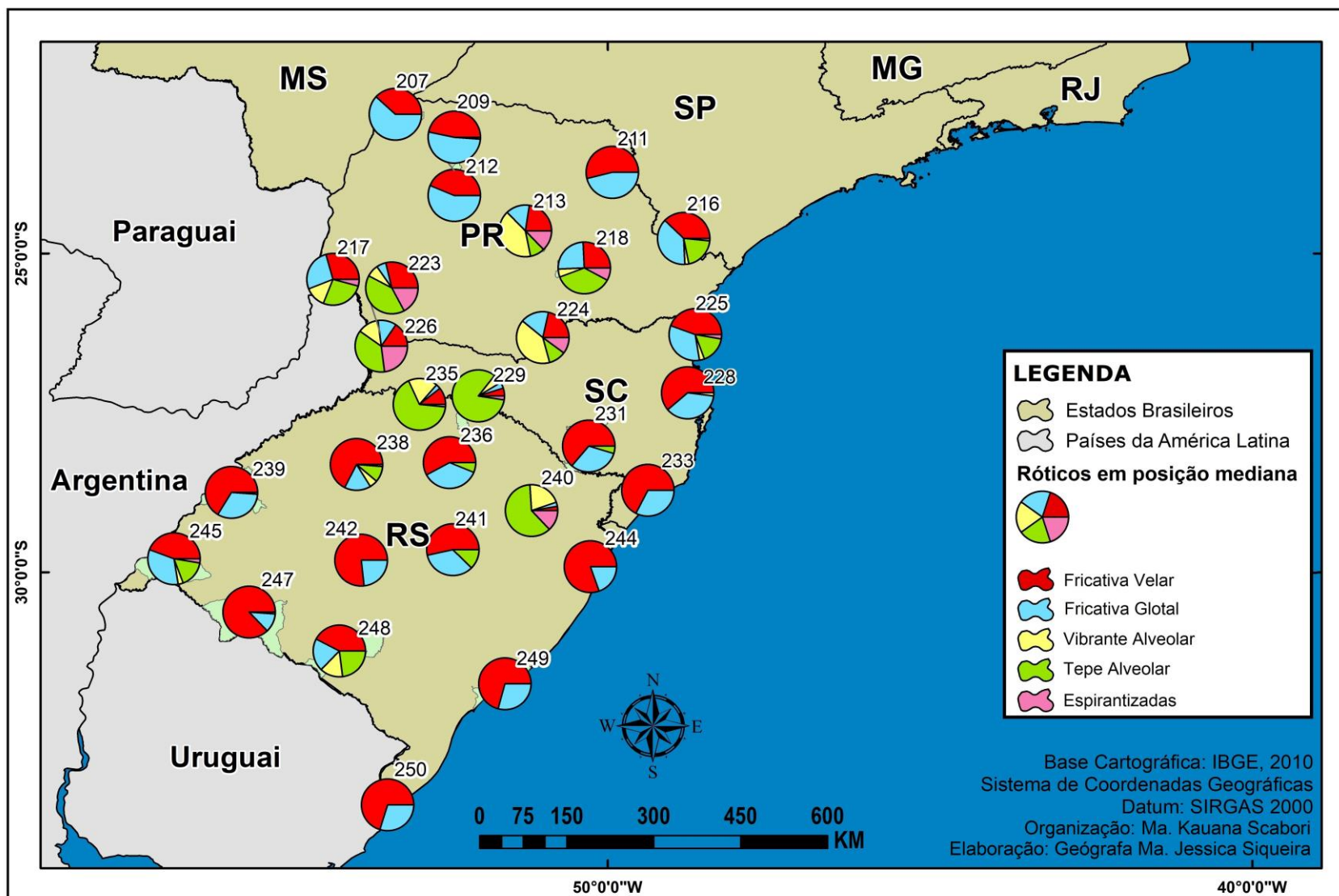
Em contraste aos dados apurados por Comiotto e Margotti (2019), as variantes registradas foram a fricativa velar, o tepe alveolar, a vibrante alveolar, e a fricativa glotal, conforme a sequência no cômputo de produtividade no contexto do QFF e Leitura. Resultado que, do ponto de vista das variantes mais expressivas, caminha na mesma direção aos percentuais registrados na presente tese; contudo, de uma perspectiva de variantes realizadas pelos moradores do Sul brasileiro, direciona-se na contramão, por fazer-se contemplada a vibrante espirantizada e demais róticos no contexto de leitura.

A diferença entre a pesquisa dos autores supracitados e os percentuais registrados nesta tese é compreensível, visto que o levantamento do fenômeno incluiu o relato pessoal ao cômputo final, registrado na Tabela 18. Na busca por implicações diatópicas, direciona-se a investigação para a carta fonética, inclusa na Figura 56.

### **6.2.1** Posição medial de acordo com a variável localidade: coexistência das variantes róticas

Nesta subseção, a carta fonética apresenta os percentuais registrados para as variantes róticas encontradas no falar dos moradores da Região Sul do Brasil. Exibe-se o mapa com a respectiva distribuição:

**Figura 24** – Carta fonética para a atuação das localidades na produção das variantes róticas em posição medial de palavra



De acordo com a carta fonética (Figura 24) e em consonância com eventos históricos descritos na quarta seção da presente tese, a expressividade da variante tepe alveolar em algumas localidades, principalmente no Sudoeste do Paraná (ponto 217 São Miguel do Iguaçu e 223 Barracão), oeste e sul de Santa Catarina (226 São Miguel do oeste e 229 Concórdia) e ao Norte do Rio Grande do Sul (235 Erechim), pode não apenas se legitimar mediante a presença de algumas línguas indígenas, como também das comunidades árabes, dentre elas, a mesquita Omar Ibn Al-Khatib (1983), localizada em Foz do Iguaçu/Paraná e estudada por Rabossi (2004) e Andrade (2017).

Os pesquisadores citados (Rabossi, 2004; Andrade, 2017) estipulam a data da imigração árabe entre 1950 a 1960, com a vinda pelo porto de Santos, São Paulo até a divisa do Paraná. Fator histórico que, possivelmente, revela o motivo de algumas localidades próximas de países de língua espanhola não favorecerem o tepe alveolar.

Atesta-se o fato de o italiano também se apresentar como uma língua de imigração favorecedora do tepe alveolar, como apontado por Azeredo (2012). Ressalta-se a defesa em prol dos elementos extralinguísticos e como a localidade e 'suas raízes históricas/sociais' significam muito para a compreensão de uma ou outra variante rótica em ataque medial, haja vista que os dados expostos na carta fonética ressoam em Comiotto e Margotti (2019), que identificaram o interesse dos informantes pela vibrante alveolar para o fator diatópico nas comunidades consideradas bilíngues, isto é, em Santa Catarina, no ponto 224 (Porto União), e, no Rio Grande do Sul, nos pontos 235 (Erechim), 237 (Vacaria) e 240 (Flores da Cunha).

Nestas localidades, com exceção de Erechim, computou-se a produção significativa e expressiva das variantes anteriores, como o tepe (61%), a vibrante alveolar (20,8%) e as espirantizadas (13%), não coincidindo com os dados para a posição intervocálica em Comiotto e Margotti (2019), que identificaram os maiores percentuais para as fricativas ([x] e [h]).

A hipótese para esse resultado compreende três partes (QFF, leitura e relato) do questionário (COMITÊ NACIONAL DO PROJETO ALIB, 2001), visto que foi realizada a inclusão do contexto de discursos semidirigidos (DSM). O relato de fala espontânea proporcionou 1849 ocorrências na posição medial e 1932 no início, totalizando 3781 casos, os quais podem ter contribuído para maior registro da variação rótica no tocante às anteriores.

Já os resultados para a fricativa velar são os mesmos nas localidades em que se obteve a maior produtividade das variantes róticas posteriores, principalmente no ponto

239 (São Borja), 245 (Uruguaiana) e 247 (Santana do Livramento) – localidades próximas às fronteiras com outros países latino-americanos. Ressalta-se a discrepância quando contrastadas, mais uma vez, com as variantes anteriores na faixa Oeste e Sudeste de SC e Norte do RG, visto que elas não constaram da carta dos autores citados em relação à exposta nesta tese (Figura 61).

### 6.3 ANÁLISE BINÁRIA E TERNÁRIA: TESTANDO AS ÚLTIMAS SEGMENTAÇÕES PARA AS VARIANTES POSTERIORES E ANTERIORES

Esta seção contempla o cômputo obtido para os fatores amalgamados em dois e três fatores, no qual, em um primeiro momento, elege-se os dados para as fricativas (velar e glotal realizadas em ponto posterior na configuração articulatória) e as vibrantes (vibrante alveolar, tepe alveolar, e vibrante espirantalizada produzidas em ponto anterior ou próxima do ponto alveolar). Destaca-se que a variante vibrante espirantalizada (anterior) passa a compor o modelo binário final como forma de atender a ortogonalidade dos dados e em razão da produção expressiva das variantes róticas posteriores (fricativas).

Nos gráficos de análise ternária, consideram-se os valores obtidos juntos às rodadas com três variantes róticas (fricativa velar, glotal e tepe alveolar). Essas variantes mais realizadas pelos falantes do Sul do Brasil foram eleitas como critério para inclusão de uma subseção ao modelo final, denominado por análise ternária.

A apresentação da análise ternária é realizada de forma semelhante, haja vista que em um gráfico se inserem conjuntos de representações geométricas como forma de comparação entre os dados, sem a necessidade da explanação de forma individualizada ou de duas categorias. Embora se tenha iniciado as discussões e resultados da seção de análise com os valores de  $x^2$  não amalgamados em fricativas e anteriores, opta-se por manter a apresentação dos resultados amalgamados em binários e ternários como complemento às investigações sobre a posteriorização

Para início, apresenta-se o modelo binário e os testes, citados na seção metodológica da presente tese.

**Tabela 7** – Variáveis linguísticas e extralinguísticas como favorecedoras à variação rótica posterior e anterior em testes com amálgamas binárias

<i>Variáveis linguísticas e extralinguísticas</i>	<i>AIC /BIC</i>	<i>Modelos incluídos</i>	<i>Modelos excluídos</i>
Posição	17 3275.1/3389.2 - 1620.5		0.09467
Classe de palavra	18 3274.3 /3395.1 -1619.1		0.4964
Vogal da sílaba alvo	16 3273.5/3380.9 - 1620.8		0.2383
Divisão silábica I	12 3271.1/3351.6 - 1623.5		0.06882
Divisão silábica II	11 3272.4 /3346.2 -1625.2		0.1044
Sexo	18 3274.3/3395.1 - 1619.1	3.293e-05 ***	
Faixa etária	18 3274.3/3395.1 - 1619.1	< 2.2e-16 ***	
Localidade	18 3274.3/3395.1 - 1619.1	< 2.2e-16 ***	
Profissão	18 3274.3/3395.1 - 1619.1	< 2.2e-16 ***	
Estilo de produção	18 3274.3/3395.1 - 1619.1	0.002886 **	

**Fonte:** Elaborado pela própria autora a partir do corpus parcial do Projeto ALiB.

De acordo com a Tabela 7 e as informações alfanuméricas, identifica-se, a partir da sequência apresentada, que a variável classe de palavra, com os fatores nomes e verbos, mostra-se como menos favorável ao uso das variantes posteriores e anteriores, visto que o valor registrado foi de 49,64%. Fator semelhante teve a vogal da sílaba alvo, com percentual de 23,83%, seguida da divisão silábica, com 10,44%, e da posição do rótico na palavra, com 9,4%.

A divisão silábica consta duas vezes em razão do teste ser realizado com os fatores em duas configurações, amalgamados e numéricos. Nesse sentido, mesmo com as duas possibilidades, a referida variável não foi selecionada e apresentou 6,8% na divisão de sílabas com amálgamas.

Diferentemente das variáveis linguísticas, os fatores para as extralinguísticas foram na contramão e fizeram-se significativos tanto para aplicação da regra (posteriorização do rótico em ataque) quanto para as variantes róticas em ponto anterior da configuração articulatória. Resultado que classifica os contextos sociais como os mais favoráveis à variação do rótico da seguinte forma: a faixa etária, localidade e profissão mostram-se em primeiro lugar em um grau de grupos significativos, com dois,

elevado a menos dezesseis; seguido da variável sexo com ocorrência de três elevado a menos cinco; e, por último, o estilo de produção de fala, com 0,28%, isto é, a oito casas decimais de 1.

Neste primeiro teste de regressão logística multinível, as duas categorias (anteriores e posteriores) dos róticos em ataque inicial e medial foram computadas e cruzadas com todas as variáveis. Contudo, ressalta-se a exceção do termo, que constará em um próximo teste a ser descrito, analisado e interpretado à luz da metodologia quantitativa do ambiente estatístico R.

Os resultados fazem-se consoantes às primeiras especulações feitas por Labov (2008 [1972]), em *New York*, a respeito das variantes presentes no multifacetado mosaico social. Quer dizer, as motivações atreladas às variáveis sociais como o fator étnico-social, biológico, econômico e outros revelaram a preferência por uma variante em contraponto a um apagamento do /R/, fator semelhante ao registrado na Tabela 7.

A realidade brasileira social faz-se produtiva para os róticos em ataque variarem, fato confirmado por outras pesquisas da mesma linha de investigação; por exemplo, Chaves e Seara (2021) atestam a motivação dos fatores extralinguísticos para a posteriorização. A retomar os resultados encontrados pelas autoras, tem-se

Entendemos estar diante de uma comunidade cujo falar está em processo de mudança, pois o **comportamento entre falantes e entre as gerações estudadas apresentou diferenças** na direção da **diminuição do uso do tepe** em onset silábico, em contexto de r-forte. E a verificação de que outros fatores sociais, como **idade, identidade e região de origem**, parecem **influenciar nas produções dos róticos** respondem a nossa segunda questão de pesquisa (Chaves; Seara, 2021, p. 262, grifos desta autora).

Os resultados encontrados, na presente tese, coincidem com os registrados pelas pesquisadoras, inclusive com as suas hipóteses. Pois, à medida que os modelos são testados, mais se confirma o favorecimento de alguns fatores extralinguísticos.

Verifica-se, na presente tese, até o momento, que não só os fatores: diageracional, diatópico e 'identitário' (diatrático) influenciam no favoritismo rótico, por parte do informante, como também o próprio contexto diafásico (partes do questionário ALiB), os eventos diacrônicos (históricos) atrelados ao eixo diatópico (organizações econômicas e sociais da comunidade de fala no âmbito do tempo) e diassexual afetam a forma com que o falante seleciona<sup>56</sup> seu conjunto de variantes róticas.

---

<sup>56</sup> Na presente tese, não existe a indicação metodológica para aferir se a escolha por uma ou outra variante assume o nível da consciência e demais fatores psicossociais. Espera-se que futuros estudos no

A Tabela 8 exibe os contextos escolhidos para os testes a envolver o modelo final:

**Tabela 8** – Modelo final para os fatores extralinguísticos de acordo com os róticos posteriores (velar/glotal) e anteriores (vibrantes/tepes/espírantizadas)

<i><b>Variáveis extralinguísticas</b></i>	<i><b>AIC /BIC</b></i>	<i><b>Resultado do Modelo incluído</b></i>
Sexo + Faixa etária	<b>M.11= 3263.8/ 3337.6</b>	<b>0.0008211 ***</b>
Sexo + Faixa etária + Localidade	<b>M.12= 3173.2/ 3287.3</b>	<b>2.2e-16 ***</b>
Sexo + Localidade	<b>M.13= 3261.4/ 3341.9</b>	<b>2.2e-16 ***</b>
Modelo final: sexo	<b>3173.2/ 3287.3</b>	<b>9.27e-06 ***</b>
Modelo final: faixa etária	<b>3173.2/ 3287.3</b>	<b>1.05e-07 ***</b>
Modelo final: localidade	<b>3173.2/ 3287.3</b>	<b>0.00195 **</b>
Modelo final: profissão	<b>3173.2/ 3287.3</b>	<b>0.00206 **</b>
Modelo final: faixa etária + localidade	<b>3173.2/ 3287.3</b>	<b>0.00217 **</b>
df.residual	<b>6059 (Min. = -1.00264; Máx. = .99737)</b>	
Variância	<b>33.2</b>	

**Fonte:** Elaborado pela própria autora a partir do corpus parcial do Projeto ALiB.

De acordo com a Tabela 8, dentre os cruzamentos realizados com as variáveis extralinguísticas selecionadas no modelo final, todos apresentaram valores significativos na aplicação da regra (posteriorização do rótico em ataque). Identifica-se que o conjunto de categorias diasssexual em correlação ao fator diageracional e diatópico foram os mais favoráveis, assim como o modelo final da faixa etária e do sexo, por apresentarem números elevados de menos seis até dezesseis casas decimais.

Com uma taxa de variância de 33%, na categoria dos modelos menos favoráveis, tem-se a localidade, a profissão e a faixa etária somada à localidade, com valores finais de 0,1% a 0,2%. Constata-se, portanto, que a variável sexo e faixa etária demonstram ser, até o momento, as mais significativas na atuação de escolha entre uma ou outra variante (com tendência às posteriores) elegidas pelos falantes do Sul brasileiro.

A hipótese para o resultado do modelo final, quanto às variáveis elegidas, é de que a comunidade de fala (Labov, 2008 [1972]) se configura socialmente em hierarquias, as quais, possivelmente, tem no gênero sexual/biológico e no fator idade, os alicerces definidores do que fica em cima (*Up upholder*<sup>57</sup>) ou embaixo (*Down upholder*). Tais expressões estão presentes nesta tese por ambas representarem um sustentáculo, ou seja, suporte ou 'sustentador' para baixo ou para cima, como forma de incluir na expressão o sujeito oculto que realiza um movimento direto em oposição a uma força neutra.

Essas expressões (*Up upholder* e *Down upholder*) fazem da teoria do próprio Labov (2008 [1972]), mais especificadamente a partir da página 290 da obra *Padrões Sociolinguísticos*, no momento em que o teórico conceitua fatores sociais e sua implicação à mudança linguística, atenção para as forças atuantes e para os fenômenos linguísticos. Embora a explicação do referido autor seja modelo de interpretação nesta tese, as formulações iniciais de Coseriu (1956), a partir da Geografia Linguística, aplicam-se em igual potencial para as formulações hipotéticas a respeito da atuação do contexto social nas mudanças do /R/ em ataque.

À medida que uma variante é eleita em detrimento de outra (Tarallo, 1986 [1994]), por uma consequência das forças da mudança e da variação linguística, o rótico adotado, como já atestado por Brescanici e Monaretto (2008), Justina (2018), Scabori (2020), e demais, torna-se padrão, referência articulatória e fonte de interesse à geração seguinte. Constata-se, de modo aparente, que a variação rótica pode, sim, ser interpretada por fatores externos à língua falada, visto que se mostra plausível, em razão do número elevado a várias casas decimais negativas, o condicionamento do *sexo*, *faixa etária*, *localidade* e *profissão* ao terreno da variação rótica à deriva avançar e/ou resistir.

O próximo teste é responsável por sintetizar a confiabilidade à ortogonalidade dos dados (as amálgamas), no qual os cruzamentos estatísticos realizados para a presente tese apontam e confirmam, mais uma vez, o comportamento social dos falantes em relação ao uso de uma das variantes róticas.

Conforme os cálculos amalgamados, ressalva-se que nem mesmo a posição do rótico na palavra interferiu no favoritismo em um dos casos de variante rótica por parte dos informantes no modelo final; portanto, segue-se para a Tabela 9, que contempla os resultados obtidos junto ao parâmetro estatístico de CCI (Coeficiente de

---

<sup>57</sup> Oxford (2005 [1999], p. 648).

Correlação Intraclasse).

**Tabela 9** – Resultado para o Coeficiente de Correlação Intraclasse de acordo com as variáveis que favorecem a variação para os róticos em ataque

<b>Variáveis extralinguísticas</b>	<b>Standard error (desvio padrão)</b>	<b>p.value</b>	<b>p. relativo</b>
Sexo feminino	9,5%	5.593	2.24e-08 ***
Sexo feminino + faixa etária II	2,3%	-0.880	0.37895
Sexo feminino + faixa etária II + SC	25,3%	1.486	0.13724
Sexo feminino + faixa etária II + RS	25,1%	0.862	0.38842
Sexo feminino + RS	2,4%	-0.974	0.32997
Sexo feminino + SC	2,4%	-1.696	0.08982
Faixa etária II	23%	0.870	0.38421
RS	8,8%	-2.135	0.03273 *
SC	8,9%	-2.731	0.00631 **
Faixa etária II + RS	1%	2.656	0.00790 **
Faixa etária II + SC	1%	1.819	0.06896
Profissão não remunerada	5,8%	-1.359	0.17427
Profissão remunerada	4,6%	-4.648	3.35e-06 ***
Leitura	9,6%	-0.061	0.95129
Relato	5%	1.683	0.09238
<b>CCI</b>	<b>[1] 90.98383</b>	<b>Variância 33,2%</b>	

**Fonte:** Elaborado pela própria autora a partir do corpus parcial do Projeto ALiB.

Na Tabela 9 e dentre as variáveis extralinguísticas observadas, constata-se, no cruzamento de todos esses fatores com os termos, isto é, palavras ditas pelos informantes, o percentual de 90,98% para possíveis investigações que deixaram de ser analisadas no fator linguístico. O resultado trata, portanto, de uma indicação referente ao que, ainda, carece de uma sistemática verificação, haja vista que existem elementos atrelados ao contexto linguístico não incorporados na estratificação desta tese, motivado pelo limite de laudas, recorte do material de estudo e prazo para sua conclusão.

Embora a taxa de variância aponte aos 33,2% para menos ou para mais, a

ocorrência final distancia-se de 1.0, identificando-se que, em tal circunstância, encontram-se fatores linguísticos recônditos aos róticos em ataque no cômputo de 66,8%. A hipótese que se levanta é para a falta de análise referente à vogal que antecede a sílaba medial (terreno, morreu, sorriso, varrer e outras lexias), assim como para a ausência da segmentação com processos fonético-fonológicos por ditongação ou monotongação (arroz > arrois, correio > correo), durante a articulação da palavra com o rótico em sílaba simples (CV) nas duas posições (inicial e medial).

Em síntese, a presente subseção buscou atualizar a forma de apresentação dos resultados exibidos para o fenômeno do /R/ em ataque e considerar a aplicação de modelos utilizados por Oliveira (2017) e Rabello e Silva Junior (2022). Tanto a posição inicial quanto a medial podem compor as amálgamas em direção a uma apresentação orgânica e não complexa dos resultados obtidos. Sob essa demanda, esta seção, focalizou o teste de  $X^2$ , seguido da distribuição em percentual real das amostras; e, a subseção seguinte direciona as discussões aos testes finais, com amálgamas binárias e ternárias ao modelo final.

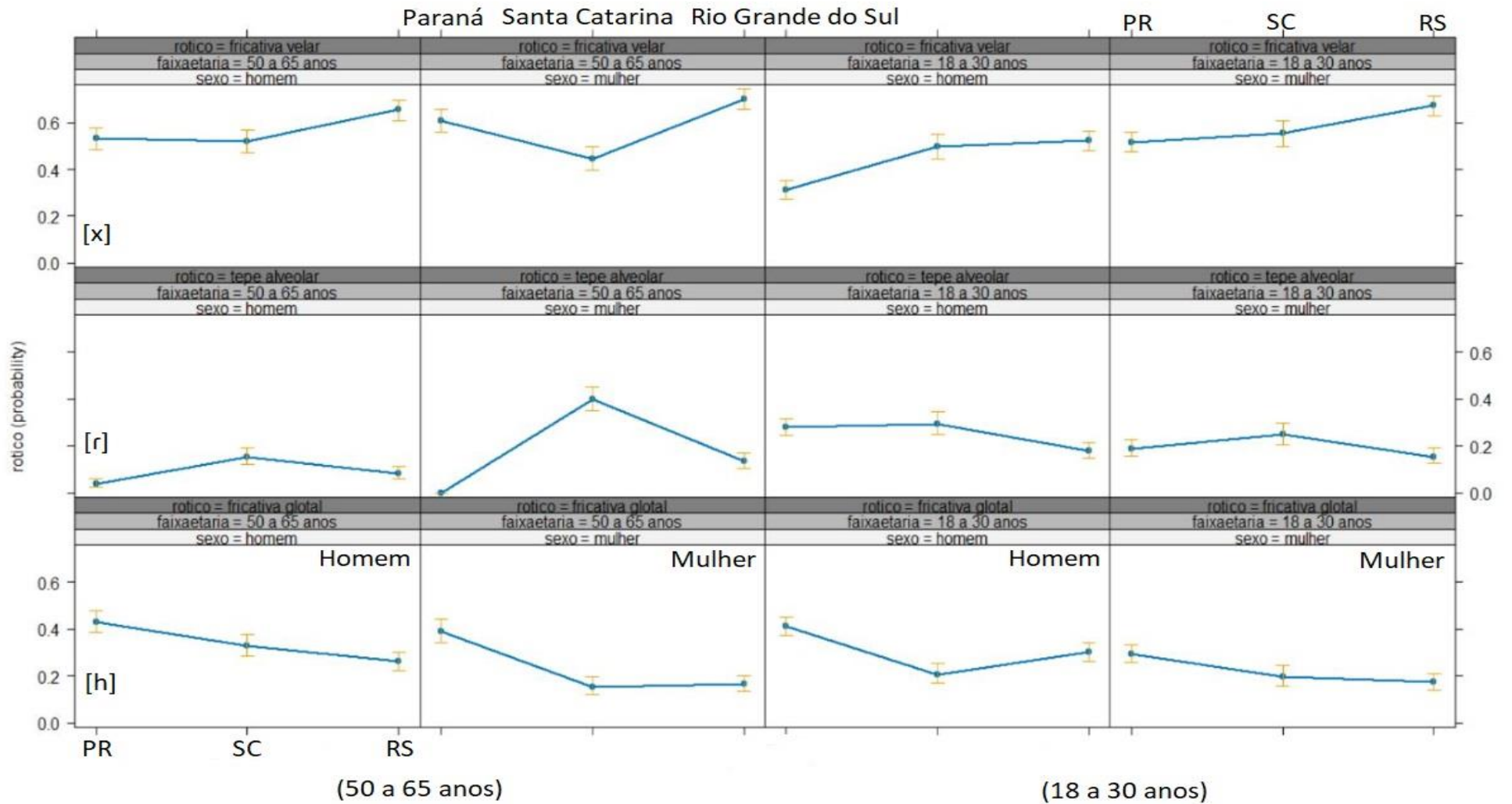
### 6.3.1 Amálgamas em prol do modelo de análise ternária

Os conjuntos de gráficos dizem respeito à rodada ternária realizada junto à interface R, portanto, as sequências de gráficos indicam as representações para o comportamento dos róticos em ataque e demonstram a atuação de três variantes (fricativa velar no primeiro quadrante, tepe alveolar no segundo conjunto e fricativa glotal na última linha). Dentre os componentes, na primeira e na terceira, colunas tem-se o resultado para os homens, já os resultados do sexo feminino encontram-se na segunda e na quarta colunas.

Com referência à análise ternária, inclui-se, ainda, outras duas variáveis extralinguísticas: faixa etária (50 a 65 anos no primeiro e no segundo conjuntos, e 18 a 30 anos no terceiro e no quarto) e localidade, sendo o Paraná por primeiro, Santa Catarina em segundo e Rio Grande do Sul em terceiro. O contraste entre as barras aponta para os picos em que uma ou outra variante rótica fez-se mais expressiva e predileta na fala dos informantes.

Em consonância com as explicações desta subseção, na sequência, o Gráfico 16 possui os seguintes resultados da Região Sul, as três variantes do /R/, e os contextos extralinguísticos selecionados pela calculadora R:

**Gráfico 16** – Representação ternária para o rótico em ataque de acordo com as variáveis sexo, faixa etária e localidade



**Fonte:** Elaborado pela própria autora a partir do corpus parcial do Projeto ALiB.

No Gráfico 16, a iniciar pela variante anterior [r], visivelmente, as mulheres do RS pertencentes à segunda faixa etária são as responsáveis pela manutenção do tepe alveolar, seguido dos homens de 18 a 30 anos do PR e SC. Os menores índices encontram-se na distribuição dos três estados na fala dos homens mais velhos, das mulheres paranaenses mais jovens, e das mulheres jovens do RS, possivelmente porque as entrevistadas jovens desempenhavam atividades laborais, em sua maioria, atreladas às atividades braçais, como serviços de limpeza; já os aposentados e/ou donos de algum estabelecimento encontram-se recém-saídos do mercado de trabalho, possivelmente, possa ser essa a motivação para uso da variante considerada inovadora e socialmente aceita nos campos da interação comercial (fricativa velar).

A fricativa velar é confirmada na fala dos moradores do Rio Grande do Sul, em seu contexto mais expressivo, independente da faixa etária e sexo. O comportamento da [x] mostra-se destoante aos dos homens mais jovens paranaenses, que expressam uma queda da fricativa descrita, fator analisado em Justina (2018), cuja variação rótica indicou a faixa etária como um dos requisitos essenciais à determinação das variantes do /R/.

Na pesquisa da autora, as variantes anteriorizadas foram registradas no falar de faixa etária superior aos 50 anos, o que demonstra uma divergência. em relação aos resultados desta tese, porém, com aproximação quando se constata que o comportamento de homens mais experientes e jovens não são os mesmos para algumas variantes róticas. No caso da fricativa glotal, identifica-se a existência de uma configuração semelhante, principalmente entre as mulheres da segunda faixa etária e os homens da primeira idade.

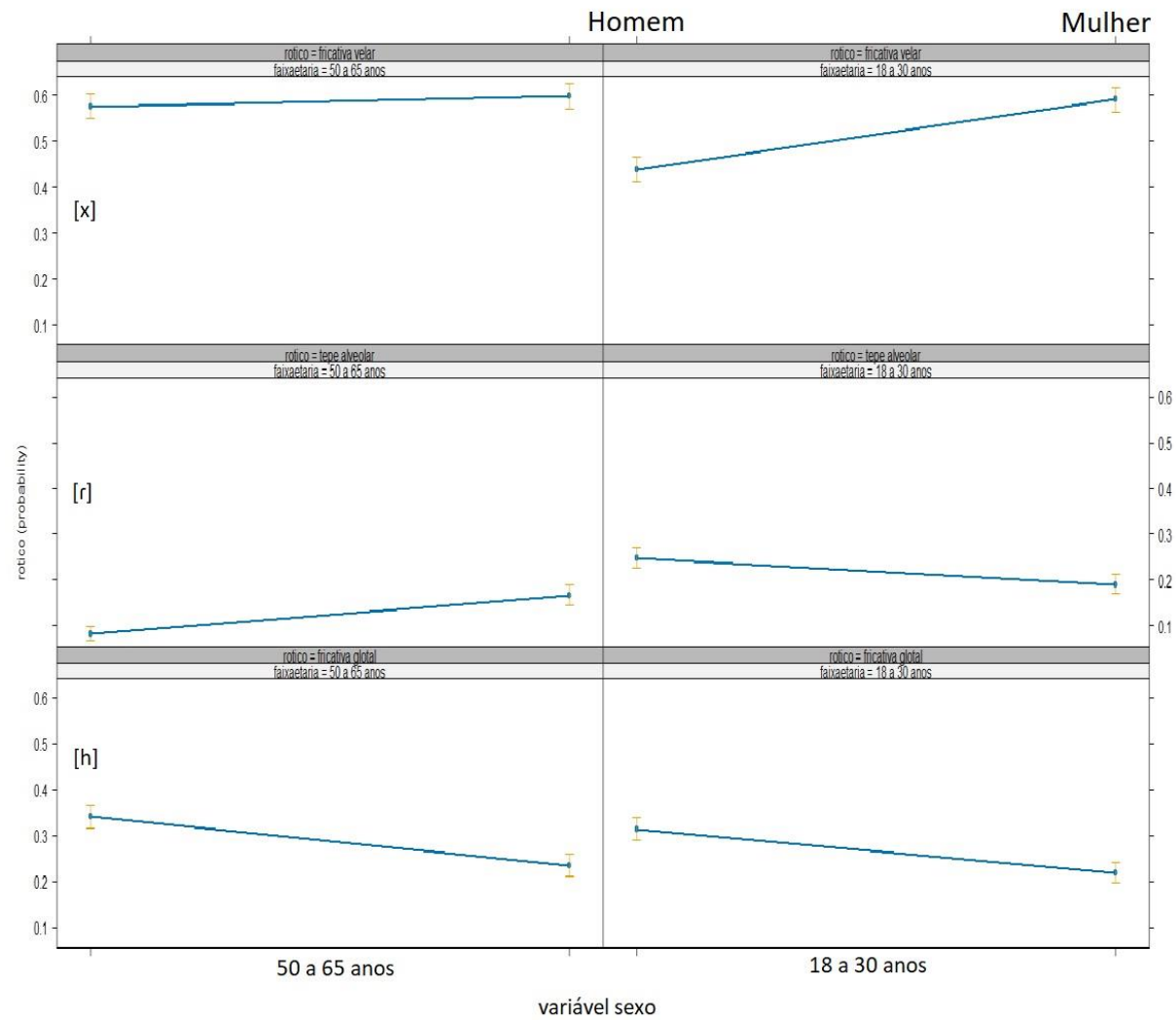
A fricativa glotal, por sua vez, demonstra um comportamento mais expressivo no falar dos homens da segunda faixa etária, sendo que o Paraná lidera a realização da [h] vozeada e não vozeada na faixa etária mais jovem e de ambos os sexos. O aumento da fricativa glotal é visível na fala do sexo masculino, da faixa etária de 50 a 65 anos de Santa Catarina e nos homens mais jovens do Rio Grande do Sul e não superando os casos registrados no estado paranaense.

O resultado descrito revela que, quando a fricativa glotal aumenta, no PR (ambas as faixas etárias e sexo), SC (homens mais velhos) e RS (homens mais jovens), ocorre a realização um pouco mais saliente do tepe alveolar, fator que tende a indicar a variante tepe caindo em desuso e a fricativa glotal sendo implementada.

Para os demais fatores de SC, é visível a manutenção do tepe alveolar em detrimento ao declínio da glotal.

O gráfico revela que as mulheres catarinenses da segunda faixa etária (50 a 65 anos) lideram a produção da variante anterior (tepe alveolar), enquanto os homens riograndenses, na mesma condição, a fricativa velar. Como forma de melhor ler e interpretar o que os dados apontam para o cenário das variantes róticas no Sul do Brasil, segue-se o próximo gráfico, que expõe um recorte entre as variáveis sexo e faixa etária aplicada ao modelo de análise ternária.

**Gráfico 17** – Representação ternária para o rótico em ataque de acordo com a variável sexo e faixa etária



**Fonte:** Elaborado pela própria autora a partir do corpus parcial do Projeto ALiB.

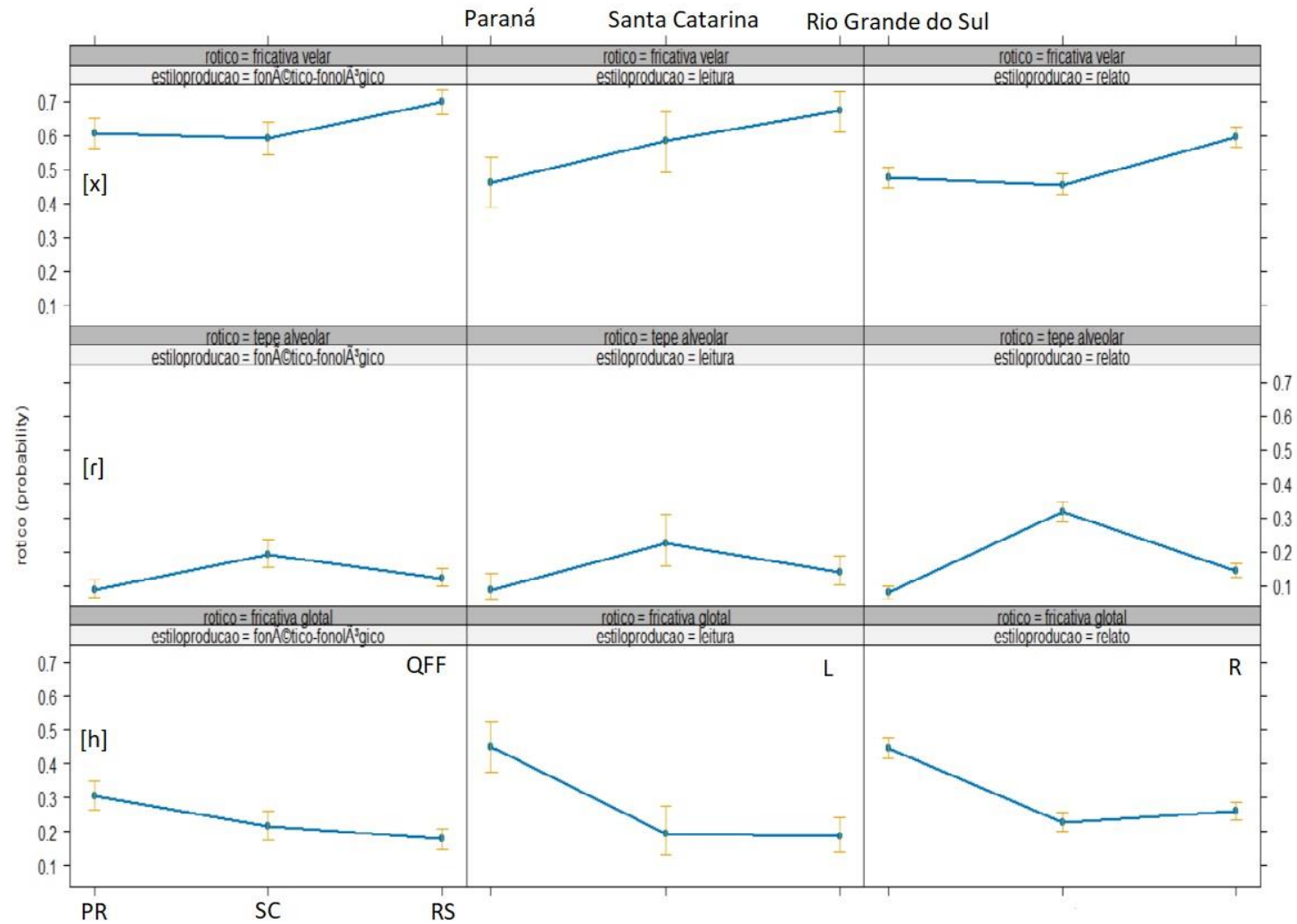
O Gráfico 17, que indica as rodadas multiníveis finais, apresenta, na coluna esquerda, os registros para as fricativas e tepe pertencentes à segunda faixa etária (50 a 65 anos). A coluna à direita representa os dados obtidos junto aos informantes da primeira faixa etária (18 a 30 anos), cujos dados passíveis revelam que, enquanto as mulheres mais jovens usam menos a fricativa glotal e o tepe, esse mesmo grupo realiza mais a escolha pela fricativa velar, possivelmente por ser uma variante de prestígio em razão do avanço da posteriorização que acomete a articulação do /R/ em ataque.

Ademais, os homens mais jovens exibem comportamento distinto quando comparados aos homens da segunda faixa etária, uma vez que ocorre uma queda expressiva na produção do tepe alveolar e, visivelmente, uma nova inversão com a fricativa velar. A instabilidade encontrada na fala do sexo masculino apresenta uma exceção nos dados da fricativa glotal, em que as duas classes etárias se mantêm em percentual superior a 30%, sendo os mais experientes de vida mais próximos à taxa de 40%.

Diferentemente dos homens, as mulheres demonstram manter a variante rótica independente do fator idade, talvez, o papel desempenhado na sociedade interfira no favoritismo do /R/. Quase semelhante ao registro de Labov (1972 [2008]) para o falar mais tímido e não inovador do sexo feminino, verifica-se, nesta tese, que as mulheres brasileiras preferem manter as variantes róticas da juventude.

A identificar o comportamento da mulher, os dados revelam-se destoantes aos das mulheres norte-americanas da pesquisa de Labov (1972 [2008]), embora o gráfico anterior tenha situado as mulheres da segunda faixa etária de Santa Catarina como favorecedoras do tepe alveolar; neste gráfico, são elas responsáveis pela maior produtividade da fricativa velar (60% nas duas faixas etárias), e um pouco mais de 21% para fricativa glotal. Para a glotal e velar, a produção no falar dos homens apresenta 30% para glotal, 59% no sexo masculino da segunda faixa etária, e 40% aos homens jovens.

**Gráfico 18** – Representação ternária para o rótico em ataque de acordo com a variável localidade e estilo de produção de fala



**Fonte:** Elaborado pela própria autora a partir do corpus parcial do Projeto ALiB.

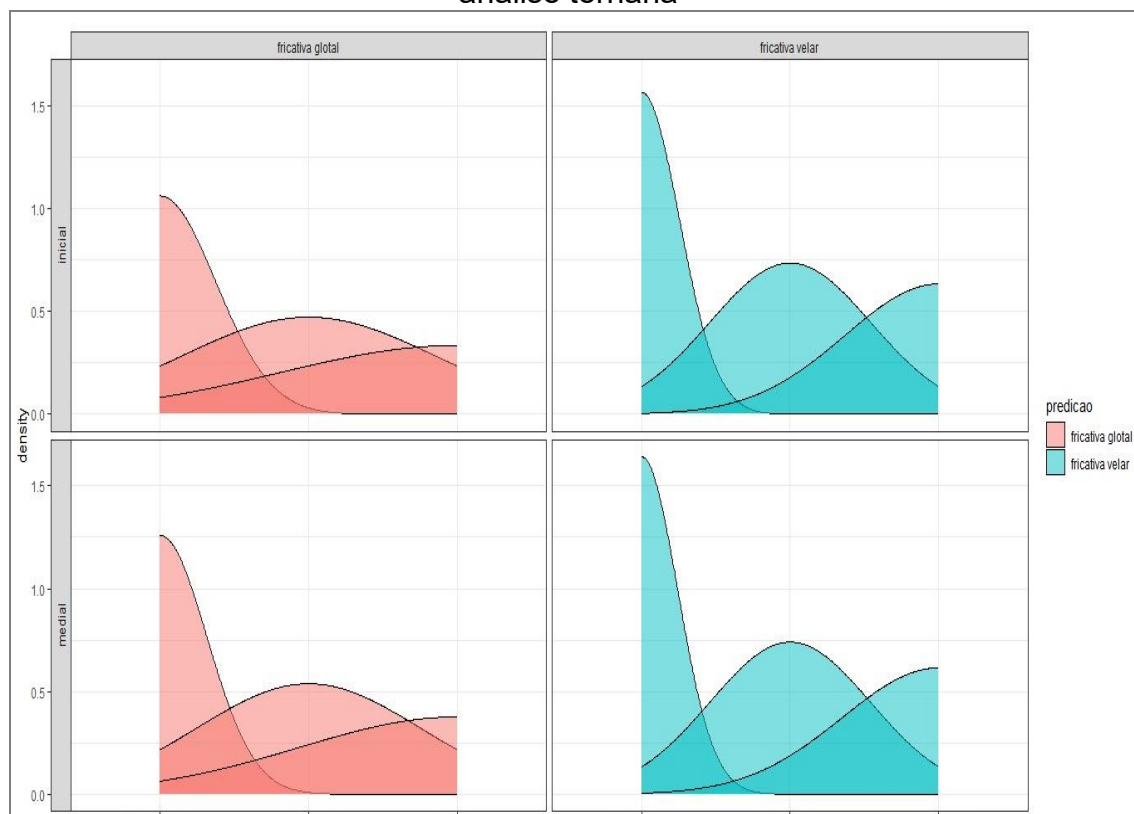
O Gráfico 18 traz a produção de fala de acordo com as localidades. Embora se observe um comportamento padrão em todas as linhas, alterações significativas podem ser perceptíveis no sexto quadro (ação do tepe alveolar no relato espontâneo) e sétimo (fricativa glotal no Questionário-Fonético-Fonológico), nos quais os informantes de Santa Catarina e do Paraná agem para um aumento do tepe em SC e redução da glotal no PR, nos referidos contextos de monitoramento da língua portuguesa falada.

A hipótese que norteia tal variação está atrelada às distintas situações comunicativas e ao tempo de resposta exigido em cada evento de produção de fala, visto que a espera do interlocutor – em aguardar a resposta ao objeto/ação indagado ao participante – requer do informante a conexão de conversa simultânea. O discurso semidirigido proporciona a imersão na função emotiva (Labov, 2008 [1972]), com atenção plena ao fato/evento descrito e narrado na oralidade.

Portanto, existe o entendimento de que diferentes contextos de fala possam atingir variantes usuais pelos informantes e, por conseguinte, de sua comunidade de fala, isto é, da mesma forma que uma música faz sucesso em uma região e a um grupo específico da sociedade, esta mesma canção pode não causar o mesmo impacto a outro nicho ou grupo geográfico, talvez esse raciocínio seja o caminho à compreensão do comportamento da fricativa glotal ([h]) e tepe alveolar ([r]) nos distintos contextos de produção de fala.

Em complemento, o Gráfico 19 exposto é uma interpretação por meio das ondas formadas pelas três variantes róticas elegidas para análise do modelo final (regressão logística multinível). À esquerda e de coloração vermelha, encontra-se a variante fricativa glotal, e, à direita, a fricativa velar em tom azul, conforme consta:

**Gráfico 19** – Resultado para curva de atuação das variantes róticas no modelo de análise ternária



**Fonte:** Elaborado pela própria autora a partir do corpus parcial do Projeto ALiB.

No Gráfico 19, em uma distribuição para aferir a variante mais expressiva, dentre as três róticas, confirma-se que, tanto para a posição inicial quanto para a medial, a configuração do gráfico cartesiano não sofre alterações abruptas. No primeiro conjunto, a fricativa velar (primeiro vértice da parábola), em azul, supera os 1.5, seguida do tepe alveolar (segundo vértice) com -5 pontos percentuais, e a fricativa glotal (terceiro vértice) com uma diferença bem sutil.

Ainda no conjunto para os róticos em ataque inicial, tem-se uma queda da fricativa glotal, seguida da mesma linha de tendência para as demais variantes: tepe alveolar e fricativa velar. Esta última variante apresenta uma ampliação maior na área de x, razão pela qual pode indicar a diminuição do eixo y para as três variantes listadas.

O mesmo parece ocorrer com os resultados para a posição medial, fator que justifica e explica o fato de o gráfico encontrar-se segmentado em duas colunas para as variantes mais realizadas no ataque inicial e medial de palavra. Portanto, pode-se compreender que as variantes róticas comportam-se de forma distinta na posição

que o /R/ assume na sílaba, no entanto, de forma a exibir uma alteração, principalmente no caso da velar [x], bastante discreta.

Embora o tepe alveolar não ganhe uma cor específica no gráfico, indica-se um aumento na área que se forma no último vértice da parábola na coluna vermelha, resultado que aponta para uma não preferência dessa referida variante em posição inicial, possivelmente, encontra eco em Busse (2010), por esta ser marcada e/ou estigmatizada a depender da posição na sílaba.

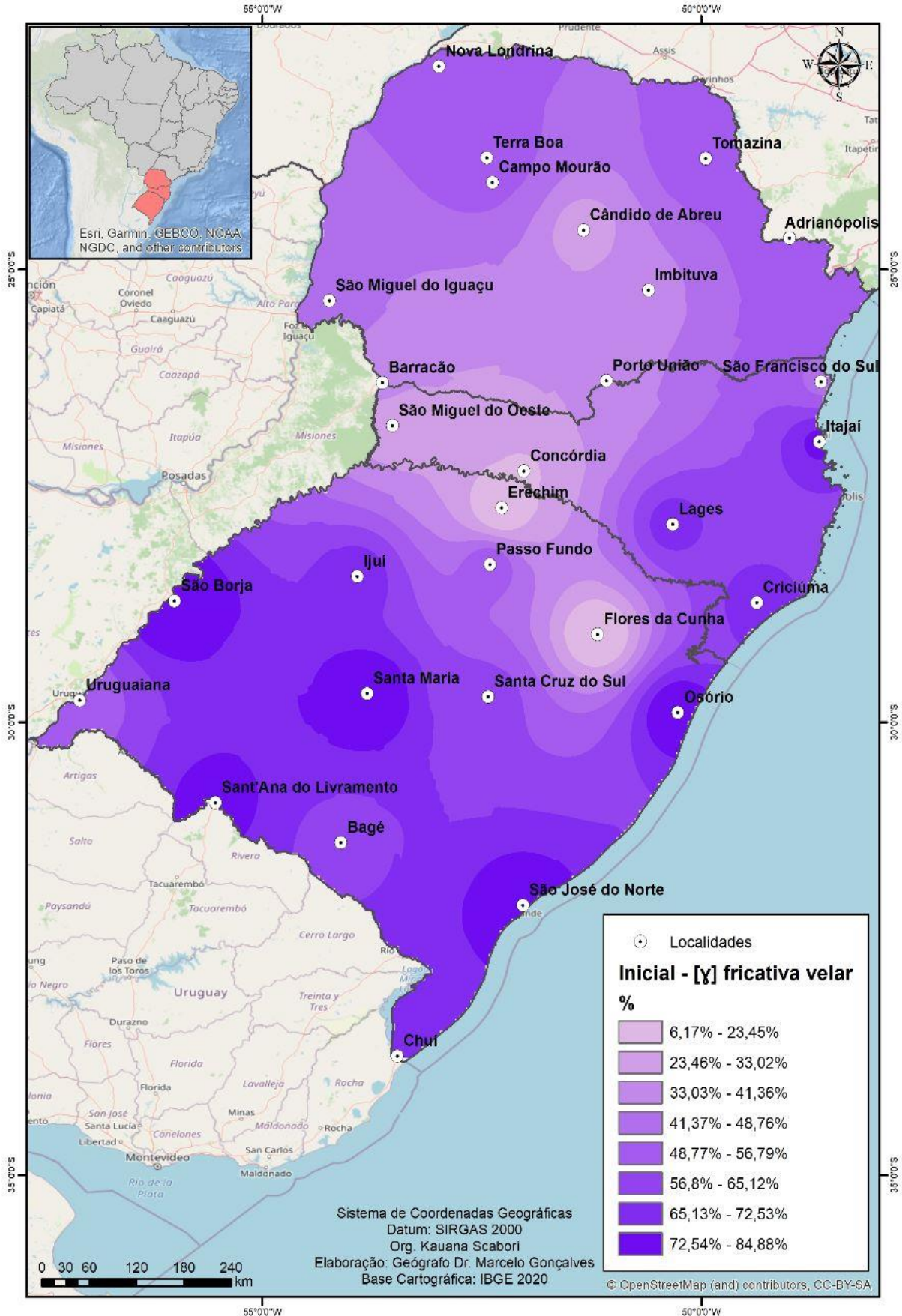
Espera-se que as hipóteses formuladas, nesta tese, a partir da análise descritiva dos gráficos, sejam testadas em futuros trabalhos detidos no mosaico rótico do português brasileiro (PB). A próxima seção complementa os registros averiguados e estabelece uma conclusão dos desdobramentos especulados neste momento da análise.

#### 6.6 CONSIDERAÇÕES FINAIS PARA A SEÇÃO DE ANÁLISE DOS DADOS DO ALIB: CARTAS DE DISPERSÃO

O item 6.6 auxilia na interpretação do processo de posteriorização, haja vista que os eixos linguísticos e extralinguísticos poderão apontar novas configurações para a variação do rótico em ataque no Sul do Brasil. A seleção das variantes atende aos critérios de ortogonalidade também nas cartas de dispersão, contando com cinco variantes róticas mais produtivas, em maior quantidade, no falar dos moradores.

Os mapas exibidos revelam a espacialidade no plano territorial para as variantes róticas. No tom de roxo e seus subtons, tem-se os resultados para as fricativas e anteriores em posição inicial (*rato/rosa*) e, em vermelho (na subseção do cômputo medial), as róticas articuladas em ponto medial de palavra, que revelam a maior concentração de /R/ realizados com as cores mais fortes e ficando mais sutil à medida que ocorre o enfraquecimento (pouca ou nenhuma produção).

Figura 25 – Rede de pontos e dispersão da variante fricativa velar na Região Sul



O mapa exposto, na Figura 25, revela os dados obtidos para a variante fricativa velar, no qual se pode constatar a maior vitalidade da [ʎ/x], à medida que se avança rumo ao último estado da Região Sul do Brasil (Rio Grande do Sul). Em São José do Norte, Santa Maria, Sant'Ana do Livramento, São Borja e Osório estão marcados na tonalidade mais forte, os maiores percentuais da variante fricativa velar.

Ao avançar rumo a Santa Catarina, nota-se valores semelhantes nos municípios de Lages, Criciúma e Itajaí, com um visível enfraquecimento em toda a parte central e centro-oeste dos três estados. Os pontos que mais chamam indicam variação são: Flores da Cunha, Erechim, no RS; Concórdia, em SC; e Cândido de Abreu, no PR, porque registram baixo percentual para a fricativa velar.

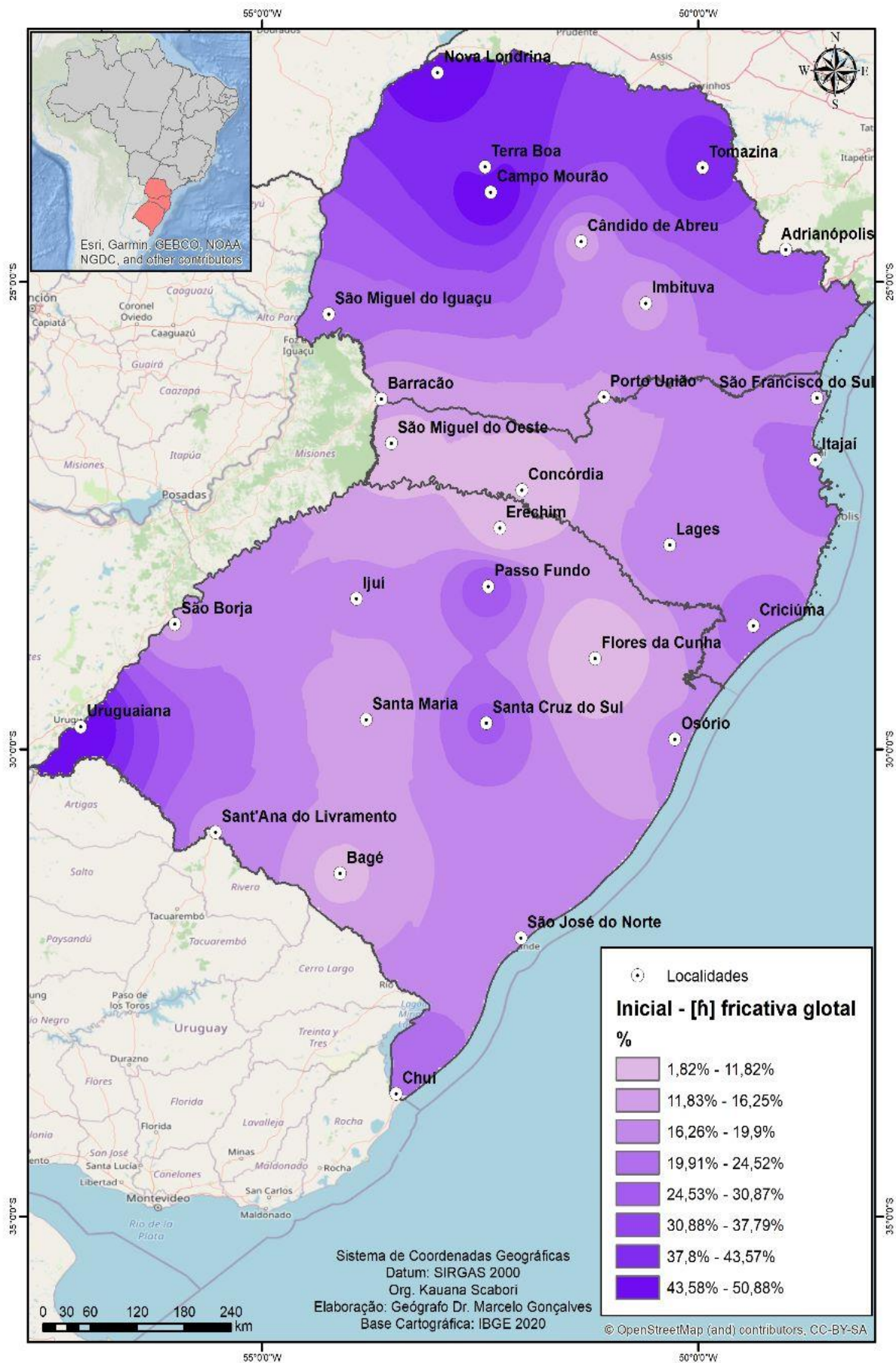
Referente à maior concentração da velar, pode-se considerar, não de forma exclusiva, o fator sócio-histórico do Rio Grande do Sul como, também, a possível interferência das cidades de países vizinhos: no Uruguay, Rivera, Artigas e Rocha, localizadas no Norte do país e em área de fronteira; na Argentina, mais precisamente na mesorregião de Corrientes, localizada Corrientes, e Misiones, na qual se encontra Posadas, pela variação no contato linguístico entre países.

Além dos pontos de fronteira, constata-se que as localidades na zona litorânea e próximas desta região desenvolvem comportamento semelhante ao avanço da posteriorização. Embora nem todas as localidades litorâneas tenham sido averiguadas na amostra, identifica-se o comportamento na manutenção e avanço da fricativa velar a partir do ponto de Itajaí, além das róticas anteriores, cuja cidade foi uma das primeiras a receber as embarcações de imigrantes alemães.

A retomar Albersheim (1962), a faixa litorânea tornou-se a mais impactada pela colonização estrangeira, haja vista que ocorreu o contraste dos espanhóis, que, semelhantemente, povoaram a região, com os imigrantes, os quais já se encontravam no vale do Itajaí. Logo, o que pode ter ocorrido para a historicidade da fricativa velar, seu avanço em ataque silábico (CV) e manutenção das anteriores centra-se não só na incorporação da variante trazida pelos imigrantes alemães e europeus, como também a sua manutenção em razão dos fluxos migratórios de turismo nas serras do RS e SC.

Na sequência, verifica-se o comportamento da variante rótica fricativa glotal para constatação de hipóteses fornecidas pelos próprios dados, referente à posteriorização, que acomete os Estados da Região Sul.

Figura 26 – Rede de pontos e dispersão da variante fricativa glotal na Região Sul



A realização da fricativa glotal acontece com mais recorrência em pontos opostos ao da fricativa velar, além de estar presente, com mais de 70%, em menos municípios, se comparado à produtividade da fricativa velar. Nova Londrina, Terra Boa e Campo Mourão, situadas no Centro Ocidental; Tomazina, no Norte Pioneiro paranaense; e, Uruguaiana, no Oeste do Rio Grande do Sul, apresentam uma tonalidade mais destacada à [h].

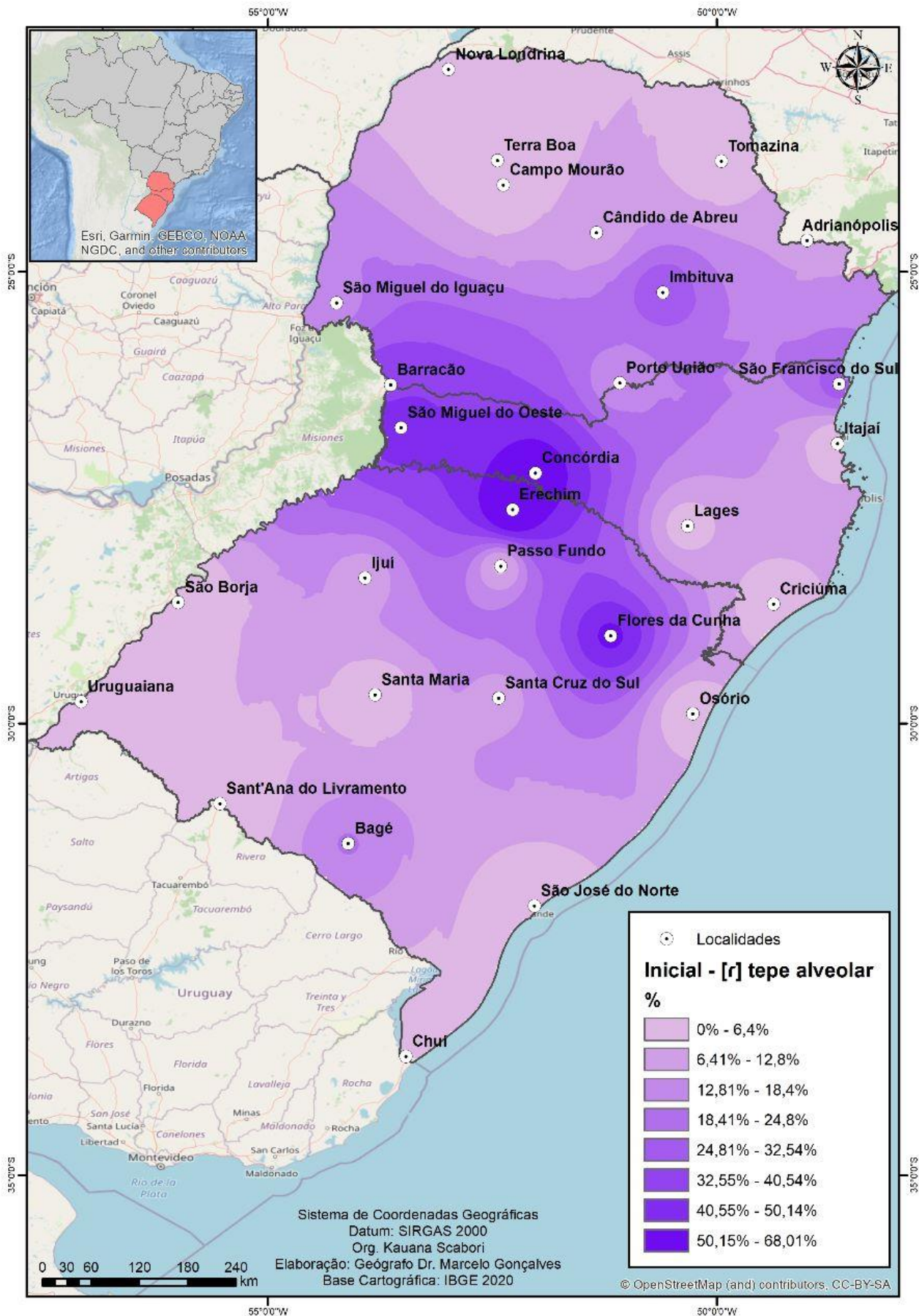
Evidencia-se o fato de duas localidades de próximos pontos territoriais, inclusive no caso de Terra Boa e Campo Mourão no Paraná, apresentarem semelhantes resultados às duas variantes róticas fricativas posteriores. Fato que revela não ocorrer uma disputa ou 'duelo' (Tarallo, 1986, 2007) na mesorregião do Norte Novo, Centro Ocidental e Norte Pioneiro, mantendo-se semelhantes do ponto de vista da variação e da mudança do rótico em ataque de sílaba simples em posição inicial.

Embora o Norte Pioneiro revele, em sua historicidade, o caminho dos tropeiros e a cultura do campo ligada às tradições da época, Tomazina (PR) parece padronizar as variantes róticas produzidas no Norte paranaense. Nesse cenário das variantes, o Paraná demonstra uma sutil cisão da fricativa glotal no início de palavra, uma vez que existe a possibilidade interpretativa para uma influência à posteriorização advinda de São Paulo e Mato Grosso em razão do contraste entre as localidades ao norte e ao sul do PR.

Comprovando Chaves e Seara (2021), atestou-se, de forma majoritária, a existência da variação rótica no falar de todos os moradores entrevistados. Fator passível de confirmação no mapa, dado que, embora as tonalidades mais sutis da cor roxa destaquem os menores índices, a fricativa glotal realiza-se em todas as localidades estratificadas, com menor expressividade à medida que se avança ao Sul do país (Santa Catarina e Rio Grande do Sul).

Brescancini e Monaretto (2008), ao tratarem das generalizações, apontam a posteriorização no falar do Sul brasileiro, o que possivelmente encontra eco nos dados do mapa para fricativa glotal, haja vista que a mudança rótica ocorre dos extremos para dentro, e não do centro da Região Sul (Concórdia, Erechim e outras de SC) para fora, isto é, abrange os demais pontos de inquérito. Para maiores confirmações, seguem-se os próximos mapas, que esboçam as variantes anteriores.

Figura 27 – Rede de pontos e dispersão da variante tepe alveolar na Região Sul



No mapa (Figura 27), verifica-se que a maior concentração da variante tepe alveolar encontra-se ao centro da Região Sul do Brasil, onde estão concentrados os percentuais de 32,55% para mais. As localidades agentes dessa manutenção referem-se a: Erechim e Flores da Cunha no Rio Grande do Sul, Concórdia e São Miguel em Santa Catarina, e Barracão no Paraná.

Constata-se que, embora se encontrem em estados diferentes, Erechim e Concórdia convergem para a manutenção do tepe alveolar. Para Coseriu (1956 [1921]), a geografia de uma dada região é responsável pela preservação, avanço ou redução de variantes, identifica-se a manutenção e a resistência mediante o avanço da posteriorização nos demais pontos do Sul brasileiro.

Os jovens de Concórdia e Erechim foram os responsáveis pela realização do [r], portanto, o tepe representa a identidade linguística na região norte do RS e oeste de SC, pela ocorrência dos baixos índices de migração (fluxo de turismo local) na Região, como se pode comprovar no registro historiográfico, no qual a faixa litorânea de SC recebeu mais fomentos para a movimentação de turismo e alavancagem do setor econômico, denominado por litorização (Turnes, 2008), e ainda devido as primeiras colônias italianas formadas na região em prol da preservação do caráter cultural.

Conforme Albersheim (1962, p. 57), a comunidade descendente alemã estava concentrada no Vale do Itajaí, sendo: “70,9%” de descendentes de alemães, “5,2%” de italianos e de outras nacionalidades. Em Flores da Cunha e Erechim, confirma-se a tradição italiana na investigação de Margotti (2004) e Comiotto e Margotti (2019), que constataram o tepe alveolar nos mesmos pontos de inquérito.

Os dados obtidos para o tepe alveolar parecem apontar para um duelo entre as variantes anteriores e posteriores, mas, neste ponto, não com intenção de se derrotar as adversárias (posteriores), e, sim, sobreviver ao avanço da posteriorização que se formou na faixa litorânea de SC, próximo ao ocorrido outrora, segundo Mello (2005), com as tentativas de a Coroa Espanhola inserir seus moradores, que sofreram ataques de franceses, povos originários e outros.

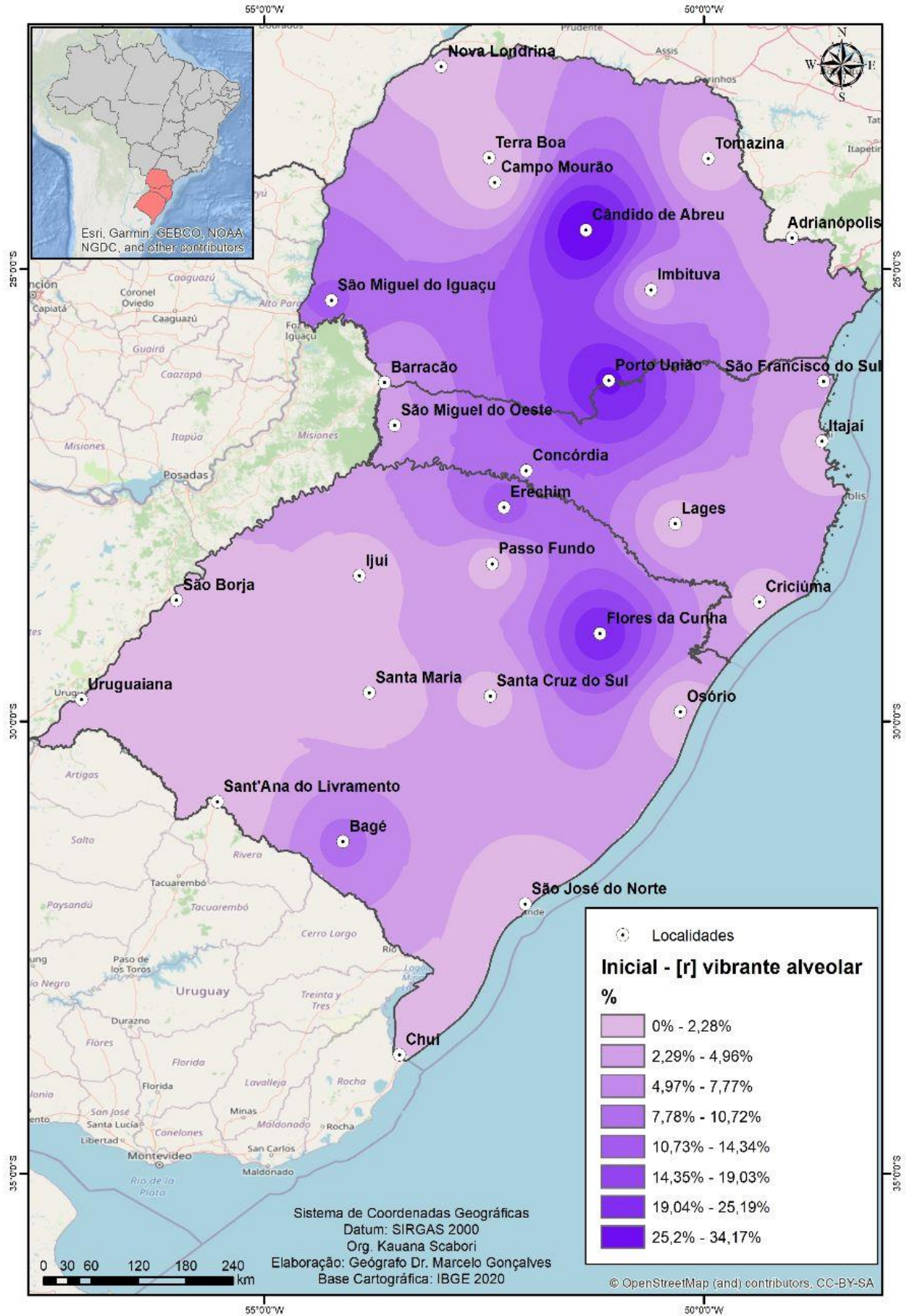
Busse (2010) também relaciona o tepe com a cultura de imigrantes e, Silveira (2010) atesta que, no Vale do Itajaí, o falar de forma ‘colono’, possivelmente com as variantes anteriores, passou a não ser bem-visto por moradores de algumas comunidades; razão pela qual se identifica um respaldo maior, no interior de SC, para a realização das variantes anteriores (ao oeste) e posteriores (ao Vale do Itajaí,

Litoral, Sul Catarinense, e Região Serrana).

Nesse ponto, a Região de Misiones, localizada no país vizinho, pode exercer algum poder para a manutenção do tepe alveolar, no entanto, mesmo que a coleta dos dados tenha sido finalizada, no ano de 2008, e sem considerar a relação bilíngue com outros países, o registro de imigrações italianas marcam muito mais fortemente os pontos (mais de 40% nos pontos destacados no mapa), se comparado ao fluxo entre uma nação e outra.

Para melhor entender o comportamento das variantes anteriores, no mapa seguinte, encontra-se a visão georreferenciada da variante vibrante alveolar ([r]); carta que chama a atenção para pontos, como Cândido de Abreu, Porto União e Flores da Cunha, onde não foram produzidos o tepe alveolar com demasiada produtividade, se comparado a [r], contudo, estão na mesma categoria róticas (/r/ anterior).

Figura 28 – Rede de pontos e dispersão da variante tepe alveolar na Região Sul



O mapa exposto, na Figura 28, revela a existência da variante vibrante alveolar, que demonstra se realizar bem próxima dos pontos em que o tepe ocorre, fator que confirma a centralização das variantes anteriores na Região Sul do Brasil, com a finalidade de que o avanço da variação e mudança linguística para os róticos em ataque façam-se motivados por uma força centrípeta, a envolver a movimentação no entorno, criando uma reverberação ao centro, que tende a resistir às ações históricas, econômicas, políticas, humanitárias e outras.

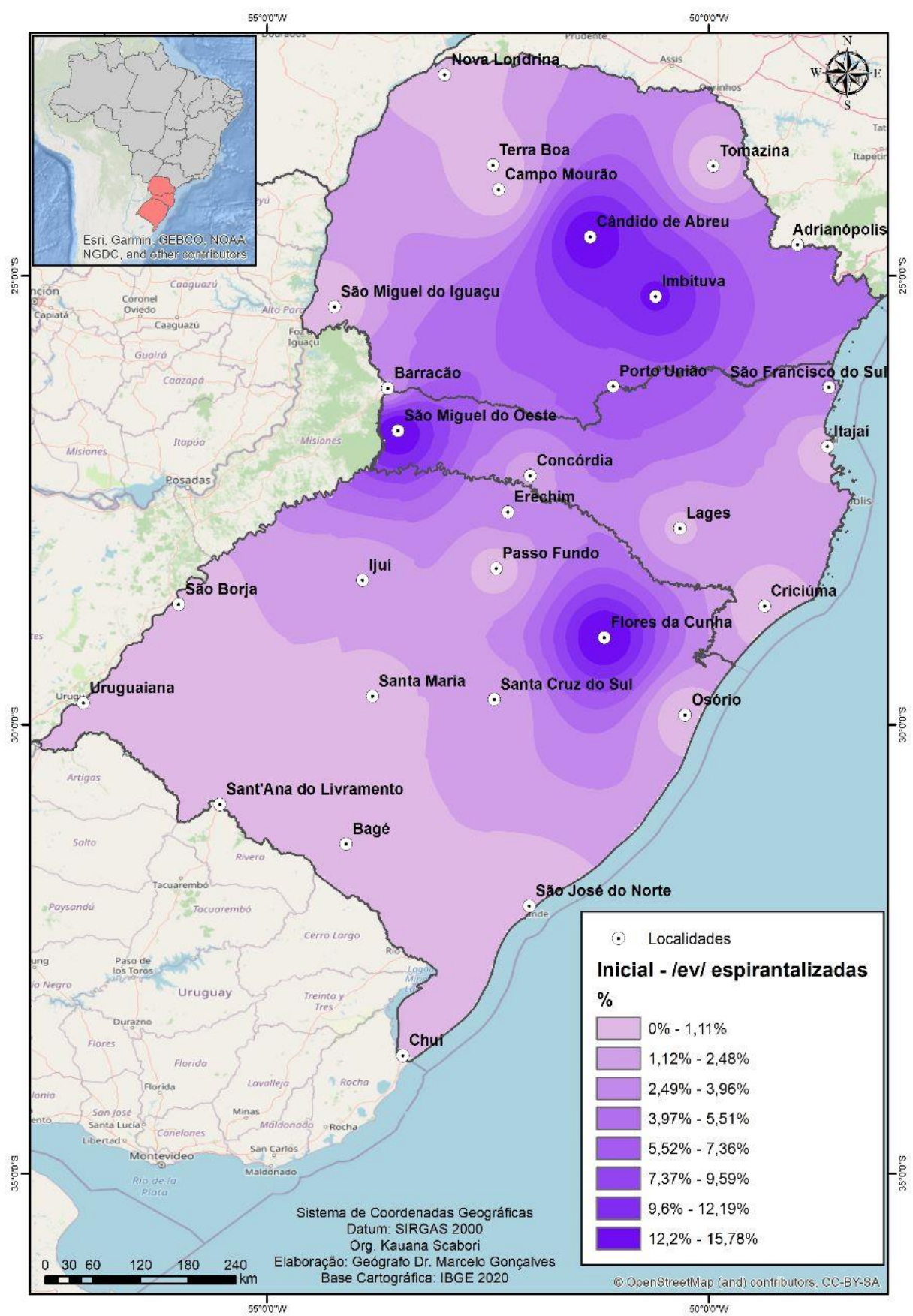
As localidades de Flores da Cunha, Porto União e Cândido de Abreu concentram os percentuais superiores a 25,2% para a vibrante alveolar [r], que já foi localizada por Comiotto e Margotti (2019). Embora, no Paraná, Scabori (2020) não tenha investigado os pontos destacados, a vibrante alveolar mostrou-se produtiva no Sul paranaense, principalmente em Barracão (PR).

O resultado e a espacialidade para a [r] demonstra que os pontos do Paraná parecem ter outro comportamento, dentro do mesmo estado, da anteriorização, haja vista que as cidades ao Sul parecem manter a tradição cultural das variantes anteriorizadas, diferentemente do que ocorre com os municípios ao Norte, os quais avançam mais para a posteriorização. À vista do desenho formado pela [r], tanto o Paraná quanto Santa Catarina demonstram uma linha entre a inovação e a cultura, pois, enquanto SC tem sua divisão oeste (predominantemente anterior) e leste (predominantemente posterior); no PR, a cisão ocorre no Norte (posteriorização) e no sul (registro das anteriores com mais de 30%).

Contrariamente ao que se previa, o Rio Grande do Sul apresenta uma tímida anteriorização, que predomina na região Norte do estado. O caminho das tropas (conhecido também como estrada real) e a formação do estado pode indicar uma pista à velarização, uma vez que, conforme o Herberts (2009), desde o século XVII e XVIII, o RS era ligado a SP por razões econômicas, atravessando Santa Catarina e o Paraná.

A hipótese no que tange a outro fator cultural recai na ideologia histórico-política citada por Pereira (1999), descrita e interpretada pelo ideal de 'ser nação', gerando, possivelmente, no PR, um afastamento da cultura e forma de vida vivenciada no caminho tropeiro. Já pela tradição rio-grandense sofrer um fluxo migratório mais expressivo e, por conseguinte, maior desenvolvimento do comércio de muares, fornecidos pelos espanhóis, tem-se o enraizamento da fricativa velar coabitando com outras variantes róticas anteriores, fruto da cultura italiana.

Figura 29 – Rede de pontos e dispersão da variante vibrante espirantalizada na Região Sul



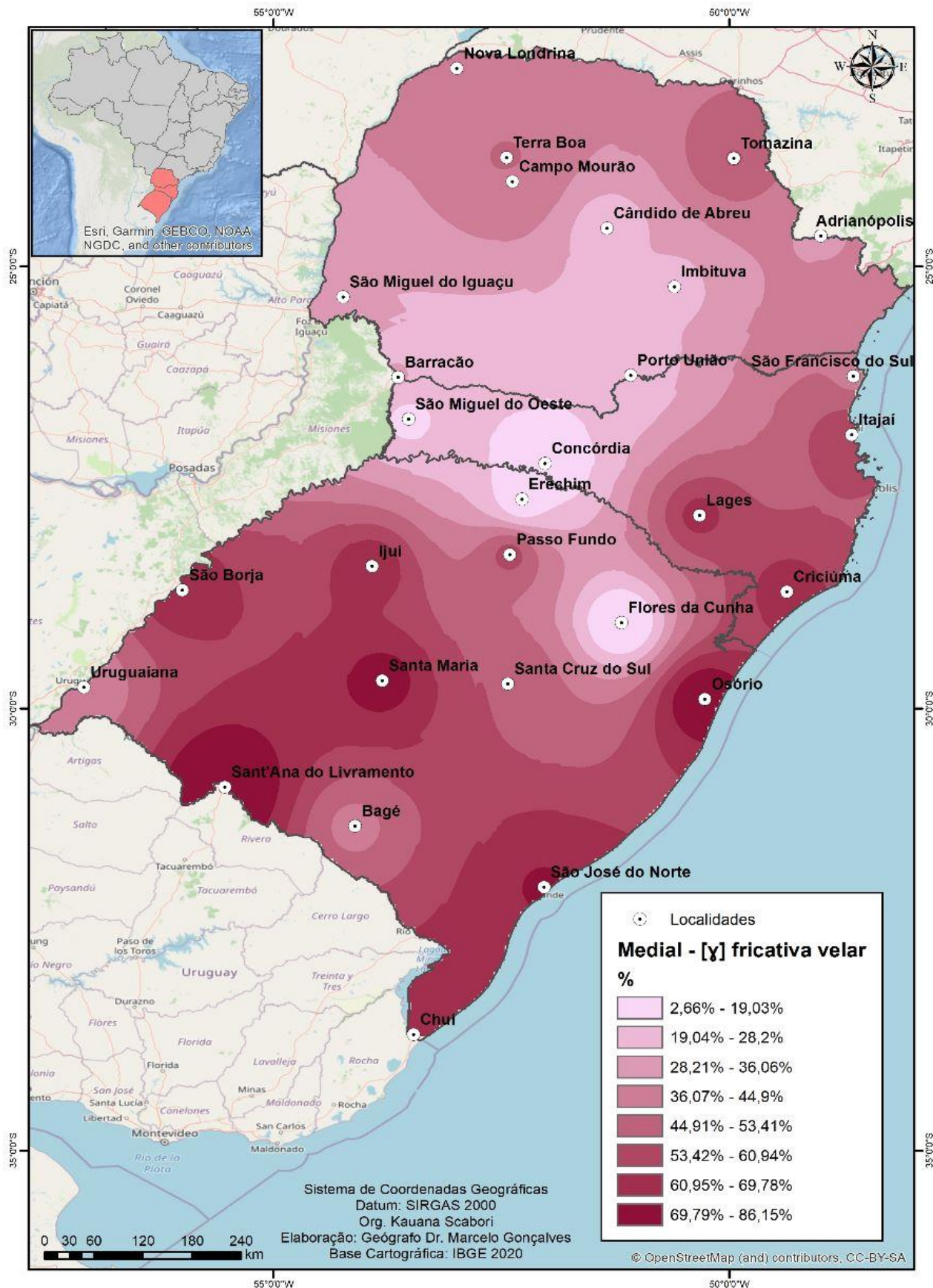
No mapa (Figura 29), a vibrante espirantalizada faz-se presente nos pontos de Flores da Cunha (RS), São Miguel do Oeste (SC), Cândido de Abreu (PR) e Imbituva (PR), com mais de 12%. O comportamento do Paraná para as variantes anteriores e, até mesmo, posteriores, é curioso, haja vista que, na tradição histórica, pelo estado ter sido uma província de São Paulo e ter seus limites marcados após duas principais manifestações, como a Guerra do Contestado, a tradição das mesorregiões ao Norte em espelhar SP e a manutenção das variantes anteriores ao Centro-Sul do estado indicam que o processo de posteriorização encontra-se em fase de expansão no PR, sendo que os limites/intervenções histórico-políticas representam a força motriz da variação, sobrevivência e perpetuação das variantes róticas.

A vibrante espirantizada foi registrada por Justina (2018), constando a nomenclatura adotada e realizada no falar da faixa etária mais idosa. A vibrante espirantalizada é interpretada como o enfraquecimento do /r/ forte, como a vibrante múltipla, que sofre uma adinamia (intitulado, na presente tese, pela nomenclatura adinamia, que deriva da física e significa perda da força sem processo químico) até culminar na existência da variante tepe alveolar. A presença das vibrantes espirantizadas podem apontar e confirmar a existência de um processo de adinamia que acomete as variantes róticas no processo de posteriorizar.

Interpreta-se que, independentemente da variante, ocorre o enfraquecimento progressivo e sócio-histórico de variantes anteriores e posteriores no Sul do Brasil. Para constatar como a variação rótica está disposta na posição medial, na próxima subseção, apresentam-se os resultados preliminares para a posição medial.

Neste recorte da seção, estende-se a análise para o contexto inicial (**Rosa/Terre**no). Na sequência, exibem-se as cartas com formações de isoglossas para a posição da sílaba rótica em ataque medial:

**Figura 30 – Rede de pontos e dispersão em posição medial da variante fricativa velar na Região Sul**



A ilustração para posição medial demonstra o comportamento da fricativa velar [x], com tonalidade mais visível ou menos marcada em vermelho nos pontos de inquérito da Região Sul. Na imagem, o estado do Rio Grande do Sul parece exibir um comportamento distinto, se comparado ao Paraná e Santa Catarina.

Enquanto a variante rótica velar é mais presente no Chuí, São José do Norte, Sant'Ana do Livramento, Santa Maria, Osório, São Borja, e Passo Fundo, no RS; em SC, Criciúma e Lages (a superar o percentual de 60%), não se pode conferir os resultados e os percentuais idênticos para as localidades de Flores da Cunha, Erechim, Concórdia, e Bagé no RS, São Miguel do Oeste, Concórdia para SC, onde se registram valores inferiores a 20% e 30%. Curiosamente, a atuação de Bagé e Uruguaiana demonstram certa resistência, semelhante à faixa norte do RS, por encontrarem-se variantes róticas anteriores (vibrante alveolar, tepe alveolar e vibrantes espirantizadas) ilhadas em contrastes às cidades com os maiores percentuais para a fricativa velar.

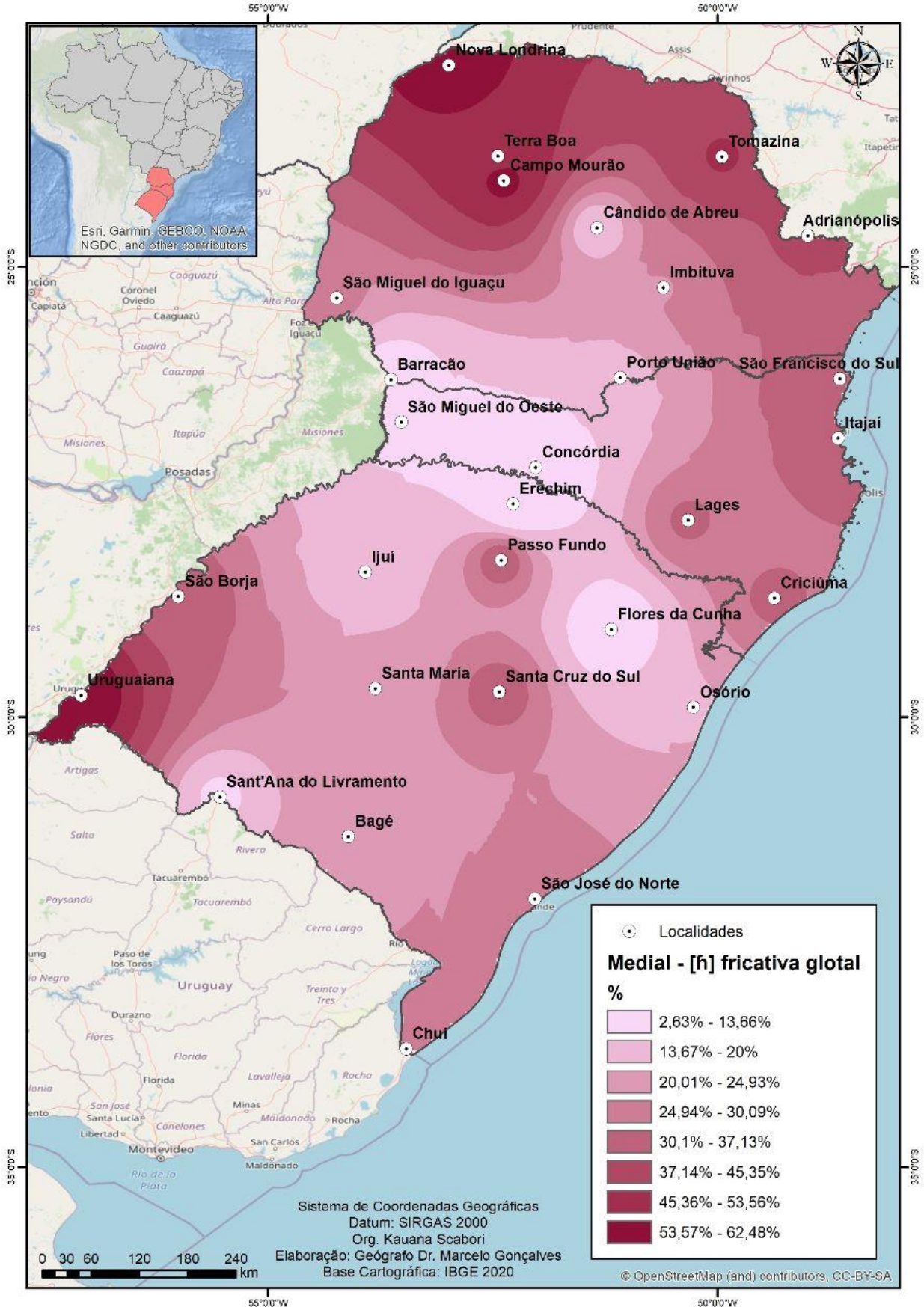
Outro fato semelhante é o oeste de Santa Catarina com Paraná, tendo SC maior variação, se comparado ao PR e RS. No georreferenciamento, confirma-se a mudança rótica registrada SC e, principalmente, o processo de 'desanteriorização' que ocorre nas fronteiras e avança até encontrar resistência no interior dos estados, indicando não só a manutenção da cultura de imigrantes, já apontada por Margotti (2004), como também a identidade linguística pela resistência de variantes anteriores.

Na investigação realizada por Scabari (2020), com dados do ALiB, ocorreu o maior percentual de posteriorização na posição medial, conforme revelam os dados da Figura 30. No entanto, o percentual para fricativa velar mostrou-se inferior ao da variante fricativa glotal, possivelmente, em razão da diferença metodológica e da amostragem elegida, visto que apenas duas localidades se assemelham à investigação de Scabari (2020), além desta interpretação dos resultados contar com recurso mais exploratório do Praat, e o fator posteriorização é semelhante ao listado por Comiotto e Margotti (2019).

Mesmo com dados aproximados, quanto às variantes localizadas e/ou conjunto/variação para o /R/ em ataque nos pontos da Região Sul, a inclusão do contexto de discurso semidirigido resultou na presença das vibrantes espirantizadas, uvulares, retroflexas aproximantes e tepe (não incluídas em razão da ortogonalidade dos dados), além das variantes listadas pelos pesquisadores supracitados, como a

[x] no mapa, que demonstra semelhante tendência para posteriorizar o rótico no sul brasileiro. A seguir, a carta a respeito da fricativa glotal.

Figura 31 – Rede de pontos e dispersão em posição medial da variante fricativa glotal na Região Sul



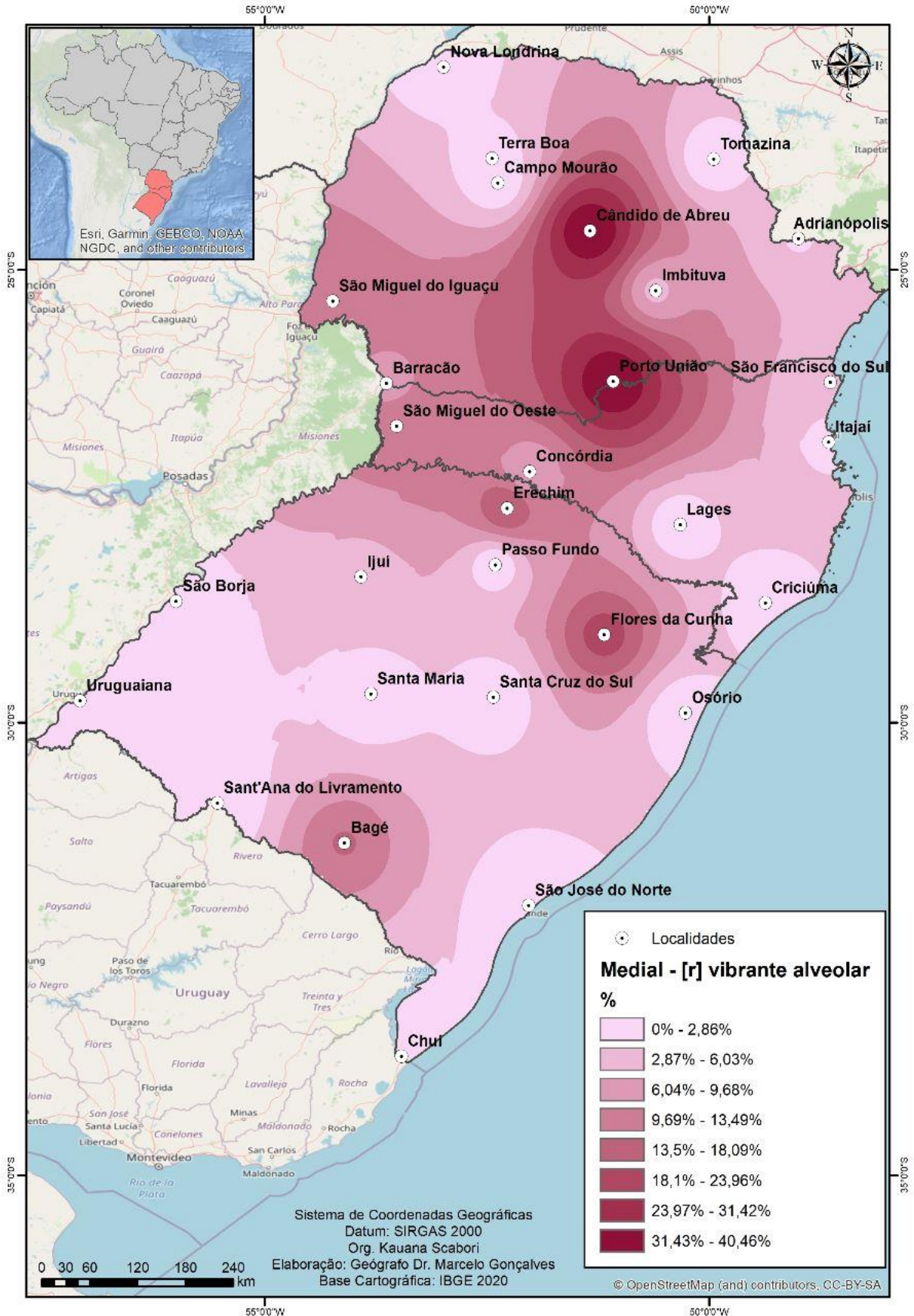
Na Figura 31, contempla-se o resultado obtido para a variante fricativa glotal em posição medial de palavra (*terreno*), cujo percentual varia de 62,48% a 2,83%. Diferentemente do que se pode identificar para a fricativa velar – Rio Grande do Sul e faixa litorânea de Santa Catarina, apontando para os maiores índices de realização – a glotal com e sem vozeamento demonstra expressividade na mesorregião do Paraná Novo e Uruguaiana (presente no referido ponto a Oeste do RS). Embora a variante citada faça-se mais aparente no falar riograndense, formula-se a hipótese de que as localidades fronteiriças ou próximas dessas zonas limítrofes favoreçam mais a variação e a mudança do /R/ em ataque, como a propensão à configuração posterior do rótico no componente articulatorio do corpo humano.

De acordo com os dados e registros histórico-culturais, a fricativa velar parece ter sido incorporada antes, desde a chegada dos espanhóis, das disputas que acometeram o território riograndense, e pela província do RS ser diferente das instaladas no PR, principalmente no Norte Novo. Esse cenário manifesta-se na posição inicial e, agora, também, na sílaba medial (visível na figura anterior).

A fricativa glotal, sendo uma variante rótica posterior, confirma a diferenciação que acomete o Norte Novo do estado, se contrastado com o RS e litoral de SC, possivelmente, por uma influência dos estados vizinhos, como Mato Grosso do Sul e São Paulo (antiga província paulista). Essa realidade da fricativa glotal [h] encontra eco nos dados encontrados por Comiotto e Margotti (2019) e Scabori (2020) com os dados do ALiB, visto que, pelo critério de qui-quadrado e sua distribuição na carta fonética, a glotal parece assumir um comportamento diferente, que marca o estado do Paraná em variante mais posteriores ao norte e com mais recorrência de anteriores ao sul do referido estado.

O caminho das tropas indica ser uma forte influência para a configuração das variantes róticas no sul do estado, isso em razão da formação política que impactou na cor, na raça e na etnia da população, inclusive forneceram subsídios históricos e sociais para a manutenção de uma ou outra variante rótica e, por conseguinte, a mudança quanto à forma de articular os róticos no ataque. Para identificar e levantar outras confirmações do que a historicidade da região pode revelar ao /R/ em sílaba CV, são apresentadas as cartas fonéticas de variantes anteriores na posição medial.

Figura 32 – Rede de pontos e dispersão em posição medial da variante vibrante alveolar na Região Sul



A vibrante alveolar, na Figura 32, revela e confirma a centralização/força linguística que mantém as variantes róticas anteriores, presentes em Cândido de Abreu e Porto União, no estado do Paraná, com percentual superior a 23,97%. Algumas localidades do Rio Grande do Sul (Chuí, São José do Norte, Sant'Ana do Livramento, Uruguaiana, São Borja, Santa Maria, Santa Cruz do Sul, Osório, Passo Fundo), Santa Catarina (Criciúma, Lages e Itajaí) e Paraná (Adrianópolis, Tomazina, Campo Mourão, Terra Boa e Nova Londrina) revelaram os percentuais mais baixos para a articulação da [r] (inferior a 2,88%).

Ao que aponta a pesquisa de Azeredo (2012), a faixa etária de 40 a 59 anos realizou mais vezes a troca da vibrante alveolar pelo tepe alveolar, já o período etário com mais experiência de vida manteve a variante anterior [r]. Embora a carta de arealidade não revele o percentual do gênero biológico, atesta-se a hipótese de que, nesta tese, as variantes anteriores, como a vibrante alveolar (pulsos acima de três repetições no ponto alveolar) são expressivas em alguns pontos pela cultura historiográfica, que indica ser basilar e transmitida aos informantes com idade superior aos 18 anos.

O Gráfico 13, em contraste à carta, revela exatamente a hipótese capaz de explicar a manutenção do /r/ forte em alguns pontos do estado paranaense, visto que se torna visível tanto nas cartas quanto nos dados de outros pesquisadores, por exemplo, Azeredo (2012), Carreão (2018), Barreto (2019), Corrêa (2020), Scabori (2020), a presença, ocorra, ainda que tímida e com tendência ao apagamento das vibrantes anteriores. A expansão das variantes anteriores reflete-se na predileção quanto ao uso em algumas localidades, como Cândido de Abreu e Porto União, justificando essas produções a resistência e avanço identitário atrelado aos pontos os quais compartilham das mesmas construções sócio-históricas.

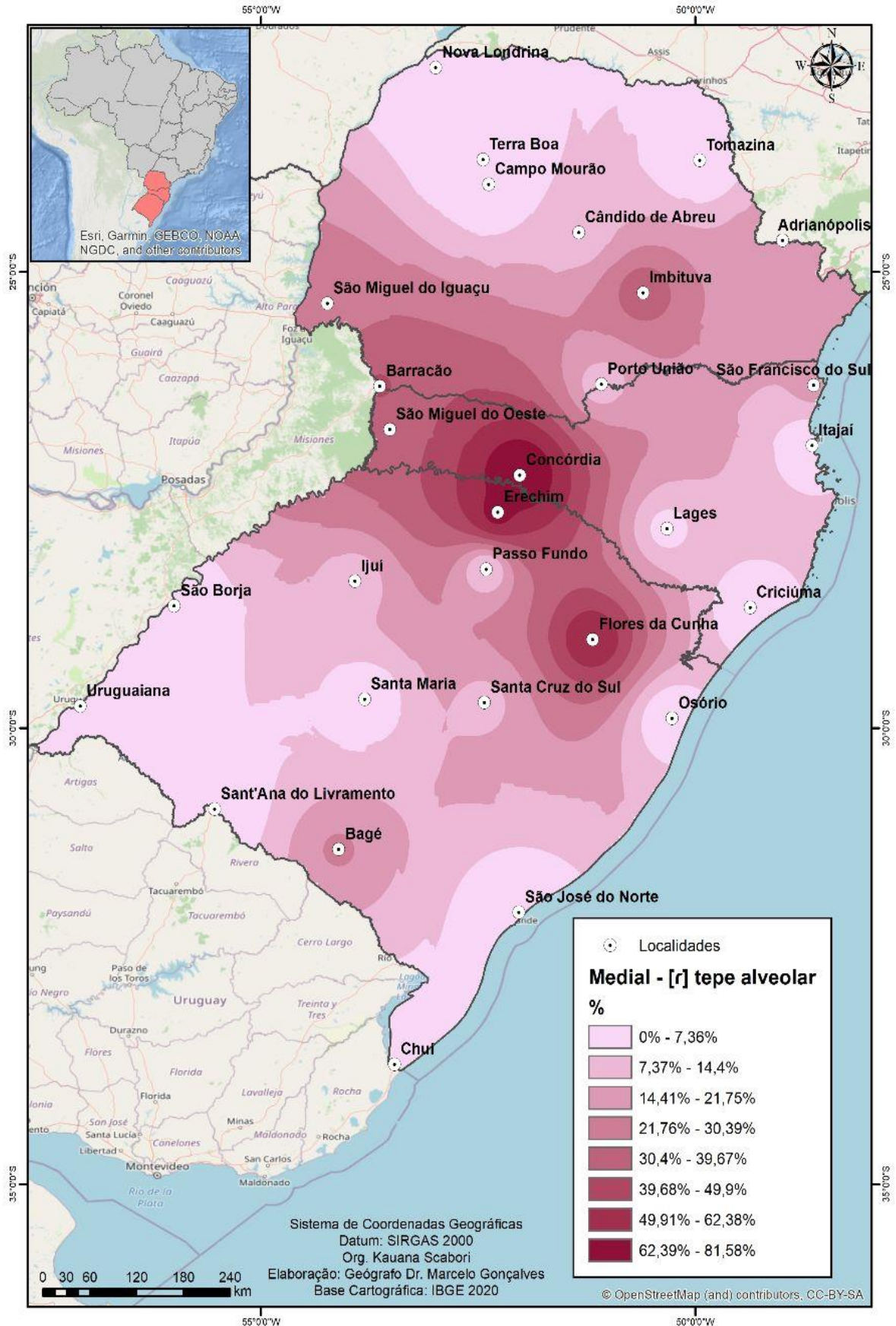
A ponte que se busca fazer nesta tese é posta entre as variantes róticas e as formações sócio-históricas das localidades que abrigam uma ou outra variante, representando os pontos de resistência, implementação e/ou desuso para um ou outro /R/ através da fala. Nota-se isso, principalmente, no momento em que o falante era interrogado, pois, ao fazer referência a algo, recorria para a menor variação rótica, como informam os gráficos da seção de análise, e, mediante lembranças do passado (relato espontâneo), realizava mais os róticos anteriores se esses fossem parte integrante da herança identitária das localidades.

A hipótese para explicar a produtividade de uma variante [r] no ataque

medial seria de que a vibrante alveolar se encontrava situada geograficamente no ambiente do informante, passando o sujeito social a fazer uso ao saber que naquela região existia a possibilidade de realização do rótico em uso pela comunidade de fala. Do ponto de vista deste trabalho científico, o comportamento da [r] estabelece e confirma o fato de o Sul do Paraná e da mesorregião central do Sul promoverem a cultura 'sulista', mais propensa a explicar os róticos do ponto de vista dos fatores identitários do que atrelado ao sistema linguístico.

Para identificação e maior rigor na análise, compara-se o presente mapa à carta da sequência, que traz, no bojo da problemática rótica, o tepe alveolar na distribuição dos pontos de inquéritos prediletos à tese.

**Figura 33 – Rede de pontos e dispersão em posição medial da variante tepe alveolar na Região Sul**



A Figura 33 apresenta as localidades de Concórdia (SC), Erechim e Flores da Cunha (RS) como as mais favoráveis à ocorrência do tepe alveolar na posição medial, com percentual superior aos 40%. No mapa, mostra-se que duas localidades em zona de fronteira compartilham de uma mesma variante, que de forma aparente ‘duelam’, como diria Tarallo (2007), contra a pressão centrífuga de municípios ao entorno.

Fala-se neste modelo de força, haja vista que ocorre a resistência entre variantes anteriores (tepe alveolar, vibrantes e outras) que convivem com variantes róticas não anteriorizadas (fricativas). A onda de cor vermelha mais intensa, formada em Concórdia e Erechim, em direção mais enfraquecida da tonalidade avermelhada na cidade ao lado, revela que não existe uma mudança abrupta, conforme descrito na literatura por Coseriu (1956 [1921]).

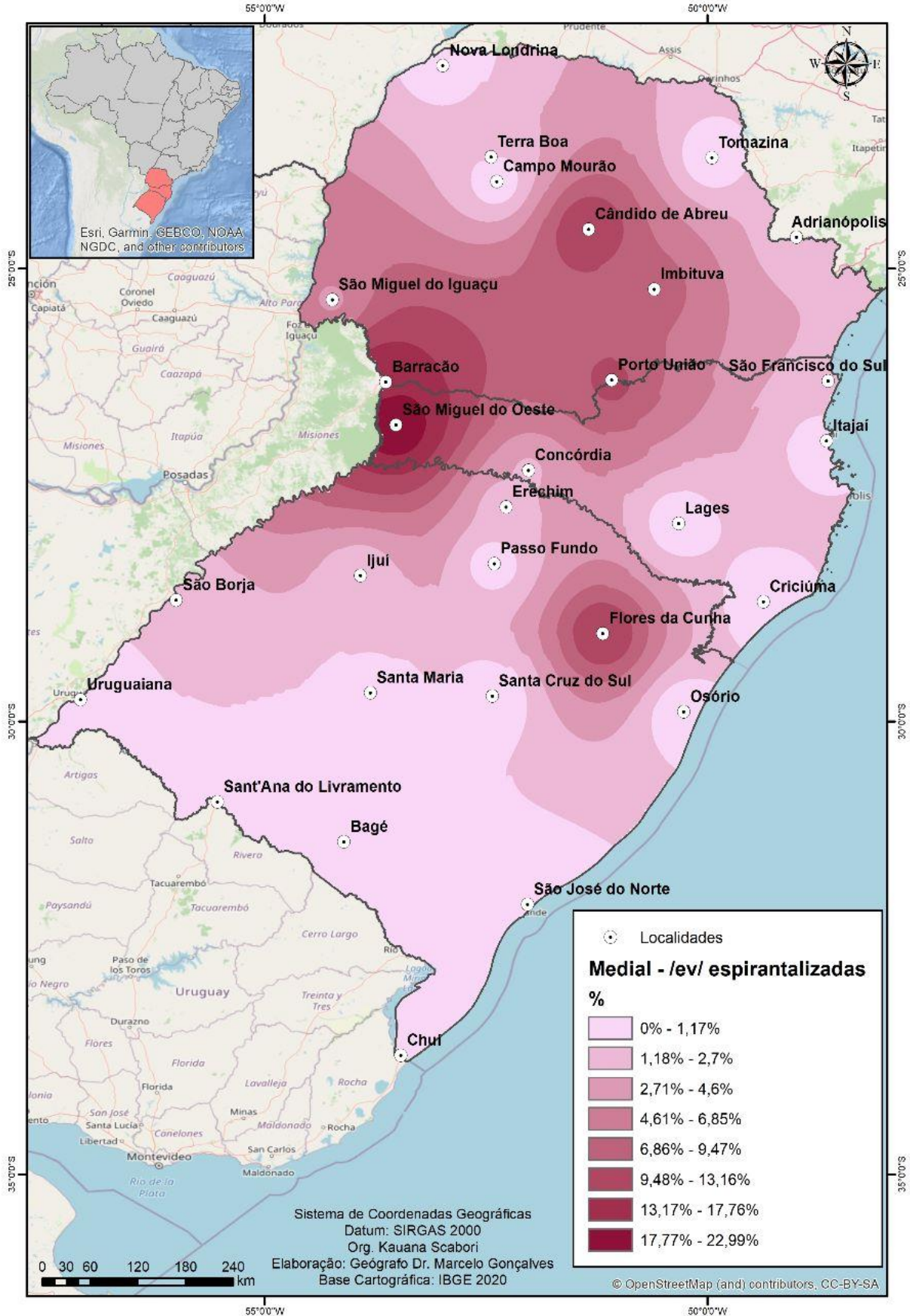
Em conformidade com outros estudos, a presença do tepe alveolar, com maior expressividade na faixa oeste de Santa Catarina e em contraste à carta anterior da vibrante alveolar a dominar a faixa Centro-Sul paranaense, confirma que o fluxo de turismo e maiores índices de imigrantes alemães em SC possa ter motivado a lenição para o /r/ forte. Embora a historiografia revele algumas pistas à mudança e à variação que acomete o rótico em ataque; a análise linguística de Margotti (2004) deve ser considerada, visto que a presença de imigrantes italianos nos pontos de Concórdia, Erechim e, principalmente, Flores da Cunha, foi expressiva, assim como a ocorrência registrada para o [r].

Quanto ao contraste, em Cândido de Abreu e seus entornos, os primeiros imigrantes foram de origem francesa, aproximadamente 87 indivíduos da referida nacionalidade (IBGE, 2010). No entanto, ainda segundo dados do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística, estes moradores não permaneceram por muito tempo e a colônia passou a ser administrada por poloneses, ucranianos e alemães, fator que pode justificar a ocorrência de mais variantes róticas da vibrante em Cândido de Abreu e do tepe alveolar em Concórdia, Erechim e Flores da Cunha.

Conforme os resultados expostos no mapa, a historiografia e a análise de Margotti (2004), Busse (2010) e Scabori (2020) direcionam a confirmação das hipóteses para enfraquecimento das variantes anteriores nos entornos da Região Sul, principalmente na faixa litorânea e a sua respectiva manutenção em pontos centrais dos estados, que parecem preservar não só as vibrantes (forte e fraca do /R/), como a tradição do falar de pequenas comunidades representativas de

imigrantes europeus. O mapa seguinte traz os pontos de ocorrência para a vibrante espirantalizada e a dispersão geográfica de seu comportamento nos arredores do Sul brasileiro.

Figura 34 – Rede de pontos e dispersão em posição medial da variante vibrante espirantalizada na Região Sul



Diferentemente das variantes listadas até aqui, a vibrante espirantalizada fez-se mais expressiva em uma única localidade: São Miguel do Oeste. Os pontos, como Cândido de Abreu, Barracão, Porto União (PR), e Flores da Cunha (RS) concentraram percentuais significativos, se analisada apenas a variante em discussão conforme as localidades.

Para discussão da Figura 34, é perceptível a presença da vibrante espirantalizada nos pontos em que ocorreram outras duas variantes anteriores (o tepe alveolar e a vibrante alveolar). A vibrante espirantalizada é ainda mais presente na região fronteira do Paraná e Santa Catarina com o Paraguai, e, igualmente, ao lado de municípios como Concórdia e Erechim, em que o tepe alveolar mostrou-se bastante significativo.

A hipótese para o resultado exibido recai no fato de que a vibrante espirantalizada possa ser uma lenição do tepe alveolar, conforme atestado por Justina (2018) com dados de falante sul-mato-grossenses. A vibrante espirantalizada demonstra duelar com o tepe, pois, nos pontos com maiores índices da respectiva variante (Concórdia e Erechim), a espirantalizada não ocorre, indicando, possivelmente, que a posteriorização atinge as variantes róticas anteriores e posteriores, ambas com ininterruptão na passagem do ar expiratório.

Na sequência, apresenta-se a seção de conclusão, responsável pela retomada das problemáticas, hipóteses e objetivos formulados. Para respondê-los e concluir o objetivo desta análise, as considerações finais culminam em integração partes das seções expostas, pois esses resgates confirmam o trabalho realizado e direcionam aos objetivos conquistados na realização desta tese.

## CONCLUSÃO

A presente seção expõe as considerações finais para a investigação da produtividade de uma ou outra variante rótica, temática norteadora desta tese. Espera-se que a investigação para os róticos em ataque, com maior volume de dados e adequada distribuição dos informantes, tenha sido alcançada a considerar toda a Região Sul do Brasil.

Investigou-se as variantes róticas em ataque de sílaba simples em posição inicial e medial de lexia, para identificar as condições linguísticas e extralinguísticas aplicadas ao modelo (/R/ em ataque) falado por alguns moradores das mesorregiões do Sul. Ademais, antes de alcançar os objetivos específicos, expõe-se a resolução para algumas das problemáticas levantadas no momento inicial:

- As variantes róticas demonstram-se visíveis no espectrograma de banda larga, apesar da cor acinzentada intensa sobressair-se em muitas das imagens obtidas e a análise de oitiva ter sido utilizada concomitantemente. O espectro e os formantes F1, F2 e F3 considerados importantes para, ao menos, uma confirmação das variantes róticas posteriores, uma vez que se registrou a velar com formantes dissipados em F2 e a glotal com a tendência a uma linha contínua.
- Ressalta-se que não é possível categorizar a ‘morte’ das variantes róticas anteriores em detrimento ao avanço e progresso das róticas posteriores no falar do sul brasileiro, pois, embora seja possível demonstrar e afirmar o fortalecimento quanto ao processo de posteriorização (velar e glotal) com a representação de um maior registro percentual em praticamente todas as localidades, a ocorrência de uma mudança em sua fase final pode ser, até este momento, deixada em segundo plano devido à presença das variantes anteriores na fala dos mais jovens, pertencentes a algumas localidades marcadas historicamente pelo contato étnico.
- A variável estilo de produção de fala indicou o interesse pelas vibrantes anteriores no contexto de baixo ou nenhum monitoramento da fala no cômputo com ocorrências reais. Entretanto, nos dados amalgamados, os testes estatísticos não indicaram distinção entre um ou outro fator da variável, apesar de o relato pessoal (DSM) ter favorecido também a fricativa velar e a glotal.

- A configuração da língua, ao articular determinadas palavras, direciona a opção da variante elegida no espaço-tempo da egressão e reverberação do ar na caixa acústica do sistema articulatório. Através do teste de CCI, a interface estatística analisou as palavras e a categoria dos róticos, determinando 90% de fatores linguísticos não investigados. Sabe-se que a averiguação pelo programa estatístico não refuta a realidade do /R/ no contexto de uso, por isso os fatores linguísticos e extralinguísticos estudados, nesta tese, deram conta de explicar o que motiva a variação entre as róticas. Embora a vogal final da lexia não tenha sido explorada, é mais plausível a análise da vogal da sílaba alvo, como nesta tese, tendo sido tomado a cautela da incorporação de variáveis e fatores eliminados por algumas pesquisas, principalmente, ao entender que cada banco de dados possibilita interpretações e criações de gráficos ou mapas, concretizando os dados e o seu comportamento no meio linguístico e social.
- Embora as respostas de oitiva, obtidas junto a vinte e nove localidades, não tenham consideradas e estratificadas segmentações étnicas dos informantes (listada no questionário ALiB), as situações sócio-históricas forneceram pistas quanto às variantes. Esse fator interdisciplinar entre a história e a fonética revela 'achados' que auxiliam a compreender o avanço das variantes posteriores.
- Os Estados da Região Sul do Brasil carregam traços e acontecimentos históricos que particularizam cada mesorregião, contudo, diferentemente do que se pensava, Santa Catarina demonstra diferir do PR e do RS), haja vista que a posteriorização tende a ser mais expressiva no estado que se posiciona geograficamente entre dois estados da Região Sul, sendo o ponto mais procurado por turistas devido às praias paradisíacas. Ressalta-se que um futuro estudo pode considerar o meio de transporte (aeroviário, ferroviário, hidroviário ou rodoviário) mediante às constatações a respeito da posteriorização em SC, em consonância com o cenário sócio-histórico percorrido nesta tese.
- Os informantes com trabalho e a categoria resposta ausente, pertencente para variável profissão, motivaram as fricativas posteriores (fricativa velar e glotal) nos dados desta tese. Apesar de a opção sem registro na ficha do informante ter prejudicado a análise sistemática, conclui-se que futuras

pesquisas possam incorporar esse eixo no estudo do /R/ em ataque.

- As variáveis extralinguísticas (localidade, faixa etária, sexo, estilo de produção de fala) mostraram-se relevantes para o estudo dos róticos em contexto inicial e medial, independente do modo do ar egressivo. Pode-se concluir que são três fatores sociais os mais significativos para o processo de posteriorização: sexo (homem e mulher), faixa etária (primeira e segunda categoria etária) e localidade (os estados com os respectivos pontos de inquéritos).
- De forma expressiva, homens e mulheres parecem manter a posteriorização, pois as fricativas sempre predominam nos falares de quase todos os informantes inquiridos na Região Sul. Apesar de os dados amalgamados indicarem que os homens da segunda faixa do Estado do Paraná assumem um comportamento bem diferente dos jovens quanto à posteriorização rótica, isto é, são os que mais realizam as fricativas nessa região.
- Aproveitando a resposta para a problemática anterior, os jovens de Itajaí/SC e Flores da Cunha/RS realizaram o tepe alveolar (vibrante simples), com bastante expressividade, de igual modo realizaram a vibrante alveolar e as vibrantes espirantizadas, além de dominarem a realização rótica anterior na posição medial (38,3% no total). Resultado que indica as variantes anteriores condicionadas ao contato com grupos étnicos europeus – italiano, conforme proposto Margotti (2004) –, e, possivelmente, de línguas originárias, que participaram dos deslocamentos territoriais e das configurações político-sociais.
- As variantes róticas sofrem variação no Sul do Brasil, apesar do avanço e da produtividade das róticas posteriores fricativas. O registro da distribuição, ainda, está contemplado em cartas fonéticas.

Os resultados obtidos junto ao programa estatístico *RStudio* indicaram que, embora ocorra a presença expressiva do tepe alveolar [r] e da vibrante múltipla alveolar [r] em Flores da Cunha (RS) e Cândido de Abreu (PR), existe a tendência ao processo de posteriorização nos Estados da Região Sul brasileira. Manifestação rótica indicada em anos anteriores por autoras como Callou (1987), Brescancini e Monaretto (2008), entre outras.

As hipóteses levantadas a partir das análises das variantes róticas em início

de palavra baseiam-se nos questionamentos respondidos nos parágrafos anteriores. As seguintes respostas conclusivas procuram atender as conjecturas na presente tese:

- Quanto à suposição inicial, a diversidade das variantes róticas pode ser contemplada em cartas fonéticas e/ou mapas de arealidade.
- Ao contrário da hipótese aludida, que considera os estados do Sul distintos do ponto de vista da variação rótica, obteve-se semelhante resultado diante da posteriorização para o PR e RS. Nesse sentido, nota-se que sócio historicamente, e de uma construção identitária-diatópica apresentada na presente tese, cada estado tem sua estrutura política, densidade demográfica e outros constructos, que condicionam o uso das diferentes variantes róticas realizadas nos três estados, em que alguns se assemelham e outro se distinguem.
- Diferentemente da hipótese a respeito dos fatores linguísticos e extralinguísticos, verificou-se que apenas as variáveis com categorias sociais foram significativas para explicar o fenômeno (posteriorização rótica no falar sul brasileiro). Os eventos estatísticos listados nesta tese confirmam que a realização rótica é atravessada por constructos sociais, muitas vezes, internos para as convenções da comunidade de fala de cada localidade.
- Os homens favoreceram mais as variantes róticas posteriores, além de outras realizações atípicas (tepe retroflexo e aproximante retroflexa), as quais se mostraram pouco expressivas no falar do sexo feminino. Esse resultado demonstrou, para esta tese, que, apesar de a mulher da região Sul ocupar um papel de maior expressividade na produção do tepe ([r]) no início de palavra, elas acompanham a inovação/posteriorização rótica em ataque, e, também, preservam algumas realizações que são marcadas, como o tepe retroflexo, a aproximante retroflexa e o apagamento.
- Ao contrário do que se supunha, a segunda faixa etária (50 a 65 anos) não só realizou as variantes róticas posteriores, como também foi a faixa etária que mais produziu no contexto medial, se comparado aos mais jovens (18 a 30 anos). Tal resultou confirmou, consoante a Tarallo (1986), o duelo entre as variantes anteriores e posteriores em algumas comunidades, dado que uma

variante, possivelmente, mostra-se padrão (mais usual), ou, não, dependendo da comunidade de fala que a realiza, ou prestigiando uma variante rótica em detrimento de outra.

- Pensava-se em uma fase final do processo de posteriorização, contudo, ainda, é cedo para essa afirmação, uma vez que estudos futuros necessitam realizar investigações diacrônicas e com o *software Setup – Sono Speech*, além do *Praat*, para delimitar, de forma sistemática, todas as variantes róticas posteriores no sistema fonético-fonológico brasileiro (PB).

Para alcançar os objetivos formulados a partir dos questionamentos e das hipóteses, comprova-se que as metas foram completadas com algumas ressalvas significativas, em circunstância de:

- (i) Foi possível identificar as variantes róticas faladas por moradores do Sul brasileiro, principalmente, a definição metodológica dos parâmetros de análise acústica revelou-se necessária, apesar de complexa para os casos envolvendo os ruídos posteriores. Os critérios já pré-determinados pela literatura acústica foram incorporados a considerar a realidade das amostras.
- (ii) As variáveis linguísticas e as extralinguísticas, incluindo suas categorias, foram identificadas e avaliadas. As interações foram testadas e o melhor modelo de apresentação foi explorado de acordo com as respostas reveladas pelos dados da pesquisa. Propostas de apresentação das sequências gráficas (distribuição absoluta, análise binária, ternária e teste final de CCI) organizadas, conforme descobertas sobre o assunto, revelaram-se norteadoras, haja vista que a limitação de trabalhos na área e, pelas propostas, nesta tese, forneceram possibilidades de exibir a análise e direcionar o tratamento dos dados, isto é, não sendo exclusivamente pelo princípio da redução ou eliminação de modelos, a partir das funções de *stepforward*, *backward* e outros, mesmo que elas sejam declaradas mais adequadas como simplificadoras da descrição do fenômeno.
- (iii) Embora falar em posteriorização, em sua fase final, para todos os municípios do Sul requeira, ainda, demasiados cuidados, pode-se

considerar que a análise quanto aos indícios da variação e da realização significativa das fricativas foi confirmada nas localidades investigadas.

- (iv) As cartas fonéticas foram elaboradas e mostraram-se excelentes ferramentas para a espacialização geográfica do fenômeno rótico (a posteriorização no falar sulista), inclusive para delimitações dos pontos de arealidade.

Nota-se que as problemáticas e hipóteses foram apuradas e, por conseguinte, os objetivos foram alcançados e alguns outros (i e iv) reavaliados com direcionamento para atender os delineamentos traçados nesta tese, por exemplo, a união de variantes em um mesmo conjunto, inclusão do programa de limpeza de áudio como auxílio e demais encaminhamentos conforme demanda do corpus analisado. Afinal, enfatiza-se que, dessa frequência rótica reverberada com ruídos distintos, muito se pode revelar sobre o cenário linguístico do Sul do Brasil. Região responsável por apresentar mais de dez variantes róticas realizadas segundo a faixa etária, sexo biológico e o estado.

Cabe a ressalva de que, embora o foco desta tese não tenha se centrado em distinguir acusticamente uma hierarquia sonora para o /R/ em ataque em *softwares* mais aprimorados, indicou-se possível fazer a análise das variantes róticas tanto pelo ponto quanto modo de articulação.

Em síntese, o recurso acústico obtido junto à interface do *Praat* mostrou-se satisfatório para identificação das variantes róticas anteriores e, mesmo que superficial, das róticas posteriores, fator que apenas confirma a importância e urgência em relação à interdisciplinaridade entre os saberes teóricos acústicos/fonéticos, registrando-se, aqui, mais essa possibilidade para pesquisas futuras.

Em suma, almeja-se que esta tese tenha atingido a justificativa inicial para a sua construção e seja o produto não só para uma representatividade rótica realizada em início e no meio de palavra no falar das mesorregiões do Sul, como também uma fonte de consulta para outras vertentes do conhecimento preocupadas com a língua falada do PB. Esse trabalho de doutorado espera contribuir não somente com futuras pesquisas, que possam construir diálogos entre si e com este material, como fortalecer o cenário de trabalho dos sociolinguistas variacionistas quantitativos, na condição de revelar as possibilidades investigativas no eixo fonético-fonológico: a fala, a sócio-historicidade da língua e o /R/ em ataque.

## REFERÊNCIAS

- AGUILERA, V. de A. **Atlas Lingüístico do Paraná – ALPR**. Curitiba: Imprensa Oficial do Estado, 1994. s./n. p.
- AGUILERA, V. A. Sobre os inquéritos experimentais do Atlas Lingüístico do Brasil. **Signum**: Estudos da Linguagem, v. 3, n. 1, p. 175-189, 2000.
- AGUILERA, V. de A.; BIOLADA, G. L. ALiB: um estudo dos róticos em posição de ataque nas capitais da região Sudeste. In: MOTA, J. A. PAIM, M. T.; RIBEIRO, S. C. **Documentos 5**: projeto atlas lingüístico do Brasil. Salvador: Quarteto, 2015. 141-155 p.
- AGUILERA, V. de A.; KAILER, D. A. Os róticos em coda silábica em quatro localidades mineiras. In: CARDOSO, S. A. M.; MOTA, J. A.; PAIM, M. M. T. (org). **Documentos 3**: vozes do X WORKALIB. Amostras do português brasileiro. Salvador: Vento Leste, 2013. 163-184 p.
- ALONZO, K. I. L. **Rhotic production in the Spanish of Bluefields, Nicaragua, a language contact situation**. 2016. 226 f. Tese (Doutorado) – Pós-Graduação, Ohio State University, Ohio, 2016. Disponível em: [https://etd.ohiolink.edu/acprod/odb\\_etd/etd/r/1501/10?clear=10&p10\\_accession\\_num=osu1469104793](https://etd.ohiolink.edu/acprod/odb_etd/etd/r/1501/10?clear=10&p10_accession_num=osu1469104793). Acesso em: 24 abr. 2024.
- ALBANO, E. C. **O gesto e suas bordas**: esboço de Fonologia Acústico-Articulatória do português brasileiro. Mercado de Letras/ALB/FAPESP, Campinas, São Paulo, 2001. s./n. p.
- ALBERSHEIM, U. Uma comunidade teuto-brasileira. Iarim – Santa Catarina. In: **Série VI**: Sociedade e Educação. Coleção o Brasil Provinciano, 1962. s./n. p.
- ALTINO, F. C. **Atlas Lingüístico do Paraná II**. 2007. 187 f. Tese (Doutorado em Estudos da Linguagem) – Programa de Pós-Graduação, Universidade Estadual de Londrina, Londrina, 2007.
- ALTINO, F. C. Estudos dialetológicos no Paraná: convite a um passeio pela história. **Revista Signum**, Londrina, v. 12, n. 1, p. 33-64, 2009.
- AMARAL, A. **O dialeto caipira**. São Paulo: Casa Editora: O Livro, 1920. s./n. p.
- ANDRADE, M. F. de A. **Islã em Foz do Iguaçu: notas etnográficas sobre a religião**. 2017. 47 f. Trabalho de conclusão de curso (Graduação em Antropologia) – Diversidade Cultural Latino-Americana, Universidade Federal da Integração Latino-Americana, Foz do Iguaçu, 2017.
- AZEREDO, J. C. de. **Dicionário Houaiss de conjugação de verbos**. São Paulo: Publifolha, 2012.
- AZEREDO, P. S. **A troca da vibrante por tepe em onset silábico: uma análise de variação e mudança linguística na comunidade bilingue de Flores da Cunha**

(RS). 2012. 91 f. Dissertação (Mestrado em Teoria e Análise Linguística) – Programa de Pós-Graduação em Letras, Universidade Federal do Rio Grande do Sul. 2012.

BARBOSA, P. A.; MADUREIRA, S. **Manual de fonética acústica experimental: aplicações a dados do português**. Plínio A. Barbosa, Sandra Madureira. – São Paulo: Cortez, 2015. s./n. p.

BARRETO, D. A. dos R. J. **Estudo das consoantes róticas nas cantigas medievais galego-portuguesas**. 2019. 198 f. Dissertação (Mestrado em Linguística e Língua Portuguesa) – Universidade Estadual Paulista, Faculdade de Ciências e Letras, Araraquara, 2019.

BARROSO, V. L. M. **A presença açoriana em Santo Antônio da Patrulha e no Rio Grande do Sul**. BARROSO, V. L. M. (org.), Porto Alegre: EST, 1993. 216 p.

BAUMAN, Z. **Identidade**. MEDEIROS, C. A. (tradução) Rio de Janeiro: Zahar: 2005. s./n. p.

BIDERMAN, M. T. C. Formas de tratamento e estruturas sociais. **ALFA: Revista de Linguística**, São Paulo, v. 18, n. 19, p. 339-3381, 2001 [1972-1973]. Disponível em: <https://periodicos.fclar.unesp.br/alfa/article/view/3520>. Acesso em: 27 abr. 2024.

BOTASSINI, J. O. M. Crenças e atitudes linguísticas quanto ao uso de róticos. **Signum: Revista de Estudos da Linguagem**, v. 12, n. 1, p. 85- 102, Londrina, 2009.

BOTASSINI, J. O. M. **Crenças e atitudes linguísticas: um estudo dos róticos em coda silábica no Norte do Paraná**. 2013. 227 f. Tese (Doutorado em Estudos da Linguagem) – Pós-Graduação em Estudos da Linguagem, Universidade Estadual de Londrina, Londrina, 2013.

BUSSE, S. Atlas Linguístico-Etnográfico da Região Oeste do Paraná/ALERO: uma descrição preliminar do movimento diatópico e diastrático da fala. **Signum: Revista de Estudos da Linguagem**, v. 12, n.1, jul., Londrina, p.123-144, 2010.

BRESCANCINI, C. MONARETTO, V. N. de O. Os róticos no sul do Brasil: panorama e generalizações. **Signum: Revista de Estudos da Linguagem**, v. 2, n.11, dez., Londrina, p. 51-66., 2008.

BRIGHT, W. As dimensões da sociolinguística. Trad. de Elizabeth Neffa Araújo Jorge. In: **Sociolinguistics**, Proceeding of the UCLA Sociolinguistics Conference, 3 ed. Mouton, Hague, 1966 [1964].

CAETANO, M. M. História da gramática da classe dos verbos em Língua Portuguesa. **Revista Philologus**, v. 55, n. 19, jan./abr., Rio de Janeiro: CiFEFiL, 2013. Disponível em: <http://www.filologia.org.br/revista/55supl/032.pdf>. Acesso em: 1 maio 2024.

CAGLIARI, L. C. **A palatalização em português: uma investigação palatográfica**. [sn]. 1974. 174 f. Tese (Doutorado) – Pós-Graduação, Universidade Estadual de

Campinas, 1974. Disponível em: <https://repositorio.unicamp.br/acervo/detalhe/47334>. Acesso em: 29 abri. 2024.

CAGLIARI, L. C. Fonética: uma entrevista com Luiz Carlos Cagliari. **Revista Virtual de Estudos da Linguagem – ReVEL**. v. 4, n. 7, ago., p. 1-8, 2006. Disponível em: [https://www.revel.inf.br/files/entrevistas/revel\\_7\\_entrevista\\_cagliari.pdf](https://www.revel.inf.br/files/entrevistas/revel_7_entrevista_cagliari.pdf). Acesso em: 29 abr. 2024.

CALLOU, D. M. I. **Variação e distribuição da vibrante da fala urbana culta do Rio de Janeiro**. 1987. s./n. f. Tese (Doutorado em Linguística) – Pós-Graduação em Estudos da Linguagem, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 1987.

CALLOU, D. M. I. Variação e mudança no âmbito do consonantismo. *In*: MARTINS, M. A.; ABRAÇADO, J. (org.) **Mapeamento sociolinguístico do português brasileiro**. Contexto: São Paulo, 2015. 336 p.

CALLOU, D. M. I., LEITE, Y. **Iniciação à fonética e à fonologia**. 5. ed. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1995.

CALLOU, D. M. I.; LEITE, Y. MORAES, J. Apagamento do R final no Dialeto Carioca: um Estudo em Tempo Aparente e Real. **Delta**, v. 14, n. [s./n.], p. *online*, 2002 [1996].

CÂMARA JÚNIOR, J. M. Contribuição à estilística da língua portuguesa. Rio de Janeiro: Simoes, 1953.

CÂMARA JÚNIOR., J. M. **The Portuguese language**. Chicago e London: Universidade de Chicago Press, 1972.

CÂMARA JÚNIOR., J. M. Lingüística Brasileira. *In*: NARO, A. J. **Tendências Atuais da Lingüística e da Filologia no Brasil**. Rio de Janeiro: F. de Alvez, 1976a.

CÂMARA JÚNIOR., J. M. **História e estrutura da língua portuguesa**. 2. ed. Rio de Janeiro: Padrão, 1976b.

CÂMARA JÚNIOR, J. M. **História da Linguística**. 7 ed. Tradução: AZEVEDO, M. do A. B., Petrópolis, Rio de Janiero: Vozes, 2011.

CAMPOS, E. C. S. S. L. de; L. M., BROD; SEARA, I. C. Estudo de casos: os róticos em Maringá (PR) e Florianópolis (SC). **Revista acadêmica de Letras-Português**, Florianópolis, v. [s./n.], n. 1, p. 82-95, 2013.

CANVA. **Representação dos sistemas da produção da fala**. s./d., Canva Pro 2021. Disponível em: <https://www.canva.com/>. Acesso em: 2 mar. 2021. 2 figura adaptada.

CARDOSO, J. A. **Atlas Histórico do Paraná**. Curitiba: Indústria Gráf. Projeto, 1981.

CARDOSO, S. A. *et al.* **Atlas linguístico do Brasil**. CARDOSO, S. A. (org.), Londrina: EDUEL, v. I, n. II, 2014.

CARDOSO, S. A. *et al.* Documentos 6. CARDOSO, S. A. (org.). *In: Projeto Atlas Linguístico do Brasil: histórias e memórias*. Salvador: Quarteto, 2016.

CARDOSO, S. A. *et al.* **Mapa com a distribuição de pontos para cada estado do Sul brasileiro**. *In: CARDOSO, S. A. et al. Atlas linguístico do Brasil*. CARDOSO, S. A. (org.), Londrina: EDUEL, v. I, n. II, 2014. Disponível em: <https://alib.ufba.br/>. Acesso em: 28 nov. 2022. 3 figura adaptada.

CARDOSO, S. A. *et al.* Mapa com a geolocalização do Paraná e a rede de pontos. *In: CARDOSO, S. A. et al. Atlas linguístico do Brasil*. CARDOSO, S. A. (org.), Londrina: EDUEL, v. I, n. II, 2014. Disponível em: <https://alib.ufba.br/>. Acesso em: 28 nov. 2022. 7 figura.

CARDOSO, S. A. *et al.* Mapa com a geolocalização de Santa Catarina e a rede de pontos. *In: CARDOSO, S. A. et al. Atlas linguístico do Brasil*. CARDOSO, S. A. (org.), Londrina: EDUEL, v. I, n. II, 2014. Disponível em: <https://alib.ufba.br/>. Acesso em: 28 nov. 2022. 8 figura.

CARDOSO, S. A. *et al.* Mapa com a geolocalização do Rio Grande do Sul e a rede de pontos. *In: CARDOSO, S. A. et al. Atlas linguístico do Brasil*. CARDOSO, S. A. (org.), Londrina: EDUEL, v. I, n. II, 2014. Disponível em: <https://alib.ufba.br/>. Acesso em: 28 nov. 2022. 9 figura.

CARDOSO, S.; FERREIRA, C. **A dialectologia no Brasil**. São Paulo: Contexto, 1994.

CARDOSO, S. A. M; MOTA, J. Para uma nova divisão dos estudos dialetais brasileiros. *In: CARDOSO, S. A. M.; MOTA, J. (org.). Documentos 2: Projeto Atlas Linguístico do Brasil*, Salvador: Quarteto, 2006. 15-26 p.

CARDOSO, S. A. M; MOTA, J. Percursos da Geolinguística no Brasil. **Linguística** Montevideo, v. 29, n., jun., 2013. Disponível em: [http://www.scielo.edu.uy/scielo.php?script=sci\\_arttextepid=S2079-312X2013000100006](http://www.scielo.edu.uy/scielo.php?script=sci_arttextepid=S2079-312X2013000100006). Acesso em: 22 abr. 2024.

CARLOS, V. G. **O português de cá e de lá: variedades em contato na fronteira entre Brasil e Paraguai**. 2015. 292 f. Tese (Doutorado em Estudos da Linguagem) – Pós-Graduação em Estudos da Linguagem, Universidade Estadual de Londrina, Paraná, Londrina, 2015. Disponível em: <http://www.bibliotecadigital.uel.br/document/?code=vtls000201278>. Acesso em: 18 nov. 2022

CARLOS, V. G. Carta Fonética para o /R/ em ataque. *In: CARLOS, V. G. O português de cá e de lá: variedades em contato na fronteira entre Brasil e Paraguai*. 2015. 292 f. Tese (Doutorado em Estudos da Linguagem) – Pós-Graduação em Estudos da Linguagem, Universidade Estadual de Londrina, Paraná, Londrina, 2015. Disponível em: <http://www.bibliotecadigital.uel.br/document/?code=vtls000201278>. Acesso em: 18 nov. 2022. 23 figura.

CARREÃO, V. **Transformações econômicas e mudança linguística: a língua em Louveira/SP**. 2018. *online* f. Dissertação (Mestrado em Linguística) – Pós-Graduação em Estudos da Linguagem, Campinas: UNICAMP, 2018.

CARVALHO, K. C. **Descrição fonético-acústica das vibrantes no português e no espanhol**. 2004. 205 f. Tese (Doutorado em Filologia e Linguística Portuguesa) Faculdade de Ciências e Letras de Assis – Universidade Estadual Paulista, Assis, São Paulo, 2004.

CARVALHO, K. C. H. P. de. Estudo fonético-acústico dos róticos no português e no espanhol para uma aplicação pedagógica. **Estudos Linguísticos**, v. 35, n. [s.n.], p. 1090-1096, 2006. Disponível em: <http://www.gel.hospedagemdesites.ws/estudoslinguisticos/edicoesanteriores/4publica-estudos-2006/sistema06/1264.pdf>. Acesso em: 9 jul. 2021.

CARREÃO, V. **Transformações econômicas e mudança linguística: a língua em Louveira/SP**. 2018. 164 f. Dissertação (Mestrado pelo Instituto de Estudos da Linguagem) – Universidade Estadual de Campinas, São Paulo, Campinas, 2018.

CASTELLUCCI-JUNIOR, W. C. Baleias e império: os Estados Unidos e a expansão baleeira nos mares do Atlântico Sul (1761-1844). **Revista História**. São Paulo – Universidade de São Paulo, n. 180, a.10219, 2021.

CERRÓN-PALOMINO, R. Quechua y mochica: lenguas en contacto. **Lexis**, v. 13, n. 1, p. 47-68, 1989.

COELHO, I. L. *et al.* **Para conhecer sociolinguística**. 1 ed., 2ª reimpressão, São Paulo: Contexto, 2019.

COHEN, R. de A. A imigração judaica no Rio Grande do Sul imigração e colonização. Porto Alegre: Mercado Aberto, p. 67-90, 1992. *In*: LANDO *et al.*, ALDAIR, M.; DECANAL, J. H.; GONZAGA, S. (org.). **RS: imigração e colonização**. Porto Alegre, Mercado Aberto, 1980. 280 p.

COLOGNESE, S. A.; SCHALLENBERGER, E.; GREGORY, V. **Tupãssi: do mito à história**. Cascavel: Edunioeste, 1999.

COMIOTTO, A. F. Ensino de Línguas minoritárias: uma revisão de literatura sobre o Talian. **UNILETRAS**, Ponta Grossa, v. 43, n. e-18347, p. 1-21, 2021. Disponível em: <https://revistas.uepg.br/index.php/uniletras/article/view/18347/209209215496>. Acesso em: 10 jan. 2022.

COMIOTTO, A. F.; MARGOTTI, F. W. Uso dos róticos do português em contato com os dialetos italianos. **Acta Scientiarum**, v. 4, n. 2, p. 1-9, 2019. Disponível em: <https://periodicos.uem.br/ojs/index.php/ActaSciLangCult/article/view/48857/751375149066>. Acesso em: 18 jan. 2023.

COMIOTTO, A. F.; MARGOTTI, F. W. Róticos em início de palavra. *In*: COMIOTTO, A. F.; MARGOTTI, F. W. Uso dos róticos do português em contato com os dialetos

italianos. **Acta Scientiarum**, v. 4, n. 2, p. 1-9, 2019. Disponível em: <https://periodicos.uem.br/ojs/index.php/ActaSciLangCult/article/view/48857/751375149066>. Acesso em: 28 nov. 2022. 35 figura nos anexos.

COMIOTTO, A. F.; MARGOTTI, F. W. Róticos em posição intervocálica. In: COMIOTTO, A. F.; MARGOTTI, F. W. Uso dos róticos do português em contato com os dialetos italianos. **Acta Scientiarum**, v. 4, n. 2, p. 1-9, 2019. Disponível em: <https://periodicos.uem.br/ojs/index.php/ActaSciLangCult/article/view/48857/751375149066>. Acesso em: 28 nov. 2022. 36 figura nos anexos.

CORRÊA, R. da C. O papel do significado local na realização da vibrante em onset silábico em Antônio Prado – RS e em Porto Alegre – RS. In: **Anais IX Colóquio de Linguística, Literatura e Escrita Criativa [Des]limiaries da linguagem**, Porto Alegre, v. [s./n.], 2016.

CORRÊA, R. da C. **Os significados sociais da realização variável da vibrante múltipla alveolar em onset silábico em Porto Alegre (RS):** variação, mudança linguística e estilo. 2020. 151 f. Tese (Doutorado) – Pós-Graduação em Letras, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2020.

CORREA, A. P. A.; QUEIROZ, E.; TREVISAN, N. Teste Qui-Quadrado. Universidade Federal do Paraná, v. 8, n. [s./n.], 2018. Disponível em: [http://www.leg.ufpr.br/lib/exe/fetch.php/disciplinas:ce001:teste\\_do\\_qui-quadrado.pdf](http://www.leg.ufpr.br/lib/exe/fetch.php/disciplinas:ce001:teste_do_qui-quadrado.pdf). Acesso em: 19 ago. 2022.

COSTA, L. T.; COTOVICZ, M. Notícias de uma sobrevivente: a variante rótica vibrante múltipla alveolar em Rebouças, PR. **Web-revista Sociodialeto**, v. 6, n. [s./n.], p. 211-227, 2015.

COSTA, L. R.; RENK, V. E. Educação e língua na reconstrução da identidade ucraniana (Prudentópolis, Paraná – séculos XX e XXI). **Aedos**, Porto Alegre, v. 12, n. 27, mar., 2021.

COSERIU, E. **La geografía lingüística**. Montevideu: Instituto de Filologia, Faculdade de Ciências Humanas, Universidade da República, 1956 [1921].

COSERIU, E. **O homem e sua linguagem**. Rio de Janeiro: Presença, Coleção linguagem, 1987.

CÓSTOLA, M. da P. S. **Um estudo fonético-acústico sobre róticos em variantes do espanhol**. 2017. 83 f. Dissertação (Mestrado em Linguística Aplicada e Estudos da Linguagem) – Programa de Estudos Pós-Graduados em Linguística Aplicada e Estudos da Linguagem, Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2017.

CUNHA, J. M. P. da. Dinâmica migratória e o processo de ocupação do Centro-Oeste brasileiro: o caso de Mato Grosso. **Rev. Bras. Est. Pop.**, São Paulo, v. 23, n. 1, jan./jun., p. 87-107, 2006.

CHAVES, M. L.; SEARA, I. C. Estudo sociofonético dos róticos no Vale de Itajaí em Santa Catarina/Sociophonetic Study of the Rhotics in the Itajaí Valley in Santa Catarina. **Caligrama: Revista de Estudos Românicos**, v. 26, n. 2, p. 240-265, 2021.

COMITÊ NACIONAL DO PROJETO ALiB. **Atlas Linguístico do Brasil**: questionário 2001. Londrina: EDUEL, 2001. 47 p.

COMITÊ NACIONAL DO PROJETO ALiB. Ausência da atividade de leitura para contexto de monitoramento da fala nos dados do ALiB. *In*: COMITÊ NACIONAL DO PROJETO ALiB. **Atlas Linguístico do Brasil**: questionário 2001. Londrina: EDUEL, 2001. 47 p. 4 tabela adaptada.

CRUZ, T. C. da C.; SILVA, F. B. da; GONÇALVES, G. F. Produtividade dos róticos na comunidade Pomerana de Arroio do Padre. *In*: **Anais XIII Congresso de Iniciação Científica**, Universidade Federal de Pelotas, Rio Grande do Sul, 2014. Disponível em: [https://cti.ufpel.edu.br/siepe/arquivos/2014/LA\\_02092.pdf](https://cti.ufpel.edu.br/siepe/arquivos/2014/LA_02092.pdf). Acesso em: 11 jul. 2022.

CSDL-RS, Colegiado Setorial da Diversidade Linguística do Rio Grande do Sul. **Diversidade Linguística do RS**: inventariar | reconhecer | salvaguardar | promover. Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2018. Disponível em: [https://www.ufrgs.br/projalma/wp-content/uploads/2019/03/doc\\_colegiado\\_div\\_ling.pdf](https://www.ufrgs.br/projalma/wp-content/uploads/2019/03/doc_colegiado_div_ling.pdf). Acesso em: 28 mar. 2022.

DESHAIES-LAFONTAINE. **A socio-phonetic study of a Quebec French community: Trois-Rivières**. 1974. 390 f. Tese (Filosofia pelo departamento de fonética) – Pós-Graduação, Universidade de Londres, Londres, 1974.

DEUS, A. F. de. **A transferência do português na leitura das róticas em posição de ataque no inglês por estudantes brasileiros de inglês**. 2009. *online f*. Dissertação (Mestrado em Letras) – Programa de Pós-Graduação da Universidade Federal do Paraná, Curitiba, 2009.

ECKERT, P. **The meaning of style, Proceedings of the Eleventh Annual Symposium about Language and Society**. University of Texas, Austin, 2003, 41-53 p.

ECKERT, P. Variation, convention and social meaning. **Paper Presented at the Annual Meeting of the Linguistic Society of America**, Oakland: CA, 7 jan., 2005.

ECKERT, P. Communities of Practice, *In*: BROWN, K.; ANDERSON, A. H. (org.). **Encyclopedia of Language and Linguistics**, v. 2, anais XVII Congreso Internacional Asociación de Lingüística y Filología de América Latina (ALFAL 2014), Paraíba, João Pessoa, 2006. 683-685 p.

ECKERT, P. Three waves of variation study: the emergence of meaning in the study of sociolinguistic variation. **Annual Review of Anthropology**, Palo Alto, v. [s./n.], p. 87-100, 2012,

ECKERT, P. **Sequencialidade às tendências sociolinguísticas**. In: ECKERT, P. Three waves of variation study: the emergence of meaning in the study of sociolinguistic variation. **Annual Review of Anthropology**, Palo Alto, v. s./d., p. 87-100, 2012. Disponível em: <https://web.stanford.edu/~eckert/PDF/ThreeWaves.pdf>. Acesso em: 28 nov. 2022. 1 figura adaptada.

ECKERT, P; MCCONNELL-GINET, S. Comunidades de práticas: lugar onde co-habitam linguagem, gênero e poder, *In*: OSTERMANN, A. C.; FONTANA, B. **Linguagem, gênero e sexualidade: clássicos traduzidos**, São Paulo, Parábola, 2010. 93-107 p.

FARACO, C. A. **Linguística histórica: uma introdução à história das línguas**. 2 ed. Edição revista e ampliada, São Paulo: Parábola, v. 12, 2005.

FARACO, C. E.; MOURA, F. M. de.; MARUXO, J. H. J. **Gramática**. FARACO, C. E.; MOURA, F. M. de.; MARUXO, J. H. J. (org.), 20 ed. São Paulo: Ática, 2012. 584 p.

FEE, Fundação de Economia e Estatística. **Micro mesorregiões RS**. Disponível em: [http://mapas.fee.tche.br/wp-content/uploads/2009/08/micro\\_mesorregioes\\_rs\\_2009.pdf](http://mapas.fee.tche.br/wp-content/uploads/2009/08/micro_mesorregioes_rs_2009.pdf). Acesso em: 6 dez. 2021.

FENNER; A. L.; CORBARI, C. C. Entre falares de fronteira do Paraná: preconceito ou aceitação? **Estudos Linguísticos**, São Paulo, v. 43, n. 1, jan.-abr., p. 489-499. 2014.

FERRAZ, I. da S. **Características Fonético-Acústicas do /R/ Retroflexo do Português Brasileiro: Dados de Informantes de Pato Branco (PR)**. 2005. 123 f. Dissertação (Mestrado em Letras) – Universidade Federal do Paraná, Paraná, Curitiba, 2005.

FERREIRA FILHO, A. **História Geral do R.G. do Sul**. 1 ed. Porto Alegre, Editora: Globo, 1958.

FERREIRA, J. C. F.; PATINO, C. M. O que realmente significa o valor-p? **J Bras Pneumol**, v. 41, n. 15, p. 485-485, 2015. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/jbpneu/a/SWk5XsCsXTW7GBZq8n7mVMJ/?lang=en>. Acesso em: 19 ago. 2022.

FLORIANO, E. P.; MÜLLER, I.; FINGER, C. A. G.; SCHNEIDER, P. R. Ajuste e seleção de modelos tradicionais para série temporal de dados de altura de árvores. **Ciência Florestal**, Santa Maria, v. 16, n. 2, p. 177-199, 2006.

FRAGA, L. Os róticos no português de Carambei/PR. v. s./d., p. 1113-1122 *In*: **Estudos Linguísticos XXXV**: Universidade Estadual de Ponta Grossa (UEPG), Rio Grande do Sul, 2006.

FREITAG, R. M. K. "(Re)Discutindo Sexo/Gênero na Sociolinguística". São Paulo: Blucher, 1 cap., p. 17-74, 2015. *In*: FREITAG, R. M. K.; SEVERO, C. G. (org). **Mulheres, Linguagem e Poder: Estudos de Gênero na Sociolinguística Brasileira**. São Paulo: Blucher, 2015.

FREITAS, H. R. Hercules: um repositório de scripts R anotados em Português para a análise de dados científicos. **SciELO**, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, v. 1, n. 1, p. s./n., 2022. Disponível em: <https://preprints.scielo.org/index.php/scielo/preprint/view/3389/version/3589>. Acesso em: 2 set. 2022.

GAYER, J. E. L. **Uma análise da elisão e da degeminação com base em restrições**. 2014. 175 f. Tese (Doutorado em Teoria e Análise Linguística) – Programa de Pós-Graduação em Letras, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2014.

GOULART FILHO, A. **O planejamento estadual em Santa Catarina de 1955 a 2002**. Ensaio FEE, v. 26, n. 1, p. 627-660, 2005.

GREGIO, F. N. Variantes do “r” em posição de coda silábica: um estudo fonético-acústico. **Revista Intercâmbio**, São Paulo, LAEL/PUCSP, v. 26, p. 80-94, 2012.

GRIES, S. T. Statistics for Linguistics with R. *In*: GRUYTER, W. (org.). **Cataloging-in-Publication**, Berlin, Boston, 2013. 374 p.

GONÇALVES, M.; VIZINTIM, M. F. B. Características geográficas do Estado do Paraná frente aos desastres naturais. *In*: Dossiê Paraná em suas diversas escalas. **Open Edition Journals**. Dossiê temático, v. 33, p. *online*, 2017. Disponível em: <https://journals.openedition.org/confins/12669>. Acesso em: 6 maio 2024.

GONÇALVES, M.; VIZINTIM, M. F. B. Povos e comunidades tradicionais do estado do Paraná. *In*: GONÇALVES, M.; VIZINTIM, M. F. B. Características geográficas do Estado do Paraná frente aos desastres naturais. *In*: Dossiê Paraná em suas diversas escalas. **Open Edition Journals**. Dossiê temático, v. 33, p. *online*, 2017. Disponível em: <https://journals.openedition.org/confins/12669>. Acesso em: 6 maio 2024.  
5 figura.

HAUPT, C. Estudos acústicos dos róticos no português tocantinense: contribuições a partir da teoria dos exemplares. **Diadorim**, Rio de Janeiro, v. 20, n. 2, jul./dez., p. 191-208, 2018.

HAUPT, C.; SEARA, I. C. As fricativas posteriores: caracterização articulatória e acústica do /r/ em onset silábico. **Entrepalavras**, Fortaleza, v. 10, n. 1, jan./abr., p.77-97, 2020.

HAGIWARA, R. Acoustic realizations of American /r/ as produced by women and men. **UCLA Working Papers in Phonetics**, v. 90, n. s./d., p. 1 -187, 1995.

HERBERTS, A. L. **Arqueologia do Caminho das Tropas: estudo das estruturas viárias remanescentes entre os rios Pelotas e Canoas, SC**. 2009. 543 f. Tese (Doutorado em História) – Pós-Graduação em Filosofia e História, Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Rio Grande do Sul, 2009.

HITZ, N. D. **Crenças Linguísticas de descendentes de pomeranos em três localidades paranaenses**. 2017. 211 f. Tese (Doutorado em Letras) – Pós-Graduação em Letras, Universidade Estadual do Oeste do Paraná, Paraná, Cascavel, 2017.

HOYOS-ANDRADE, R. E. Las vibrantes en el portugués brasileño: caracterización fonética – fonológica. **La linguistique**, v. 38, n. 2, p. 53-70, 2002. Disponível em: <https://www.cairn.info/revue-la-linguistique-2002-2-page-53.htm>. Acesso em: 17 jun. 2021.

HOUAISS, A.; VILLAR, M. de S.; FRANCO, F. M. de M. **Minidicionário Houaiss da língua portuguesa**. 2 ed. Instituto Antônio Houaiss de Lexicografia e Banco de Dados da Língua Portuguesa, Rio de Janeiro: Objetiva, 2004.

HOUSE, A. S. Analog studies of nasal consonants. **Journal of Speech and Hearing Disorders**, v. 22, n. 2, jun., p. 190-204, 1957. Disponível em: [http://1.186.28.31/KMC/asha/journal%20of%20speech%20and%20hearing%20disorders%20\(1936-1990\)/1957,%20%20jshd,%20vol.%2022/no.%202%20\(189-319\)/House,%20%20JSHD,%20%201957.pdf](http://1.186.28.31/KMC/asha/journal%20of%20speech%20and%20hearing%20disorders%20(1936-1990)/1957,%20%20jshd,%20vol.%2022/no.%202%20(189-319)/House,%20%20JSHD,%20%201957.pdf). Acesso em: 13 out. 2022.

IBGE, Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. **Censo Demográfico de 2010**. Rio de Janeiro, v. s./d., p. *online*, 2010. Disponível em: <https://censo2010.ibge.gov.br/>. Acesso em: 14 jul. 2023.

IBGE, Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. Mesorregiões do estado do Rio Grande do Sul. *In*: IBGE, Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. **Censo Demográfico de 2010**. Rio de Janeiro, v. s./d., p. *online*, 2010. Disponível em: <https://censo2010.ibge.gov.br/>. Acesso em: 14 jul. 2023. 6 quadro adaptado.

IPA, International Phonetic Association. **Alphabet Phonetic**, endereço eletrônica, p. *online*, 2018. Disponível em: <http://www.internationalphoneticassociation.org/content/ipa-chart>. Acesso em: 22 abr. 2024.

IPA, International Phonetic Association. Modelo fonético do Português Brasileiro. *In*: IPA, International Phonetic Association. **Alphabet Phonetic**, endereço eletrônica, p. *online*, 2018. Disponível em: <http://www.internationalphoneticassociation.org/content/ipa-chart>. Acesso em: 22 abr. 2024. 1 quadro adaptado.

IPARDES, Instituto Brasileiro de Desenvolvimento econômico e Social. **Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE)**, endereço eletrônico, Estado do Paraná, Brasil, 2012. Disponível em: <https://www.ipardes.pr.gov.br/>. Acesso em: 28 nov. 2022.

IPARDES, Instituto Brasileiro de Desenvolvimento econômico e Social. Mesorregiões do estado do Paraná. IPARDES, Instituto Brasileiro de Desenvolvimento econômico e Social. **Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE)**, endereço eletrônico, Estado do Paraná, Brasil, 2012. Disponível em: <https://www.ipardes.pr.gov.br/>. Acesso em: 28 nov. 2022. 4 quadro adaptado.

ILARI, R. **Linguística Românica**. 3. ed. São Paulo: Ática, 2006 [1999].

ISQUERDO, A. N.; ROMANO, V. P. Discutindo a dimensão sociolinguística do projeto ALiB: uma reflexão a partir do perfil dos informantes. **Alfa: Revista de Linguística**, São José do Rio Preto, v. 53, n. 3, 2012. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/alfa/a/LVLTytspwrDR3pym6ZhkxND/?lang=pt>. Acesso em: 31 maio 2021.

JOHNSON, K. **Acoustic and auditory phonetics**. 2. ed. Oxford: Wiley-Blackwell Publishing, 2003. 182 p.

JUSTINA, T. D. Os róticos em contexto Norte Mato-grossense: variação em posição de ataque silábico. In: PHILIPPSEN, N. I.; LIMA, J. L. (org.). **Diversidade e variação linguística em Mato Grosso**. Cáceres: Editora UNEMAT, p. 133-149, 2018.

KAILER, D. A.; SCABORI, K. /R/ em ataque silábico no falar de Curitiba, Florianópolis e Porto Alegre: um estudo com dados do ALiB – Atlas Linguístico do Brasil. In: **Encontro Nacional da ANPOLL – ENANPOLL – Letras ao Norte: Linguagens e Pós-Graduação em Chão Vermelho**, Paraná, Londrina, v. 35, 2020.

KENT, R. D.; READ, C. **Análise acústica da fala**. Tradução: MEIRELES, A. R. São Paulo: Cortez, 2015.

KERSTA, L. G. Voiceprint-Identification Infallibility. **The Journal of the Acoustical Society of America**, v. 34, n. 12, p. s./n., 1962.

KOCH, W.; ALTENHOFEN, C. V.; KLASSMANN, M. S. **Atlas Linguístico-etnográfico da Região Sul do Brasil – ALERS: cartas fonéticas e morfossintáticas**. 2 ed. KOCH, W.; ALTENHOFEN, C. V.; KLASSMANN, M. S. (org.), Porto Alegre: Editora da UFRGS, Florianópolis: UFSC, 2011.

KOCH, W.; ALTENHOFEN, C. V.; KLASSMANN, M. S. **Mapa do Atlas Linguístico-Etnográfico da Região Sul do Brasil (ALERS)**. In: KOCH, W.; ALTENHOFEN, C. V.; KLASSMANN, M. S. Atlas Linguístico-etnográfico da Região Sul do Brasil – ALERS: cartas fonéticas e morfossintáticas. 2 ed. KOCH, W.; ALTENHOFEN, C. V.; KLASSMANN, M. S. (org.), Porto Alegre: Editora da UFRGS, Florianópolis: UFSC, 2011. Disponível em: <https://www.ufrgs.br/projalma/alers/>. Acesso em: 28 nov. 2022. 4 figura.

KORMANN, J. **Rio Negrinho, que eu conheci**. Curitiba: 1980. 222p.

LABOV, W. Phonological correlates of social stratification. **American Anthropologist**, v. 66, n. 6, p. 164-176, 1964.

LABOV, W. **The social stratification of English in New York City**. Washington, D.C.: Center for Applied Linguistics. 1966.

LABOV, W. **Sociolinguistics patterns**. Philadelphia: Universidade da Pennsylvania Press, 1972 [1963].

LABOV, W. **The social stratification of English in New York City**. Cambridge Universidade Press. Cambridge, UK, 2006 [1996].

LABOV, W. **Padrões sociolinguísticos**. Tradução: BAGNO, M.; SCHERRE, M. M. P.; CARDOSO, C. R., São Paulo: Parábola Editorial, 2008 [1972]. 389 p.

LABOV, W. Building on empirical foundations. *In*: LEHMANN, W. P.; MALKIEL, Y. (org.), **Perspectives on historical linguistics**, Amsterdam, Philadelphia: John Benjamins, 1982. 17-92 p.

LABOV, W. **Principles of linguistic change: internal factors**. Oxford: Wiley-Blackwell, 1994.

LADEFOGED, P.; MADDIESON, I. **The sounds of the world's languages**. Blackwell Publishers: Oxford, 1996.

LAPA, L. Testes estatísticos: breves reflexões. **Reflexões em torno de Metodologias de Investigação**: recolha de dados, v. 2, n. 1, p. 73-86, 2021. Disponível em: [https://www.researchgate.net/profile/luis-lapa/publication/350949222\\_testes\\_estatisticos\\_breves\\_reflexoes/links/607b0e69907dcf667ba82f98/testes-estatisticos-breves-reflexoes.pdf](https://www.researchgate.net/profile/luis-lapa/publication/350949222_testes_estatisticos_breves_reflexoes/links/607b0e69907dcf667ba82f98/testes-estatisticos-breves-reflexoes.pdf). acesso em: 1 maio 2024.

LEAL, E. G. Os róticos no VARSUL: uma generalização de dados. **ReVEL**, ed. especial, n. 13, 2016. Disponível em: [www.revel.inf.br](http://www.revel.inf.br). Acesso em: 17 jun. 2021.

LEAL, E. G. **Pesquisas que contemplam as variantes do arquifonema /R/ em ataque silábico em trabalhos de variação linguística**. *In*: LEAL, E. G. Os róticos no VARSUL: uma generalização de dados. **ReVEL**, ed. especial, n. 13, 2016. Disponível em: [www.revel.inf.br](http://www.revel.inf.br). Acesso em: 17 jun. 2021. 2 quadro adaptado.

LEITE, C. M. **O /r/ em posição de coda silábica no falar campineiro**. Dissertação (Mestrado em Linguística) – Universidade Estadual de Campinas, São Paulo, Campinas, 2010.

LEITE, C. M. B. Um estudo Fonético-acústico do /R/ vocalizado em posição de coda silábica. **D.E.L.T.A.**, v. 28, n. 2, p. 217-243, 2012.

LEWIS, C. S. O sobrinho do mago. *In*: **As crônicas de Nárnia**. 1. ed. Wmf Martins Fontes, v. 1, 2014 [1995]. 184 p.

LIMA, M. M. de O. **As Consoantes Róticas no Português Brasileiro com Notas sobre as Róticas das Variedades de Goiânia, Goiatuba e Uberlândia**. 2013. 190 f. Dissertação (Mestrado em Linguística) – Universidade de Brasília, Brasília, 2013.

LIMA, F. R. F. de. A aglomeração urbana da tríplice fronteira: Foz do Iguaçu no contexto do Paraná. **Revista Eletrônica Geografar**, VI Seminário Interno de Pós-Graduação em Geografia, Curitiba, v. 2, n. 2, jun., p. 76-76, 2007.

LIMA, A. F.; RAZKY, A.; OLIVEIRA, M. B. A metodologia geossociolinguística. *In*: RAZKY, A.; OLIVEIRA, M. B.; LIMA, A. F. (org). **Estudos geossociolinguísticos do**

**português brasileiro**, Campinas: Pontes Editores, ed. 2, p. 11-47, 2020.

LINDAU, M. The story of /R/. **UCLA Working Papers in Phonetics**, v. 51, n. 51, p. 114-119, 1980.

LLINÁS, H. **Guía Resumida de Regresión Logística**. Barranquilla: Universidade do Norte, 2010.

LOREGIAN-PENKAL, L.; STIVAL-SOARES, M. J. Centro de Estudos Vênets do Paraná, **CEVEP: histórico e principais ações em prol da salvaguarda do Talian**. **Revista X**, v. 15, n. 6, p. 818-839, 2020.

LUIS, D. J.; SUÁREZ, M. A. V. Datos acústicos de las líquidas españolas (1993). *In: Homenaje a José Pérez Vidal*. ALAYÓN, C. D. (org.), Litografía A. Romero, p. 97-110, 1993.

LUIZ, S. W. **Estudo comparativo da aquisição do /r/ na posição de Onset simples por crianças de dois municípios do Rio Grande do Sul**. 2012. 94 f. Dissertação (mestrado) – Universidade Federal de Santa Maria, Centro de Ciências da Saúde, Pós-Graduação em Distúrbios da Comunicação Humana, Rio Grande do Sul, 2012.

LÜDKE, M.; ANDRÉ, M. E. D. A. **Pesquisa em educação: abordagens qualitativas**. São Paulo: EPU, 1986.

LYONS, J. **Introdução à linguística teórica**. São Paulo: Companhia Editorial Nacional, 1979.

MAACK, R. **Geografia física do Estado do Paraná**. 2. ed. Rio de Janeiro: Olympio; Curitiba: Secretaria da Cultura e do Esporte do Governo do Estado do Paraná, 1981.

MARGOTTI, F. W. **Difusão Sócio-Geográfica do português em contato com o italiano no sul do Brasil**. 2004. 332 f. Tese (Doutorado em Letras) – Programa de Pós-Graduação, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, 2004.

MARCON, de T. **Memória, história e cultura**. Chapecó: Argos, 2003. 350 p.

MARCHESE, M. P. Linguistique indo-européenne et linguistique générale chez Saussure: un parcours de continuité à travers les manuscrits. **Langages**, v. 185, n. s./d., p. 65-73, 2012.

MARINI, C.; BRACALIONI, A. R.; GUBIANI, M. B.; FREITAS, G. P. de; SOARES, M. K.; CECHELLA, C. O fonema /r/ e as alterações do sistema estomatognático, idade, gênero e gravidade no desvio fonológico. **Rev Soc Bras Fonoaudiol**, v. 16, n. 4, 2011.

MARTINET, A. **A functional view of language**. London: Oxford University Press, 1962.

MARTINS, R. **História do Paraná**. Curitiba: Travessa dos Editores, 1995. 524 p.

MARTINS, V. **A contribuição do imigrante para o desenvolvimento das relações capitalistas de produção no Sul do estado de Santa Catarina**. 1979. 331 f. Dissertação (Mestrado em História) – Pós-Graduação em História, Universidade Federal de Santa Catarina, UFSC, Santa Catarina, 1979.

MATTOS E SILVA, R. V. **Diversidade e unidade**: a aventura lingüística do português. v. s./d., n. *online*, 1991. Disponível em: <http://www.institutocamoes.pt/cvc/hlp/biblioteca/diversidade.pdf>. Acesso em: 26 set. 2022.

MATTOS E SILVA, R. V. **Caminhos da Linguística Histórica**: ouvir o inaudível. São Paulo: Parábola, 2008.

MATZENAUER, C. L. B. Harmonia vocálica: um epifenômeno na aquisição fonológica. **Organon**, Porto Alegre, v. 28, n. 54, 2013. Disponível em: <https://www.seer.ufrgs.br/index.php/organon/article/view/38249>. Acesso em: 28 out. 2022.

MELLO, A. D. de. **Expedições: Santa Catarina da Era dos Descobrimentos Geográficos**. Florianópolis, Santa Catarina: Expressão, 2005.

MEYERHOFF, M. **Introducing Sociolinguistics**. 1. ed. London: Routledge, TAYLOR; FRANCIS (org.), 2006. 352 p.

MILROY, L. **Language and social networks**. 2. ed. Oxford: Blackweel, 1987 [1980]. 550-572 p.

MILROY, L.; MILROY, J. Linguistic change, social network and speaker innovation. In: **Journal of Linguistics**, Cambridge: Cambridge University Press, v. 21, n. 21, p. 339-384, 1985.

MIRANDA, A. R. M. **A aquisição do ‘r’: uma contribuição à discussão sobre seu status fonológico**. 1996. 125 f. Dissertação (Mestrado em Letras) – Pós-Graduação em Letras, Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 1996.

MOLIN, M. E. D. da. Determinantes da História de Santa Catarina: Os Recursos Naturais e Culturais da ‘Rota do Sol’ como atrativos Turísticos – Estudos Preliminares. In: **V Seminário de Pesquisa em Turismo do MERCOSUL – SemintUR, Turismo**: Inovações da Pesquisa na América Latina, Universidade de Caxias do Sul, UCS, Rio Grande do Sul, Caxias do Sul, 27-28 jun., 2008.

MONARETTO, V. N. de O. **Um reestudo da vibrante: análise variacionista e fonológica. Tese de Doutorado**. 1997. 248 f. Tese (Doutorado) – Pós-Graduação, Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, 1997. Disponível em: <https://www.leffa.pro.br/tela2/trabalhos/dissertacoes/Separadas/Valeria.pdf>. Acesso em: 22 abr. 2024.

MONARETTO, V. N. de O. O apagamento da vibrante pós-vocálica nas capitais da fala do sul do Brasil. **Letras de Hoje**, Porto Alegre, v. 35, n.1, mar., p. 275-284, 2000.

MONARETTO, V. N. de O. A vibrante pós-vocálica em Porto Alegre. *In*: BISOL, L.; BRESCANCINI, C. **Fonologia e variação**: recortes do português brasileiro. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2002. 253-268 p.

MONARETTO, V. N. de O. O desenvolvimento da vibrante anterior na fala do Sul do Brasil. Congresso Nacional de Estudos Lingüísticos e Literários. 6 ed. Feira de Santana, 2018 [2001]. (Comunicação oral). *In*: BRESCANCINI, C. MONARETTO, V. N. de O. Os róticos no sul do Brasil: panorama e generalizações. **Signum**: Estud. Ling., Londrina, v. 2, n. 11, dez., p. 51-66, 2018.

MONARETTO, V. N. de O. Descrição da vibrante no Sul do Brasil. *In*: BISOL, L.; COLLISCHONN, G. (org.). **Português do Sul do Brasil**: Variação fonológica. Porto Alegre: EDIPUCRS, p.141-151, 2009.

MONTEIRO, J. L. **Para compreender Labov**. Petrópolis: Vozes, 2000.

MORGAN, S. **The production of rhotic sounds in onset position by beginner and intermediate brazilian learners**. 2016. 119 f. Dissertação (mestrado) – Pós-Graduação em Letras, Universidade Federal de Santa Catarina, Santa Catarina, 2016.

MOTA, J. A.; PAIM, M. M. T.; RIBEIRO, S. S. C. **Documentos 5**: projeto atlas linguístico do Brasil, avaliações e Perspectivas. Salvador: Quarteto, 2015. 334 p. Disponível em: [https://alib.ufba.br/sites/alib.ufba.br/files/documentos\\_5.pdf](https://alib.ufba.br/sites/alib.ufba.br/files/documentos_5.pdf). Acesso em: 22 abr. 2024.

MOTA, J. A.; CARDOSO, S. A. M. Sobre a Dialetoлогия no Brasil. *In*: MOTA, J. A.; CARDOSO, S. A. M. (org.). **Documentos 2**: Projeto Atlas Linguístico do Brasil. Salvador: Quarteto, 2006. 15-34 p.

MYSKIW, A. M. **A fronteira como destino de viagem: a colônia militar de Foz do Iguaçu (1888-1907)**. 2009. 245 f. Tese (Doutorado em História) – Pós-Graduação em História, Universidade Federal Fluminense Instituto de História, Rio de Janeiro, Niterói, 2009.

NASCENTES, A. **O linguajar carioca**. 2. ed. Rio de Janeiro: Simões (org.), 1953 [1922].

NASCENTES, A. **Bases para a elaboração do atlas lingüístico do Brasil**. Rio de Janeiro: MEC; Casa de Rui Barbosa, v. 1, n. 1, 1958; v. 2, n. 1, p. [s./n.], 1961.

NERU/FEE, Núcleo de estudos Regionais e Urbanos/Fundação de Economia e Estatística. **Mesorregiões do estado do Rio Grande do Sul**. s./d., 2009. Disponível em: [http://mapas.fee.tche.br/wp-content/uploads/2009/08/mesorregioes\\_rs\\_2009.pdf](http://mapas.fee.tche.br/wp-content/uploads/2009/08/mesorregioes_rs_2009.pdf). Acesso em: 28 nov. 2022. 6 quadro adaptado.

- NIKULIN, A. **Proto-Macro-Jê: um estudo reconstrutivo**. 2020. 571 f. Tese (Doutorado em Linguística) – Pós-Graduação em Estudos da Linguagem, Universidade de Brasília, Brasília, 2020.
- NISHIDA, G. **Sobre teorias de percepção da fala**. 2012. 226 f. Tese (Doutorado em Estudos Linguísticos) – Pós-Graduação em Letras, Universidade Federal do Paraná, Paraná, 2012. Disponível em: <https://nupffale.paginas.ufsc.br/files/2019/06/tese-Gustavo-Nishida.pdf>. Acesso em: 11 jul. 2022.
- NOELLI, F. S. A ocupação humana na Região Sul do Brasil: arqueologia, debates e perspectivas 1872-2000. **Revista USP**, São Paulo, n. 44, dez./fev., p. 218-269, 2000.
- OLIVEIRA, A. J. de. Identificação e análise da interação entre variáveis independentes em estudos variacionistas. **Revista Minas é Plural**, Belo Horizonte: Faculdade de Letras da UFMG, v. s./d., n. *online*, p. 93-111, 2011.
- OLIVEIRA, A. A. de. **Processos de palatalização das oclusivas alveolares em Maceió**. 2017. 247 f. Tese (Doutorado em Letras e Linguística) – Pós-Graduação em Letras e Linguística, Universidade Federal de Alagoas, Maceió, 2017.
- OLIVEIRA, M. das D. de. Variação fonética da vibrante /r/ na fala pankararu: análise de fatores lingüísticos. **Leitura – Teoria e Análise Linguística**, v. s./d., n. 25, p. 47-60, 2000.
- OUSHIRO, L. Tratamento de dados com or para análises sociolinguísticas. In: **Metodologia de coleta e manipulação de dados em sociolinguística**, FREITAG, R. M. K. (org.), 1 ca., p. 129-172, São Paulo, Editora: Blucher, 2014.
- OUSHIRO, L. **Identidade na Pluralidade: avaliação, produção e percepção lingüística na cidade de São Paulo**. 2015. *online* f. Tese (Doutorado em Letras) – Pós-Graduação em Letras, Universidade Estadual de São Paulo, São Paulo, 2015.
- OXFORD, Universidade de Oxford. **Dicionário Oxford Escolar: para estudantes brasileiros de inglês**. Departamento da Universidade de Oxford (org.), New York, 2005 [1999].
- PEREIRA, M. R. de M. O centauro desfeito. In: **A desconstrução da cultura gaúcha no Paraná do século XIX**. Böhlau Verlag Köln/Weimar/Wien, 1999. Disponível em: <https://www.vr-elibrary.de/doi/epdf/10.7767/jbla.1999.36.1.197>. Acesso em: 26 fev. 2022.
- PEREIRA, R. M. dos S. **O R-forte em Português Europeu: análise fonológica de dados dialetais**. 2020. 214 f. Dissertação (Mestrado em Linguística) – Pós-Graduação em Estudos Linguísticos, Universidade de Lisboa, Faculdade de Letras. 2020.
- PEREIRA, R. M. dos S. Resultados registrados por Pereira (2020) referente às variantes róticas no PE. PEREIRA, R. M. dos S. **O R-forte em Português Europeu: análise fonológica de dados dialetais**. 2020. 214 f. Dissertação (Mestrado em

Linguística) – Pós-Graduação em Estudos Linguísticos, Universidade de Lisboa, Faculdade de Letras. 2020. 1 tabela adaptada.

PINTO, D. de O. 175 anos da imigração alemã para Rio Negro: os pioneiros do Paraná. *In*: PINTO, D. de O.; PORTES, M. B. U. P. (org.). **Pesquisa e textos**. Pesquisa e acervo fotográfico: FOOHS, M da G. Mafra Santa Catarina: Editora Nosde, 2007.

PINTO, D. O. FOOHS, M. G.; PORTES, M. U. **175 anos da Imigração Alemã para Rio Negro**. Os Pioneiros do Paraná. Mafra: Editora Nosde, 2007.

POLK, L. K.; SCHOENDORFF, B.; WILSON, K. G. **The Act Matrix: A New Approach to Building Psychological Flexibility Across Settings e Populations**. Context Press, 2014, 266 p.

PORTO EDITORA, Editora de Porto Lda. **Dicionários Acadêmicos**. Bloco Gráfico LDA., Porto Editora (org.), 1. ed., Portugal, Lisboa, 1994.

PORTUGAL, M. S. **Notas introdutórias sobre o princípio de máxima verossimilhança**: Estimação e teste de hipóteses. DECON/UFRGS, Porto Alegre, abr., 1995.

RABELLO, M. G. D.; SILVA JUNIOR, L. J. da. O papel da estatística e de métodos quantitativos aplicados à (socio)linguística. *In*: CASTRO, P. A. (org.). **Educação como (re)Existência: mudanças, conscientização e conhecimentos**. 1. ed. Campina Grande: Realize, v. 3, p. 1507-152, 2021.

RABELLO, M. G. D.; SILVA JUNIOR, L. J. da. Procedimentos estatísticos aplicados à fala do inglês como língua estrangeira. **Campo do Saber**, Campinas, UNICAMP, v. 8, n. 2, jul./dez., p. 97-116, 2022. Disponível em: <https://periodicos.iesp.edu.br/index.php/campodosaber/article/view/562/401>. Acesso em: 12 jan. 2024.

RABOSSI, F. Árabes e muçulmanos em Foz do Iguaçu e Ciudad del Este: notas para uma re-interpretação. *In*: **Mundos em movimento: ensaios sobre migrações**, 1 cap. XII, Universidade Federal do Mato Grosso do Sul, Santa Maria, 2004. Disponível em: [https://www.academia.edu/1100707/%c3%81rabes\\_e\\_mu%c3%a7ulmanos\\_em\\_foz\\_do\\_igua%c3%a7u\\_e\\_ciudad\\_del\\_este\\_notas\\_para\\_uma\\_re\\_interpreta%c3%a7%c3%a3o](https://www.academia.edu/1100707/%c3%81rabes_e_mu%c3%a7ulmanos_em_foz_do_igua%c3%a7u_e_ciudad_del_este_notas_para_uma_re_interpreta%c3%a7%c3%a3o). Acesso em: 15 jan. 2023.

RADIN, J. C.; BENEDET, J. H.; MILANI, M. L. **Facetas da colonização italiana**. Joaçaba: UNOESC, 2003.

RAPOSO de MEDEIROS, B.; DEMASI, R. A história que nos conta o acervo do **Laboratório de Fonética da USP**. Boletim do Cedoch, v. 8, n. 2, p. 0-6., 2006. Disponível em: <http://cedoch.fflch.usp.br/boletim>. Acesso em: 1 maio 2024.

RAZKY, A. O Atlas geo-sociolinguístico do Pará: Abordagem metodológica. In Aguilera (org). **A geolinguística no Brasil: Caminhos e perspectivas**. Londrina: UEL, 1998.

RAZKY, A. **Estudos geossociolinguísticos do Pará**. RAZKY, A. (org.), Belém: Grafia, 2003.

RAZKY, A. Pour une approche géo-sociolinguistique de la variation phonétique. **Lenguaje**, Universidad del Valle, v. 32, p. 313-330, 2010.

RECASENS, D.; ESPINOSA, A. Phonetic Typology and Positional Allophones for Alveolar Rhotics in Catalan. **Phonetica**, v. 63, n. [s./n.], p. 1-28, 2007.

REINECKE, K. **Os róticos intervocálicos na gramática individual de falantes de Blumenau e Lages**. 2006. 241 f. Tese (Doutorado em Linguística) – Pós-Graduação em Linguística, Universidade Federal de Santa Catarina, Santa Catarina, Florianópolis, 2006.

RENNICKE, I. Representação fonológica dos róticos do Português brasileiro: uma abordagem a base de exemplares. **Scripta**, Belo Horizonte, v. 20, n. 38, 1º sem., p. 70-97, 2016.

RIGATTI, A. P. **Realização do rótico no onset em falantes de Luzerna-SC e Panambi, regiões de imigração alemã**. 2003. 83 f. Dissertação (Mestrado em Letras) – Pós-Graduação em Letras, Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Rio Grande do Sul, Porto Alegre. 2003.

RODRIGUES, A. A. M. R. **Modelo de regressão beta para diferença de proporções: teoria e aplicações**. 2022. 69 f. Dissertação (Mestrado em Matemática) – Pós-Graduação em Matemática, Universidade Federal do Amazonas, Amazonas, Manaus, 2022.

ROMANO, V. P. Balanço crítico da Geolinguística brasileira e a proposição de uma divisão. **Entretextos**, Londrina, v. 13, n. 2, p. 203-242, jul./dez. 2013. Disponível em: <http://www.uel.br/revistas/uel/index.php/entretextos/article/view/16388>. Acesso em: 22 abr. 2024.

ROMANO, V. P.; SILVA, H. C. da. Estudos geolinguísticos e sociodialetoológicos no Paraná: gênese e continuidade. In: AGUILERA, V. e ROMANO, V. (org.). **A geolinguística no Brasil: caminhos percorridos, horizontes alcançados**. Londrina: UEL, 2016, 371-392 p.

ROSSI, A. A variação da vibrante múltipla no interior da palavra lexical na fala de descendentes italianos das cidades sulinas Chapecó/SC e Flores da Cunha/RS. **Working Papers em Linguística**, UFSC, v. s./d., n. 4, p. 54- 69, 2000.

RUTER, W. **Internacional Phonetic Alphabet**. v. s./d., p. *online*, 2005. Disponível em: <https://westonruter.github.io/ipa-chart/keyboard/>. Acesso em: 22 abr. 2024.

RUTER, W. Modelo fonético do Português Brasileiro. In: RUTER, W. **Internacional**

**Phonetic Alphabet.** v. s./d., p. online, 2005. Disponível em: <https://westonruter.github.io/ipa-chart/keyboard/>. Acesso em: 22 abr. 2024.

SANTIPÓLO, M. L'anomalia nel continuum sociolinguístico dell'inglese di Londra. **Rassegna italiana di linguistica applicata.** v. 28, n. 1, Editora: Bulzoni, 2001.

SANTOS, S. C. dos *et al.* **Santa Catarina no século XX.** SANTOS, S. C. dos (org.), Fpolis, Editora: UFSC, Santa Catarina, 1999. 13-30 p.

SAUSSURE, F. de. **Curso de Linguística Geral.** São Paulo: Cultrix, 1974.

SAUSSURE, F. de. **Escritos de Linguística Geral.** BOUQUET, S.; ENGLER, R. (org.), São Paulo: Cultrix, 2004.

SCABORI, K. **Róticos em ataque silábico em algumas localidades paranaenses: dados do Atlas Linguístico do Brasil.** 2020. 185 f. Dissertação (Mestrado em Estudos da Linguagem) – Pós-Graduação em Estudos da Linguagem, Universidade Estadual de Londrina, Londrina, 2020.

SCABORI, K. Pesquisas que contemplam as variantes do arqui fonema /R/ em ataque silábico em trabalhos de variação linguística. *In:* SCABORI, K. **Róticos em ataque silábico em algumas localidades paranaenses: dados do Atlas Linguístico do Brasil.** 2020. 185 f. Dissertação (Mestrado em Estudos da Linguagem) – Pós-Graduação em Estudos da Linguagem, Universidade Estadual de Londrina, Londrina, 2020. 2 quadro adaptado.

SCHERER, A. P. R. O papel das variáveis linguísticas na realização do rótico em falantes de regiões de imigração alemã. **EnterVer**, Florianópolis, v. 3, n. 5, jul./dez., p. 170- 182, 2013.

SCHERRE, M. M. P. Paralelismo lingüístico. **Revista Estudos da Linguagem**, Belo Horizonte, v. 7, n. 2, jul./dez., p. 29-59, 1998.

SEIFFERT, A. P. **Línguas brasileiras de imigração faladas em São Bento do Sul (SC): estratégias para revitalização e manutenção das línguas na localidade.** 2009. *online* f. Dissertação (Mestrado em Linguística) – Pós-Graduação em Linguística, Universidade Federal de Santa Catarina, Santa Catarina, 2009.

SERPA, É. C. A identidade Catarinense nos discursos do Instituto Histórico e Geográfico de Santa Catarina. **Revista de Ciências Humanas**, Florianópolis, v. 14, n. 20, p. 63-79, 1996.

SILVA, A. F. da. **Estudo das características acústicas das fricativas do português do Brasil.** 2012. 106 f. Dissertação (Mestrado em Linguística e Língua Portuguesa) – Pós-Graduação em Linguística, Universidade Estadual Paulista, Faculdade de Ciências e Letras, Araraquara. 2012.

SILVA, A. H. P. **Para a descrição fonético-acústica das líquidas no português brasileiro: dados de um informante paulistano.** 1996. 231 f. Dissertação

(Mestrado em Estudos da Linguagem) – Pós-Graduação em Estudos da Linguagem, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, São Paulo. 1996.

SILVA, A. H. P. **As Fronteiras entre Fonética e Fonologia e a Alofonia dos Róticos Iniciais em PB**. 2002. *online* f. Tese (Doutorado em Linguística) – Pós-Graduação em Linguística, Instituto de Estudos da Linguagem, Universidade Estadual de Campinas, Campinas. 2002.

SILVA, A. K. B. da. Os Róticos na Ilha de Santa Catarina. *In: GT Abordagens acústicas em estudos segmentais e supra-segmentais*. Anais: CELSUL, p. 1-25, 2008.

SILVA, T. C. *et al.* **Fonética Acústica: os sons do português brasileiro**. SILVA, T. C. (org.), São Paulo: Contexto, 2019. 272 p.

SILVA, T. C. *et al.* **Representação do sistema de produção da fala**. *In: SILVA, T. C. et al.* (org.) **Fonética Acústica: os sons do português brasileiro**. São Paulo: Contexto, 2019. 272 p. 2 figura adaptada.

SILVA-CORVALÁN, C. Past and present perspectives on language change in US Spanish. **International Journal of the Sociology of Language**, 1989. 7 p.

SILVA NETO, S. **Introdução ao estudo da língua portuguesa no Brasil**. 2. ed. Rio de Janeiro: Instituto Nacional do Livro, Ministério da Educação e da Cultura, 1963 [1950].

SILVA, P. H. S. da. **Análise Acústica de clusters com tap na fala de crianças com e sem desvio fonológico**. 2018. 104 f. Tese (Doutorado em Linguística) – Pós-Graduação em Linguística, Universidade Federal do Ceará, Fortaleza, 2018.

SILVEIRA, G. **O Apagamento da vibrante na Fala do Sul do Brasil: sob ótica da palavra**. 2010. 129 f. Dissertação (Mestrado em Letras) – Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2010.

SOUZA, C. M. de; SILVEIRA, M. A Gramática de Valências e a Língua Kaingang à luz da Linguística Contrastiva: um estudo sobre orações simples. *In: Encontro Nacional da ANPOLL – ENANPOLL – Letras ao Norte: Linguagens e Pós-Graduação em Chão Vermelho*, Londrina, v. 35, 2020.

SFI, Secretaria de Foz do Iguaçu. **Foz do Iguaçu (PR)**. Prefeitura, 2013. Disponível em: <http://www.pmfi.pr.gov.br>. Acesso em: 1 maio 2024.

SPESSATTO, M. **Linguagem e colonização**. Chapecó: Argos, 2003.

SPESSATTO, M. B **Variação linguística e ensino: por uma educação linguística democrática**. 2011. 237 f. Tese (Doutorado em Educação) – Pós-Graduação em Educação, Centro de Ciências da Educação, Universidade Federal de Santa Catarina, Santa Catarina, Florianópolis, 2011.

SPESSATTO, M. A história se faz presente: a influência dos dialetos italianos na fala em Português de jovens estudantes do Oeste de Santa Catarina. **Work. Pap. Linguíst.**, 22. ed. especial, Florianópolis, 2021. Disponível em: <https://periodicos.ufsc.br/index.php/workingpapers/article/view/76848/47309>. Acesso em: 12 jan. 2022.

SPIEGEL, M. R. **Estatística: resumo da teoria, 875 problemas resolvidos, 619 problemas propostos**. Tradução: COSENTINO, P. de., LUCENA, C. J. P. de. (org.), São Paulo: McGraw-Hill do Brasil, 1975.

SPG, Secretaria de Estado do Planejamento. **Mapa Mesorregiões SC IBGE**. Gerência de Cartografia endereço eletrônico, Santa Catarina, v. s./d., p. *online*, 2013. Disponível em: [http://www.fapesc.sc.gov.br/files/chamada2013/Mapa\\_Mesorregioes\\_SC\\_IBGE.pdf](http://www.fapesc.sc.gov.br/files/chamada2013/Mapa_Mesorregioes_SC_IBGE.pdf). Acesso em: 6 dez. 2021.

SPG, Secretaria de Estado do Planejamento. Mesorregiões do estado de Santa Catarina. *In*: SPG, Secretaria de Estado do Planejamento. Mapa Mesorregiões SC IBGE. Gerência de Cartografia endereço eletrônico, Santa Catarina, v. [s./n.], p. *online*, 2013. Disponível em: [http://www.fapesc.sc.gov.br/files/chamada2013/Mapa\\_Mesorregioes\\_SC\\_IBGE.pdf](http://www.fapesc.sc.gov.br/files/chamada2013/Mapa_Mesorregioes_SC_IBGE.pdf). Acesso em: 6 dez. 2021. 5 figura adaptada.

TARALLO, F. **A pesquisa sociolingüística**. 3. ed. Ática S.A.: São Paulo, 1986.

TARALLO, F. **A pesquisa sociolingüística**. 8. ed. Ática S.A.: São Paulo, 2007.

TURNES, V. A. Reflexões sobre fluxos migratórios internos de populações no estado de Santa Catarina. **Revista Brasileira de Gestão e Desenvolvimento Regional**, GeDR, São Paulo, Taubaté, v. 4, n. 1, jan./abr., p. 155-194, 2008.

THUN, H. La geolingüística como lingüística variacional general (com ejemplos del Atlas Lingüístico Diatópico y Diastrático del Uruguay). *In*: RUFFINO, G. (org.). **Atti del XXI Congresso Internazionale di Linguística e Filologia Romanza**. Tübingen : Niemeyer, p. 701-729, 1998.

THUN, H. Dialetoлогия Pluridimensional no Rio da Prata. *In*: STAHLZIWS, A. M. (org.) **Estudos de Variação Linguística no Brasil e no Cone Sul**, Porto Alegre: UFRGS, p. 63-92, 2005.

TRINDADE COELHO. Os meus amores. Transcrição fonética do português normal: LACERDA, A. de; HAMMARSTRÖM, G., Coimbra: v. s./d., n. s./d., p. 27-28, 1953. *In*: ALiB, Comitê Nacional do Projeto ALiB. **Atlas lingüístico do Brasil: questionário ALiB**. Londrina: 1. ed. UEL, 2001. 47 p.

TRUBETZKOY, N. **A fonologia atual**. Fundamentos metodológicos da linguística, v. 2, n. s./d., p. 15-35, 1981 [1933].

UFLACKER, C. M.; SCHNEIDER, M. N. Atitudes lingüísticas e variedades dialetais alemãs. **Uniletras**, Ponta Grossa, v. 30, n. 1, jan./jun., p. 33-5, 2008. Disponível em: <http://www.uepg.br/uniletras>. Acesso em: 24 mar. 2022.

ULBRICH, C.; ULBRICH, H. The Realisation of /R/ in Swiss German and Austrian German. *In: International Congress of Phonetic Sciences: Anais do ICPHS XVI*. Saarbrücken, Germany, v. s./d., p. 1761-1764, 2007.

VALENTE, T. S. G. **Um estudo de relações entre técnica vocal e fonética articulatória**. 2014. 317 f. Tese (Doutorado em Música e Musicologia) – Pós-Graduação em Música e Musicologia, Universidade de Évora, Portugal, 2014. Disponível em: A língua portuguesa no canto lírico: um estudo de relações entre técnica vocal e fonética articulatória - CORE Reader. Acesso em: 24 abr. 2024.

VIANNA, A. R. G. **Essai de phonétique et de phonologie de la langue portugaise d'après de dialecte actuel de Lisbonne**. Lisboa: Imprensa Nacional, 1883.

VEGINI, V. As realizações dos róticos no português brasileiro: um recorte fonostilístico. **Revista Virtual de Estudos da Linguagem – ReVEL**, v. 5, n. 9, ago., p. 1-30, 2007. Disponível em: [www.revel.inf.br](http://www.revel.inf.br). Acesso em: 17 jun. 2021.

VIEIRA, R. C. Contribuições dos Estudos Sociofonéticos para a Identificação de Falantes. **Revista Intercâmbio, Especial Expressividade**, São Paulo, LAEL/PUC, v. 36, n. s./d., p. 86-102, 2017.

VITOLA, L. V. G. Redresión logística: una aplicación en la identificación de variables que inciden en el rendimiento académico, en el area de matemáticas. **Revista Educación y Desarrollo Social**, v. 9, n. 1, p. 118-131, 2015.

YIDA, V. Canjica ou curau com coco: descrevendo a norma lexical do português brasileiro a partir dos dados do ALib. **Porto das Letras**, v. 6, n. 3, p. 104-129, 2020.

WALD, A.; WOLFOWITZ, J. Tests of Statistical Hypotheses Concerning Several Parameters When the Number of Observations Is Large. **Transactions of the American Mathematical Society**, v. 54, n. s./d., p. 426-482, 1943. Disponível em: <https://doi.org/10.1090/S0002-9947-1943-0012401-3>. Acesso em: 02 set. 2022.

WARDHAUGH, R. **An introduction to sociolinguistics**. 6. ed. Massachusetts: Blackwell Publishing, 2006.

WEINREICH, U. The Geographic Makeup of Belorussian Yiddish. *In: The Field of Yiddish*, HERZOG, M. I.; RAVID, W.; WEINREICH (org.), v. 3, n. s./d., 1968.

WEINREICH, U.; LABOV, W.; HERZOG, M. I. **Fundamentos empíricos para uma teoria da mudança lingüística**. Tradução: BAGNO, M.; Revisão: FARACO, C. A.; Posfácio: PAIVA, M. da C. A. de; DUARTE, M. E. L., São Paulo: Parábola Editorial, 2006 [1975].

WEINREICH, U.; LABOV, W.; HERZOG, M. I. Representação para a variabilidade de /r/. *In: WEINREICH, U.; LABOV, W.; HERZOG, M. I. Fundamentos empíricos para uma teoria da mudança lingüística*. Tradução: BAGNO, M.; Revisão: FARACO, C.

A.; Posfácio: PAIVA, M. da C. A. de; DUARTE, M. E. L., São Paulo: Parábola Editorial, 2006 [1975]. 6 figura adaptada.

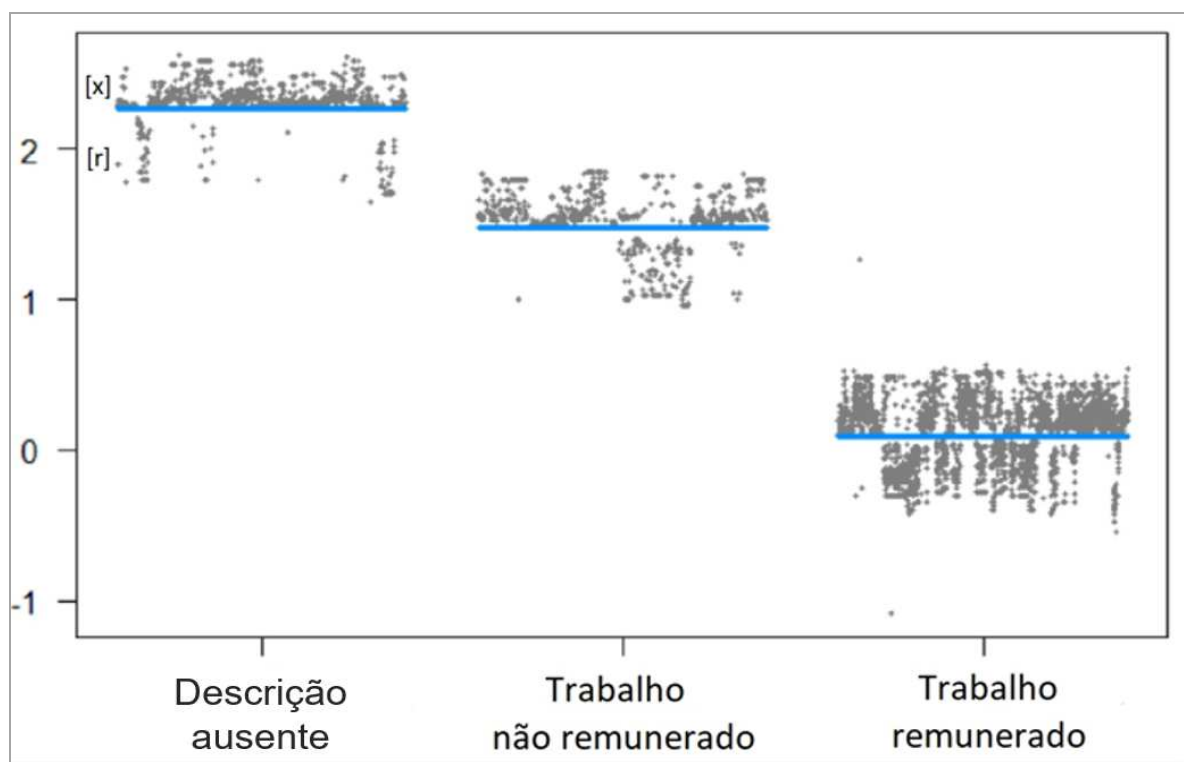
## APÊNDICES

## APÊNDICE A – Gráfico para a variável profissão

A variável profissão não foi explorada na presente tese, no entanto, optou-se por incluir o resultado obtido como forma de justificar a sua incorporação ao modelo de análise binária e remoção mediante resultados posteriores aos testes aplicados. Justifica-se que, em relação a uma mudança na apresentação estatística, o modelo do gráfico atrelado à profissão passa a fazer parte do apêndice, com possibilidade de visualização do trabalho executado e das hipóteses testadas.

Como segunda explicação, dada a quantidade de fatores em uma única variável, com a coleta de mais de vinte e quatro profissões listadas na ficha do informante, a variável não atenderia a ortogonalidade. Pelas razões listadas, o gráfico nesta seção está incorporado ao modelo de amálgamas binárias, podendo nortear investigações futuras para o /R/ em ataque.

**Gráfico 20** – Róticas em ataque de acordo com a variável profissão nos dados amalgamados



**Fonte:** Elaborado pela própria autora a partir do corpus parcial do Projeto ALiB.

O gráfico refere-se à parte da rodada do modelo final que considera a

variável profissão contida na ficha dos informantes, registrando o percentual para o trabalho remunerado, com 84,7% à vibrante contra 66,45% à fricativa; trabalho não remunerado, com 9,3% à vibrante e 13,65% à fricativa; e descrição ausente (sem informação e/ou sem resposta), com 6% à vibrante em contraste a 20,1% para a fricativa.

Conforme identificado no mesmo gráfico, as variantes consideradas na parte superior foram as fricativas (velar e glotal) para o fator ausência da descrição de atividade trabalhista, sendo a categoria mais favorável à articulação posteriorizada para o rótico em ataque. Em números absolutos, as outras duas categorias (trabalho remunerado: 4.342; trabalho não remunerado: 752) também foram expressivas para as fichas registradas, no entanto, justamente o primeiro fator (982 casos) demonstrou favorecimento à posteriorização do modelo final.

O resultado exposto demonstra que a profissão pode favorecer significativamente a aplicação da regra (escolha das fricativas em sílaba simples no falar sul brasileiro), por apresentar o *p.valor* de  $3.957533e-49$ . Considerando os resultados em percentuais e peso relativo, tem-se o seguinte: (i) sem ficha, com 982 casos, resultando em 89,6%, peso relativo de 0.84 e *p.valor* de 0.000; (ii) trabalho não remunerado, com 752 eventos, sendo desse total 79,1%, peso relativo de 0.64 e *p.valor* de 0,055; e, (iii) trabalho remunerado, com 4.342 realizações róticas, que representa 67.1%, cujo valor apresenta significância de peso relativo em 0.08 e com *p.valor* igual a 0.0. (0%). No cômputo geral, indica-se que as fricativas posteriores foram mais significativas na falta de informação a respeito da profissão do informante inquirido (*pr.*  $<1e-04$ ), e na fala dos informantes que não exercem atividade remunerada ou que se encontram na classe de aposentados (*pr.* 0.00399).

Ressalva-se que os valores informados revelam e indicam que, do valor total de 6.076 amostras, a opção 'descrição ausente' pode ter enviesado o resultado, isso por favorecer a variação tanto das posteriores fricativas quanto das vibrantes. Essa informação é visível pelo resultado do gráfico apontar o referido fator como superior ou igual à segunda categoria (trabalho não remunerado) na escala de eixo y.

A hipótese para o cômputo obtido na interação do modelo final considera que, devido ao primeiro fator ter contemplado as informações da primeira faixa etária (18 a 30 anos) nas condições de plotagem, ou cruzamento dos dados, ele pode ter sido um fator expressivo para a posteriorização, tanto em descrição ausente quanto em trabalho não remunerado. Ressalta-se que essa afirmação não exime a

necessidade de outras investigações complementares para a variável profissão com dados geossociofonéticos em futuras pesquisas científicas.

**ANEXOS**

ANEXO A – Termo de aceite concebido pelo comitê ALIB referente à autorização dos dados para o uso de forma ética na pesquisa



### DECLARAÇÃO

Ao utilizar como referencial empírico do trabalho de Pós-Graduação, em nível de doutorado, intitulado *Descrição Geossociofonética dos róticos em onset silábico averiguados na rede de pontos do projeto ALIB: Região Sul do Brasil*, que desenvolvo sob a orientação da Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Dircel Aparecida Kailer. Eu Kauana Scabori dos Santos declaro:

1. Estar ciente de que os materiais do Banco de Dados do Projeto ALiB a mim facultados não podem ser repassados, enquanto conjunto de dados, a outro(s) pesquisador(es) e/ou interessado(s) na matéria.
2. Ter pleno conhecimento de que a divulgação parcial ou final do trabalho deve ser sempre acompanhada da indicação da fonte (Banco de Dados do Projeto ALiB) e da citação do nome do orientador.
3. Autorizar que os resultados da análise por mim efetuada sejam utilizados nas publicações do Atlas Linguístico do Brasil, em quaisquer dos volumes que venham a integrar a coleção, mediante a indicação da fonte e a citação do meu nome.
4. Oferecer a minha contrapartida ao Atlas Linguístico do Brasil colaborando, se requerido, na transcrição de dados, catalogação e cópia de materiais e em outras atividades que não impliquem a pesquisa de campo.

E por estar de acordo, firmo a presente DECLARAÇÃO que tem, também, o CIENTE da Orientadora.

Londrina, 27 de maio de 2024.

*Kauana Scabori dos Santos*

Kauana Scabori dos Santos

RG: 13.390.075-6 SSP-PR

CIENTE:

*Dircel Aparecida Kailer*

Orientadora Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Dircel Aparecida Kailer

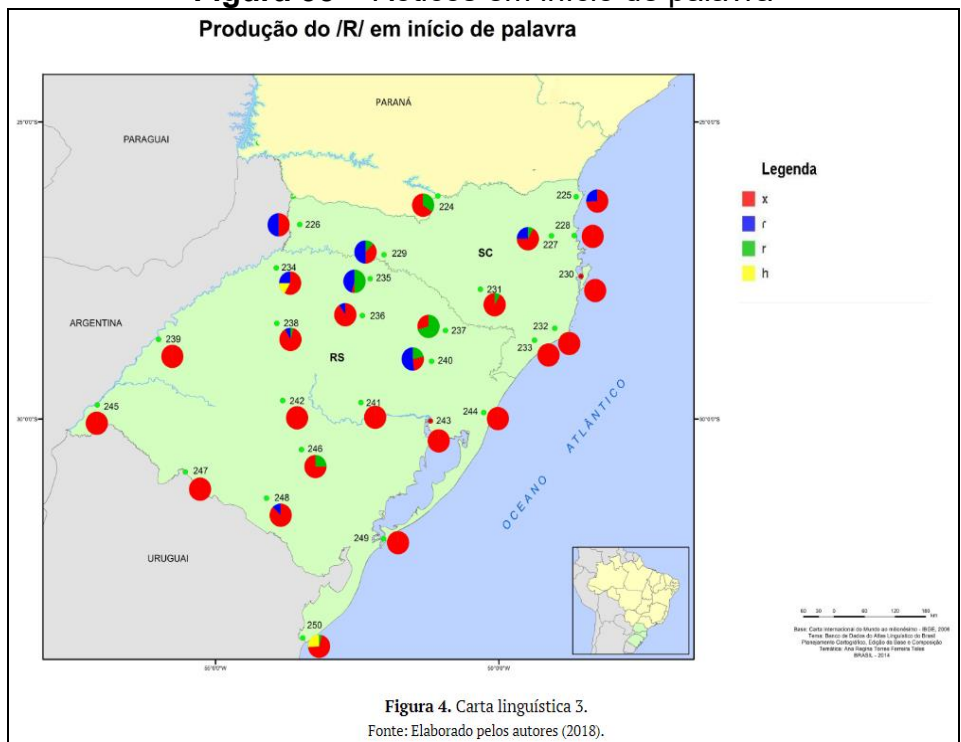
*Fabiane Cristina Altino*

Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Fabiane Cristina Altino

(Responsável Científica do Projeto Atlas Linguístico do Brasil – ALIB)

ANEXO B – Carta fonética elaborada por Comiotto e Margotti (2019) e contrastada aos dados da presente tese, discutidos na seção de análise.

**Figura 35 – Róticos em início de palavra**



Fonte: Retirado de Comiotto e Margotti (2019, p. 6).

**Figura 36 – Róticos em posição intervocálica**



Fonte: Retirado de Comiotto e Margotti (2019, p. 6).